



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANDRÉA MICHILES LEMOS

**AS ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO
PORTUGUÊS PARA A LIBRAS EM DISCURSOS DE POLÍTICOS**

FORTALEZA

2012

ANDRÉA MICHILES LEMOS

AS ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO
PORTUGUÊS PARA A LIBRAS EM DISCURSOS DE POLÍTICOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção de Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- L576e Lemos, Andréa Michiles.
As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a libras em discursos de políticos / Andréa Michiles Lemos. – 2012.
175 f. : il., color. ; 31 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.
Orientação: Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.
1. Língua portuguesa – fraseologia. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Comunicação não-verbal.
4. Intérpretes para surdos. I. Título.

ANDRÉA MICHILES LEMOS

AS ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO
PORTUGUÊS PARA A LIBRAS EM DISCURSOS DE POLÍTICOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção de Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Elias Soares (Co-orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Patrícia Faria do Nascimento
Universidade de Brasília (UnB)

Prof^ª. Dr^ª. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista
Universidade Federal do Ceará (UFC)

“É justamente o fato de ter me afastado de minha língua materna que me forneceu o entusiasmo necessário para dominar uma língua estrangeira.”

André Gide

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir participar deste universo tão fascinante que é o universo da surdez.

A minha família, especialmente aos meus pais Cleide e Luis César, pelo apoio emocional fundamental na realização desse trabalho.

Ao apoio institucional da Universidade Federal do Ceará.

À CAPES pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa demanda social, no percorrer desta pesquisa.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFC, especialmente às professoras Mônica Cavalcante, Ana Cristina Pelosi, Maria Elias Soares e ao professor Júlio Cesar Araújo, que de forma direta ou indireta me ajudaram a trilhar mais essa etapa acadêmica.

À professora e orientadora Dr^a. Rosemeire Monteiro-Plantin, por acreditar e apostar em meus ideais de pesquisa, que hoje se tornam realidade.

À professora Ronice Quadros por me indicar leituras que foram fundamentais para o início de minha pesquisa.

A TV Assembleia do Ceará, especialmente ao diretor Leonardo Borba, por conceder as gravações das sessões plenárias da Assembleia Legislativa do Estado Ceará.

À professora e amiga Audrei Gesser e à professora Maria Elias pela disponibilidade e pela importantíssima contribuição em minha banca de qualificação.

A todas as pessoas ligadas à comunidade surda do Ceará, especialmente aos surdos que me permitiram entrar em seu mundo e aprender a sua língua.

Aos tradutores-intérpretes e sujeitos dessa pesquisa pela valorosa contribuição.

Aos meus amigos e companheiros Renata, Ticiane, Ernando, Aline e Neiva que me “aturaram” nos diversos momentos de dúvidas, angústias e desabafos, e que muito me ajudaram no percurso desta pesquisa.

Aos amigos Izaete Vieira, Jocélia Carlos e Ernando Pinheiro, que seguraram a administração da Associação de Intérpretes do Ceará, quando tive que me ausentar dos trabalhos da presidência.

Às professoras Sandra Patrícia Faria e Livia Baptista por aceitarem o convite de participarem de minha banca e pelas valorosas contribuições.

À amiga e revisora de textos Mirna Juliana pelo trabalho de revisão desta dissertação.

À professora e amiga Ticiane Melo por ter me ajudado com as traduções da língua francesa para a língua portuguesa e vice-versa.

À professora Maria Trinidad Velasco por revisar as minhas traduções do espanhol para a língua portuguesa.

E, finalmente, a todos que direta ou indiretamente contribuíram e apoiaram a realização deste trabalho.

RESUMO

As pesquisas na área de tradução/interpretação vêm crescendo e, na medida em que estas aumentam, surgem diversas questões relacionadas ao papel da tradução e às estratégias utilizadas no processo tradutório. Os estudos fraseológicos, por sua vez, durante anos, ficaram à margem dos estudos linguísticos e somente recentemente têm despertado maiores interesses de pesquisa. Nesse sentido, esta pesquisa surgiu a partir de nosso interesse pelos estudos fraseológicos e pelos Estudos da Tradução, especialmente no que se refere à interpretação dessas línguas de modalidades de articulação diferentes, como é o caso da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa. Nesta dissertação, temos como objetivo investigar as estratégias de interpretação utilizadas no processo tradutório da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), em situações interpretativas que envolvem unidades fraseológicas (UFs) utilizadas por deputados estaduais em seus discursos nas Sessões Plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Para isso, levantamos as seguintes questões de pesquisa: como o intérprete de Libras faz para interpretar UFs da língua portuguesa para a Libras? Quais estratégias de interpretação são utilizadas pelos intérpretes de Libras na interpretação de UFs? Para responder a essas questões, analisamos vídeos com interpretações em Libras de Sessões Plenárias da Assembleia Legislativa, entre o período de fevereiro de 2008 a dezembro de 2010. Para registro e análise do *corpus*, utilizamos o *software Eudico Linguistic Annotador* (ELAN). Após o registro (transcrição do português e das glosas em Libras) de todos os vídeos selecionados para a análise, fizemos a identificação e a análise das estratégias de interpretação que apareceram. Depois dessa etapa, realizamos uma entrevista, semiestruturada, com seis tradutores-intérpretes de Libras com o objetivo de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, entender as suas escolhas de tradução e trazer à tona sua percepção e conhecimento acerca das estratégias que utilizam nas interpretações. Nosso trabalho se insere no rol das pesquisas descritivas. A análise do *corpus* da pesquisa aponta para o uso, preferencial, de duas estratégias de interpretação das seis estratégias principais por nós encontradas e classificadas. As duas estratégias que mais apareceram foram: *paráfrase* e *omissão*. Os dados apresentados neste estudo nos apontam para a necessidade de mais pesquisas acerca da prática tradutória do profissional tradutor-intérprete de língua de sinais. Concluímos que há a necessidade de aprofundarmos os estudos relativos ao uso de estratégias para a tradução de UFs e de pensarmos de que forma as pesquisas podem contribuir para uma prática profissional desses tradutores-intérpretes.

Palavras-chaves: Fraseologia. Estratégias. Interpretação. Tradução.

RÉSUMÉ

Les recherches dans le domaine de la traduction/interprétation sont de plus en plus nombreuses et, en conséquence, on voit surgir de diverses questions liées au rôle de la traduction et aux stratégies utilisées lors du processus traductoire. Les études phraséologiques, de leur côté, pendant des années, sont restées marginales dans le champ des études linguistiques et ce n'est que récemment que ces études éveillent de plus grands intérêts de recherche. Dans ce sens, cette recherche est née à partir de notre intérêt aux études phraséologiques et à celles de la traduction, notamment en ce qui concerne l'interprétation faite entre langues de modalités d'articulation différentes, comme c'est le cas existant entre la langue de signes et la langue portugaise. Dans ce mémoire, on a comme but l'investigation des stratégies d'interprétation utilisées au processus traductoire de la langue portugaise vers la Langue Brésilienne des Signes (Libras). Dans des situations interprétatives qui relèvent des unités phraséologiques (UFs) utilisées par des députés lors de leurs discours aux Sessions Plenières de l'Assemblée Legislative de l'Etat du Ceará. Pour cela, on s'est posé les questions qui suivent: Comment l'interprète de *Libras* interprète-t-il des UFs de la langue portugaise en *Libras*? Quelles sont les stratégies utilisées par des interprètes de *Libras* dans l'interprétation de UFs? Pour répondre à ces questions, on a analysé des vidéos avec des interprètes en *Libras* de Sessions Plenières de l'Assemblée Legislative de la période comprise entre février 2008 et décembre 2010. On a utilisé pour les prises de notes et l'analyse du *corpus* le logiciel ELAN (*Eudico Linguistic Annotador*). Après cette démarche (la transcription du portugais et des *glosas* en *Libras*) de toutes les vidéos sélectionnées pour l'analyse, on a fait l'identification et l'analyse des stratégies repérées. Après cette étape, on a réalisé une interview, à demi structurée, avec les traducteurs-interprètes avec le but de mieux connaître les sujets de la recherche, comprendre leurs choix de traduction et mettre sous la lumière leur perception et leurs connaissances sur les stratégies qu'ils utilisent dans les interprétations. Notre travail s'inscrit dans le champ des recherches descriptives. Six traducteurs-interprètes ont participé de cette étude. L'analyse du *corpus* de la recherche signale l'utilisation, préférentielle, de deux stratégies d'interprétation parmi les six stratégies principales que l'on a trouvées et classées. La paraphrase et l'omission sont les deux stratégies les plus fréquentes. Les données présentées dans cette étude nous révèlent le besoin de favoriser d'autres recherches concernant la pratique traductoire du professionnel traducteur-interprète de langue de signes. On peut conclure qu'il faut approfondir les études sur l'utilisation de stratégies pour la traduction de UFs et penser la manière comment ces recherches puissent contribuer pour la pratique professionnelle de ces traducteurs-interprètes.

Mots-clés: Phraséologie. Stratégies. Interprétation. Traduction.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj. – Adjetivo

Adv. – Advérbio

Alec – Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Apilce – Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras do Ceará

ASL – Língua de Sinais Americana

CL – Classificações

CM – Configuração de Mãos

Det. – Determinante

DRAE – Dicionário de Língua Espanhola

EIs – Expressões Idiomáticas

ELAN – Eudico Linguistic Annotador

ENM – Expressões não-manuais

Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

ISL – Língua de Sinais Irlandesa

LGP – Língua Gestual Portuguesa

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LP – Língua Portuguesa

LS – Língua de Sinais

LSB – Língua de Sinais Brasileira

M – Movimento

N – Nome

Or – Orientação da Mão

PA – Ponto de Articulação

Prep – Preposição

S – Sujeito

SN – Sintagma Nominal

STDS – Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social

TILS – Tradutor(es) Intérprete(s) de Línguas de Sinais

TILSP – Tradutor(es) Intérprete(s) de Línguas de Sinais / Língua Portuguesa

UF – Unidade fraseológica

UFs – Unidades fraseológicas

V – Verbo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Classificação proposta para as unidades fraseológicas.....	23
Figura 2 – Classificação das unidades fraseológicas.....	26
Figura 3 – Níveis de convencionalidade	27
Figura 4 – Esquema proposto para delimitar as colocações.....	34
Figura 5 – Iconicidade x Não-Iconicidade	40
Figura 6 – Parâmetros para a realização dos sinais	44
Figura 7 – 46 configurações de mãos	45
Figura 8 – Espaço de realização dos sinais	46
Figura 9 – <i>Software</i> ELAN em uso	70
Figura 10 – Foto do intérprete de Libras atuando no estúdio da TV Assembleia (1)	75
Figura 11 – Foto do intérprete de Libras atuando no estúdio da TV Assembleia (2)	75
Figura 12 – Gráfico elaborado por Farias (2006).....	76
Figura 13 – TILSP utilizando a estratégia de simplificação.....	93
Figura 14 – TILSP utilizando a estratégia de explicitação.....	96
Figura 15 – TILSP utilizando a estratégia da tradução literal	100
Figura 16 – TILSP utilizando a estratégia da paráfrase explicativa.....	104
Figura 17 – TILSP utilizando a estratégia da paráfrase descritiva.....	114
Figura 18 – Configuração de mão “V”.....	116
Figura 19 – TILSP utilizando a estratégia da equivalência.....	119
Figura 20 – TILSP utilizando a estratégia de apagamento.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Expressões marcadas pela convencionalidade e pela idiomaticidade.....	28
Quadro 2 – Locações adaptadas por Ferreira-Brito	46
Quadro 3 – Categorias do parâmetro <i>movimento</i> na Libras	48
Quadro 4 – Áreas para pesquisa em tradução/interpretação	65
Quadro 5 – Unidades fraseológicas.....	78
Quadro 6 – Estratégias mais citadas pelos TILSP.....	90
Quadro 7 – Resumo das UFs estratégia da simplificação	95
Quadro 8 – Resumo das UFs estratégia de explicitação	99
Quadro 9 – Resumo das UFs estratégia da tradução literal	102
Quadro 10 – Ocorrências interpretadas pela estratégia da paráfrase explicativa.....	105
Quadro 11 – Resumo das UFs estratégia da paráfrase explicativa	113
Quadro 12 – Resumo das UFs estratégia da paráfrase descritiva	118
Quadro 13 – Resumo das UFs estratégia de equivalência	122
Quadro 14 – Quadro das ocorrências interpretadas pela estratégia do apagamento	125
Quadro 15 – Resumo das UFs estratégia do apagamento	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ESTUDOS FRASEOLÓGICOS	19
2.1 Introdução	19
2.2 Breve percurso histórico	19
2.3 Um panorama teórico	22
2.3.1 Coligações x colocações	31
2.4 As unidades fraseológicas (UFs), os discursos de políticos e o lugar dos TILSP	35
3 LÍNGUA DE SINAIS	39
3.1 Introdução	39
3.2 Uma gramática gesto-visual	43
3.3 Unidades fraseológicas na Língua Brasileira de Sinais	49
4 ESTUDOS DA TRADUÇÃO	52
4.1 Introdução	52
4.2 Perfazendo os caminhos da tradução	52
4.2.1 Estudos da interpretação	57
4.3 Estratégias de tradução/interpretação	59
4.4 Estudos da tradução/interpretação e o lugar da língua de sinais	63
5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	67
5.1 Introdução	67
5.2 Perguntas de pesquisa	67
5.3 Método de abordagem	67
5.4 Procedimentos e instrumentos	68

5.5 Universo e amostra	71
5.6 Participantes	72
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	74
6.1 Introdução	74
6.2 Descrição dos dados	77
6.3 Entrevistas: o TILSP por ele mesmo	82
6.4 Estratégias de interpretação de UFs no discurso de políticos	92
<i>6.4.1 Estratégia da simplificação</i>	92
<i>6.4.2 Estratégia de explicitação</i>	95
<i>6.4.3 Estratégia da tradução literal</i>	99
<i>6.4.4 Estratégia da paráfrase</i>	103
<i>6.4.4.1 Estratégia da paráfrase explicativa</i>	103
<i>6.4.4.2 Estratégia da paráfrase descritiva</i>	114
<i>6.4.5 Estratégia de equivalência</i>	118
<i>6.4.6 Estratégia de apagamento ou omissão</i>	123
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	138

1 INTRODUÇÃO

A interpretação¹ *versus* tradução² sempre gerou discussão nos estudos referentes às teorias da tradução. Alguns autores (SILVEIRA, 2004; QUADROS, 2004) defendem que os termos tradução e interpretação se complementam e, às vezes, podem remeter ao mesmo tipo de tarefa: “transmitir” os conteúdos de uma língua para outra língua, sem que, nesse percurso, o sentido do discurso seja “desvirtuado”. Já outros autores (RÓNAI, 1987; GILE, 1991; PAGURA, 2003) defendem que há uma diferença significativa nesses conceitos e revelam a necessidade de um tratamento especial para a especificidade da atividade de interpretação – esses autores remetem os termos tradução e interpretação a tarefas distintas.

Enquanto a tradução estaria ligada à tarefa de traduzir de uma língua para outra na modalidade escrita das línguas – tarefa em que os tradutores podem utilizar, em seu benefício, dicionários, enciclopédias, livros, entre outros recursos, além de poder rever seu trabalho infinitas vezes na busca de aperfeiçoá-lo –, a interpretação, por outro lado, estaria ligada à tarefa de interpretar de uma língua para outra na modalidade oral, geralmente em situações dialógicas feitas *in loco*, sem nenhuma preparação prévia, o que atribui à atividade de interpretação um caráter único, não dando possibilidade ao profissional intérprete de utilizar-se de recursos extras e nem de rever o seu trabalho a fim de aprimorá-lo. As interpretações costumam ocorrer de maneira consecutiva ou simultânea, obrigando o intérprete a ser ágil e a pensar rapidamente sobre como interpretar um discurso proferido.

Nas línguas de sinais (LS) há o costume de gravar, em vídeo, textos que são elaborados em língua de sinais ou textos em português que são sinalizados em língua de sinais – nesse caso, já houve um trabalho de tradução –, o trabalho com esses tipos de textos são considerados tradução e não interpretação, embora possa ser realizado na modalidade oral³, isso porque o tradutor-intérprete pode rever o texto, consultar materiais, revisar sua tradução, antes de concluir o seu trabalho, salvo em situações em que o profissional veja o vídeo pela primeira vez e imediatamente já realize a interpretação do texto e essa seja a versão final de seu trabalho.

De acordo com Magalhães Júnior (2007), os atos de traduzir e de interpretar podem ser considerados atos que se interpenetram. A diferenciação terminológica entre os dois atos é

¹ Utilizamos o termo interpretação para designar a tradução oral entre línguas, ou seja, a tradução interlingual.

² Tradução aqui se refere ao ato de traduzir textos escritos.

³ Utilizamos também o termo “modalidade oral” para a realização da língua de sinais. Alguns estudiosos preferem utilizar o termo “modalidade sinalizada” ou “sinalidade”, mas por uma questão de padronização, optamos por utilizar o termo “modalidade oral” tanto para as línguas orais, quanto para as línguas de sinais.

para fins didáticos e, geralmente, só as pessoas que pesquisam e trabalham nessa área é que fazem essa distinção.

Costa (2005) defende que traduzir é retextualizar⁴. Para ele, diferentemente do escritor que tem “liberdade” de criação, “o tradutor [...] trabalha sob condições diferentes. O texto que ele escreve vai ser baseado numa mensagem que já existe em forma de texto em outra língua.” (p. 26). Apesar de Costa (2005) defender o conceito de retextualização para a tradução de textos escritos, nós estendemos esse entendimento de tradução de textos escritos como retextualização para “textos” orais que podem ser interpretados de uma língua para outra. Adotando esse conceito de que tradução e interpretação são atividades de retextualização, ou seja, consiste em uma nova produção textual, a partir de um texto já produzido – e não se trata apenas de uma transposição entre códigos – é que em nossa investigação, levaremos em consideração o ato de interpretar e suas peculiaridades.

A transmissão de programas televisivos com a janelinha de Língua Brasileira de Sinais (Libras⁵) tornou-se mais frequente após a aprovação da Lei de Acessibilidade (nº 10.098/2000), da Lei de Libras (nº 10.436/2002) e do decreto nº 5626/2005. Essas conquistas garantiram ao surdo não somente o acesso à comunicação, como também ajudaram na difusão da língua de sinais.

A TV Assembleia, emissora de televisão da Assembleia Legislativa do Ceará, adota a janela de Libras nas transmissões de alguns de seus programas e das sessões plenárias da assembleia, desde o ano de 2007. Para concretizar essa ação, a Assembleia Legislativa firmou contrato com a Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes do Ceará (Apilce) – instituição responsável pela locação dos profissionais tradutores-intérpretes que constituem o quadro funcional desta TV.

Neste estudo, além do interesse pelos Estudos da Tradução, especialmente no que se refere à interpretação que envolve línguas de modalidades e articulações diferentes, como é o caso da língua de sinais (gesto-visual) e da língua portuguesa (oral-auditiva), temos o objetivo

⁴ O conceito de retextualização tratado aqui não é o mesmo que o entendido em Marcuschi (2000).

⁵ Existe uma discussão de como deve ser grafada a sigla de Língua Brasileira de Sinais, se LIBRAS, Libras ou libras. A primeira forma condiz com a escrita que consta na lei que oficializa a língua de sinais do Brasil enquanto língua da comunidade surda brasileira; a segunda obedece à orientação para escrita de siglas, que diz que para siglas que formam um nome ou que suas letras não representam a letra inicial de cada palavra do nome a qual a sigla representa, devemos grafar apenas a primeira letra da sigla em maiúsculo; e a terceira justifica o uso por considerar-se que essa é uma língua como qualquer outra e devemos grafar seu nome com letras minúsculas, assim como os nomes das demais línguas, exceto quando vier em início de frases. Considerando que Libras é uma sigla, e obedecendo a normatização, nós decidimos utilizar em nosso trabalho a sigla Libras, com somente a primeira letra em maiúsculo.

de investigar e descrever as estratégias de interpretação adotadas pelos tradutores-intérpretes⁶ de línguas de sinais / língua portuguesa (doravante TILSP) nas interpretações de unidades fraseológicas (UFs) do Português para Libras, nas janelinhas de Libras das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará. Por essa razão, classificamos o nosso trabalho de pesquisa no rol dos estudos descritivos.

No nosso trabalho de pesquisa e de tradução-interpretação de Libras, também fazemos uso de algumas estratégias de interpretação no processo tradutório de UFs do português para a Libras. Com o presente trabalho, buscaremos investigar com mais clareza quais estratégias e/ou técnicas são utilizadas nesse tipo de interpretação. Para tanto, antes de adentrarmos nessa discussão, é importante conhecermos alguns estudos nessa área de atuação. Apesar de existirem documentos relativos à atuação de intérpretes na Idade Média e de intérpretes e tradutores atuarem em vários momentos da nossa história, a preparação formal e os estudos referentes ao campo da tradução e da interpretação são muito recentes.

No Brasil, Pagano e Vasconcelos (2003) fizeram um estudo sobre o estado da arte na área da tradução e interpretação, e constataram que, entre os anos de 1980 e 2000, apesar de as produções acadêmicas nesse campo terem sido poucas, elas foram relevantes para apontar o crescente interesse de pesquisa nessa área, com estudos qualificados em programas de mestrado e doutorado. As autoras observaram também que houve um aumento gradual no número de teses e dissertações entre os anos de 1998 a 2000, ou seja, mais recentemente.

No entanto, o levantamento que as autoras fizeram pode não ter alcançado todas as pesquisas existentes. É necessário lembrar que, para mapear as pesquisas em tradução, é necessária a interação com subáreas para além das de Letras e Linguística, interagindo com outros campos disciplinares, como a Antropologia, a Psicologia, a Ciência da Computação e os Estudos Culturais. De acordo com Lacerda (2009), o estudo indica ainda uma necessidade de ampliação nas investigações para além das teses e dissertações. No entanto, revela a diversidade de estudos nessa área e certa maturidade das pesquisas no Brasil.

Embora as pesquisas tenham avançado nos estudos da tradução e da interpretação, hipotetizamos que há uma ascendência muito maior em pesquisas que tomam mais a tradução escrita como objeto de estudo do que a investigação da interpretação oral, ficando esta última marginal aos estudos no campo da tradução.

⁶ Denominaremos os intérpretes de Libras de **tradutores-intérpretes** porque esses profissionais sempre transitam entre a tradução e a interpretação em língua de sinais, ao contrário dos intérpretes e dos tradutores em línguas orais que, geralmente, têm o seu papel e atividade profissionais bem definidos.

Se falarmos em pesquisas na área da interpretação voltadas às línguas de sinais (que é o nosso interesse de estudo), no caso do Brasil, a Libras, essa incipiência torna-se muito mais evidente. Pensando nisso, Pereira (2010) fez um levantamento⁷ das pesquisas que envolvem a interpretação em língua de sinais existentes em programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) das universidades brasileiras, a partir do qual é possível constatar uma incipiência no que se refere às pesquisas relacionadas à questão da interpretação em línguas de sinais. Apesar de tais pesquisas ainda serem pontuais, elas constituem o estado da arte no que se refere a esse campo de estudo. Os estudos nesse campo são crescentes e apontam uma consolidação de estudos teóricos nessa área, gerando novos conceitos e perspectivas relacionados à prática interpretativa dos profissionais TILSP.

No universo das pesquisas já divulgadas ou ainda sendo realizadas, há um ínfimo número de estudos que levam em conta a investigação dos TILSP sob o enfoque das questões relacionadas ao ato da interpretação em si. A maioria das pesquisas permeia sob a atuação dos TILSP no ambiente da escola e/ou sob sua formação profissional.

Longe de querer negar a pertinência dos trabalhos anteriores a essa pesquisa, ao contrário, eles foram importantíssimos para suscitar mais pesquisas nessa área. Julgamos, no entanto, que há muitas lacunas referentes à investigação do ato interpretativo e suas implicações. Dada a recenticidade da área e as escassas pesquisas relacionadas ao ato interpretativo dos TILSP, visamos com esse trabalho apresentar mais uma pesquisa que virá acrescentar, à produção científica, novos conhecimentos e aprofundamento da teoria.

E é exatamente por esse caráter de “novidade da teoria” que esta pesquisa se justifica. A contribuição que pretendemos apresentar com nossa pesquisa é a identificação e descrição das estratégias de interpretação utilizadas pelos TILSP na interpretação de UFs e o levantamento de indícios para que, em estudos posteriores, haja a possibilidade de novas investigações, no sentido de propor estratégias de interpretação que deem conta da problemática que pode existir na interpretação de unidades fraseológicas. Esse campo de estudo é um universo teórico aberto e amplo a ser explorado. No entrelace dessas duas áreas disciplinares – a Linguística, com foco nos estudos fraseológicos, e os Estudos da Tradução, com foco na interpretação – buscamos a construção de novos conhecimentos que possam nos propiciar reflexões teóricas importantes que nos ajudem a melhorar e a validar teoricamente a nossa prática empírica.

Neste trabalho responderemos às seguintes questões: Como o tradutor-intérprete de Libras faz para interpretar UFs da língua portuguesa para a Libras? Quais estratégias de

⁷ Esse levantamento será apresentado com mais detalhes no capítulo sobre os estudos da tradução.

interpretação são utilizadas pelos tradutores-intérpretes de língua de sinais na interpretação de UFs da língua portuguesa para a Libras?

Entendemos que a interpretação de unidades fraseológicas exige do profissional, não somente um profundo conhecimento de língua, mas também um amplo conhecimento cultural das línguas envolvidas no processo, além de outras habilidades necessárias ao processo tradutório, como é o caso do uso de estratégias.

É possível que o intérprete de Libras encontre dificuldades na interpretação de UFs no momento de uma “interpretação simultânea”, tanto devido ao tempo que ele dispõe para tal tarefa, como pelo fato de que as línguas não são isomórficas, e não existem “substituições” sintáticas ou semânticas prontas entre elas. Ao interpretar UFs do Português para a Língua de Sinais, possivelmente o tradutor-intérprete de Libras faça uma interpretação do significado da unidade fraseológica, buscando uma relação de sentidos. Por isso, defendemos que discutir as estratégias de interpretação utilizadas em um processo tradutório é importante, haja vista que podemos a partir dessa discussão alavancarmos estudos posteriores a esta pesquisa, que nos deem suporte para discutirmos novas estratégias para a tradução/interpretação.

Nosso trabalho está organizado em sete seções. A discussão teórica inicia no capítulo 2 e se estende até o capítulo 4.

No capítulo 2, discutimos os pressupostos teóricos da fraseologia, baseando-nos, principalmente, nos estudos de Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Coseriu (1981), Ruiz Gurillo (1997), Ortiz-Alvarez (2000), Tagnin (2005), González Rey (2007a, 2007b), Mejri (2008), entre outros. Nesse capítulo trazemos um resumo do percurso histórico dos estudos da fraseologia, seguido da visão de alguns pesquisadores da área. Também levantamos uma discussão sobre as UFs em discursos de políticos e o lugar ocupado pelo tradutor-intérprete nesse interstício.

No capítulo 3 discutimos língua, linguagem e sobre o *status* da Libras enquanto língua e suas peculiaridades, com reflexões sobre a ocorrência das unidades fraseológicas na Libras e apresentamos os estudos que tratam desse tema. Para embasar nossa discussão trouxemos autores como: Ferreira-Brito (1995), Faria (2003), Neves (2004), Saussure (2006), Quadros e Karnopp (2004), Stokoe (1960), entre outros.

Em seguida, no capítulo 4 apresentamos os postulados dos estudos da tradução e da interpretação, ancorando-nos principalmente nos trabalhos de Jakobson (1969), Gile (1991), Toury (1995), Pagura (2003), Barbosa (2004), Bassnett (2005) e Alves, Magalhães e Pagano (2005, 2006), recorrendo também a outros autores como Guerini (2008), Novais (2002), Lacerda (2009), Hortêncio (2005), entre outros, para discutirmos sobre os estudos que, em

algum nível, procuraram analisar as estratégias de tradução/interpretação. Além disso, fazemos uma breve discussão sobre o profissional TILSP e o lugar que a interpretação/tradução da língua de sinais ocupa nos estudos da tradução.

No capítulo 5, apresentamos a organização metodológica do nosso trabalho, no capítulo 6 trazemos a apresentação, análise e discussão dos dados de pesquisa e no capítulo 7 trazemos as nossas considerações finais.

2 ESTUDOS FRASEOLÓGICOS

2.1 Introdução

Neste capítulo apresentaremos uma explanação sobre os estudos fraseológicos. Faremos um breve percurso histórico desses estudos e discutiremos de maneira sucinta e clara sobre as unidades fraseológicas que sempre estiveram presentes na linguagem humana. Para um melhor entendimento desses conceitos, traremos autores e pesquisadores como Casares (1950), Zuluaga (1980), Coseriu (1981), Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997), Ortiz-Alvarez (2000), Tagnin (2005), González Rey (2007a, 2007b), entre outros.

2.2 Breve percurso histórico

Podemos dizer que a Fraseologia é uma disciplina recente e que sempre esteve à margem nos estudos linguísticos. Os primeiros registros formais de estudos fraseológicos datam do século XX com Charles Bally (“*Précis de stylistique*”, 1905 e “*Traité de stylistique*”, 1909), que foi aluno e seguidor de Ferdinand de Saussure, além de fundador da linguística moderna. De acordo com Zuluaga (1980), Bally é considerado por muitos linguistas como o “pai” da Fraseologia, pois foi o primeiro que se deteve a investigar e a analisar exaustivamente os fenômenos fraseológicos. Antes de Bally, alguns pesquisadores haviam mencionado e chamado à atenção para as expressões *toutes faites* – como eram chamadas por Saussure. Pesquisadores anteriores a Saussure como Hermann Paul (1880) e Michel Breal (1897), de acordo Zuluaga (1980), também sinalizaram a importância de estudar essas expressões da língua, que parecem ser uma ‘unidade’ de significados. Para Saussure (2006, p. 144), “um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação”; para Breal⁸, a língua possui expressões cujos elementos linguísticos estão ligados há tanto tempo que para nós não é mais possível distinguir seus significados separadamente.

Alguns advogam que a disciplina Fraseologia surgiu a partir dos estudos fraseológicos soviéticos, também no século XX, e tem como fundador dos estudos fraseológicos o linguista soviético V. V. Vinogradov (CORPAS PASTOR, 1996). O fato é

⁸ “Comme les pièces d'un engrenage, que nous sommes si habitués à voir s'adapter l'une dans l'autre que nous ne songeons pas à nous figurer séparées, le langage présente des mots que l'usage a réunis si longtemps qu'ils n'existent plus pour notre intelligence à l'état isolé.” (BREAL apud ZULUAGA, 1980, p. 35).

que tanto a obra de Charles Bally como os muitos estudos dos linguistas soviéticos trouxeram grandes contribuições para os estudos fraseológicos e ajudaram a firmar a Fraseologia enquanto disciplina, embora ainda nos tempos de hoje haja uma polêmica em como definir a Fraseologia se como uma disciplina autônoma ou como uma subdisciplina da Lexicologia. Seja como for, é importante reconhecer a relevância dos estudos fraseológicos na Linguística.

Além das pesquisas soviéticas que constituíram toda uma escola russa de Fraseologia, com estudos descritivos, contrastivos e históricos recolhidos e sistematizados por J. Häusermann (1977) e por Z. Carneado y A. M. Tristá Pérez (1985), conforme explica Corpas Pastor (1996), os estudos fraseológicos ganharam grande repercussão em línguas europeias, como o Espanhol e o Francês. Importantes linguistas e pesquisadores dessas línguas contribuíram e contribuem para o fortalecimento desse campo de pesquisa. Entre eles podemos destacar: Casares (1950) – pioneiro em sistematizar as unidades fraseológicas no âmbito da língua espanhola, classificando-as em locuções e fórmulas proverbiais –, Zuluaga (1980), Coseriu (1981), Mel’cuk (1992), Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997), González Rey (2007a), entre outros.

Em toda área do conhecimento é necessário que tenhamos um objeto de estudo definido. Desse modo, nos estudos fraseológicos temos a unidade fraseológica (UF) como elemento central à Fraseologia. Dessa maneira, podemos afirmar que o estudo da fraseologia se baseia nas investigações das unidades fraseológicas (UFs) da língua, sendo, portanto, as UFs o objeto de estudo da Fraseologia.

Esses elementos da língua sempre foram estudados pelos pesquisadores e linguistas e receberam diferentes nomenclaturas, tais como: *expressões formulaicas*, *idiomatismos*, *lexias complexas*, *expressões pluriverbais*, *expressões cristalizadas*, *expressões fixas*, entre outras. No entanto, a maioria dos linguistas adota, e nós também adotaremos, o termo unidade fraseológica, pois consideramos ser a terminologia mais ampla e que abrange melhor todos os fenômenos entre os quais *as expressões idiomáticas*, *os modismos*, *as frases feitas*, *as expressões fixas*, *os idiomatismos locucionais*, *as locuções*, *os provérbios*, *os refrães*, *as colocações*, etc.

Baseados nas definições de autores como Ruiz Gurillo (1997), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Tagnin (2005), entendemos por unidades fraseológicas as unidades léxicas formadas por duas ou mais palavras que apresentam algum grau de fixação e algum grau de idiomaticidade. Na constituição de uma UF, o significado individual das palavras se perde parcial ou totalmente. As palavras deixam de significar individualmente e passam a constituir uma unidade “indestrutível” de significados, cuja coesão é absoluta, não sendo

possível a decomposição dessas UFs em partes e nem a permuta de seus elementos por sinônimos.

As UFs não são identificadas apenas por uma característica, mas por um conjunto de características. Apresentamos aqui algumas das citadas por Corpas Pastor (1996) e Zuluaga (1980):

- ☞ Fixação (inalterabilidade da ordem de seus elementos, invariabilidade de alguma categoria gramatical, insubstituíbilidade de seus elementos, impossibilidade de introduzir ou omitir novos elementos);
- ☞ Especialização semântica – a idiomaticidade;
- ☞ Frequência de uso – a institucionalização;
- ☞ Gradação.

A partir das classificações de Zamora (1999) e de Corpas Pastor (1996), Rodríguez (2004) propõe uma classificação das UFs em quatro grandes grupos: *sintagmas fraseológicos*, *enunciados fraseológicos*, *esquemas sintáticos* e *parêmsias*.

A autora denomina sintagmas fraseológicos às UFs que não constituem e nem equivalem a enunciados completos; são sintagmas que necessitam combinar-se com outros signos linguísticos para constituir-se um ato de fala completo. Entre esses sintagmas encontramos as colocações e as locuções.

Os enunciados fraseológicos são UFs que equivalem a um enunciado completo, não sendo necessária a combinação com outros elementos linguísticos para o seu funcionamento no discurso. A autora denomina cinco tipos de enunciados fraseológicos:

- ☞ Fórmulas rotineiras: *Bom apetite!// Meus pêsames!*;
- ☞ Locuções oracionais proverbiais: *Seja o que Deus quiser!// O que é seu está guardado!*;
- ☞ Locuções oracionais pragmáticas: *Maldita seja a hora!*;
- ☞ Enunciados idiomáticos pragmáticos: *Era só o que nos faltava!*;
- ☞ Enunciados pragmáticos: *a propósito.../ isto é.../ em todo caso...*

Os esquemas sintáticos são UFs compostas por enunciados que possuem uma parte da oração lexicalizada e a outra variável, na qual o locutor pode completar livremente. Exemplos de esquemas sintáticos são:

- ☞ É preciso + infinitivo + oração;
- ☞ Se por acaso + oração;
- ☞ Era uma vez + oração.

As parêmiias são UFs independentes e completas, são pertencentes ao campo de estudo da Paremiologia. Elas possuem significado referencial e gozam de autonomia textual. O que as torna diferente das outras UFs é o seu valor de verdade e seu caráter folclórico, etnológico, antropológico e anônimo. São exemplos de parêmiias os provérbios, citações, adágios, refrões, entre outros.

No próximo subtópico veremos outras definições e classificações que foram propostas para as UFs por autores e pesquisadores da Fraseologia.

2.3 Um panorama teórico

Zuluaga (1980) define como unidades fraseológicas (UFs) as combinações de palavras que funcionam como unidades em diferentes níveis gramaticais, arbitrariamente fixadas pela comunidade falante e que podem ser facilmente identificadas como uma expressão da língua. Para ele, as UFs são combinações convencionadas e institucionalizadas pela comunidade falante de uma língua.

De acordo com o autor, os falantes de uma língua identificam as UFs de forma um pouco confusa e indiferenciada, podendo denominá-las de expressões, ditos, fórmulas, modos de dizer, frases feitas, adágios, entre outros. Essas unidades apresentam diversas peculiaridades, não somente em sua composição, como também em seu emprego no discurso. Para distingui-las e classificá-las é necessário fazer uma análise quanto à sua estrutura interna, quanto às suas propriedades de combinação e sua equivalência funcional.

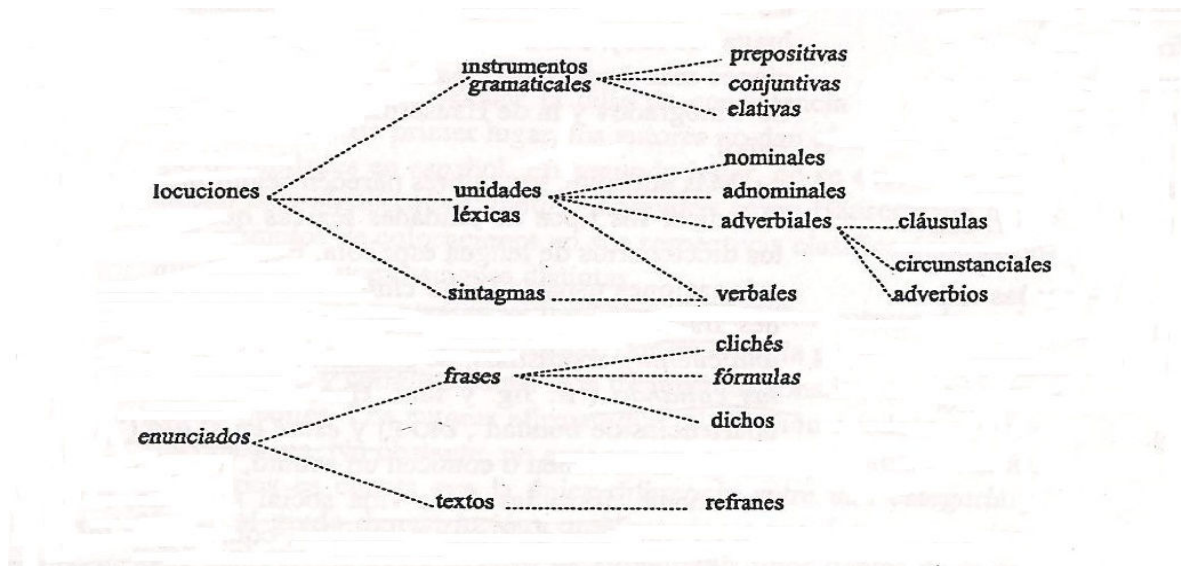
Para Zuluaga (1980), a fixidez entre elementos da língua é arbitrária, dado que não há explicação nem sintática e nem semântica para tal fenômeno linguístico, essas expressões são institucionalizadas a partir do uso repetido de uma comunidade linguística e podem ter diferentes graus de fixidez. Para o autor, o principal traço característico e definidor das unidades fraseológicas é a fixação:

Este traço determina seu *status* peculiar na língua (e na descrição linguística), não são expressões formadas livremente na fala senão repetidas como estruturas pré-fabricadas, frases feitas; podemos dizer que são como texto ou frações de texto dentro do texto, pois tem estrutura de segmentos de fala. (ZULUAGA, 1980, p. 15 – tradução nossa⁹).

⁹ No original: “Este rasgo determina su *status* peculiar en la lengua (y en la descripción linguística), no son expresiones formadas libremente en el hablar sino repetidas como estructuras prefabricadas, combinaciones ‘ya hechas’; podemos decir: como texto o fracciones de texto dentro del texto, pues tienen estructura de segmentos de habla.”

Zuluaga (1980) classifica as unidades fraseológicas em dois grandes grupos: 1) os enunciados, que constituem por si mesmos textos completos, como por exemplo, os provérbios; e 2) as locuções, que são unidades que necessitam combinar-se com outros elementos dentro da frase para constituir um enunciado, como o autor explicita na figura abaixo:

Figura 1 – Classificação proposta para as unidades fraseológicas



Fonte: Zuluaga (1980).

Como observamos na classificação acima, o autor difere enunciados que são completamente livres e funcionam como textos, nas palavras de Zuluaga (1980, p. 191 - tradução nossa¹⁰), “os enunciados correspondem, geralmente, a uma oração simples ou composta, mas também podem consistir em uma frase ou uma simples palavra”; de “enunciados” que são marcados contextualmente e não são considerados textos porque dependem de um contexto linguístico ou pragmático para ter funcionalidade.

Coseriu (1981) classificou as combinações entre palavras de *discurso livre* e *discurso repetido*, o primeiro grupo seria composto pelas expressões que se unem de forma aleatória e seriam regidas pelas regras gramaticais da língua; o segundo grupo seria composto pelas expressões que se repetem no discurso. As principais características apontadas pelo autor para essas expressões são: repetição da expressão na fala, o não seguimento às regras gramaticais e a variação, eventualmente, de um dos elementos da expressão.

¹⁰ “Los enunciados corresponden generalmente a una oración simple o compuesta pero también pueden constar de un sintagma o de una mera palabra.” Exemplos de enunciados constituídos de uma só palavra: Saúde! Adeus! São palavras que sozinhas constituem um enunciado pleno de significado.

Mel’cuk (1992), linguista e lexicólogo soviético, em sua teoria fraseológica – com o viés lexicográfico – exemplifica e defende como as colocações devem aparecer em um dicionário. O estudo desse linguista culmina na elaboração de um dicionário que faz a apresentação de como as colocações deveriam aparecer no dicionário de uma língua. O “*Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain*” teve sua primeira edição publicada no ano de 1984, sendo reeditado nos anos de 1988, 1992 e 1999. Esse legado propiciou a outros lexicólogos uma conscientização em relação à necessidade de os dicionários darem uma “identidade” própria às unidades fraseológicas. Em decorrência desse estudo já foi editado um dicionário, “*Le Petit Robert*” (2001) – em versão digital –, que permite a consulta de unidades fraseológicas, de *expressões, provérbios e locuções*, basta que se busquem as expressões por uma palavra ou uma parte de sua composição. Logicamente, essa é uma opção de busca possível apenas em versão digital.

Corpas Pastor (1996) apresenta a Fraseologia como uma subdisciplina da lexicologia e diz que essa nomenclatura é utilizada para se referir ao estudo das combinações das palavras. Ela aponta algumas definições de dicionários para o campo de estudo da fraseologia e define como a mais adequada a seus estudos a definição dada pelo “*Diccionario de la lengua española*”, por la Real Academia Española (DRAE) (1992). De acordo com esse dicionário, “O lema fraseologia se define por extensão na sua terceira acepção como ‘conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixas, modismos e refrões, existentes numa língua, no uso individual ou no de determinado grupo’.” (DRAE, 1992 – tradução nossa¹¹).

Como podemos perceber, a definição de fraseologia descrita acima é uma definição ampla e inclui os diferentes tipos de combinações de palavras. Corpas Pastor (1996) também denomina os diferentes tipos de combinações de palavras de unidades fraseológicas, cujas características mais evidentes são: i) constam de pelo menos duas palavras; ii) apresentam um certo grau de lexicalização; iii) se caracterizam pela alta frequência de coocorrência na língua. A pesquisadora sintetiza a conceitualização das UFs da seguinte forma:

São unidades léxicas formadas por mais de duas palavras grafadas no seu limite inferior, cujo limite superior localiza-se no nível da oração composta. Tais unidades se caracterizam pela sua alta frequência de uso e da simultânea aparição dos seus elementos integrantes, por sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica, por sua idiomaticidade e variação potenciais, assim como

¹¹ No original: “*El lema fraseología se define por extensión en su acepción tercera como ‘conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo’.*”

pela graduação na qual ocorrem todos estes aspectos nos diferentes tipos. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20 – tradução nossa¹²).

Segundo a autora, além das características globais das UFs citadas acima, podemos encontrar em alguns trabalhos a indicação de características linguísticas mais evidentes desse tipo de unidade, tais como: frequência de uso, institucionalização, estabilidade (fixação e lexicalização), idiomaticidade, variação e gradação.

De acordo com Corpas Pastor (1996), tradicionalmente, a idiomaticidade é considerada como uma das características mais essenciais de uma unidade fraseológica, por causa de sua opacidade semântica. Por essa razão, durante muitos anos as expressões idiomáticas têm sido consideradas como protótipo das UFs.

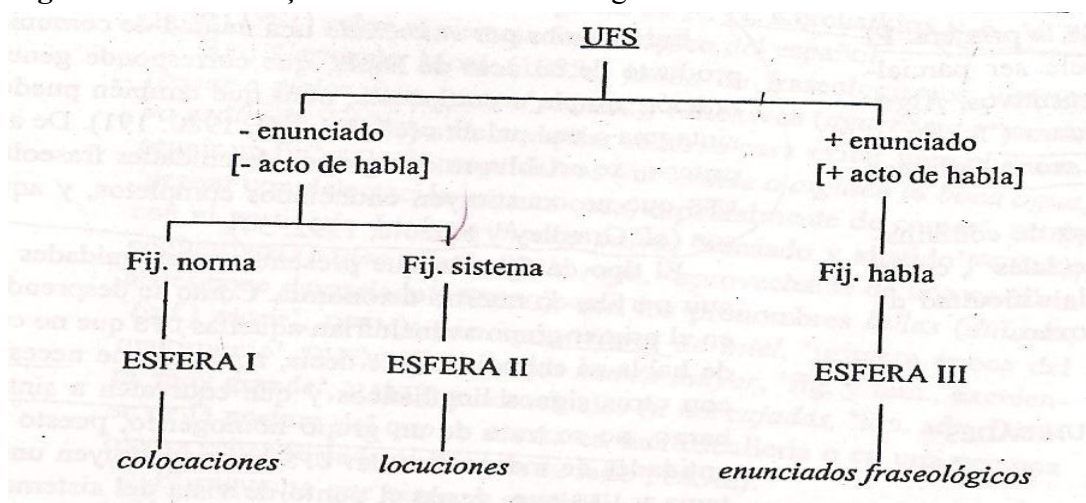
O termo idiomaticidade denota, nos estudos fraseológicos, a lexicalização semântica em seu mais alto nível. Para Corpas Pastor (1996) e Tagnin (2005, p. 16), o significado de uma expressão idiomática não é transparente, mas opaco, ou seja, “o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos. Assim, *bater as botas* não significa ‘dar pancadas com calçado que envolve o pé e parte da perna’, mas quer dizer ‘morrer’.”

No entanto, precisamos saber que as UFs podem apresentar dois tipos de significado denotativo: o significado denotativo literal e o significado denotativo figurado. Esse segundo tipo de significado é o responsável pela idiomaticidade e representa a maior parte das UFs. Porém, precisamos salientar que nem todas as UFs são idiomáticas. Assim, podemos então dizer que essa é uma característica potencial das UFs, mas não podemos afirmar que seja uma característica essencial.

Assim como Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) também propõe uma classificação para as unidades fraseológicas, vejamos:

¹² No original: “*Son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica, por su idiomaticidad e variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos.*”

Figura 2 – Classificação das unidades fraseológicas



Fonte: Corpas Pastor (1996).

A classificação da autora se apresenta em dois grupos: o primeiro grupo, que é composto pela esfera I e II (colocações e locuções), é constituído pelas UFs que não são enunciados completos e nem são atos de fala; necessitam combinar-se com outros elementos linguísticos para terem funcionalidade. A esfera I, constituída pelas colocações, compreende sintagmas completamente livres e apresenta certo grau de restrição combinatória, que é determinada pela frequência do uso. As colocações se diferem das locuções por serem unidades estáveis; são combinações regidas por normas e apresentam uma fixação léxica externa. A esfera II é composta pelas locuções, que são combinações estáveis de dois ou mais termos e funcionam como um elemento oracional; elas são unidades fixas no sistema da língua. As locuções se diferenciam das combinações livres de palavras por serem unidades institucionalizadas, estabilizadas sintática e semanticamente, e por sua função denominativa. O segundo grupo é composto pela esfera III, os enunciados fraseológicos, que são enunciados fixos e completos e caracterizados por constituírem atos de fala. São exemplos de enunciados fraseológicos as parêmiás e as fórmulas de rotina.

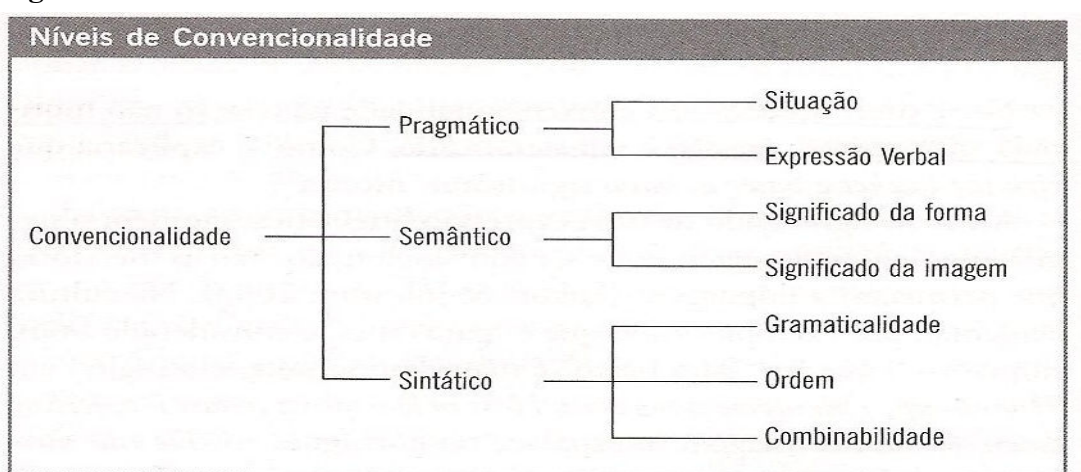
Zuluaga (1980) e Corpas Pastor (1996) definem os enunciados fraseológicos como unidades que funcionam como sequências autônomas de fala, ou dizendo em outras palavras, como unidades mínimas de comunicação.

Para Ruiz Gurillo (1997, p. 14), são denominadas de UFs as “combinações fixas de palavras que apresentem algum grau de fixação e de idiomaticidade.”

Ortiz-Alvarez (2000, p. 75) defende que “a fraseologia constitui o estudo das combinações de morfemas estáveis, unidades semânticas que, por seus traços categoriais próprios, distinguem-se das palavras e combinações livres como unidades linguísticas.”

Tagnin (2005) apresenta um estudo sobre as expressões marcadas pela convencionalidade e pela idiomaticidade. De acordo com essa autora, a convencionalidade é definida como tudo aquilo que é consagrado pelo uso e aceito em um acordo social e a idiomaticidade refere-se ao não transparente ou opaco. A autora defende que a convencionalidade pode acontecer em diversos níveis da língua. Baseando-se nisso ela propõe os níveis de convencionalidade a seguir:

Figura 3 – Níveis de convencionalidade



Fonte: Tagnin (2005).

O nível pragmático corresponde ao “uso da língua em situações de interação entre falantes” (TAGNIN, 2005, p. 19). Para exemplificar, podemos citar situações que exigem certo comportamento social que pode ser expresso verbalmente, como por exemplo, usar a expressão *com licença* para retirar-se de um recinto. No nível semântico, a convencionalidade pode ser observada na relação não motivada entre uma expressão e seu significado, por exemplo, quando temos a expressão *pagar o pato*. De acordo com a autora, quando a convencionalidade passa para o nível do significado adentramos no campo da idiomaticidade. O nível sintático “compreende a combinabilidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade” (TAGNIN, 2005, p. 17).

A autora faz uma abordagem ampla da fraseologia, apresentando de maneira clara e objetiva algumas das principais expressões convencionais e idiomáticas. Tagnin (2005) propõe uma classificação das expressões marcadas pela convencionalidade e pela idiomaticidade, mas não as organiza sistematicamente em um quadro.

Podemos resumir sua classificação no seguinte quadro:

Quadro 1 – Expressões marcadas pela convencionalidade e pela idiomaticidade

UFs	Tipos	Grupos	Subgrupos	Ordem
Coligações	Coligações de regência	Verbos		
		Adjetivos		
		Substantivos		
		Advérbios		
	Frases Verbais			
Coligações Prepositivas	Prep + SN			
	Prep + SN + prep			
Colocações	Adjetivas	Adj. + S		
	Nominais	S + S		
		S + Prep + S		
	Verbais	V + N		
		V + Prep + N		
		V + Adj		
	Adverbiais	Adv + Adj		
		V + Adv		
	Expressões especificadoras de unidade			
	Coletivos			
	Binômios	Binômios de elementos idênticos		Não-idiomáticas
Idiomáticas				
Binômios de elementos diferentes			Não-idiomáticas	
			Idiomáticas	Irreversíveis Reversíveis
Estruturas agramaticais consagradas	Sintaticamente imprevisíveis			
	Sintaticamente petrificadas			
	Bloqueio sintático imprevisível			
Expressões convencionais				
Expressões idiomáticas				

Quadro 1 – Expressões marcadas pela convencionalidade e pela idiomaticidade (continuação)

UFs	Tipos	Grupos	Subgrupos	Ordem
Marcadores conversacionais	Estruturação semântica	Opinião		
		Restrição		
		Digressão		
		Sugestão		
	Sinalização do contexto social	Desejo de tomar o turno		
		Desejo de manter o turno		
		Desejo de deixar o turno		
		Passagem de turno		
	Sinalização da disposição de entendimento	Disposição para receber		
		Disposição para não receber		
		Disposição para fornecer		
		Disposição para não fornecer		
		Disposição para partilhar		
		Disposição para não partilhar		
	Sinalização de controle da comunicação	O falante se assegura da disposição do ouvinte		
		O falante incentiva o ouvinte		
		Não entendimento do falante		
		Esclarecimento de mal-entendido		
	Fórmulas situacionais	Sintáticas		
Distanciamento				
Fixas		Frases feitas		
		Citações		
		Provérbios		
Rotina		Saudações		
		Agradecimentos		
		Desculpas		
		Votos		
		Situações à mesa		

Fonte: Elaboração própria.

Observamos na classificação das UFs proposta por Tagnin (2005) que há uma divisão bem mais marcada, diferentemente de outras propostas, ela faz uma classificação mais

abrangente e, ao mesmo tempo, mais detalhada, denominando e agrupando as UFs por características centrais.

Por estruturas agramaticais consagradas, Tagnin (2005) considera as expressões que mesmo agramaticais, fazem parte do uso consagrado de uma comunidade falante, como por exemplo, em português temos o uso de estruturas como *de vez em quando* e *tanto faz*, que não são estruturas analisáveis do ponto de vista gramatical, mas são estruturas consagradas pelo uso. Dentro dessa classificação a autora denomina três possíveis estruturas: as sintaticamente imprevisíveis, ou seja, não há regras gramaticais que expliquem a sua formação ou violam as regras gramaticais, como por exemplo: *Não tem de quê./ Quem fala?* As sintaticamente petrificadas, são estruturas que se consagraram numa forma que não corresponde à forma usual; e as de bloqueio sintático imprevisível, são estruturas que estão sujeitas a certas restrições sintáticas.

Apresentaremos as expressões convencionais *versus* as expressões idiomáticas, a primeira diz respeito às unidades linguísticas de construções mais extensas – mais ou menos estáveis do ponto de vista sintático –, mas que possuem significados transparentes, ou seja, não apresentam dificuldade de compreensão, tais como: *estar aberto para discussão, para seu próprio bem, próprio para consumo*. As expressões idiomáticas, por sua vez, recorrem não ao significado composicional, mas ao significado convencionalizado, ou seja, o significado da expressão toda não pode ser definido a partir do significado de suas partes, como o exemplo já citado anteriormente: *bater as botas*. Vale ressaltar que as expressões não se apresentam apenas como convencionais, ou seja, não-idiomáticas e idiomáticas, elas podem apresentar uma escala maior ou menor em seu grau de idiomaticidade. Dessa forma, podemos pensar em uma escala, em que na parte mais baixa estariam as expressões menos idiomáticas e na parte mais alta estariam as expressões mais idiomáticas. As expressões menos idiomáticas são aquelas que apenas alguns de seus elementos constituintes são idiomáticos, como na expressão *mentira branca*, na qual apenas o adjetivo tem sentido opaco; e as expressões totalmente idiomáticas, são aquelas nas quais, nenhum de seus constituintes contribui para o entendimento do significado da expressão, tal como em: *saia justa*.

Em seguida, temos na proposta de Tagnin (2005) os marcadores conversacionais – saímos do nível semântico e passamos ao nível pragmático da convencionalidade – que são “expressões que sinalizam certas estratégias empregadas na conversação. Isto é, são expressões que indicam ao ouvinte a intenção do falante quanto à sua participação na conversação.” (TAGNIN, 2005, p. 70). A autora divide esses marcadores em quatro tipos: os de estruturação semântica, os de sinalização do contexto social, os de sinalização da

disposição de entendimento e os de sinalização de controle da comunicação. Os marcadores do primeiro tipo sinalizam que o falante deseja “conduzir” a interpretação do enunciado, vejamos alguns exemplos: *Acho que talvez.../ Tudo bem, mas.../ Por falar em.../ Por que você não faz o seguinte...* Os marcadores do segundo tipo indicam a intenção do falante em relação à tomada de turno numa conversação, por exemplo: *Pode me dar um minuto?/ Bem, vamos ver.../ Isso é tudo o que eu tenho a dizer./ Qual a sua opinião?* Os do terceiro tipo têm a função de indicar a disponibilidade do falante em estabelecer um entendimento na conversação, exemplos desses marcadores são: *Gostaria de saber mais sobre isso./ Vê se me deixa em paz./ Bem, isto é o que penso a respeito./ Isso não é da sua conta./ Entendo o que você quer dizer./ Não sabia disso.* O quarto e último tipo de marcadores estabelecidos são os de controle da comunicação, ou seja, o falante quer assegurar que o ouvinte está disposto a receber a mensagem, temos como exemplos desse tipo de marcadores: *Está me ouvindo?/ Óbvio./ Poderia repetir, por favor?/ Não foi isso que eu disse.*

A última classificação proposta por Tagnin (2005) são as fórmulas situacionais, que são tipos de expressões fixas, obrigatórias ou opcionais, utilizadas em determinadas ocasiões. A autora as divide em: fórmulas situacionais sintáticas, que podem ser de polidez ou de distanciamento – quando o falante não quer ser direto –, tais como: *Será que eu posso falar com você?/ Parece que você não vai passar;* fórmulas fixas, que englobam as frases feitas, as citações e provérbios, como por exemplo: *Falando do diabo.../ Ser ou não, ser eis a questão!/ Tudo que cai na rede é peixe.* E, finalmente, fórmulas de rotina, que são as fórmulas situacionais propriamente ditas, entram aí as saudações, agradecimentos, desculpas, votos e situações à mesa.

Como o leitor pode perceber, não mencionamos as coligações e nem as colocações, pois propositalmente deixamos para tratar dessas duas categorias no próximo subtópico, no qual faremos uma breve diferenciação estas, dentro da proposta de Tagnin (2005), e nos deteremos a analisar mais precisamente as colocações que foram as expressões que mais se evidenciaram em nossa análise da interpretação do português para a Libras, no discurso de políticos.

2.3.1 Coligações x colocações

Atribui-se a J. R. Firth (1957) a introdução do conceito de colocação. Foi ele, entre os linguistas, quem primeiro deu muita importância às colocações. O termo *collocation* foi

utilizado por Firth para designar as coocorrências de palavras que usualmente “andam juntas”. Para ele, existe um “significado colocacional”, por exemplo, um dos significados de *noite* é a sua colocabilidade com *escuro*. Então, não somente sintagmas como *noite escura* seriam colocações, mas também sintagmas como *vaca e leite*, quando ocorrem na mesma sentença. Para Jones e Sinclair (1974 apud WELKER, 2004), as colocações são como “coocorrência regular” de itens lexicais. Dessa forma, as colocações consistem em um *node* (nódulo) e um *collocate* (colocado); utiliza-se “o termo *nódulo* para a palavra que está sendo estudada, e o termo *colocado* para qualquer palavra que ocorra na vizinhança especificada de um *nódulo*.” (SINCLAIR, 1991 apud WELKER, 2004, p. 140).

Tagnin (2005, p. 30) apresenta as coligações e as colocações como unidades formadas por uma base e um colocado, na qual a base “é a palavra que conhecemos, a que carrega mais conteúdo semântico, a que determina a ocorrência da outra”, e o colocado “é a palavra que não conhecemos ou que não nos ocorre; é aquela que é determinada pela base.” A autora dá o exemplo de *cabelo grisalho*, no qual *cabelo* é a base e *grisalho*, o colocado. As coligações e as colocações são denominadas conforme se referam a uma combinação gramatical ou a uma combinação lexical, respectivamente.

Baseando-nos na perspectiva de Tagnin (2005) assumiremos que há uma diferença conceitual entre coligações e colocações: a primeira refere-se a combinações gramaticais e a segunda a combinações lexicais; ou seja, as coligações são as combinações linguísticas nas quais o elemento colocado é uma palavra gramatical, como por exemplo, *confiar em*, e as colocações são as combinações linguísticas nas quais as palavras, base e colocado, são palavras de conteúdo, como por exemplo, *chuva torrencial*.

As coligações podem ser do tipo coligações de regência, frases verbais e coligações prepositivas. O primeiro grupo engloba todos os tipos de regência – de verbos, de substantivos, de adjetivos e de advérbios –, exemplos desse tipo são: *confiar em*, *relatório sobre*, *vestido de*, *por causa de*. O segundo grupo, as frases verbais – que não existem em português – é composto por unidades formadas por um verbo seguido de uma partícula adverbial, formando uma única unidade linguística. A autora nos traz exemplos da língua inglesa, tais como: *He finally give in*. O terceiro grupo, as coligações prepositivas, engloba as ocorrências do tipo Prep + SN e Prep + SN + Prep, tais como: *ao acaso* e *ao custo de*.

Tagnin (2005) classifica as colocações em: adjetivas, nominais, verbais e adverbiais, além de considerar como tipos de colocações as expressões especificadoras de unidade, os coletivos e os binômios. No grupo das colocações adjetivas temos expressões do tipo Adj + S, nas quais tanto o adjetivo como o substantivo podem ser convencionados, como na expressão:

Feliz Natal; como também somente o substantivo pode ser convencionado, como em: *política* externa. Nas colocações nominais, que são compostas por substantivos, pode ocorrer de os dois substantivos serem convencionados, mas na maioria das ocorrências apenas o colocado é que é convencionado. A autora apresenta exemplos como, *fita isolante, folha de louro, cartão de crédito, questão-chave*. Observamos que nas colocações nominais temos não somente a formação S + S, mas também é muito comum a formação S + Prep + S. No grupo das colocações verbais, temos as estruturas V + N, V + Prep + N e V + Adj, tais como: *fazer uma piada, tomar cuidado, pôr em votação, ficar ofendido*. De acordo com Tagnin (2005), as colocações verbais são as que apresentam maior dificuldade de aprendizagem por um falante de uma segunda língua, o que nos leva a refletir sobre como se comportam as colocações em língua de sinais – embora esse não seja o objeto desta pesquisa, não há como não nos inquietarmos com essa questão – e o que acontece com as colocações em língua portuguesa quando são traduzidas para a língua de sinais? Temos ainda as colocações adverbiais, divididas em duas formações: Adv + Adj e V + Adv, como vemos nos exemplos a seguir: *profundamente ofendido e amar cegamente*.

Como dissemos anteriormente, Tagnin (2005) considera também as expressões especificadoras de unidade, os coletivos e os binômios como tipos de colocações, então unidades do tipo, *uma barra de sabão, um pedaço de giz, uma informação, um ataque de riso, um rebanho de bois, um cacho de uvas, um monte de pedras, perdas e ganhos* (e não ganhos e perdas), *cama e mesa* (e não mesa e cama), *mundos e fundos* (e não fundos e mundos) são também considerados tipos de colocações.

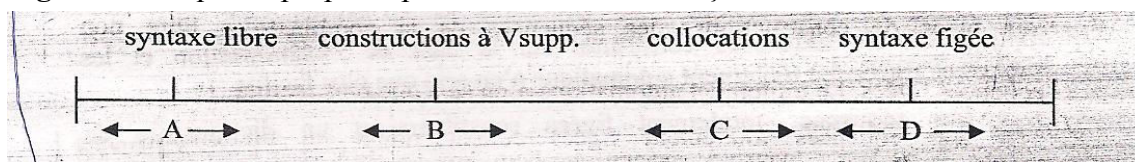
Hausmann (1984 apud WELKER, 2004, p. 141) considera a colocação como coocorrência de “palavras com combinabilidade limitada”, de “produtos semicristalizados que o falante não monta de forma criativa, mas encontra na sua memória como um todo e que o ouvinte percebe como algo conhecido.”

Para Mejri (2008), a noção de colocação se aproxima da noção de coocorrências, ou seja, a copresença de dois ou mais elementos linguísticos, que têm uma combinabilidade, dentro das sentenças discursivas. Mejri (2008) considera as colocações como um fenômeno discursivo, pois não acredita que elas sejam unidades construídas em uma “pré-linguagem”, mas que, ao contrário, elas surgem e são delimitadas, sobretudo, na realização da linguagem, ou seja, no ato discursivo.

Este fenômeno tem a natureza essencialmente discursiva. Remete a todas as formas de atração lexical que se revelem por meio das realizações discursivas as mais diversas. Refere-se a todas as combinações possíveis desde que estas sejam realizáveis: det+N; N+adj; N+Prep+N; etc.; Este fenômeno faz o *link* entre a combinatória livre e a combinatória fixa. (MEJRI, 2008, p. 196 – tradução nossa¹³).

Para Mejri (2008, p. 197 – tradução nossa¹⁴), as colocações estão situadas entre as combinações livres e as combinações fixas. Dessa forma, podemos dizer que elas referem-se “a todas as combinações sintagmáticas da combinatória livre cujos elementos são apropriados uns aos outros.” O pesquisador apresenta o seguinte esquema para mostrar tal fenômeno:

Figura 4 – Esquema proposto para delimitar as colocações



Fonte: Mejri (2008).

Nesse esquema proposto por Mejri (2008) observamos que há uma gradatividade na fixação, ou não fixação, das expressões sintagmáticas, podendo realizar-se da mais livre para a mais fixa. O autor faz uma escala que vai da sintaxe livre, seguida das construções com verbos suportes, passando pelas colocações até chegar às expressões completamente fixas, ou seja, aquelas que na sua realização não apresentam nenhum tipo de variação e que, de acordo com o pesquisador, são expressões que representam um pequeno percentual dentro da língua.

Para Mejri (2008), as colocações não podem ser confundidas com as expressões fixas; elas são combinações (mais ou menos) livres nas quais seus elementos se ligam de acordo com o discurso realizado. Resumindo, as colocações se formam a partir de combinações de elementos linguísticos mais livres com elementos linguísticos de uso mais restrito, possibilitando à língua construções sintagmáticas que estão mais suscetíveis a serem estruturas fixas dentro da língua.

Encerramos aqui nosso panorama teórico sobre as UFs; no próximo subtópico introduzimos algumas questões sobre discurso, discursos de políticos, realizações das UFs nesse contexto e o lugar do intérprete de Libras nessas situações de interpretação.

¹³ No original: “*Ce phénomène est de nature fondamentalement discursive. Il renvoie à toutes les formes d’attraction lexicale telles qu’elles se dégagent à travers les réalisations discursives diverses; il concerne toutes les combinaisons possibles pourvu qu’elles soient réalisables: DétN, N Adj, N Prép, N Prép N, VSN, VSP, V Adv, etc.; Il fait le lien entre la combinatoire libre et la combinatoire figée.*”

¹⁴ No original: “[...] à toutes les combinaisons syntagmatiques de la combinatoire libre dont les éléments sont appropriés les uns aux autres.”

2.4 As unidades fraseológicas (UFs), os discursos de políticos e o lugar do TILS

A intenção aqui não é aprofundar a discussão sobre os estudos relativos à Análise do Discurso, mas não poderíamos deixar de fazer algumas observações levando em consideração essa perspectiva. Não vamos nos ater em discorrer sobre as várias acepções do termo discurso¹⁵ na linguística; adotaremos a noção de discurso estabelecida por Maingueneau (2008), na qual o discurso é:

- 1) *organizado para além da frase*, isto não quer dizer que o discurso seja sempre organizado em dimensões superiores à frase, mas que a sua organização estrutural é de outra ordem que a da frase; por exemplo, se tivermos o enunciado *Faça silêncio!*, mesmo sendo uma única frase, teremos um discurso constituído, pois temos nesse enunciado uma unidade completa de sentido;
- 2) *orientado*, pois, além de ser concebido pela perspectiva do locutor, também é desenvolvido no tempo de maneira linear;
- 3) *uma forma de ação* como mostram Austin (1990) e Searle (1985), respectivamente, em seus trabalhos “Quando dizer é fazer” e “Os atos de linguagem”. Quando falamos exercemos uma ação sob o outro, e não apenas representamos o mundo;
- 4) *interativo*, a atividade verbal é marcada pelo binômio EU-VOCÊ, “toda enunciação [...] é, de fato, marcada por uma *interatividade* constitutiva, é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais” (MAINGUENEAU, 2008, p. 55), presentes ou ausentes. É nessa perspectiva do dialogismo que se constrói o discurso;
- 5) *contextualizado*, o contexto não é necessariamente o ambiente físico da enunciação; ele pode ser também o *contexto linguístico*, denominado de *cotexto*, e *os saberes anteriores à enunciação*. Nunca há somente uma interpretação possível para um enunciado, o “mesmo” enunciado realizado em lugares distintos corresponde a dois discursos diferentes;
- 6) *assumido por um sujeito*, o enunciador do discurso se coloca como “fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e indica que atitude está tomando em

¹⁵ Para entender mais sobre discurso ver: Pêcheux (1997), Maingueneau (2008) e Charaudeau (2011).

relação àquilo que diz e em relação a seu coenunciador.”¹⁶ (MAINGUENEAU, 2008, p. 55);

- 7) *regido por normas*, o discurso como “atividade verbal” está inserido na instituição da fala, que, como todo comportamento, é regida por normas; são as chamadas “máximas conversacionais” de Grice (1975/1982), mas que os analistas do discurso franceses chamam de **leis do discurso**;
- 8) *considerado no bojo de um interdiscurso*, ou seja, um discurso só ganha sentido quando inserido no interior de outros discursos.

E quando falamos de *discurso político*, estamos falando de quê? Falamos de discursos produzidos no campo da política ou da política enquanto discurso? A ação política seria secundária ao discurso, ou este seria base para uma ação política? Não é simples responder a essas perguntas. Vários são os campos que têm como objeto de estudo *a política*, tais como: a Antropologia, a História, a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia Social e as Ciências da Linguagem; cada um constrói o seu objeto de estudo da forma que lhe interessa.

Para um estudioso da linguagem e do discurso, falar de *discurso político* seria “tentar definir uma forma de organização da linguagem em seu uso e em seus efeitos psicológicos e sociais, no interior de determinado campo de práticas.” (CHARAUDEAU, 2011, p. 32). Definir o local desse discurso é complicado, pois qualquer enunciado pode ter um sentido político, dependendo da situação em que esteja inserido. Não é, portanto, o discurso que é político, mas a situação que assim o torna. O discurso político enquanto “ato de comunicação” dedica-se a construir imagens de personagens que usam, através de sua retórica, estratégias de persuasão e de sedução para influenciar opiniões e conquistar adeptos à sua ideologia. Concordando com Charaudeau (2011, p. 51), afirmamos que podemos “representar a comunicação humana como um teatro, uma vasta cena na qual seres humanos representam, por meio de seus atos de linguagem, espetáculos relacionais diversos nos quais alguns papéis estão previstos e outros são improvisados.”

Dessa forma, levando em consideração a nossa reflexão acerca do “discurso” e tendo em vista que em nosso estudo, apesar de estar inserido em uma situação genuinamente política, o *corpus* analisado não é constituído apenas por discursos políticos – uma vez que os parlamentares trazem à discussão assuntos da mais diversa ordem – nós decidimos denominar, em nossa pesquisa, esses “discursos” não de *discursos políticos*, mas de *discursos de*

¹⁶ Maingueneau (2008) chama de coenunciador o “destinatário” e/ou interlocutor de uma enunciação, por entender que o discurso é interativo e não caminha em um sentido único, ao contrário os sujeitos envolvidos são participantes ativos do discurso.

políticos. Reforçamos que não é o nosso foco de pesquisa analisar esses discursos, pois estes são apenas a ‘fonte’ de informações, na qual buscamos identificar e classificar, em nossa análise, quais estratégias de interpretação os TILSP utilizaram para interpretar as UFs que apareceram nesse tipo de discurso.

Adotando a concepção de discurso trazida por Maingueneau (2008), explicitada anteriormente, de que o discurso é orientado, é uma forma de ação, é assumido por um sujeito e é regido por normas, entre outros, assumimos que para a construção de qualquer discurso, seja político ou não, necessitamos do estabelecimento de um “contrato de comunicação”, que se constrói na interseção entre um campo de ação e um campo de enunciação.

O discurso enquanto ato de comunicação envolve um complexo “jogo de poder” e de relações de força¹⁷; as significações e efeitos do discurso são construídos e reconstruídos através desse “jogo”, que envolve indivíduos que ocupam lugares diferentes no discurso e que são constituídos por um *ethos*¹⁸. No tipo de discurso em questão – o discurso de políticos – geralmente esses lugares são o de dominante e de dominado. A construção e reconstrução dessas significações “se opera segundo o lugar ocupado no contrato e, ao mesmo tempo, segundo o posicionamento dos indivíduos que ocupam essas posições.” (CHARAUDEAU, 2011, p. 53). Em que lugar do discurso estaria situado o tradutor-intérprete? Assumiria o tradutor-intérprete, ao interpretar, o *ethos* do político? Será que o tradutor-intérprete leva em consideração o jogo de poder enunciado nos discursos de políticos? Com base nesses questionamentos, percebemos que não podíamos deixar de olhar para nossos dados sem perpassar pela Análise do Discurso, ao refletirmos sobre o papel do TILSP enquanto mediador de um processo tradutório, posição que, entendemos, deva ser assumida por esse profissional. Para isso, precisamos definir o que entendemos por discurso e como ele é produzido.

No caso desta pesquisa, outro fator que precisamos levar em consideração nesse “ato de comunicação” é que o coenunciador não está presente (fisicamente) na cena de enunciação, uma vez que o discurso proferido chega a ele através do canal de televisão pelo qual é transmitida a Sessão Plenária da Assembleia Legislativa¹⁹. Nesse ínterim, o tradutor-intérprete ajuda a construir a instância do *fiador*²⁰ do discurso, ou seja, ele é quem constrói um *tom* que

¹⁷ Para saber mais sobre relações de força ver Bourdieu (1982).

¹⁸ Termo emprestado da retórica antiga, o *ethos* designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Para saber mais sobre *ethos*, consultar Maingueneau (2008).

¹⁹ Salientamos que o discurso é feito em língua portuguesa e é interpretado para a língua de sinais para o público surdo.

²⁰ O *fiador*, por meio da enunciação, revela a personalidade do enunciador. Para saber sobre *fiador* consultar Maingueneau (2008).

dá autoridade ao que é dito pelo político. Esse tom permite ao telespectador surdo “construir uma representação do corpo (*ethos*) do enunciador” (MAINGUENEAU, 2008, p. 98) – evidentemente, que esse “*corpo*” construído não é o do autor efetivo do discurso, mas o do *ethos* construído por ele. Dessa forma, a qualidade do *ethos* está associada à imagem do fiador que confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado.

Encerramos, por ora, a nossa discussão, retomando-a, por conseguinte, na análise de nossos dados. A seguir, faremos uma breve explanação sobre a língua de sinais.

3 LÍNGUA DE SINAIS

3.1 Introdução

Na literatura especializada sobre o assunto podemos encontrar uma infinidade de definições para língua. O termo língua refere-se a um sistema de comunicação mais sofisticado que possui características atribuídas somente aos humanos – características essas que diferenciam este de qualquer outro sistema de comunicação. As principais características citadas pelos linguistas são: flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade e motivação, descontinuidade, criatividade e produtividade, dupla articulação, padrão de organização e dependência estrutural (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Podemos verificar que temos várias concepções de língua, desde uma mais estruturalista até uma mais funcionalista. Para Saussure (2006), numa visão mais estruturalista, a língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 2006, p. 17). O autor acreditava que a língua era uma instituição social, e seus signos é que deveriam ser estudados. A língua, para ele é forma e não substância, ela é uma armadura na qual nos movimentamos para a interação humana. Nenhum indivíduo tem faculdade para criar a língua e nem é capaz de modificá-la conscientemente.

Em uma definição funcional de língua, ela “é concebida, em primeiro lugar, como um instrumento de interação social entre seres humanos, usado com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários.” (DIK, 1978 apud NEVES, 2004, p. 19). Nessa perspectiva,

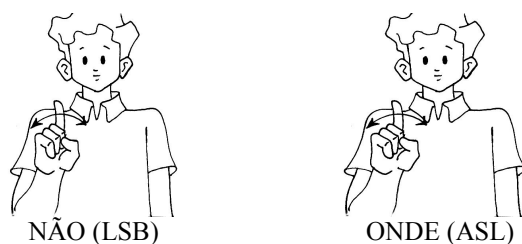
[...] a interação verbal – que é a interação social estabelecida por meio da linguagem – constitui uma forma de atividade cooperativa estruturada: “estruturada”, porque é governada por regras, normas e convenções, e “cooperativa”, porque necessita de, pelo menos, dois participantes para atingir seus objetivos. (NEVES, 2004, p. 21).

Quando falamos em línguas de sinais (LS) percebemos a existência de muitas concepções errôneas, que alguns autores denominam de mitos, a respeito dessas línguas. Apesar de as pesquisas realizadas em muitos países descreverem e demonstrarem o *status* linguístico das línguas de sinais – o que ajuda a desmistificar as concepções inadequadas em relação a essas línguas –, esses mitos ainda persistem em nossa sociedade. A língua de sinais

encontra forte resistência por parte dos ouvintes, de ser aceita como uma língua genuína. Apresentaremos aqui alguns dos mitos que são mais opostos ao reconhecimento da língua de sinais e que levam o ouvinte a crer que essa é inferior à língua oral (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O primeiro desses mitos afirma que “a língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31). De acordo com esse mito, os sinais não são símbolos arbitrários, mas possuem uma relação icônica de seus referentes. Para contrariar esse mito, estudos comprovaram que através da língua de sinais é possível expressar quaisquer conceitos, inclusive os abstratos, tais como: política, religião, economia, filosofia, entre outros (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004). “Investigações linguísticas indicam que aspectos icônicos ou pictográficos de sinais individuais não são o aspecto mais significante da estrutura e do uso da língua de sinais.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31). Além disso, alguns estudiosos apontam que nem todo sinal que é considerado icônico em uma determinada língua de sinais será inteligível em outra língua de sinais, pois o traço que um determinado grupo selecionou como característico para representar aquele referente pode não ser o mesmo que outro grupo selecionará, tendo em vista que esses grupos farão parte de comunidades e culturas diferentes. Um exemplo disso é um sinal que no Brasil é considerado icônico, o sinal de NÃO, mas que na Língua Americana de Sinais – *American Sign Language* (ASL) tem um significado completamente diferente; significa ONDE.

Figura 5 – Iconicidade x Não-Iconicidade



Fonte: Peixoto (2004).

De acordo com alguns autores (QUADROS; KARNOPP, 2004), os sinais podem ser motivados (icônicos), intermediários e/ou arbitrários. Os sinais considerados icônicos podem fazer relação direta com o seu referente, reproduzindo a forma ou o movimento deste, tornando mais fácil o reconhecimento do significado do sinal, mas este pode também sofrer alterações linguísticas e sociolinguísticas e então modificar com o tempo, deixando de ser um sinal motivado para os seus usuários atuais. É importante lembrar que apenas uma parte do

léxico das línguas de sinais é icônica, a outra é não-icônica, o sinal não tem associação ou semelhança alguma com o seu referente.

O segundo mito afirma que “haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 33). Na verdade, esse mito é muito presente no entendimento sobre **língua de sinais** de pessoas que não fazem parte e não conhecem a comunidade surda. As pessoas até questionam o porquê de os surdos não utilizarem uma única língua de sinais, isso porque, segundo o entendimento do senso comum, facilitaria a comunicação entre esses indivíduos. Levantamos, por isso, a seguinte questão: por que os ouvintes também não possuem uma única língua?

Pode-se contrapor tal concepção, argumentando que as mesmas razões que explicam a diversidade das línguas faladas se aplicam à diversidade das línguas de sinais. Portanto, cada país apresenta sua respectiva língua de sinais. A língua de sinais americana é diferente da língua de sinais brasileira, assim como estas diferem da língua de sinais britânica, da língua de sinais francesa, e assim por diante. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 33).

As línguas de sinais são distintas entre si e possuem dialetos regionais, assim como as línguas orais. Elas, como qualquer outra, são influenciadas por fatores geográficos, sociais, culturais, entre outros. A língua de um país será estrangeira ao surdo de outro país, ou seja, surdos de diferentes países, em geral, não entendem as línguas de sinais uns dos outros, embora o surdo pareça ter mais facilidade de conseguir se comunicar em uma língua de sinais estrangeira do que o ouvinte teria para se comunicar em uma língua oral estrangeira. Isso acontece, porque o surdo, ao usar uma língua de canal gesto-visual, utiliza-se de muitos recursos corporais que podem facilitar uma comunicação entre línguas de sinais estrangeiras.

O terceiro mito diz que “haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas orais, sendo um *pidgin* sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 34). Segundo este mito, as línguas de sinais têm total dependência das línguas faladas. Isto implica dizer que as línguas de sinais não têm independência em relação ao léxico e que não possuem organização interna própria, mas que são meros sinais manuais traduzidos de palavras da língua oral local. Muitas pesquisas vêm mostrando justamente o contrário deste mito, por exemplo, as línguas de sinais de países que falam a mesma língua oral podem ser completamente diferentes entre si. Um exemplo disso são as línguas de sinais brasileira e portuguesa, que são utilizadas em países diferentes que falam a “mesma” língua oral, o português. No entanto, suas línguas de sinais são completamente distintas. Podemos também ter situações contrárias, ou seja, países diferentes, com línguas orais diferentes, mas que, no entanto, os seus surdos utilizam a mesma

língua de sinais nos dois países, como é o caso do Canadá e dos Estados Unidos que utilizam a ASL.

Para Quadros e Karnopp (2004) é um erro pensar que as línguas de sinais são subordinadas às línguas orais. O que pode acontecer, geralmente em escolas e com fins pedagógicos, são situações de comunicação em que os sinais são adequados à estrutura da língua falada. Nessas situações temos os sistemas artificiais, chamados de comunicação simultânea, que de fato são limitados e geram problemas de entendimento, pois quando os sinais são considerados em sequência ou em contexto, não correspondem obrigatoriamente ao sentido literal das palavras das línguas orais.

O mito quarto afirma que “a língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 35). Nesse mito, as línguas de sinais são consideradas pobres lexical e gramaticalmente, não sendo capazes de transmitir ideias complexas e abstratas.

Vinculado a essa concepção, muitas pessoas equivocadamente afirmam que o empobrecimento estrutural das línguas de sinais liga-se ao fato de que estas não apresentam, por exemplo, elementos de ligação (tais como preposições e conjunções). Todavia, as línguas de sinais são línguas de modalidade visuoespacial que apresentam uma riqueza de expressividade diferente das línguas orais, incorporando tais elementos na estrutura dos sinais através de relações espaciais, estabelecidas pelo movimento ou outros recursos linguísticos. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 35).

Esta visão equivocada sobre as línguas de sinais, ainda muito difundida nos dias de hoje, vigorou durante muitos anos, até o início dos estudos linguísticos realizados por Stokoe, nos anos de 1960. À medida que a língua de sinais vai tendo maior aceitabilidade na sociedade e seu uso se expande para várias áreas do conhecimento, novos discursos surgem juntamente com novos itens lexicais, apropriados à situação comunicativa.

3.2 Uma gramática gesto-visual

O interesse pelo estudo das línguas de sinais, pela Linguística, é crescente e as investigações realizadas acerca destas línguas buscam descrever e comprovar que estas são línguas completas e complexas, com estruturas profundas, passíveis de serem analisadas nos diversos níveis de realização.

Até o início da década de 1960, o estudo das línguas se restringia ao estudo das línguas orais. Hoje, existe uma quantidade razoável de estudos na área da Linguística sobre as línguas de sinais, não somente acerca da estrutura destas línguas, mas sobre a aquisição, o seu uso e funcionamento. “As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela Linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Stokoe (1960) foi o primeiro a pesquisar sobre as línguas de sinais. Ele observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com estrutura interna profunda. Ele comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios de uma língua – flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade e motivação, descontinuidade, criatividade e produtividade, dupla articulação, padrão de organização e dependência estrutural –, no léxico, na sintaxe e na relação entre seus constituintes, sendo capaz de produzir sentenças infinitas. Também mostrou que cada sinal apresentava pelo menos três partes constituintes independentes²¹, a localização (L) ou ponto de articulação (PA), a configuração de mãos (CM) e o movimento (M). Em estudos posteriores ao de Stokoe, foi sugerida a adição de mais duas partes constituintes independentes na formação do sinal, a orientação da mão (Or) e as expressões não-manuais (ENM) que são as expressões faciais e/ou corporais.

Segundo Ferreira-Brito (1995), as línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Uma diferença fundamental entre as duas modalidades de língua, oral e de sinais, diz respeito à sua realização de comunicação: enquanto uma se realiza pelo canal oral-auditivo de comunicação, a outra se realiza pelo canal gesto-visual.

²¹ Estes constituintes são chamados de parâmetros e isoladamente não possuem significados, eles são equivalentes aos fonemas de uma língua oral.

Dessa forma, as línguas de sinais articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”²², morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus falantes através das mesmas dimensões espaciais. De acordo com Peixoto (2004, p. 33), esse tipo de organização muitas vezes torna desnecessária a existência de algumas categorias gramaticais (como as preposições, algumas conjunções e elementos de ligação em geral), pois as ideias passadas por esses elementos são incorporadas na estrutura dos sinais pelas dimensões espaciais da língua.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como as demais línguas de sinais, é composta por signos²³ que se estruturam de forma complexa. Os signos da Libras se realizam basicamente pelo movimento das mãos, juntamente com os demais parâmetros que fazem parte da fonologia desta modalidade de língua. De acordo com Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), os principais parâmetros fonológicos da Libras são configuração de mãos, locação ou ponto de articulação, e movimento.

Figura 6 – Parâmetros para a realização dos sinais



Fonte: Ferreira-Brito (1995).

➤ **Configuração de mãos (CM)**

A configuração de mãos está relacionada as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização dos sinais. A Libras apresenta 46 CMs²⁴, 26 destas são configurações que representam também as letras do alfabeto manual em Libras. De acordo com Ferreira-Brito






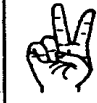
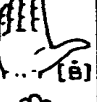
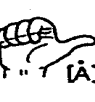
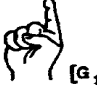



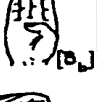

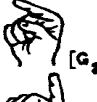

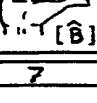
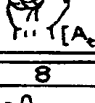
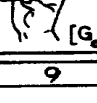
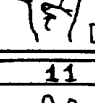
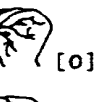
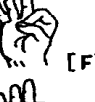
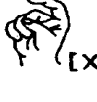



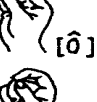
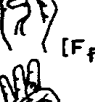
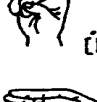


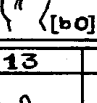
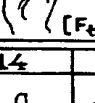
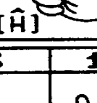
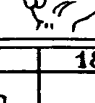
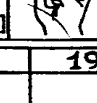
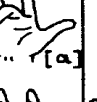
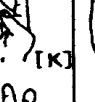
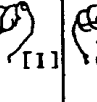

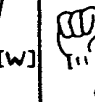

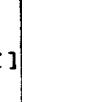
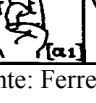
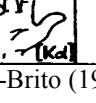
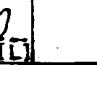
²² O termo “fonologia” é adotado no estudo das línguas de sinais, mesmo sendo estas de uma modalidade de língua que não utiliza o som para sua percepção e produção. No início dos estudos linguísticos acerca das línguas de sinais, Stokoe utilizou o termo “quirema” e “quirolgia” (do grego, *quiros*, mão) para designar fonema e fonologia, respectivamente. Posteriormente esses termos foram abandonados por se entender que apesar das diferenças entre as duas modalidades de língua, as línguas de sinais compartilham dos mesmos princípios linguísticos subjacentes às línguas orais.

²³ Os signos linguísticos das línguas de sinais são chamados de “sinais”, diferentemente das línguas orais em que recebem o nome de “palavras”.

²⁴ Existem estudos que indicam maior número de CMs encontrados na Libras, mas neste trabalho nos baseamos na tabela organizada por Ferreira-Brito (1995).

(1995), as CMs utilizadas em Libras são semelhantes ao sistema da *American Sign Language* (ASL), embora nem todas as línguas de sinais compartilhem o mesmo quadro de configuração de mãos. A seguir, o quadro de CMs, organizado em grupos segundo semelhanças de configuração.

Figura 7 – 46 configurações de mãos

1	2	3	4	5	6	
						
						
						
						
7	8	9	10	11	12	
						
						
						
13	14	15	16	17	18	19
						
						

Fonte: Ferreira-Brito (1995).

➤ Locação (L) ou ponto de articulação (PA)

A locação ou o ponto de articulação, que corresponde ao local onde o sinal é articulado, seja este local um espaço neutro à frente do corpo (exemplos de sinais realizados neste espaço: “CASA”, “TRABALHO”, “CRIANÇA” etc.), ou um local no próprio corpo (ex. “AMIG@”, na região do tronco, “OBRIGAD@”, na região da cabeça etc.), tem um espaço limitado para sua realização que vai do topo da cabeça até os quadris do sinalizador.

Figura 8 – Espaço de realização dos sinais

Fonte: Quadros e Karnopp (2004).

As locações ou pontos de articulação dividem-se em quatro principais regiões do corpo: cabeça, tronco, braços, mão; e espaço neutro.

Quadro 2 – Locações adaptadas por Ferreira-Brito²⁵

Cabeça	Tronco
Topo da cabeça	Pescoço
Testa	Ombro
Rosto	Busto
Parte superior do rosto	Estômago
Parte inferior do rosto	Cintura
Orelha	
Olhos	Braços
Nariz	Braço
Boca	Antebraço
Bochechas	Cotovelo
Queixo	Pulso
Zona abaixo do queixo	
Mão	Espaço neutro
Palma	
Costas das mãos	
Lado do indicador	
Lado do dedo mínimo	
Dedos	
Ponta dos dedos	
Dedo mínimo	
Anular	
Dedo médio	
Indicador	
Polegar	

Fonte: Ferreira-Brito (1995).

²⁵ Esta adaptação proposta por Ferreira-Brito em coautoria com Langevin no capítulo “Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais” na obra de Ferreira-Brito (1995) foi realizada a partir da organização apresentada por Friedman (1977) apud Ferreira-Brito (1995).

➤ Movimento (M)

Segundo pesquisadores, o movimento é um dos parâmetros mais complexos, porque “pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 54) até conjuntos de movimento no mesmo sinal (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004). O movimento pode ser analisado levando-se em conta o tipo, a direção, a maneira e a frequência do sinal²⁶.

Mudanças no movimento interno da mão, como abrir, fechar ou dobrar os dedos conduzem a mudança na CM. Da mesma forma, mudanças na frequência do movimento de um sinal servem para distinguir itens lexicais como nomes e verbos (p. ex: “**sentar**” e “**cadeira**”), assim como mudanças na direção do movimento de verbos indicam a concordância verbal. Parte da complexidade desse parâmetro está relacionada com a diversidade de categorias que o caracterizam. (PEIXOTO, 2004, p. 36-37).

O quadro a seguir, elaborado por Ferreira-Brito (1990), mostra as categorias do movimento.

²⁶ O tipo refere-se às variações do movimento das mãos, pulsos e antebraços, ao movimento interno dos pulsos ou das mãos (ex. palestra) e ao movimento dos dedos. A direção pode ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional (ex. eu olho para você, você olha para mim). A maneira descreve a qualidade, a tensão e a velocidade podendo, assim, haver movimentos mais rápidos, mais tensos e mais leves (ex. zangado, muito zangado). A frequência pode indicar se os movimentos são simples ou repetidos, ou pode distinguir itens lexicais (ex. pentear, pente).

Quadro 3 – Categorias do parâmetro *movimento* na Libras

TIPO <i>Contorno ou forma geométrica</i> : retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual <i>Interação</i> : alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado <i>Contato</i> : de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar <i>Torcedura do pulso</i> : rotação, com refreamento <i>Dobramento do pulso</i> : para cima, para baixo <i>Interno das mãos</i> : abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)
DIRECIONALIDADE Direcional - <i>Unidirecional</i> : para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial - <i>Bidirecional</i> : para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda Não-direcional
MANEIRA Qualidade, tensão e velocidade - contínuo - de retenção - refreado
FREQUÊNCIA Repetição - simples - repetido

Fonte: Ferreira-Brito (1990).

Esses três primeiros parâmetros (CM, PA, M) são considerados, por Ferreira-Brito (1995) e outros pesquisadores, como os parâmetros primários para o estudo da fonologia das línguas de sinais. Juntamente a estes teremos os parâmetros secundários, que são: a “orientação da mão”, juntamente com a “disposição das mãos” e a “região de contato”²⁷, e as expressões não manuais (expressões faciais e corporais). A orientação da(s) mão(s) é a direção da palma da mão durante a realização do sinal, que pode ser voltada para baixo, para cima, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita. Pode acontecer mudança da orientação durante a realização do sinal. As expressões não-manuais – movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco – podem ter dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Tais expressões, que têm função sintática, marcam as sentenças interrogativas, as negativas, orações relativas, topicalizações, concordância e foco. E as que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto, além de poderem diferenciar significados (QUADROS; KARNOPP, 2004).

²⁷ A disposição das mãos é a articulação dos sinais que pode ser feita pela mão dominante ou pelas duas mãos. As duas mãos podem se movimentar na formação do sinal, ou apenas a mão dominante se movimenta. A região de contato refere-se à parte da mão que entra em contato com o corpo, que pode ser através de um toque, um risco ou um deslizamento.

3.3 Unidades fraseológicas na Língua Brasileira de Sinais

Como já foi visto, os estudos fraseológicos, durante anos, ficaram à margem dos estudos linguísticos e, somente recentemente, esses estudos têm despertado maiores interesses de pesquisa. Para Ruiz Gurillo (1997), a Fraseologia foi, durante muito tempo, “terra de ninguém”, na qual pesquisadores de várias escolas, movidos pelo o interesse de estudar as “combinações fixas de palavras” de uma língua, transitaram.

Quando nos referimos aos estudos fraseológicos nas línguas de sinais (LS), vemos que a incipiência desses estudos é muito mais evidente. Eles ainda são pouquíssimos explorados, existindo um vasto e rico campo a ser investigado. Se os estudos linguísticos das línguas de sinais são recentes, datados da década de 1960, podemos considerar os estudos fraseológicos dessas línguas como quase inexistentes. Constatamos essa “quase inexistência” a partir dos levantamentos de estudos anteriores, feitos para a elaboração dessa pesquisa. Encontramos poucos, mas ricos trabalhos que, de alguma forma, fazem, direta ou indiretamente, referência à fraseologia e à língua de sinais, entre os quais podemos citar os trabalhos de Faria (2003), Sheridan (2009) e Almeida (2010). Os trabalhos citados não têm como foco principal o estudo do fraseologismo em língua de sinais, mas de alguma forma adentram o campo da fraseologia. É possível a existência de outras pesquisas que abordem esses campos de estudo, mas em nossa busca não localizamos outros trabalhos.

Em seus estudos, Sheridan (2009) e Almeida (2010) investigam, respectivamente, a tradução/interpretação de expressões idiomáticas (EIs) do inglês para a Língua de Sinais Irlandesa (ISL) e da língua portuguesa (de Portugal) para a Língua Gestual Portuguesa (LGP).

Podemos perceber que ainda são poucas as investigações nesse âmbito, e mesmo as pesquisas existentes não investigam exclusivamente as UFs em língua de sinais. Necessitamos de mais estudos para afirmar de que maneira as UFs se realizam nessa língua; tendo em vista que as línguas de sinais têm uma modalidade de realização visual e espacial, entendemos que a realização das UFs possa acontecer de maneira diferenciada.

Faria (2003, p. 78) afirma que “aparentemente, há indícios de que as combinações fixas na LSB²⁸ não são muitas.” Por outro lado, em seu estudo, a pesquisadora identificou muitos itens lexicais em Libras que expressam “unidades complexas de pensamento”. Ao

²⁸ LSB é a nomenclatura de Língua de Sinais Brasileira. Essa nomenclatura segue uma “convenção internacional de que as Línguas de Sinais sejam identificadas por meio de três letras” (QUADROS, 2000). Em minha pesquisa optei pela nomenclatura Língua Brasileira de Sinais (Libras), por ser esse o nome mais conhecido e o que acabou sendo reconhecido por lei. A escolha de uso de uma nomenclatura ou de outra é mais uma posição político-ideológica adotada por parte da comunidade surda e por parte de pesquisadores da área.

procurar fraseologismos, a autora acabou encontrando muitos itens lexicais que, por curiosidade, suas traduções, muitas vezes, resultam em fraseologismos em língua portuguesa. Stumpf (2003) acredita que a tendência das línguas de sinais é “condensar” vários sinais que poderiam ser utilizados para explicar um determinado conceito em apenas um sinal. Essa pesquisadora afirma que “conceitos que nós surdos passamos a usar seguidamente em língua de sinais brasileira e precisam de vários sinais para explicar acabam por dar origem a um novo sinal.” (p. 67).

Assim como Faria (2003), acredito que essa particularidade de “condensação” ou de síntese dos sinais seja favorecida por causa da modalidade gesto-visual de realização da língua. A estrutura organizacional dos sinais no espaço permite a realização sequencial²⁹ e, ao mesmo tempo, simultânea dos signos, todos os parâmetros (fonemas) se realizam no mesmo instante, podendo o falante fazer uso de sinais complexos, envolvendo simultaneamente diversas partes do corpo do sinalizador.

Faria (2003, p. 82) acredita que a modalidade de realização da língua de sinais pode favorecer a “cristalização de ideias em unidades lexicais com um único significante, porém com significado amplo e complexo.” Dessa forma, os fraseologismos em língua portuguesa ao serem traduzidos para a língua de sinais teriam a tendência a serem “resumidos” a um único item lexical. Mas, essas afirmações ficam ainda no campo das hipóteses, pois como já mencionamos anteriormente ainda temos poucas investigações nesse campo de estudo para que possamos chegar a uma assertiva conclusiva.

Porém, se adotássemos a premissa de que essa assertiva fosse “absoluta”, bastaria ao TILSP, no ato tradutório, fazer o uso de um item lexical em LS para expressar o conteúdo de uma UF em língua portuguesa (LP)? Sabemos que não podemos simplificar dessa maneira. Na atividade de interpretação/tradução estes processos de identificação, compreensão e passagem de uma língua a outra, como diria Jorge (2002, p. 119):

[...] não correspondem a mecanismos lineares e implicam uma reflexão profunda sobre o acto de tradução da fraseologia, na medida em que estas estruturas não obedecem, aparentemente, a critérios objectivos de selecção e implicam uma multiplicidade de saberes linguísticos e extralinguísticos e de escolhas por parte do tradutor.

A tradução/interpretação envolve muito mais do que uma simples troca de itens lexicais e gramaticais entre línguas. Por essa razão, o tradutor/intérprete não deve realizar uma

²⁹ Alguns estudos tratam da sequencialidade na formação fonológica dos sinais, como por exemplo, os estudos sobre “movimentos e suspensões” (*hold x movement* – na *American Sign Language*) de Liddell e Johnson (2000).

simples “transposição” linguística, mas, de acordo com Xatara; Riva e Rios (2001), é necessário como primeiro passo para a tradução de uma UF, identificá-la na língua como uma unidade, muitas vezes como um idiomatismo e não como uma expressão similar. “Pensar sobre qualquer tradução implica primeiramente conhecer o objeto a ser traduzido, tanto com relação a seu papel no sistema linguístico quanto com relação a seu significado.” (p. 185).

E se de fato for tendência nas LS essa “condensação” de significados? Pressupõe-se que o TILSP deva ter conhecimento e sensibilidade para reconhecer essas “expressões” nas línguas de sinais. Esse conhecimento deve ser desenvolvido e aprofundado na comunidade surda³⁰ e no contato direto com a língua de sinais. A interpretação/tradução de UFs, em qualquer língua, e também, “em língua de sinais coloca diversas questões de carácter linguístico e cultural que o intérprete deve conhecer e aplicar para que tenha um bom desempenho.” (ALMEIDA, 2010, p. 1).

No próximo capítulo, aprofundaremos mais nossas questões sobre tradução e interpretação.

³⁰ Para saber mais sobre comunidade surda consultar Strobel (2008).

4 ESTUDOS DA TRADUÇÃO

4.1 Introdução

Neste capítulo, pretendemos apresentar brevemente o percurso dos Estudos da Tradução enquanto disciplina e área de pesquisa, além de trazer algumas discussões acerca do ato de traduzir e interpretar. Iniciamos conceitualizando a tradução, e apresentando alguns mitos relacionados à tradução e aos profissionais dessa atividade, mitos estes que contribuem para o descrédito dessa atividade, enquanto objeto de pesquisa e atividade profissional. Apresentamos os campos de investigação e os tipos de tradução classificados por Jakobson (1969) – classificação que também pode ser aplicada à interpretação – e trazemos também os tipos de interpretação a partir de alguns estudos (GILE, 1991). Em seguida, levantamos uma discussão acerca das possibilidades da tradução, de estratégias de tradução e de interpretação, trazendo em toda essa discussão o lugar e o *status* da língua de sinais e do tradutor-intérprete³¹ de língua de sinais.

4.2 Perfazendo os caminhos da tradução

A palavra traduzir deriva do latim *traducere* e, segundo o dicionário Aurélio, significa “transportar”, “transferir”. Atualmente, o leque de significados para tradução é muito mais amplo, e pode também significar “transportar, transladar de uma língua para outra”, “revelar, explicar, manifestar, explicar”, “representar, simbolizar”. *Traduzir*, no sentido de “transportar de uma língua para outra”, é uma metáfora do ato físico de transferir. Podemos dizer que traduzir designa, de modo restrito, uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de “transferência” entre códigos e culturas ou, inclusive, dentro de códigos (GUERINI, 2008).

De acordo com Bassnett (2005), apesar de ouvirmos falar de tradução há muito tempo, o estudo sistemático da tradução, enquanto disciplina, ainda está engatinhando; ela atribui isso ao fato de que a tradução é encarada como parte intrínseca do processo de ensino de língua estrangeira e raramente tem sido estudada como atividade individual. De acordo com essa autora:

³¹ Em nosso texto, utilizamos o termo tradutor-intérprete, ligado por hífen, para designar o profissional que trabalha com a língua de sinais; e utilizamos tradutor/intérprete, separados por barra, para nos referirmos aos profissionais, de maneira geral, da tradução/interpretação.

O que geralmente se compreende por tradução envolve a tradução de um texto em língua-fonte (LF) para a língua-meta (LM), para garantir que: a) o significado da estrutura de superfície de ambos seja aproximado e b) as estruturas da LF sejam preservadas o máximo possível, mas não ao ponto de as estruturas da LM serem profundamente distorcidas. (BASSNETT, 2005, p. 23).

Um dos problemas da tradução é que ela tem sido vista como uma atividade secundária, um processo mais “mecânico” do que “criativo”, acredita-se que qualquer pessoa com conhecimentos básicos sobre determinada língua possa ser tradutor/intérprete dessa língua. Em 1931, em sua obra “*On Translation*”, o autor Hilaire Belloc (1931 apud BASSNETT, 2005, p. 24) resumiu o problema do baixo *status* da tradução, dizendo que “a arte³² da tradução é subsidiária e derivativa. Por isso, nunca obteve a dignidade de trabalho original, e tem sido menosprezada na área de Letras.”

Ainda nessa perspectiva de atividade menor, Alves, Magalhães e Pagano (2006) apresentam cinco crenças a respeito da tradução e do tradutor, as quais demonstram a percepção da sociedade e, até mesmo, de alguns “profissionais” tradutores/intérpretes sobre a atividade da tradução. A seguir, apresentaremos essas cinco crenças,

1) *A tradução é uma arte reservada a uns poucos que podem exercê-la graças a um dom especial*

Essa crença geralmente aparece quando uma tradução/interpretação é muito bem feita ou quando é muito malsucedida. Está implícita a ideia de que se nasce tradutor ou apenas pessoas escolhidas têm o dom para a tradução. Contudo, as pesquisas mostram que tradutores/intérpretes competentes passam por longos anos de estudo e qualificação, além da experiência empírica que desenvolvem.

2) *A tradução é uma atividade prática que requer apenas um conhecimento da língua e um bom dicionário*

Essa afirmação tem contribuído para o estatuto da tradução como atividade menor, pouco reconhecida no mercado de trabalho e pelo meio acadêmico. De acordo com esses autores, a prática da tradução requer estratégias diversas, das quais algumas podem ser adquiridas por experiência, outras podem ser desenvolvidas ou aperfeiçoadas pela formação

³² Para alguns autores, a tradução é concebida sob a perspectiva da arte. Nós entendemos, assim como Alves, Magalhães e Pagano (2006), Toury (1995), Barbosa (2004), entre outros, que tradução é técnica e que é necessária formação para o seu exercício.

profissional. A formação requer habilidades que ultrapassam o mero conhecimento linguístico. Os autores referem-se à “competência tradutória” que é definida como “todos aqueles conhecimentos, habilidades e estratégias que o tradutor bem-sucedido possui e que conduzem a um exercício adequado da tarefa tradutória.” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2006, p. 13). Campbell (1998 apud ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2006) afirma que a competência tradutória envolve as habilidades “inferiores”, tais como conhecimento do léxico, da morfologia e da sintaxe, bem como as habilidades “superiores”, que dizem respeito a níveis maiores de complexidade, tais como conhecimento de aspectos textuais, de coesão e coerência, reconhecimento de macroestruturas textuais e coligações lexicais e domínio de registros e gêneros discursivos e sua inserção no contexto no qual o texto traduzido será incorporado.

3) *O tradutor deve ser falante bilíngue ou ter morado num país onde se fala a língua estrangeira do par linguístico com que trabalha*

Essa crença, em parte, é confirmada pelas pesquisas, pois alguns falantes bilíngues exercem a tradução com sucesso. No entanto, estudos também apontam que esses tradutores, além de serem bilíngues ou de possuírem uma vivência cultural da língua, também possuem uma formação que lhes permite ter um bom desempenho na tradução/interpretação. É preciso lembrar que o bom tradutor/intérprete necessita ter a competência tradutória já explicitada anteriormente.

4) *Só se pode traduzir da língua estrangeira para a língua materna, uma vez que só dominamos esta última*

Lembrando o que já explicitamos anteriormente, não basta ter o conhecimento linguístico para o exercício da tradução/interpretação. O fato de sermos falantes nativos de uma língua não nos habilita, necessariamente, a ser tradutor/intérprete dessa língua, enfatizando que mesmo um falante nativo possui níveis de conhecimento e de proficiência de sua língua, variando de acordo com nível de escolaridade e experiência de vida. É preciso relembrar que a atividade de tradução/interpretação requer uma formação e uma qualificação que propicia ao profissional as habilidades necessárias para a atividade.

5) *Traduttori, traditori*

Essa famosa frase é legitimada por todas as épocas e culturas. É uma afirmação que é responsável pelo descrédito que a profissão recebe em alguns círculos e, infelizmente, continua sendo confirmada por “profissionais” que não têm formação, nem qualificação para atuarem como tradutores/intérpretes, mas que se aventuram no campo da tradução. Felizmente, a ênfase que os estudos da tradução vêm recebendo nas universidades e centros de estudos que desenvolvem pesquisas tem contribuído muito para a contestação desse famoso adágio. A ideia de “traição” era vinculada à crença de que uma língua poderia ser automaticamente transposta para outra língua como se tratasse de uma operação matemática e a tradução ocorresse num vácuo temporal e cultural. Existia a crença de uma tradução perfeita, ideal. Como na prática isso não se confirma, então se tem a ideia de traição, imperfeição, inexatidão. Somente a partir dos anos de 1950 é que novas teorias fundamentadas em pesquisas acadêmicas mostraram que a complexidade do processo tradutório envolve aspectos da produção e recepção de textos.

O fato de a tradução envolver muito mais do que um conhecimento de trabalho com duas línguas é muito bem resumido por Lévy (1976 apud BASSNETT, 2005, p. 27), ao declarar que: “Uma tradução não é uma composição monística, mas uma interpenetração e um conglomerado de duas estruturas. Por um lado, há o conteúdo semântico e o contorno do original; por outro, todo o sistema de características estáticas atadas à língua da tradução.”

O importante nesses estudos é mostrar que os Estudos da Tradução são, de fato, uma disciplina independente, não apenas uma subárea do estudo da Literatura Comparada, nem uma área específica da Linguística. Os Estudos da Tradução podem ser divididos em quatro áreas gerais de interesse (categorias), sendo duas orientadas para o produto, com ênfase nos aspectos funcionais do texto em língua-meta (LM) com relação ao texto em língua-fonte (LF), e duas orientadas para o processo, ou seja, para a análise do que realmente acontece durante a tradução.

De acordo com Bassnett (2005), a primeira categoria envolve a história da tradução e é parte integrante da história literária. A pesquisa nessa área inclui a investigação das teorias da tradução em diferentes épocas, respostas críticas a traduções, o papel e a função das traduções em determinado período e a análise do trabalho de tradutores. A segunda categoria, a tradução na cultura da língua-fonte, envolve trabalhos com textos ou autores individuais e inclui o trabalho sobre a influência de um texto, autor ou gênero. A terceira categoria, chamada de tradução e linguística, na qual essa pesquisa se inclui, envolve os estudos que

enfatizam a disposição comparativa de elementos linguísticos entre os textos em língua-fonte e língua-meta. Nessa categoria os estudos estão relacionados aos problemas de “equivalência” linguística, intraduzibilidade linguística, significado condicionado à língua, entre outros. A quarta e última categoria, denominada de tradução e poética, inclui os estudos equivalentes a toda a área da tradução literária (teoria e prática).

Ainda de acordo com Bassnett (2005, p. 59), o objetivo da teoria da tradução é “atingir a compreensão dos processos envolvidos no ato tradutório e não, como é geralmente mal interpretado, fornecer uma lista com normas para a realização de uma tradução perfeita.”

Apresentamos acima as áreas de interesse nas quais os estudos da tradução podem estar divididas e agora trazemos uma classificação dos tipos de tradução propostos por Roman Jakobson (1969) em seu artigo “Os aspectos linguísticos da tradução”. Os três tipos de tradução a partir da clássica divisão proposta por Jakobson são:

- 1) A tradução intralingual, ou *reformulação*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- 2) A tradução interlingual, ou *tradução propriamente dita*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua;
- 3) A tradução intersemiótica, ou *transmutação*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Temos ainda em uma proposta mais recente surgida na década de 1950, a *tradução automática* que é feita por meios mecânicos, ou seja, sem a intervenção *direta* de um ser humano; essa tradução se deu durante muito tempo através de programas elaborados para grandes computadores, mas com a invenção do computador pessoal e o progressivo aumento de sua capacidade e velocidade de processamento de dados, atualmente, ela é feita através de programas de *software*, facilmente acessíveis aos consumidores, destinados a rodar em computadores pessoais; além das ferramentas da internet que oferecem serviços de tradução, como é o exemplo do Google Tradutor.

Levando em consideração a proposta de Jakobson (1969), em nossa pesquisa abordaremos, principalmente, um tipo de tradução, a *tradução interlingual*. Atrelada a esse tipo de tradução mais especificamente trataremos da interpretação entre línguas em modalidades de realização diferentes, como são a língua portuguesa (oral-auditiva) e a Libras (gesto-visual).

4.2.1 Estudos da interpretação

Ao falarmos de interpretação – levando em consideração o discurso especializado ao qual o termo está inserido – nos Estudos da Tradução, remetemo-nos a uma área específica da tradução, mais precisamente a vertente denominada de Estudos da Interpretação (*Interpreting Studies*), estudos que remontam à década de 1950 (GILE, 1991).

De acordo com Pagura (2003), podemos nos referir a tipos de interpretação, dependendo de onde e quando as interpretações ocorram. Embora ainda não haja, em português, uma tipologia consagrada, há autores (NOVAIS, 2002; PAGURA, 2003) que as classificam em: *interpretação de comunidade* – estariam aí elencadas as interpretações nas esferas médica, social, escolar e instituições similares –, *interpretação jurídica* – além dos tribunais, estariam incluídas nesse tipo de interpretação, as interpretações em depoimentos em delegacias, alfândegas, departamento de migração, entre outras – e *interpretação de conferência* – apesar de essa terminologia fazer referência à conferência, podem estar aí incluídas as interpretações em programas de rádio e televisão, palestras e cursos, por exemplo. Dessa forma, e adotando essa proposta de terminologia, o tipo de interpretação abordado em nossa pesquisa é denominado de interpretação de conferência, ou ainda podemos classificá-la, de acordo com Pagura (2003), como “interpretação na mídia”.

Outros tipos de interpretação são apresentados por González (1991 apud NOVAIS, 2002), tais como as interpretações: de seminário; *liason*; de negócios, médica/mental e legal (*Quasi-Judicial* e *Judicial*).

Nos tipos de interpretação elencados acima há basicamente, cinco modos de realizar as interpretações, dos quais dois deles são mais comumente conhecidos. A partir de Gile (1991) e Pagura (2003), listamos esses modos. Vejamos a seguir:

1. Interpretação simultânea: é a modalidade de interpretação mais utilizada hoje em dia, o intérprete fica em uma cabine, escuta o falante de uma determinada língua-fonte, por meio de um fone de ouvido, e fala ao microfone a um determinado público em outra determinada língua-alvo, esse processo é simultâneo, ao tempo em que o intérprete escuta o que foi falado em uma língua A, ele repassa tudo em outra língua B. Essa modalidade permite a interpretação de várias línguas ao mesmo tempo, dependendo da disposição de cabines existentes;

2. Interpretação consecutiva: o intérprete escuta um longo trecho, ou segmentos do discurso e após a conclusão do trecho pelo locutor o intérprete toma a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo. Esse processo demanda do intérprete que ele faça anotações sobre o que está sendo dito. Essa modalidade foi muito utilizada na Segunda Guerra Mundial;
3. Interpretação sussurada: é um tipo de interpretação simultânea, também conhecida como *chuchotage*, mas diferencia-se pela posição assumida pelo intérprete que, geralmente, se coloca ao lado (fisicamente) da pessoa que necessita da interpretação;
4. Interpretação de *linguagem*³³ de Sinais: essa é uma modalidade de interpretação que pode ser simultânea (na maioria das vezes) e/ou consecutiva – é feita por intérpretes que têm o conhecimento da língua de sinais. Essa modalidade de interpretação pode ser feita tanto de uma língua oral para uma língua de sinais, como de uma língua de sinais para uma língua oral;
5. *Sight translation*: nessa modalidade o intérprete faz a leitura, silenciosamente, de um texto escrito e o interpreta oralmente em outra língua.

Gostaríamos de salientar a nossa discordância parcial da proposta de classificação apresentada acima. Não concordamos com os autores quando classificam a *interpretação de língua de sinais* como uma modalidade de interpretação; entendemos que se classificássemos a interpretação de língua de sinais como uma modalidade específica de interpretação, nós teríamos que considerar que as interpretações em qualquer língua, como por exemplo, a interpretação de alemão, também seria uma modalidade de interpretação, o que não é verdadeiro.

Desde modo, hipotetizamos que a inclusão da interpretação de língua de sinais à classificação de “modalidade de interpretação” se deu por ser a língua de sinais uma língua de realização gesto-visual, diferentemente das demais línguas que são de realização oral-auditiva, podendo também esta decisão ter sido permeada por “pré-conceitos” ainda existentes em torno das línguas de sinais. No nosso entendimento, a interpretação em línguas de sinais se dá como em qualquer outra língua e a sua realização pode ocorrer em qualquer um dos modos de interpretação supracitados; a única diferença é a modalidade de realização das línguas. Enquanto nas outras línguas orais a interpretação se dá, geralmente, entre línguas

³³ Alguns autores fazem referência à língua de sinais pela denominação de “linguagem de sinais”. Gostaríamos de salientar que o termo mais acertado é “língua”. Lembramos que em inglês o termo *Language* faz referência tanto à linguagem como à língua, e na tradução de obras do inglês para o português pode ter havido um equívoco de leitura e interpretação.

orais-auditivas; nas línguas de sinais temos interpretações que podem ocorrer de línguas orais-auditivas para a língua de sinais e vice-versa, ou entre as línguas de sinais. Dessa forma, nós defendemos que a interpretação de línguas de sinais não deveria estar incluída nessa classificação que pontua os modos de interpretação.

Pagura (2003, p. 212) ainda apresenta a modalidade de *interpretação intermitente*. Para ele essa modalidade:

[...] não é comumente estudada por pesquisadores da área, nem é utilizada por profissionais em eventos de caráter internacional. É vista mais frequentemente em reuniões nas quais se pede a uma pessoa que fala as duas línguas, via de regra sem qualquer treino em interpretação, para que se coloque ao lado de um palestrante estrangeiro e traduza o que ele está dizendo. O palestrante fala uma ou duas frases curtas e faz uma pausa para que as suas sentenças sejam traduzidas para o idioma da plateia. Esse processo centra-se basicamente na tradução das palavras ditas, sem levar em conta diversos outros fatores importantes no processo interpretativo, seja pela própria natureza da situação ou, muito comumente, pela falta total de treino da pessoa colocada na posição de “intérprete”. É comum algumas pessoas confundirem essa modalidade de interpretação com o que os profissionais chamam de **consecutiva**.

Em nossa pesquisa o tipo de interpretação é a “interpretação na mídia”; optamos pela nomenclatura empregada por Pagura (2003), pois entendemos que é a que mais se ajusta a nossos interesses. A modalidade que se apresenta em nosso estudo é a modalidade de interpretação “simultânea”. O tradutor-intérprete de Libras interpreta a fala do político ao “mesmo tempo” em que o discurso é proferido, sem tempo para revisões.

4.3 Estratégias de tradução/interpretação

Anteriormente, vimos algumas crenças relacionadas à tarefa de traduzir e pudemos perceber que essas crenças não somente são inadequadas, como também podem interferir negativamente no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos profissionais de tradução. Muitos acreditam que traduzir/interpretar é apenas fazer transferência de códigos entre línguas, mas na verdade, é uma atividade desafiadora que envolve não somente conhecimento proficiente das línguas e culturas envolvidas, como também o uso de estratégias que possibilitem uma melhor e eficiente tradução/interpretação. Mas, afinal, “como traduzir”? Essa será sempre uma pergunta desafiadora e motivadora à pesquisa, pois estará sempre presente no cotidiano dos profissionais e pesquisadores da área.

De acordo com Barbosa (2004), alguns estudos como os de Vinay e Darbelnet (1958), Nida (1964), Catford (1965), Newmark (1981), entre outros, se propuseram a

estabelecer modelos de tradução³⁴, nos quais os pesquisadores buscaram definir tradução e apresentar propostas de procedimentos técnicos que contribuam e permitam a realização de uma tradução eficiente. Baseada nesses estudos, Barbosa (2004) fez um apanhado dos modelos propostos anteriormente e apresentou uma nova proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução, no qual ela busca combinar as visões dos autores acima citados.

Na caracterização feita por Barbosa (2004) contam treze procedimentos de tradução, a saber: tradução palavra-por-palavra, tradução literal, transposição, modulação, equivalência, omissão vs explicitação, compensação, reconstrução de períodos, melhorias, transferência – aí incluídas o estrangeirismo, transliteração, aclimatação e transferência com explicitação – a explicação, o decalque e a adaptação.

Alves, Magalhães e Pagano (2006) apresentam algumas estratégias de tradução – tradução ainda no sentido restrito da palavra, ou seja, tradução de textos escritos.

Primeiramente, os autores apresentam o que eles classificam como estratégias de busca de subsídios externos (fontes textuais e recursos computacionais), esses poderiam ser classificados como recursos externos disponíveis para subsidiar a tarefa do tradutor. Alguns recursos que os profissionais tradutores podem utilizar para resolver um problema de tradução são: consulta a textos paralelos, utilização de dicionários, uso da internet como grande banco de informações e a utilização de recursos computadorizados.

Em seguida, Alves, Magalhães e Pagano (2006) apresentam as estratégias de busca de subsídios internos (memória e mecanismos inferenciais) – estratégias que complementarão as estratégias de busca externa –, bem como os outros dois tipos de estratégias: as de análise macro e microlinguística.

Várias são as estratégias cognitivas que podem ser utilizadas para traduzir. Algumas delas podem nos servir de apoio interno ao longo do processo tradutório. “Este apoio interno se dá, sobretudo, por meio do nosso conhecimento de mundo, que abrange nossos conhecimentos enciclopédicos, incluindo-se nele toda a bagagem cultural, e o conhecimento procedimental que nos ensina como utilizar o que já conhecemos.” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2006, p. 57). Esses autores chamam esse conhecimento de mundo de “pré-texto”, ou seja, é o ponto inicial de onde partimos para compreendermos e processarmos as informações novas que recebemos. Como estratégias de busca de subsídios internos os autores apontam a memória de curto prazo, a memória de longo prazo e as associações por meio de mecanismo inferenciais.

³⁴ Tradução, no uso restrito da palavra, no sentido de traduzir textos escritos.

Outras duas estratégias citadas por Alves, Magalhães e Pagano (2006) são: as estratégias de análise macrotextual e a de análise microtextual. As primeiras são utilizadas com base nas unidades de tradução gênero de texto e padrões retóricos, levando em consideração a sua relação com traços gramaticais e escolhas lexicais em um primeiro plano, e em um segundo plano, considerando a questão da contextualização em dois níveis: num nível textual, no qual temos as noções de coesão e do cotexto e num nível mais abrangente, em que o texto se insere no contexto da situação. Já as estratégias de análise microtextual são utilizadas com base em problemas de não-equivalência lexical e de não-equivalência gramatical.

As estratégias e/ou procedimentos de tradução tratados até aqui são de utilização do processo de tradução entre textos escritos. Em nosso trabalho, pretendemos averiguar e refletir sobre quais estratégias são utilizadas no processo de interpretação de textos orais da língua portuguesa para a Libras. Será que algumas dessas estratégias podem ser aplicadas ao trabalho de interpretação oral simultânea?

Podemos afirmar que nossa pesquisa está inserida no rol das pesquisas descritivas. Ancorados nessa perspectiva, fomos buscar nos estudos descritivos da tradução uma sustentação teórica para fundamentar nossa discussão. O objetivo dos estudos descritivos é entender e descrever o processo de tradução/interpretação, não submetendo-o a julgamento. Pensando por esse viés, não existe uma interpretação/tradução mais correta ou menos correta, o que existe são escolhas que o intérprete/tradutor faz durante um processo tradutório. Além da perspectiva dos estudos descritivos, buscamos construir uma análise do processo tradutório baseando-nos em uma proposta de tradução ligada à perspectiva da Análise do Discurso (AD). Embora, nossos estudos na AD sejam ainda incipientes, entendemos o processo tradutório como um processo discursivo que é gerador de um produto: o texto traduzido. Ou seja, entendemos que num processo de tradução, o tradutor/intérprete é um “*sujeito enunciador*” interpelado por uma Formação Discursiva que, por sua vez, é aberta ao interdiscurso” (MITTMANN, 2003, p. 103); não sendo esse tradutor/intérprete nem o “instrumento neutro de transporte” do discurso/texto do autor, nem o dono do discurso/texto enunciado por ele em uma tradução.

Toury (1995), autor da teoria dos estudos descritivos da tradução, buscou identificar as escolhas de tradução feitas pelos tradutores em um determinado processo tradutório³⁵, a fim de classificar o sistema de normas que seria responsável por direcionar as traduções feitas naquele contexto. Para esse pesquisador, “na medida em que uma norma é realmente ativa e

³⁵ Traduções literárias.

eficaz, pode-se distinguir, portanto, a regularidade de um comportamento em situações recorrentes.” (TOURY, 1995, p. 55 – tradução nossa³⁶). Essas normas, de que trata Toury (1995) não são regras – por não serem obrigatórias –, mas seriam as regularidades observadas no comportamento tradutório. Para ele, a tradução está sujeita a limitações compartilhadas pelos tradutores de certa comunidade, sendo influenciada pelos aspectos envolvidos na tradução. Essas limitações se transformam em instruções apropriadas (normas) sobre o que é certo ou errado, adequado ou inadequado e são aplicáveis a situações específicas, mas não funcionam como leis³⁷.

Na visão de Toury (1995), a tradução é um tipo de atividade que envolve, inevitavelmente, pelo menos duas línguas e duas culturas diferentes, ou seja, pelo menos dois conjuntos de normas diferentes estariam em contato. As normas seriam as regularidades observadas no comportamento tradutório.

Como base nesse modelo descritivo, Novais (2002) identificou e classificou sete tipos de estratégias, diferentes dos já apresentados, para o processo tradutório. Sua investigação acerca das estratégias de tradução teve foco na interpretação oral simultânea. Ele investigou as estratégias de interpretação utilizadas por profissionais intérpretes (de língua oral) de tribunal.

Hortêncio (2005), em estudo comparativo ao estudo de Novais (2002), analisou as estratégias de interpretação oral simultânea, classificadas por este e verificou se essas mesmas estratégias se aplicariam ao processo tradutório nas interpretações simultâneas do português para a língua brasileira de sinais no âmbito dos discursos veiculados pelos Testemunhas de Jeová.

As sete estratégias propostas por Novais (2002) são: simplificação, omissão, síntese, discurso indireto, ratificação, padronização e explicitação. Além dessas sete estratégias, Hortêncio (2005), em seu estudo, identifica mais outras três estratégias que são utilizadas pelos TILSP, a saber: a repetição, o uso de recursos visuais e o uso de perguntas retóricas para destacar informações importantes, para prender a atenção e para estimular o raciocínio.

Nesta pesquisa pretendemos analisar se essas estratégias citadas por Novais (2002) e Hortêncio (2005) são aplicáveis ao processo tradutório de UFs do português para a Libras, no contexto de discursos de políticos, e se aparecem outras estratégias – que não são citadas por

³⁶ No original: “*Inasmuch as a norm is really active and effective, one can therefore distinguish regularity of behaviour in recurrent situations of the same type [...]*”

³⁷ Anotações de aula de uma disciplina sobre tradução, cursada na Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2008, como aluna especial, ministrada pela professora Vera Santiago.

esses dois pesquisadores em seus estudos sobre interpretação – que podem ser estratégias consideradas próprias da tradução, mas se aplicam a situações de interpretação.

4.4 Estudos da tradução/interpretação e o lugar da língua de sinais

Na introdução deste trabalho fizemos um preâmbulo sobre as pesquisas e levantamentos já realizados no Brasil com o intuito de mapear os estudos, existentes no país, no campo da tradução. Retomamos essa questão, levando em consideração, mais pontualmente, os estudos existentes relacionados à língua de sinais.

Como dissemos, Pereira (2010) fez um levantamento das pesquisas que envolvem a interpretação em língua de sinais existentes em programas de pós-graduação. Para construir esse acervo, a pesquisadora buscou informações sobre trabalhos concluídos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Plataforma Lattes, além de buscas em listas de discussões de profissionais intérpretes da Libras e em acervos particulares, para o rastreamento de trabalhos ainda não publicados e/ou ainda em andamento. Com base no *corpus* levantado, a pesquisadora constatou que as dissertações até então publicadas ou as que estão em andamento encontram-se distribuídas em oito áreas do conhecimento (Linguística, Letras, Literatura, Semiologia, Ciências da Linguagem, Educação, Estudos da Tradução e Linguística Aplicada), enquanto as teses encontram-se em apenas três (Linguística, Educação e Estudos da Tradução).

Vale ressaltar que nenhum dos trabalhos concluídos se insere no campo disciplinar dos Estudos da Tradução e que, por outro lado, entre as pesquisas em andamento, dissertações e teses, oito são trabalhos que se desenvolvem com o foco de pesquisa nessa área³⁸. Segundo a autora, essa tendência nas pesquisas, além de evidenciar um crescente interesse sobre a interpretação em língua de sinais, indica também uma abertura dos Estudos da Tradução à pesquisa nessa área. O que era antes uma prática não reconhecida como atividade profissional, agora é vista como uma área promissora de pesquisas que busca se fundamentar teoricamente e legitimar a sua prática.

Grbic (2007), assim como Pereira (2010), fez uma busca por pesquisas desenvolvidas no âmbito da interpretação em línguas de sinais. Em um estudo bibliométrico, a pesquisadora fez um levantamento entre os anos de 1970 e 2005 de trabalhos publicados nessa área, com o objetivo de investigar o que estava sendo abordado enquanto questões de pesquisas, o que era

³⁸ Na data de hoje, alguns trabalhos já concluídos.

central aos estudos da interpretação das línguas sinalizadas e de que maneira a produção científica nessa área tem-se desenvolvido desde a década de 1970. Para fazer esse levantamento, Grbic (2007) buscou informações em três bibliografias: “*The Annotated Bibliography on Interpretation*” feita por Patrie e Mertz (1997), a versão de internet do “*The International Bibliography of Sign Language*” (s/d), compilado e organizado por Guido H. G. Joachim, Siegmund Prillwitz e Thomas Hanke, do Instituto de Língua de Sinais Alemã e Comunicação de Surdos em Hamburgo, e no banco de dados “*LiDoc*”, compilado pelo Departamento de Estudos da Tradução da Universidade de Graz.

Em sua busca, Grbic (2007) também constatou que há um grande número de pesquisas voltadas à grande área da surdez, mas ainda há uma escassez de investigações relacionadas à prática tradutória em língua de sinais.

Vasconcellos (2010) defende que as pesquisas em tradução e interpretação em LS devem se afiliar a um campo de estudo já consolidado: os Estudos da Tradução, ao justificar que esse campo disciplinar abriga “as diversidades das manifestações de estudos sobre línguas e culturas em contato; e [...] pode acolher investigações em interfaces que exploram o contato entre línguas de modalidades diferentes, tanto em termos linguísticos, quanto em termos culturais e políticos.” (VASCONCELLOS, 2010, p. 121). A afiliação a esse campo disciplinar seria estratégica, uma vez que pode fortalecer o empoderamento dos profissionais tradutores-intérpretes de língua de sinais (TILS), mantendo a sua especificidade e a sua visibilidade, pois estariam ancorados a um “porto” consolidado.

Vasconcellos (2010) e Souza (2010) apresentam em seus estudos, propostas de mapeamentos do campo disciplinar dos estudos da tradução, trazendo os desdobramentos desse campo disciplinar e o percurso que as línguas de sinais fizeram até começarem a ganhar visibilidade nessas propostas de mapeamentos.

De acordo com esses estudos, o primeiro mapeamento a incluir a interpretação, como área estabelecida e consolidada nos Estudos da Tradução, foi o mapeamento proposto por Williams e Chesterman (2002). De acordo com Vasconcellos (2010), esses pesquisadores agruparam em tópicos os diferentes tipos de interpretação, e entre esses tópicos estaria um classificado como: *Tipos Especiais de Interpretação*. Estando incluída aí, pela primeira vez, a interpretação em línguas de sinais – seria o início de uma visibilidade para os estudos da tradução/interpretação nessa língua.

Em um mapeamento mais atual do campo disciplinar Estudos da Tradução – proposto pela Editora St. Jerome e apresentado por Vasconcellos (2010) – são apresentadas

27 áreas possíveis para a pesquisa em tradução/interpretação, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 4 – Áreas para pesquisa em tradução/interpretação

Mapeamento proposto por St. Jerome Publishing		
1 – Tradução multimídia e audiovisual	2 – Tradução religiosa e bíblica	3 – Bibliografias
4 – Interpretação para a comunidade/ Interpretação de diálogo/ Interpretação para serviço público	5 – Interpretação simultânea e de conferência	6 – Estudos comparativos e contrastivos
7 – Estudos baseados em <i>corpus</i>	8 – Interpretação legal e jurídica	9 – Avaliação/ Qualidade Avaliação/ Testes
10 – História da tradução e interpretação	11 – Estudos Interculturais	12 – Estudos da interpretação
13 – Tradução literária	14 – Tradução (auxiliada) por computador	15 – Trabalhos de múltiplas categorias
16 – Estudos orientados ao processo	17 – Metodologia de pesquisa	18 – Interpretação de Línguas sinalizadas
19 – Tradução técnica e especializada	20 – Terminologia e Lexicologia	21 – Gênero e tradução
22 – Tradução e ensino de línguas	23 – Tradução e política	24 – Tradução e a indústria da língua
25 – Políticas de tradução	26 – Teoria da tradução	27 – Formação de tradutor e intérprete

Fonte: Vasconcellos (2010).

No quadro acima, observamos o que temos colocado de maneira explícita – nos itens 4, 5, 8, 10, 12, 18 e 27 – as áreas destinadas à pesquisa em interpretação, ou seja, vemos uma abertura do campo disciplinar dos Estudos da Tradução aos Estudos da Interpretação propriamente dita. Com essa abertura, temos um “reconhecimento” à especificidade da interpretação e à existência de uma prática a ser investigada.

Em especial, no item 18 há um destaque para as pesquisas com interpretação de línguas sinalizadas, o que evidencia o crescimento e o amadurecimento dessa área de pesquisa e estudo. Além de ratificar o empoderamento das línguas de sinais – e dos profissionais tradutores-intérpretes que trabalham com essas línguas. A interpretação de línguas sinalizadas ganha mais um “credenciamento” para a pesquisa no momento em que passa a compor os quadros de uma renomada editora.

Estudos como os de Pereira (2010) no Brasil, e Grbic (2007), nos EUA e na Europa, apontam um crescimento, embora ainda tímido, dos trabalhos de pesquisa de mestrado e doutorado que investigam a atividade de tradução/interpretação em línguas de sinais, o que

nos aponta novamente um amadurecimento desse campo de estudo. Mas, como dissemos anteriormente, necessitamos de mais investigações acerca do processo tradutológico, que envolve as línguas de sinais. Nesse sentido, o nosso trabalho vem no intuito de também contribuir para o amadurecimento desse campo de estudo e de fornecer subsídios para novas investigações.

5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

5.1 Introdução

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o percurso metodológico de nossa investigação. Para isso está organizado em cinco partes, assim distribuídas: no primeiro ponto apresentamos as nossas questões de pesquisas que nos trouxeram até aqui; em um segundo momento, trazemos o método de abordagem e a natureza da pesquisa; no terceiro ponto, apresentamos os procedimentos e instrumentos utilizados na realização e análise da investigação; no quarto ponto tratamos do universo e da amostra de pesquisa; e no quinto ponto apresentamos o perfil dos participantes.

5.2 Perguntas de pesquisa

- Como o tradutor-intérprete de Libras faz para interpretar UFs da língua portuguesa para a Libras?
- Quais estratégias de interpretação são utilizadas pelos tradutores-intérpretes de língua de sinais na interpretação de UFs da língua portuguesa para a Libras?

5.3 Método de abordagem

O método de abordagem utilizado nesta pesquisa foi o método indutivo, por meio do qual fizemos um estudo teórico sobre as estratégias de tradução e interpretação em geral e no processo tradutório de unidades fraseológicas. Com base na inferência indutiva, analisamos os estudos teóricos existentes e aplicamos às situações reais de interpretação entre duas línguas.

Esta dissertação se insere no rol das pesquisas denominadas como descritivas. Segundo Gil (2002, p. 42), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Uma característica marcante desse tipo de pesquisa é a observação sistemática na sua coleta de dados. Este trabalho teve como objetivo principal: descrever um aspecto do processo tradutório e as estratégias de interpretação de unidades fraseológicas.

5.4 Procedimentos e instrumentos

Quanto à análise, os procedimentos utilizados foram dois: a pesquisa documental e o estudo de campo. Gil (1999, 2002) classifica a pesquisa documental como aquela que se assemelha à pesquisa bibliográfica, mas apresenta diferenças quanto à utilização das fontes de pesquisa. “Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.” (GIL, 1999, p. 66).

Para a pesquisa documental o autor considera diversos tipos de fontes, tais como: cartas pessoais, regulamentos, memorandos, relatórios de pesquisa, fotografias, gravações, etc. Nossa escolha pelo método documental, como um dos métodos de pesquisa, se justifica uma vez que utilizamos como *corpus*, as gravações de sessões plenárias que fazem parte do arquivo de uma emissora de televisão.

O outro método de procedimento adotado foi o estudo de campo que, de acordo com Gil (2002, p. 53), “focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana.” Este estudo focalizou uma comunidade de trabalho, os tradutores-intérpretes de língua de sinais, e nossa pesquisa se deu por meio da observação da atividade desse grupo e por meio de entrevista semiestruturada; analisamos as gravações e as entrevistas a fim de identificarmos as estratégias de interpretação utilizadas por esses profissionais.

O procedimento inicial consistiu em coletar os vídeos gravados em DVD de sessões plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (ALEC). Para isso, solicitamos ao diretor da TV Assembleia – por meio de ofício³⁹ – a gravação das sessões plenárias especificadas de acordo com o dia em que cada TILSP esteve presente⁴⁰. Em um primeiro momento, assistimos aos vídeos gravados e fizemos uma seleção das falas de parlamentares em que mais se evidenciavam o uso de unidades fraseológicas, buscando identificar que tipos de UFs apareciam – nesse momento, a língua em foco foi a língua portuguesa –; fizemos uma transcrição dos trechos em que essas expressões apareciam. Em seguida, assistimos aos vídeos para fazer a marcação da interpretação do TILSP. Para essa marcação utilizamos as

³⁹ O ofício de solicitação das gravações e as autorizações dos TILS para pesquisa encontram-se no anexo C.

⁴⁰ Precisamos registrar que dos sujeitos pesquisados, apenas 1 sujeito era funcionário permanente da ALEC, ou seja, estava presente em todos os dias da semana. A outra funcionária intérprete da instituição, à época, é a pesquisadora desta dissertação que não está entre os sujeitos pesquisados. Todos os outros sujeitos pesquisados são intérpretes que, por algum motivo, tiveram em substituição (muitas vezes) dos intérpretes “titulares” da ALEC.

chamadas glosas⁴¹ – nesse momento, a língua em foco foi a língua brasileira de sinais. Para realizar a transcrição da Libras, nós utilizamos o “sistema de notações em palavras” caracterizado por Felipe (1997)⁴².

Após o registro (transcrição do português e das glosas da Libras) de todos os vídeos selecionados para a análise, realizamos uma entrevista⁴³ semiestruturada com os TILSP, a fim de conhecer melhor os sujeitos de pesquisa e de trazer à tona a percepção e o conhecimento deles acerca do processo tradutório e das estratégias que utilizam nas interpretações. Posteriormente, assistimos novamente aos vídeos, agora com o objetivo de fazer o levantamento e o registro das estratégias de interpretação utilizadas pelos TILSP, observando o processo de tradução entre a língua portuguesa e a Libras.

Para realizarmos os procedimentos acima, utilizamos um *software* chamado ELAN *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN), desenvolvido na Holanda pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck. Nas palavras de Quadros e Pizzio (2009, p. 22), o ELAN:

[...] é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido [...] com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com *corpora* de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes.

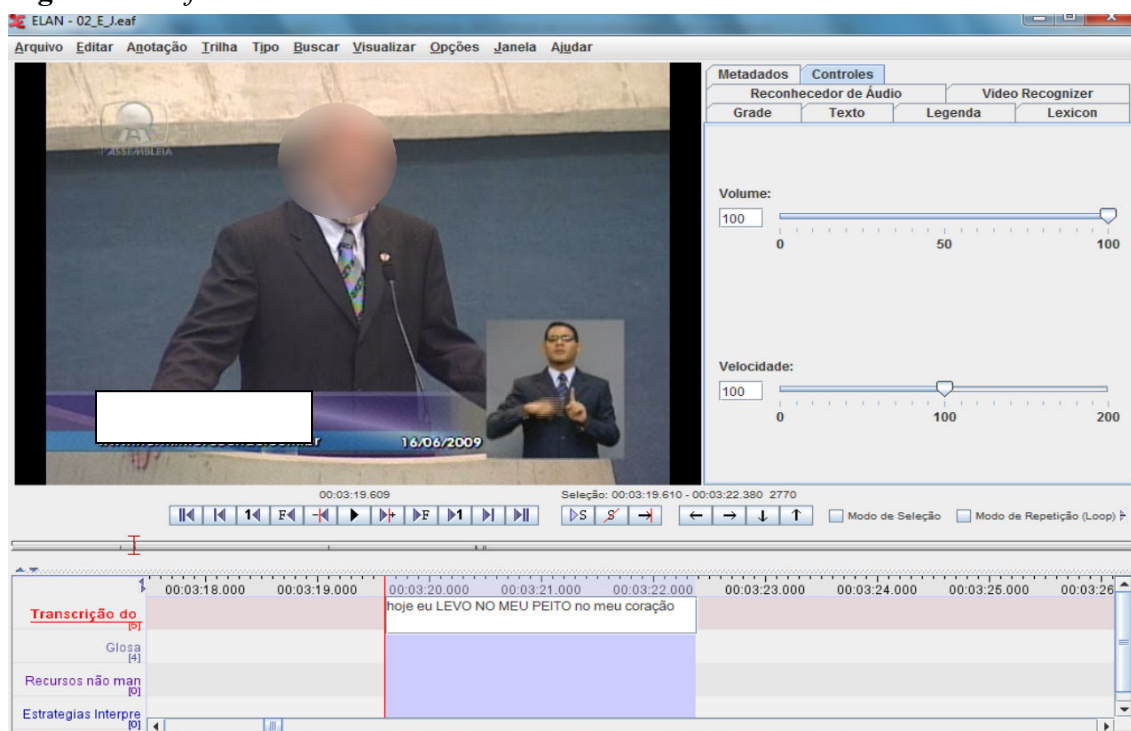
O ELAN é um *software* livre e pode ser baixado na internet, o que nos permitiu acessá-lo facilmente. Este programa favorece a anotação de vídeos porque nos permite em uma mesma tela ouvir e visualizar o vídeo, além de dispor de linhas (as chamadas trilhas) para a anotação do pesquisador. As trilhas são criadas e denominadas de acordo com os objetivos da pesquisa e do pesquisador. Ilustramos abaixo o programa em uso com algumas trilhas criadas por nós:

⁴¹ Utilizamos o termo glosa para designar um sistema de notação linguística que utiliza, no caso do Brasil, a língua portuguesa – em letras maiúsculas – para representar o enunciado feito em Libras, mantendo a estrutura gramatical da língua de sinais.

⁴² O sistema de transcrição proposto por Felipe (1997) encontra-se em anexo.

⁴³ Entrevistas em anexo.

Figura 9 – Software ELAN em uso



Fonte: Captura do vídeo selecionado para a pesquisa.

Após o registro do *corpus* no ELAN, passamos para o passo seguinte que foram as entrevistas com os sujeitos de pesquisa. Para esse momento, nós organizamos uma relação de perguntas que serviram como parâmetro para nos guiar no momento da entrevista. Foi no momento da entrevista que os sujeitos de pesquisa assinaram o termo de autorização para a investigação. As entrevistas realizadas individualmente com cada um dos sujeitos foram gravadas e posteriormente transcritas para a análise.

Recorremos aos estudos de Barbosa (2004), Alves, Magalhães e Pagano (2006) que abordam algumas “estratégias” para a tradução de textos escritos e aos estudos de Novais (2002) e Hortêncio (2005) que identificaram algumas estratégias de interpretação utilizadas por intérpretes de línguas orais e de sinais, respectivamente, em situações reais de interpretação, além de recorrermos a outros estudiosos e teóricos dos Estudos da Tradução. Investigamos se as estratégias já estudadas se aplicavam à nossa situação interpretativa, ou se esse tipo de interpretação exige alguma outra estratégia ainda não classificada. Realizamos uma análise acerca do discurso dos tradutores-intérpretes sobre o seu trabalho tradutório e buscamos fazer uma classificação das estratégias que encontramos em nossa investigação. Fizemos uma análise levando em consideração os aspectos teóricos estudados e observamos a aplicabilidade da teoria à prática e vice-versa.

5.5 Universo e amostra

Nosso universo de pesquisa consistiu em gênero político na linguagem televisiva, mais especificamente das janelas de interpretação de Libras utilizadas em programas de televisão. Como *corpus* para a investigação, utilizamos as gravações das sessões plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, entre o período de fevereiro de 2008 a dezembro de 2010. O critério de seleção das sessões gravadas para a composição do nosso *corpus* foi escolher duas sessões plenárias de cada TILSP⁴⁴, o que resultou em um total de onze sessões gravadas, perfazendo um total de 27 DVDs, pois cada sessão demanda o uso de dois a três DVDs. O tempo de gravação dessas sessões varia entre o mínimo de duas e o máximo de seis horas.

Inicialmente, tínhamos oito sujeitos de pesquisa, gravamos os vídeos das sessões plenárias com os oito sujeitos, mas no decorrer da pesquisa, no momento da identificação das UFs e do registro das glosas no ELAN, resolvemos descartar dois sujeitos, uma vez que não encontramos informações relevantes à nossa pesquisa no momento de interpretação deles.

As gravações resultantes das sessões plenárias geraram um quantitativo muito extenso de gravações de vídeo para analisar. Levando em consideração o curto tempo de 2 anos para uma pesquisa em nível de mestrado, decidimos, enquanto escolha metodológica, restringi o *corpus* a ser analisado em nossa pesquisa. Para isso, utilizamos a organização da sessão plenária da ALEC como ponto de corte do *corpus*, tendo em vista que este aconteceu antes de iniciarmos a análise propriamente dita.

A sessão plenária é organizada da seguinte maneira:

- a) “1º Expediente” – organizado em seis tempos de 15 minutos para cada parlamentar, podendo um mesmo parlamentar ocupar mais de um tempo;
- b) “Ordem do Dia” – momento de votação de matérias e projetos do governo com tempo indeterminado;
- c) “Pela Ordem” – momento em que cada parlamentar tem até 3 minutos para fazer uso da palavra, podendo o parlamentar utilizar ou não esse tempo para falar;
- d) “2º Expediente” – também organizado em seis tempos de 15 minutos para cada parlamentar;

⁴⁴ Cada sessão plenária conta com a presença de dois TILSP que se revezam a cada 15 ou 20 minutos de fala dos parlamentares. Apesar de termos, inicialmente, 8 sujeitos de pesquisa nosso número de sessões ficou em 11 e não em 8 ou em 16, como se podia esperar. Os profissionais aparecem em dupla – mas não sempre a mesma dupla – e alguns TILSP se repetem em algumas sessões.

- e) “Tempo de Liderança” – tempo destinado às lideranças de partidos e/ou do governo; cada líder tem o direito de fazer uso da palavra por 10 minutos;
- f) “Explicações Pessoais” – momento em que cada parlamentar pode utilizar até 5 minutos para tratar de assuntos diversos.

Diante dessa organização sistemática das sessões, optamos por analisar somente as interpretações realizadas durante o “1º Expediente”, o que reduziu o nosso quantitativo de gravações para seis sessões em 7 DVDs em um total de aproximadamente 9 horas de gravações, tendo em vista que o “1º Expediente” é composto por seis tempos de 15 minutos. Levamos em consideração o corte desse expediente, pois é nesse momento que o parlamentar tem mais tempo de exposição e sua fala acontece de maneira mais fluente. Embora tenhamos feito um corte considerável do material que tínhamos disponível para análise, o “1º Expediente” ainda concentrou um extenso *corpus* para análise, e, por essa razão, fomos obrigados a desprezar o restante das gravações.

5.6 Participantes

Para a realização dessa pesquisa participaram como sujeitos, seis profissionais tradutores e intérpretes de Libras, ligados à Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras do Ceará (Apilce), que realizaram serviço de interpretação nas sessões plenárias da ALEC. Esses profissionais aprenderam a língua de sinais no convívio com a Comunidade Surda e possuem formação na área da interpretação através de cursos de formação, em nível de qualificação profissional⁴⁵, oferecidos pela própria instituição em parceria com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) e com a Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS).

A formação acadêmica dos sujeitos dessa pesquisa, à época da coleta de dados, é diferenciada, um sujeito tem formação em nível de mestrado, dois possuem especialização, um sujeito possui graduação e os outros dois possuem formação apenas em nível de ensino médio.

⁴⁵ Dos nossos sujeitos de pesquisa três são alunos do curso de Letras Libras, turma de bacharelado, na modalidade à distância, com formatura prevista para agosto de 2012. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com dezoito IFES, entre elas a Universidade Federal do Ceará (UFC), criou o curso semipresencial de Letras Libras – Licenciatura (em 2006) e Bacharelado (em 2008), com o objetivo de formar professores para atuar no ensino de Libras e tradutores/intérpretes com habilidades específicas na tradução Libras-Português-Libras.

Além disso, os sujeitos têm tempo diferenciado de experiência na tradução/interpretação e de vivência com a língua, alguns atuam como TILSP há mais de 15 anos e outros têm atuação mais recente que variava de 4 a 10 anos de experiência profissional.

Entendemos que as duas variáveis citadas acima – formação acadêmica e tempo de atuação profissional – sejam significativas e devam ser levadas em consideração em nossa pesquisa.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 Introdução

Este capítulo constitui o cerne desta investigação, pois trata da análise dos dados e da discussão dos resultados encontrados com a descrição das estratégias utilizadas pelos TILSP nas interpretações das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Estado do Ceará. Em nossa análise traremos a voz dos profissionais tradutores-intérpretes, através das entrevistas realizadas, a fim de refletir com mais clareza sobre os dados encontrados. Antes de iniciar nossa discussão, faremos a descrição do local onde essas interpretações foram realizadas – uma descrição física que nos ajuda a visualizar como se organiza o processo de interpretação dessas sessões.

O local de trabalho dos TILSP não é no mesmo local onde são proferidos os discursos, mas em um estúdio dentro da própria TV Assembleia, localizado do lado de fora do plenário, ou seja, os TILSP não têm acesso à movimentação e às interações que podem ocorrer fora o discurso proferido e transmitido pela televisão. De acordo com Cokely (1992), isso poderia ser um fator desfavorável à interpretação, pois para o autor, a interpretação é uma mediação de vários elementos internos e externos ao conteúdo apresentado. Outro fator que pode ser complicador é que o estúdio, no qual são feitas as interpretações, não é de uso exclusivo dos tradutores-intérpretes, então, muitas vezes, durante as 6 horas em que ocorre a sessão plenária, entram e saem do estúdio outros profissionais que trabalham na TV. Seja para pegar algum material, como câmeras, microfones, e outros, ou mesmo para descansar de outras atividades. Muitas vezes esses outros profissionais, não tendo consciência da necessidade de silêncio e concentração, que é exigida do profissional TILSP no momento da interpretação, entram no estúdio conversando e falando alto, interferindo na concentração, e até mesmo no áudio que o intérprete tem para a realização de seu trabalho.

A organização do estúdio da TV Assembleia obedece a uma disposição regular, como vemos nas fotos a seguir:

Figura 10 – Foto do intérprete de Libras atuando no estúdio da TV Assembleia (1)



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Figura 11 – Foto do intérprete de Libras atuando no estúdio da TV Assembleia (2)



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Como observamos nas figuras 10 e 11, o TILSP fica localizado à frente de uma câmera de vídeo e de uma televisão de 14”, pela qual o profissional tem acesso ao discurso do político a ser interpretado. Por essa TV, o intérprete também tem a visualização de sua imagem e, conseqüentemente, de sua sinalização, pois essa televisão não é apenas um retorno do plenário e da fala do político, mas já é a transmissão ao vivo da sessão para o canal aberto de televisão. Ou seja, ao mesmo tempo em que o intérprete escuta a fala do político, ele já faz a interpretação que é transmitida “simultaneamente” à fala do político.

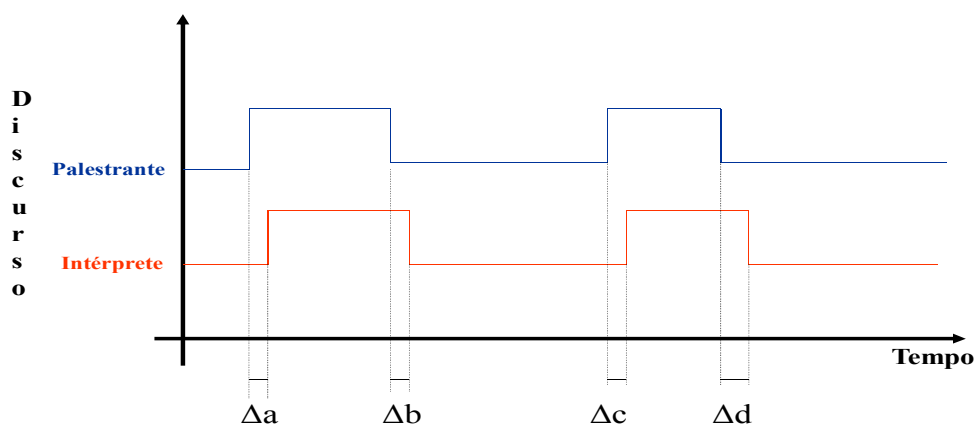
Faz-se necessário retomar e discutir aqui alguns conceitos importantes: vimos na introdução desse trabalho a diferenciação entre o ato de traduzir e o ato de interpretar, sendo uma das principais diferenças entre esses dois atos, a sua modalidade de realização, pois o primeiro ato é realizado através da escrita – lembrando que nas línguas de sinais, há uma peculiaridade em relação à tradução, ela pode ser feita também por vídeos –, e o segundo é

realizado através da oralidade. Nessa dicotomia, tradução *versus* interpretação, outros fatores, além do exposto acima, estão implicados. Pöchhacker (2004 apud SOUZA, 2010), defende que “o ato de interpretar é algo performatizado “*aqui e agora*” que visa o benefício das pessoas comprometidas com a comunicação para além de barreiras linguísticas e culturais.” (SOUZA, 2010, p. 19). Estaria aí exposta a questão da instantaneidade da interpretação, que exige do intérprete de línguas uma agilidade de pensamento e de comunicação.

Souza (2010) trabalha com o conceito de tradução como retextualização e de interpretação como mediação instantânea, para o pesquisador esses dois conceitos são distintos, pois a retextualização exige um tempo de re-elaboração do texto que a interpretação não permitiria. Nesta pesquisa, caminhamos em sentido contrário, partindo da premissa de que o ato de interpretar também deva ser uma atividade de retextualização, apesar de sua instantaneidade, pois (re)textualizar implica inevitavelmente em fazer escolhas no nível interpessoal; o sucesso na escolha dos itens lexicais vai depender basicamente da habilidade pessoal do intérprete em “reconstruir” o texto-fonte em um texto-alvo, ou seja, retextualizar.

Voltando a falar da simultaneidade na interpretação, levantamos o seguinte questionamento: será que existe e é possível a simultaneidade em uma interpretação entre línguas? Certamente a resposta a essa indagação será negativa. Nós denominamos uma interpretação de simultânea pela “busca” por essa simultaneidade e para diferenciá-la de uma interpretação consecutiva. Observemos o gráfico abaixo:

Figura 12 – Gráfico elaborado por Farias (2006)



Fonte: Farias (2006).

Podemos ver nesse gráfico que na fala do palestrante, representada pela linha de tempo de cor azul, e na fala do intérprete, representada pela linha de tempo de cor vermelha, existe uma diferença de tempo representada por um “Delta T”. Dessa forma, nesse gráfico, no qual representamos visualmente as falas do palestrante e do intérprete, temos o palestrante sempre finalizando a sua fala, segundos ou minutos, antes da finalização do intérprete. Por essa razão, podemos inferir que a “simultaneidade” na interpretação é mais uma questão do fazer “aqui e agora”, sem tempo para mais reflexões.

Vimos anteriormente que os estudos fraseológicos têm ganhado força nos últimos tempos, é um campo vasto para a pesquisa e nos oferece muitas possibilidades de exploração. Em nossa pesquisa exploramos o campo da fraseologia pelo viés da tradução e decidimos ter um olhar amplo sobre os dados colhidos, buscando neles toda e qualquer evidência de unidades fraseológicas que apareçam no discurso de políticos. A partir daí, analisamos as estratégias de interpretação que os intérpretes utilizaram para retextualizar a informação de uma UF em língua portuguesa para a língua de sinais.

Para a análise, buscamos no *corpus* as UFs que têm certo grau de opacidade, ou seja, somente aquelas que não têm seu significado totalmente transparente; que as palavras que a compõe não tenham significado literal, pois entendemos que esse tipo de expressão oferece uma maior dificuldade para o processo tradutório, demandando do intérprete um conhecimento além do léxico da língua e uso de estratégias para melhor fazer essa interpretação.

6.2 Descrição dos dados

No *corpus* analisado encontramos e classificamos algumas UFs, que seguindo a terminologia de Tagnin (2005) são: colocações (74), binômio (7), citações (4), expressões idiomáticas (14) e “desfraseologismos” (2)⁴⁶. Abaixo, colocamos uma tabela⁴⁷ com algumas das UFs encontradas, juntamente com as glosas da interpretação em Libras.

⁴⁶ Chamamos de “desfraseologismo” a tentativa de desfazer o sentido de uma unidade fraseológica através da ironia, levando a unidade fraseológica, em questão, a um sentido oposto ao que habitualmente é apresentada. Não vimos essa denominação em Tagnin (2005).

⁴⁷ A tabela completa, agrupada de acordo com a classificação das UF está no Anexo D.

Quadro 5 – Unidades fraseológicas

Transcrição da LP (discurso do político)	Glosa em Libras da interpretação	Sujeito de pesquisa
Expressões idiomáticas		
eleição de prefeito para o PSDB pode TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA deputado que num vai não	CONSEGUIR VOTO <neg> DESCULPE <exp.f .neg.> NÃO	TILSP S2
tem dito que é um governo transparente e eu vou PEGAR NA PALAVRA agora	Φ <omissão>	TILSP S2
transformar [...] Rio Grande do Norte numa TABUA DE PIRULITO de tanta perfuração	PARECE LÁ NATAL <localiza tabua> CL: G FURAR+ <exp.f ..int.>	Imagem do ELAN ⁴⁸
CARA DE PAU	COMO ELA MULHER CARA-DE-PAU COMO <...?..>	Imagem do ELAN
Colocações		
essas experiências de 30 anos foi uma EXPERIÊNCIA EXITOSA a meu ver e acompanhada por todos os professores	TAMBÉM BOM ANOS-PASSADOS 30 ANTES Φ <omissão> BOM CONSEGUIR+ PROFESSOR	TILSP S1
prometeu DOBRAR OS SALÁRIOS dos professores	PROMETER^CERTO SALÁRIO DOBRAR PROFESSOR	TILSP S1
PISO SALARIAL	Φ <omissão>	TILSP S1
	SALÁRIO	TILSP S1
	P-I-S-O SALÁRIO	TILSP S5
<i>MODUS FACIENDI</i>	Φ <omissão>	TILSP S1
trazendo um <i>MODUS FACIENDI</i> novo na política	BOM DEL@ NOVO TER MOSTRAR POLÍTICA	TILSP S3
COMANDO DE GREVE	Φ <omissão>	TILSP S1
permanente entre o COMANDO DE GREVE e o professor	Φ <omissão> GREVE _{locj} PROFESSOR _{lock}	TILSP S1
SALTO DE QUALIDADE infraestrutural que o Ceará	AQUI ESTADO FAZER ELEVAR MELHORAR	TILSP S2
o resultado foi o SALTO DE QUALIDADE que a cidade	LÁ MELHORAR CONSEGUIR	TILSP S4
VOZ DA EXPERIÊNCIA	Φ <omissão>	Imagem do ELAN
Citações		
EM VERDADE EM VERDADE VOS DIGO	AGORA VERDADE AVISO	Imagem do ELAN
MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTES?	ORAR DEUS PORQUE ME-ABANDONAR<..?..>	TILSP S2
Desfraseologismo		
DESADMINISTRAÇÃO DE LINDA LINS ⁴⁹ DA FORTALEZA HORROROSA ⁵⁰	ADMINISTRAÇÃO PREFEIT@ <exp.f.ironia> FORTALEZA HORRÍVEL	TILSP S1
Ceará foi mais uma vez contemplado com o PROGRAMA CEARÁ ZERO ⁵¹	φ<ironia> BOM F-O-M-E Z-E-R-O	TILSP S1
Binômio		
DANÇOU E BAILOU	Φ <omissão>	TILSP S1
TRANSITAMOS E ANDAMOS	PESSOA CL: G IR-VIR <pausa> PESSOA CL: V _{kd} ANDAR _{ke}	TILSP S3

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁸ Para resguardar a identidade do sujeito pesquisado, registramos na tabela, no local de identificação do sujeito de pesquisa, o termo “imagem do ELAN” para os TILSP que aparecem nas ilustrações do trabalho. Pois, é possível identificar o tradutor-intérprete pelas figuras do ELAN.

⁴⁹ “Linda Lins” faz referência à prefeita da cidade de Fortaleza, Luizianne Lins.

⁵⁰ Expressão que faz referência, mas invertendo o sentido, à prefeita e a seu *slogan* de campanha e de administração: “Fortaleza Bela”.

⁵¹ Expressão utilizada para comparar o programa “Fome Zero” do governo federal à refinaria de petróleo no Estado do Ceará que não foi instalada.

Nós podemos observar acima uma pequena amostra do que encontramos em nosso *corpus*. Constatamos que temos um maior número de expressões que se enquadram, de acordo com a classificação de Tagnin (2005), no grupo das colocações.

A partir dos dados encontrados, buscamos fazer uma análise para identificar a(s) estratégia(s) que os TILSP utilizaram para interpretar a informação dada. Nesse processo, encontramos e classificamos seis estratégias principais, assim denominadas: simplificação, explicitação, tradução literal, paráfrase, equivalência, apagamento ou omissão. Fundamentamos e encontramos essas estratégias de tradução/interpretação em Barbosa (2004), Xatara, Riva e Rios (2001), Novais (2002) e Hortêncio (2005).

Baseados nesses pesquisadores, entendemos e adotamos, para as estratégias encontradas em nossa investigação, as seguintes premissas conceituais:

- 1) consideramos que o tradutor-intérprete utilizou-se da estratégia da *simplificação* sempre que ao interpretar “transformou” um discurso rebuscado ou um jargão próprio da política em um discurso mais simples, ou até mesmo quando reduziu informações da sentença proferida, com o intuito de ajudar o interlocutor surdo a ter uma melhor compreensão;
- 2) dizemos que a estratégia da *explicitação* ocorre quando o TILSP toma a atitude de adicionar palavras ou enunciados completos ao enunciado proferido;
- 3) a *tradução literal*, apesar de ser descrita por Barbosa (2004) como estratégia da tradução escrita, a descrevemos como estratégia que pode também aparecer na interpretação oral, denominamos de *tradução literal* a tradução que mantém uma fidelidade semântica à língua-fonte, mas ajusta-se à forma (estrutura) na língua de chegada;
- 4) para a estratégia da *paráfrase*, concebida em duas categorias: a *paráfrase descritiva* e a *paráfrase explicativa*, consideramos tudo aquilo que o TILSP parafraseou do enunciado dito pelo político. Por *paráfrase descritiva* entendemos o uso dos recursos espaciais e visuais disponíveis na língua de sinais, tais como: os classificadores (CL)⁵², o espaço e as expressões faciais⁵³ que são utilizados pelos TILSP para descrever na língua de sinais algo produzido em português, e por *paráfrase explicativa* entendemos que é o enunciado interpretado pelo TILSP através de uma explicação a partir de seu entendimento da sentença;

⁵² Este fenômeno linguístico (os classificadores) é uma representação visual de objetos e ações de forma “icônica”, embora apresente características convencionadas de forma arbitrária.

⁵³ Precisamos deixar claro que nem sempre o uso do espaço e de expressões faciais serão estratégias de interpretação, uma vez que estes dois elementos linguísticos estão intrinsecamente ligados às línguas de sinais.

- 5) por estratégia da *equivalência* entendemos a substituição de um enunciado de uma língua-fonte por outro enunciado em uma língua-alvo, não funcionando como uma tradução literal (como na perspectiva que vimos acima), mas sendo “funcionalmente” equivalente;
- 6) para estratégia do *apagamento* consideramos os apagamentos dos enunciados que foram realizados pelos deputados, mas não interpretados pelos TILSP.

Encontramos outra estratégia de interpretação das UFs, mas não a classificamos dentro do grupo das estratégias principais, pois o seu uso sempre apareceu de maneira secundária, ou seja, sempre associada ao uso de outra estratégia. Classificamos essa estratégia como *uso de datilologia*: é a estratégia em que os TILSP fizeram uso do alfabeto manual, ou alfabeto datilológico para soletrar algum nome que não tenha sinal, ou para “traduzir” algum termo cujo sinal era desconhecido.

Tivemos em nosso *corpus* – não como estratégia de interpretação das UFs, mas como apoio às estratégias principais utilizadas nas interpretações dessas expressões –, a utilização da estratégia *uso de pergunta retórica*, apresentada na classificação de Hortêncio (2005). Por essa estratégia consideramos as vezes em que o tradutor-intérprete “faz uma pergunta” ao seu interlocutor para, geralmente, em seguida interpretar o que foi dito, essa estratégia veio em acompanhamento a outras estratégias de interpretação – que foram efetivamente as estratégias de interpretação das UFs –; a estratégia do *uso de pergunta retórica* funcionou, em algumas situações, como uma “introdução” à interpretação da unidade fraseológica.

Entendemos que a estratégia *uso de datilologia* e a estratégia *uso de pergunta retórica* funcionaram nas situações de interpretações, das unidades fraseológicas, como estratégias de apoio ou *satélites*, ou seja, são estratégias que estão sempre “em torno”, à disposição de uma interpretação, para que o tradutor-intérprete possa utilizá-las quando necessário. Essas estratégias *satélites*, principalmente o *uso de pergunta retórica*, parecem funcionar como uma estratégia a mais que dá ao tradutor-intérprete um “tempo extra” na interpretação, para que ele possa pensar a melhor forma de interpretar uma informação que ainda será dada, mas que não tem “equivalentes” diretos na língua alvo ou que não está posta de maneira transparente na língua fonte e precisaria de elementos adicionais para recuperar a informação dada. Então, diante do uso dessas estratégias que a princípio “não traduzem nada”, nós temos, na verdade, estratégias que ajudarão o TILSP a recuperar, geralmente através da explicação, uma informação dada pelo interlocutor do discurso.

Antes de entrarmos na análise das estratégias, gostaríamos de pontuar que compreendemos e classificamos a estratégia *uso de recurso visual*, apresentada por Hortêncio (2005), de maneira diferenciada. A pesquisadora classificou essa estratégia pensando no uso do alfabeto manual e nos recursos visuais físicos (tais como, o uso de vídeo, de imagens) utilizados pelos tradutores-intérpretes de Libras para auxiliá-los na interpretação. Em nosso entendimento, a nomenclatura dada a essa estratégia é muito geral, muitos elementos nas línguas de sinais podem ser denominadas de recurso visual, não existindo nessa classificação uma clareza de definição. Além de não concordarmos com a autora quanto à nomenclatura dada à estratégia, não concordamos também com a sua descrição, pois para nós o uso de recursos visuais físicos, tais como imagens, projetores, vídeo, entre outros, classificados por Hortêncio (2005), pode até ser concebido como estratégia de busca de subsídios externos, tal como as classificadas por Alves, Magalhães e Pagano (2006), mas entendemos essa “estratégia” muito mais como recursos metodológicos que podem auxiliar uma interpretação, do que como uma estratégia de interpretação/tradução propriamente dita.

Preferimos reclassificar essa “estratégia”, apontada por Hortêncio (2005), e a recategorizarmos em duas outras estratégias: a primeira nós chamamos de *uso de datilologia* – entendemos que o uso desse recurso da datilologia, ou seja, do alfabeto manual, além de ser um empréstimo linguístico da língua portuguesa para a língua de sinais, pode ser considerado uma estratégia de tradução/interpretação que a própria língua de sinais oferece; a segunda nós denominamos de *paráfrase descritiva* – nessa estratégia o TILSP pode explorar o espaço de sinalização, assim como o uso de recursos manuais e/ou de classificadores (os classificadores são recursos visuais importantíssimos nas línguas de sinais), como estratégias interpretativas que melhor o apoiarão em uma interpretação. Dessa forma, diante de nosso entendimento, reclassificamos a estratégia *uso de recurso visual*, nomeada por Hortêncio (2005), nas estratégias *uso de datilologia* e *paráfrase descritiva*.

Passaremos, agora, à descrição das principais estratégias de interpretação que os tradutores-intérpretes utilizaram nos momentos das interpretações das UFs do português para a língua de sinais. Mas, primeiramente, traremos a “voz” do tradutor-intérprete, através das entrevistas realizadas, para tentar explicar as suas escolhas de interpretação. Não podemos esquecer que o processo de tradução/interpretação é também um processo de recriação, no qual o tradutor/intérprete constrói um novo texto a partir de sua interpretação. Para essa análise, partimos do princípio de que a ação interpretativa do TILSP é também um ato discursivo, que é dotado de intencionalidade e que é um movimento de construção de sentidos.

Nos exemplos de nossa análise sempre que apresentarmos as sentenças transcritas proferidas pelo deputado, haverá logo abaixo a “transcrição” para a Libras – feita por meio de glosas – da sentença proferida na interpretação do tradutor-intérprete. Identificamos os tradutores-intérpretes pelas siglas S1, S2, S3, S4, S5 e S6, nas quais “S” significa sujeito de pesquisa. De forma que, a denominação completa da sigla ficou sendo “TILSP S1” para o sujeito 1, e assim, sucessivamente para os demais sujeitos.

6.3 Entrevistas: o TILSP por ele mesmo

Neste subtópico fazemos algumas reflexões acerca de questões que envolvem a atividade de interpretação. Para fazer essas reflexões, buscamos nas entrevistas realizadas com os tradutores-intérpretes de Libras – à luz de uma perspectiva da análise do discurso – problematizar acerca de algumas das tomadas de decisões desses profissionais no ato interpretativo. Entendemos que podemos fazer reflexões mais amplas sobre o processo interpretativo a partir das experiências vivenciadas por esses profissionais que ora investigamos, não buscando uma mera constatação de uma dada realidade, mas buscando construir um “diálogo” com o conhecimento teórico e o empírico vivenciado pelos sujeitos da pesquisa.

Entendemos que toda atividade de pesquisa é uma interferência do pesquisador em uma dada realidade e que ao analisarmos os “discursos” dos TILSP através das entrevistas podemos construir uma perspectiva dessa realidade. Trazer a “voz” do sujeito para a pesquisa nos permite compreender a constituição desse mesmo sujeito, enquanto categoria profissional que se forma, uma vez que esses sujeitos discursivos se constituem nos “dizeres” de outros sujeitos. Todo sujeito discursivo está inserido no bojo de interdiscursos, ou seja, seu discurso só ganhará sentido quando inserido no interior de outros discursos.

Ao olharmos os dados contidos nas entrevistas dos TILSP sob um enfoque, mesmo que em nível elementar, da Análise do Discurso, temos a consciência de que o pesquisador não será apenas um constataador de uma dada realidade – aquele que toma distância para uma análise imparcial –, mas, ao contrário, o seu lugar de pesquisador é ressignificado, e ele “intervém” na construção do conhecimento acerca de uma realidade.

Ao linguista não cabe apenas investigar o que está por trás dos textos (na hipótese de que existiria algo por trás dos textos!), mobilizando instrumentais que validem sua técnica. Segundo a Análise do Discurso, cabe ao linguista, no entendimento da linguagem como forma de intervenção, a construção de saberes sobre o real, algo

que exige o diálogo com outras perspectivas e configura uma iniciativa interdisciplinar. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 319-320).

Para melhor sistematizar a nossa reflexão a partir dos discursos dos tradutores-intérpretes, organizamos em três categorias⁵⁴ – a partir das questões motivadoras da entrevista e das respostas dos sujeitos pesquisados – as reflexões acerca dos assuntos relevantes trazidos à discussão pelos TILSP⁵⁵.

a) Formação e o profissional intérprete

Para essa categoria trazemos os discursos dos sujeitos pesquisados relacionados às duas perguntas iniciais de nossa entrevista, as quais levaram em consideração a formação do profissional e o que eles acreditam ser o papel de um profissional dessa área.

Todos os sujeitos mencionaram a questão do profissional tradutor-intérprete ser alguém que domina duas línguas e ser capaz de fazer a tradução entre essas línguas. Três dos sujeitos entrevistados consideram que o tradutor-intérprete de Libras é, sobretudo, um mediador entre línguas, um mediador entre culturas. Consideramos que para acolhermos o conceito de tradutor/intérprete enquanto mediador cultural, devemos admitir que esse profissional deva ser alguém que esteja completamente imerso em duas culturas, no nosso caso, a cultura de uma maioria ouvinte falante da língua portuguesa e a cultura dos surdos falantes de uma língua de sinais.

O processo tradutório por si só não é um processo tranquilo. Ele demanda busca, inquietudes, confronto, “adaptações”, enfim, demanda ao tradutor/intérprete sair da sua posição de conforto e buscar em uma língua B a melhor maneira de dizer aquilo que alguém pronunciou em uma língua A. Ao falarmos de uma perspectiva de tradução cultural⁵⁶, talvez essa posição de desconforto seja mais evidenciada – mais do que em outras perspectivas – pois, nessa perspectiva traduzir é abordar o outro. Ao realizarmos uma tradução cultural, não somente abordamos o outro, mas também o modificamos. Nessa perspectiva, “a cultura passa a ser vista como um lugar ou um espaço instável de passagem entre as línguas, de travessia de identidades, de desestabilização das referências culturais, um espaço intersticial de

⁵⁴ Cada categoria organizada, a partir da entrevista com os TILSP, traz como ponto de partida para a discussão duas questões da entrevista semiestruturada, que foram motivadoras para a discussão levantada em cada categoria.

⁵⁵ As entrevistas na sua íntegra encontram-se no Anexo B.

⁵⁶ Tradução no sentido amplo do termo.

negociação, não uma totalidade fechada.” (BORGES; NERCOLINI, 2002, s/pág.). Ainda para Borges e Nercolini (2002, s/pág.), a tradução cultural levanta uma problemática fundamental:

[...] como entender/compreender uma cultura que não seja a minha? Como conviver com esse Outro, tendo presente o que nos aproxima e o que nos afasta, os conflitos e o diálogo. Não é uma interpretação para minha cultura do que seja o Outro, muito menos sua versão aceitável/palatável. A tradução cultural implica um contato cultural profundo entre duas ou mais culturas. Aproximar-se e deixar-se tocar pelo desconhecido, mesmo correndo-se o risco do enfrentamento, do conflito, parece ser uma maneira mais profícua e certamente mais trabalhosa de tradução cultural. Possibilidade-impossibilidade: a tradução trabalha nesse limiar: entre a impossibilidade da tradução total e completa e as muitas possibilidades de diálogos, aproximações, tentativas melhores sucedidas, embates.

Atualmente, a comunidade surda brasileira luta pelo direito de ser reconhecida enquanto comunidade bilíngue e bicultural. O TILSP, enquanto profissional de Libras que trabalha junto à comunidade surda, deve também ser concebido sob uma ótica de constituição de profissional bilíngue e bicultural. Ter consciência da necessidade de busca de conhecimentos em prol dessa constituição é o primeiro passo para uma formação profissional que leve em conta a tradução/interpretação também sob uma perspectiva cultural. Felizmente, essa é uma discussão que já alcança uma parte significativa dos profissionais que atuam nessa área, possibilitando a desmistificação de que basta saber língua de sinais para ser considerado um profissional tradutor-intérprete.

O TILSP S3 parece ter uma consciência muito clara da “função” do tradutor-intérprete enquanto profissional que leva em consideração não apenas a tradução entre as línguas, mas também considera as culturas imbricadas nelas, vejamos:

Eu acho que isso é um primeiro momento, você ter fluência, você conhecer as duas comunidades que envolvem esse seu trabalho de interpretação, tanto a comunidade ouvinte quanto a comunidade surda... Claro, o intérprete, ele é, nesse caso, da comunidade ouvinte... Então, ele conhece a questão da cultura. Mas, assim, ele precisa cada vez mais se envolver com o trabalho da comunidade surda. E é exatamente o trabalho, o enfoque, seja para interpretação da língua portuguesa para língua de sinais ou vice-versa. Então, eu considero que o intérprete, é ele que faz essa mediação, a mediação entre essa comunidade surda, esse sujeito surdo com o sujeito ouvinte. [...] O intérprete, ele vem exatamente no sentido de aproximar essas duas culturas, essas duas línguas, no sentido de haver uma compreensão, um entendimento, por parte das duas comunidades, ou dos dois sujeitos, na questão do discurso, das informações que estão colocadas naquele momento.⁵⁷ (TILSP S3).

Ainda problematizando essa discussão de tradução/interpretação enquanto tradução cultural; tivemos um TILSP que na contramão dessa discussão levantou a questão da

⁵⁷ Como no Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UFC (2012) não há norma para falas de entrevistados, resolvemos formatá-los como as citações, diferenciando-as com fonte em itálico quando aparecerem com mais de 3 linhas. Dentro do texto, essas falas foram colocadas apenas entre aspas.

fidelidade na tradução, pois para ele: “ser intérprete é você assumir a responsabilidade de interpretar de maneira *o mais fiel possível* (grifo nosso), do português para a língua de sinais, da língua de sinais para o português.” (TILSP S1). Essa questão da fidelidade é uma questão polêmica nos estudos da tradução e que levanta muita discussão, afinal, o que é que pode ser considerado fidelidade em um processo de tradução? Ser fiel a quem? Essa é uma discussão que não levantaremos aqui.

Todos os sujeitos de pesquisa acreditam que a formação continuada, o comprometimento político do tradutor-intérprete com a comunidade surda são fundamentais para dar suporte à sua atuação profissional. Os seis sujeitos investigados tiveram o contato com a comunidade surda como “formação” basilar para o aprendizado da língua de sinais, antes mesmo de participarem de cursos de formação; alguns deles sequer passaram por cursos formadores. Mas, independente do tipo de formação, todos os pesquisados apontaram a necessidade individual e coletiva da existência de mais cursos de formação continuada.

b) Expectativas de interpretação e ato discursivo

Nessa segunda categoria, norteamos nossa reflexão a partir de duas questões motivadoras: em linhas gerais perguntamos aos TILSP quais as expectativas deles em relação ao trabalho de interpretação na TV Assembleia e se eles concebiam o ato interpretativo como uma ação discursiva. A princípio, essas duas “questões” podem parecer não ter relação, mas as respostas dos sujeitos pesquisados a essas indagações vão nos ajudar a entender como os tradutores-intérpretes percebem o ato interpretativo e de que maneira eles encaram essa atividade.

Como dissemos anteriormente, o trabalho de interpretação realizado na TV Assembleia tem uma peculiaridade em relação aos trabalhos corriqueiros a que os TILSP estão acostumados a realizar. Geralmente, em situações de interpretação, os TILSP realizam o trabalho para um público surdo presente. Dessa forma, há a possibilidade do retorno (imediato) da interpretação que está sendo feita, isto é, de alguma maneira, os surdos que assistem a interpretação dão um retorno ao TILSP, seja por um manear de cabeça, ou por expressões faciais de compreensão ou de não compreensão do que está sendo interpretado. Percebemos que a mudança na “estrutura” da interpretação a que os TILSP estão acostumados acaba influenciando na segurança do TILSP em relação ao trabalho que deve ser desenvolvido. Percebemos essa insegurança nos discursos de alguns tradutores-intérpretes, e isso ficou muito explícito na fala do TILSP S5 quando disse: “geralmente, eu tenho *feedback*

dos que estão me vendo. E a minha expectativa, sempre que eu me colocava diante da câmera, eu tinha a expectativa de poder fazer o melhor que eu podia.” (TILSP S5). Percebemos [e foi dito] toda a tensão gerada nos TILSP tanto pela ausência de seus interlocutores no momento da interpretação, quanto pela presença – talvez indesejada, mas necessária – da câmera.

Uma questão que nos chamou atenção no discurso dos TILSP foi a preocupação que quase todos eles, consciente ou inconscientemente, tiveram em – de alguma maneira – polemizar a questão da neutralidade, alguns para defender, outros para negar. Sabemos que esse é um ponto polêmico. O que está de fato por trás do conceito de neutralidade? No nosso entendimento o conceito de neutralidade invariavelmente está relacionado ao conceito de invisibilidade. Pressupõe-se que para o tradutor/intérprete ser neutro ele deve, não somente manter um afastamento do texto (discurso), mas deve tornar-se “invisível” para os interlocutores de um ato comunicativo.

Entende-se que a excelência em tradução/interpretação estaria associada à questão da invisibilidade do tradutor/intérprete. Ao tornar-se “invisível”, o profissional da tradução manteria distância suficiente para não interferir no texto/discurso traduzido/interpretado. Dessa forma, o tradutor/intérprete deve “anular-se” diante da realização de uma tradução.

Mas, sabemos que sob o foco de uma perspectiva dialógica do discurso e considerando a perspectiva da tradução cultural, esses conceitos de neutralidade e de invisibilidade se tornam inócuos.

Entendemos que o profissional tradutor-intérprete ao realizar uma tradução faz escolhas, ele não é um mero repassador de conteúdos ou de textos, mas, ao contrário, ele é também um sujeito atuante, produtor e responsável pelo discurso/texto produzido. Nessa visão de tradução, o processo tradutório passa a ser um processo discursivo, no qual traduzir é produzir discursos, é produzir sentidos. Produzir sentidos não isoladamente, mas na relação com o discurso original e com outros discursos presentes no interdiscurso. Isso significa dizer que não existe mais a ideia de “transmissão”, “transferência” de significados, mas a concepção de tradução como processo discursivo, no qual o discurso é entendido como “um efeito de sentidos entre os interlocutores” (MITTMANN, 2003, p. 44).

Para Arrojo (2007), a tradução é entendida como um ato de interpretação⁵⁸ determinado por fatores externos, tais como: a visão de mundo do tradutor/intérprete, a ideologia, os padrões estéticos de uma cultura, entre outros. Esses fatores agem sobre o

⁵⁸ Nesse contexto, a expressão “ato de interpretação” não está relacionada ao ato de interpretar (modalidade de tradução oral); mas, é entendida como “dar sentido, compreender algo”.

tradutor e têm uma relação singular com cada língua. Para a autora, a tradução é uma atividade ideologicamente marcada.

Se a tradução for plenamente reconhecida como uma atividade ideologicamente marcada, que depende diretamente das atitudes, crenças e de um sistema de valores constituintes do universo cultural do tradutor, esse reconhecimento teria de se refletir nas abordagens pedagógicas que defendem o cultivo dessas noções. Poderíamos esperar, por exemplo, que a formação acadêmica dos tradutores [...] viria salientar uma ética da tradução que pudesse considerar a visibilidade inevitável dos tradutores no que produzem. Se a tradução é uma tarefa interpretativa que não pode, em sentido algum, ser neutra ou elevar-se acima dos condicionamentos ideológicos e históricos, parece lógico que seu ensino deva focalizar as responsabilidades envolvidas no exercício da tradução como atividade produtiva de significados. (ARROJO, 2007, p. 44).

Assim como dito por Arrojo (2007), defendemos que a atividade de tradução deva ser ideologicamente marcada, o tradutor/intérprete deve ser protagonista ativo em um processo tradutório – não concebemos a atuação desse profissional de maneira diferente – defendemos pois, a visibilidade do tradutor/intérprete, visibilidade esta que deixará marcas de sua autoria na tradução/interpretação. A tradução/interpretação não pode ser concebida como uma atividade que demanda neutralidade, uma vez que os profissionais tradutores/intérpretes são sujeitos inseridos meio a crenças, valores, culturas, e falando em uma perspectiva linguística, sabemos que “todo uso da língua reflete um conjunto de pressuposições de seus usuários que se relacionam intimamente às atitudes, crenças e aos sistemas de valores.” (HATIM; MASON, 1997 apud ARROJO, 2007, p.43).

Dessa forma, concordamos com Arrojo (2007) quando expõe a necessidade dos cursos de formação acadêmica e/ou profissional em tradução/interpretação ter presente em seu currículo uma disciplina de ética que aborde a questão da visibilidade exigida pela profissão, uma vez que esses profissionais terão que saber lidar com a questão de estar em evidência, mas, ao mesmo tempo, ter consciência de que essa visibilidade não o torna autor da obra – no caso da tradução – e não o torna palestrante ou “centro das atrações” – no caso de uma interpretação. Essa é uma questão delicada, pois envolve a autoestima e o ego dos profissionais envolvidos. Os profissionais precisam ter um bom equilíbrio emocional para saber pôr limites em sua atuação e conhecer qual é o seu papel nesse processo tradutório. Mesmo concebendo a tradução/interpretação enquanto ação discursiva, sabendo que a “interferência” do tradutor/intérprete nesse processo é inevitável, e defendendo a sua visibilidade no processo tradutório, temos a plena consciência de que conhecer os limites também é necessário.

No caso dos TILS – profissionais que trabalham com traduções e interpretações de línguas de sinais –, essa questão da visibilidade se impõe mais veementemente, pois a própria posição (localização) desses profissionais em uma situação de interpretação já os coloca em evidência, e ao contrário dos intérpretes de línguas orais que ficam em suas cabines, os intérpretes de línguas de sinais ficam, geralmente, situados em um local visível a todos da plateia. Essa “dupla” visibilidade, a física e a tradutória, pode propiciar aos TILS uma falsa sensação de “poder”, de “fama”; o que na verdade pode ser uma armadilha para que esse profissional “se perca” em sua formação profissional.

Outro fator apontado por nós e também trazido pelos TILSP, e que corrobora o que discutimos até agora, é a autonomia do tradutor/intérprete em um processo tradutório. Austin (1990) em sua obra “Quando dizer é fazer”, afirma que ao falarmos exercemos uma ação sobre o outro. Nessa perspectiva é que entendemos a tradução como um fazer discursivo e, nesse sentido, podemos considerar que o tradutor/intérprete também é um agente do discurso no momento de uma tradução/interpretação.

Apesar de termos ainda discursos como o do TILSP S1 “o intérprete tem que traduzir de maneira mais neutra possível” (TILSP S1), que demonstra a adoção de uma concepção tradicional de tradução, chegamos à conclusão que todos os TILSP que participaram dessa pesquisa concebem, em algum nível, a tradução/interpretação enquanto ação discursiva, embora não tenham consciência plena de como se dá essa ação. Dois dos entrevistados foram levados, a partir de nosso questionamento, a refletir sobre o que seria essa interpretação considerada como ato discursivo.

Diante de nosso questionamento, o TILSP S4 comenta: “nunca havia pensado nessa forma de ver, o ato de interpretar como um ato discursivo. Até então, não [...] não vejo dessa forma.” (TILSP S4). Mas imediatamente ele reconsidera a possibilidade e reformula: “se avaliar bem a função do intérprete [...] ele faz colocações à parte do que foi dito, isso, de certa forma, é um ato discursivo.” (TILSP S4). Da mesma maneira, o TILSP S5 também se depara com um conflito, primeiramente, ele tenta reelaborar a pergunta – hipotetizamos que como forma de compreender –, e em seguida ele faz reflexões acerca de seu ato interpretativo e chega à conclusão de que seria um ato discursivo compartilhado, vejamos:

Eu tive até dificuldade pra compreender essa pergunta. Porque, assim, eu compreendo que... O ato discursivo é meu, né? Quando eu tô interpretando, não é o meu discurso. Eu tô pegando o discurso de alguém e estou fazendo a tradução. Mas, também, você me leva a refletir com essa pergunta, porque... Quando eu digo que eu enxerto informações... Que eu subtraio e tudo... Então, isso mostra que eu tenho um certo poder sobre este discurso que tá chegando até mim. E que ele chega diferente no surdo, no telespectador surdo. Então, eu, agora fico [...] isso tá

*mexendo comigo porque eu tô começando a pensar: esse discurso que eu estou pegando pra traduzir é do outro ou é meu? Se é do outro, tem uma grande participação minha, quando ele chega na terceira pessoa, que é o receptor do discurso. Ele talvez chegue com a **minha marca**. Então, talvez, seja um ato discursivo compartilhado. (TILSP S5 – grifo nosso).*

Percebemos um nível de entendimento ainda elementar a respeito da compreensão do ato tradutório como uma ação discursiva, nós sabemos que essa é uma discussão ainda inicial entre os TILSP. Os TILSP começaram a profissionalizar-se há pouco tempo e as discussões iniciais sempre foram em torno da neutralidade, da fidelidade que o TILSP deveria manter em uma situação de tradução/interpretação, ou seja, sempre foi uma discussão pautada em um conceito tradicional de tradução, no qual traduzir é apenas transmitir significados.

Após o surgimento do Curso de Letras Libras⁵⁹ foi que se iniciou uma discussão mais a fundo sobre tradução, sobre traduzir culturas, traduzir sentidos, ou seja, passou-se a conhecer outros conceitos de tradução. É mais do que natural que esses profissionais ainda estejam se apropriando desses conceitos para concebê-los em sua prática profissional. Mesmo os TILSP que imediatamente responderam que *o ato interpretativo é uma ação discursiva*, mostraram em suas reflexões que ainda não conseguem exprimir em palavras esse entendimento, ou seja, há a compreensão de que traduzir, sob esse novo enfoque, vai muito além de transferir significados, mas trata-se de um processo que implica o profissional a adotar uma postura de tradução; o que ainda está em processo de amadurecimento é compreender de que forma essa postura de tradução do profissional implicará no processo tradutório.

c) Estratégias

Ao pensarmos em estratégias de tradução, imediatamente nos remetemos a um fazer tradutório. Vimos anteriormente alguns dos estudos existentes relacionados às estratégias de tradução e de interpretação e procuramos agora, nessa terceira categoria, trazer uma reflexão acerca desse fazer tradutório. Nesse sentido, para iniciarmos nossa reflexão, buscamos ouvir os nossos sujeitos de pesquisa acerca de duas questões motivadoras de nossa entrevista: o que você costuma fazer diante de interpretações que envolvam expressões que não possuem um sentido literal? Você conhece alguma estratégia de tradução?

⁵⁹ A maioria dos sujeitos pesquisados tem alguma relação com o curso de Letras Libras, seja como aluno, seja como tutor de disciplinas do curso. Os conhecimentos adquiridos nesse curso passaram a ser discutidos nos cursos de formação de novos TILSP e nos espaços de discussão dos profissionais, como por exemplo, na associação de tradutores-intérpretes.

Inicialmente, tentamos compreender como os TILSP improvisavam diante de situações interpretativas nas quais os discursos dos políticos não possuíssem uma clareza de sentidos, de significados. Em resposta a essa nossa inquietação, obtivemos nos discursos dos TILSP informações suficientes para chegar a uma proposição de quais seriam as estratégias que os sujeitos pesquisados disseram utilizar em um processo tradutório que contivesse expressões não literais.

Alguns TILSP levantaram, como uma problemática, a questão do tempo destinado ao processo de uma interpretação simultânea e pareceu-nos que este seria um fator decisivo no momento da escolha da estratégia interpretativa pelo tradutor-intérprete. Já mencionamos a questão da simultaneidade e da instantaneidade no ato interpretativo e entendemos que esses fatores possam ser decisivos em uma escolha tradutória.

Fizemos uma relação das estratégias citadas, explícita ou implicitamente, pelos TILSP. Organizamos o quadro abaixo seguindo a quantidade de vezes em que apareceram, nos discursos dos TILSP, os nomes das estratégias de interpretação que seriam mais utilizadas no processo de interpretação das sessões plenárias da Assembleia Legislativa do Ceará:

Quadro 6 – Estratégias mais citadas pelos TILSP

1. Explicar	2. Equivalência	3. Exemplificar
4. Acrescentar	5. Omitir	6. Uso classificador, espaço, expressões faciais
7. Ouvir, entender, traduzir	8. Simplificar	9. Sentido literal
10. Datilologia	11. Datilologia+ paráfrase	12. Desmetaforizar (paráfrase)

Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar no quadro acima que a estratégia que mais apareceu nos discursos dos profissionais tradutores-intérpretes foi aquela que os TILSP chamaram de “explicação”. Em nosso trabalho essa estratégia recebeu a denominação de paráfrase explicativa.

Apesar da estratégia da omissão ter aparecido consideravelmente, na fala de três dos sujeitos pesquisados, nós observamos que essa estratégia apareceu no Quadro 6 somente na posição 5, antes dela tivemos a ocorrência maior, na fala dos entrevistados, de outras quatro estratégias.

A estratégia denominada pelos profissionais TILSP com o nome “exemplificar”, em nossa pesquisa foi classificada e denominada de estratégia da paráfrase (explicativa e/ou descritiva), pois defendemos que ao passo que exemplificamos algo, nós o fazemos através de explicações e/ou de descrições. Em nosso *corpus* as “explicações” realizadas pelos TILSP apareceram em forma de paráfrases, por isso denominamos a paráfrase sob duas perspectivas: a da explicação e a da descrição.

Apesar das estratégias da equivalência e do acréscimo – esta última denominada por nós de explicitação – terem aparecido entre as estratégias a que os TILSP mais recorrem em situações interpretativas, perceberemos – e veremos mais adiante em nossa análise – que essas estratégias pouco ocorreram nas situações interpretativas desta pesquisa, que envolve interpretações de unidades fraseológicas do português para a língua de sinais.

O item 7 do Quadro 6 foi designado por um dos TILSP pesquisados como estratégia de interpretação; para nós, na verdade, classificaríamos essa “estratégia” como um processo que faz parte, que é inerente ao ato tradutório e não exatamente como uma estratégia de tradução, isso sob a perspectiva de estratégia que estamos adotando para o nosso trabalho, ou seja, estratégia (consciente ou inconsciente) sob a ótica da “adoção” de um “procedimento técnico” para o momento da tradução/interpretação. Por outro lado, sabemos que o conceito de estratégia é também concebido enquanto ação cognitiva – que se realiza a partir do nosso conhecimento de mundo – que é utilizada em um processo tradutório, assim como apontado por Alves, Magalhães e Pagano (2006). Dessa forma, esse conhecimento de mundo do profissional, o “pré-texto”, é o ponto inicial para o processamento de informações. Para o uso dessa “estratégia” citada no item 7 o profissional faria uso de subsídios internos, tais como: a memória de curto prazo, a memória de longo prazo e as associações por meio de mecanismos inferenciais. No entanto, nós concebemos esse processamento como inerente ao processo tradutório, não o adotando como uma estratégia “técnica” de tradução.

Quanto ao uso da datilologia enquanto estratégia tradutória nós tivemos a afirmação apenas de um sujeito pesquisado que admitiu utilizar esse recurso da língua – esse empréstimo linguístico da língua portuguesa para a língua de sinais – como estratégia interpretativa. Para o TILSP S1 em uma situação de interpretação simultânea, levando em consideração a variante tempo, o profissional tradutor-intérprete pode utilizar a datilologia em um momento de “sufoco”, para ele “se houvesse o sinal... usaria o sinal equivalente [...] caso não, a datilologia [...]” (TILSP S1). Em argumentação contrária, o TILSP S6 afirma que se “eu utilizar da datilologia, eu tenho que fazer uma paráfrase” (TILSP S6), ou seja, este sujeito não concebe o uso da datilologia como uma estratégia suficiente para o processo tradutório. Veremos mais adiante na análise das estratégias utilizadas pelos TILSP, que o TILSP S6 de fato tenta recorrer a outras estratégias nos momentos em que utiliza a datilologia na sua interpretação. Não somente na interpretação desse sujeito, mas na interpretação de vários TILSP a estratégia da datilologia apareceu associada ao uso de outras estratégias, geralmente a da paráfrase explicativa.

Verificamos, em nosso *corpus*, que as estratégias às quais os TILSP mais recorreram no momento de interpretar as unidades fraseológicas foram as estratégias da paráfrase e da omissão. Embora o discurso de alguns TILSP tenha apontado uma preocupação em utilizar a estratégia da omissão, pois eles têm medo de prejudicar a compreensão do surdo acerca do conteúdo tratado, e em consequência disso, essa seria para eles a estratégia que deveria ser mais evitada, não foi isso o que encontramos em nosso *corpus* de pesquisa analisado. Percebemos que a estratégia da omissão foi utilizada em muitas situações interpretativas, sendo a segunda estratégia a que os TILSP mais recorreram.

Parece-nos que para esses profissionais tradutores-intérpretes, independentemente do tipo de discurso enunciado, o mais importante é conseguir interpretar o “conteúdo” do discurso com excelência, e para isso cada um seguirá a estratégia (ou as estratégias) que acredita ser mais eficiente.

A respeito dos discursos não literais alguns TILSP acreditam que um processo importante é a “desmetaforização” desse discurso. Sabemos que todo enunciado não literal nem sempre será metafórico, mas entendemos o processo de “desmetaforização”, colocado pelos TILSP, como um processo de tornar o enunciado, dito por um interlocutor, mais claro, de deixar o sentido do discurso mais “palpável” para que a compreensão entre os interlocutores seja estabelecida, seja através de uma explicação ou através de uma paráfrase do enunciado.

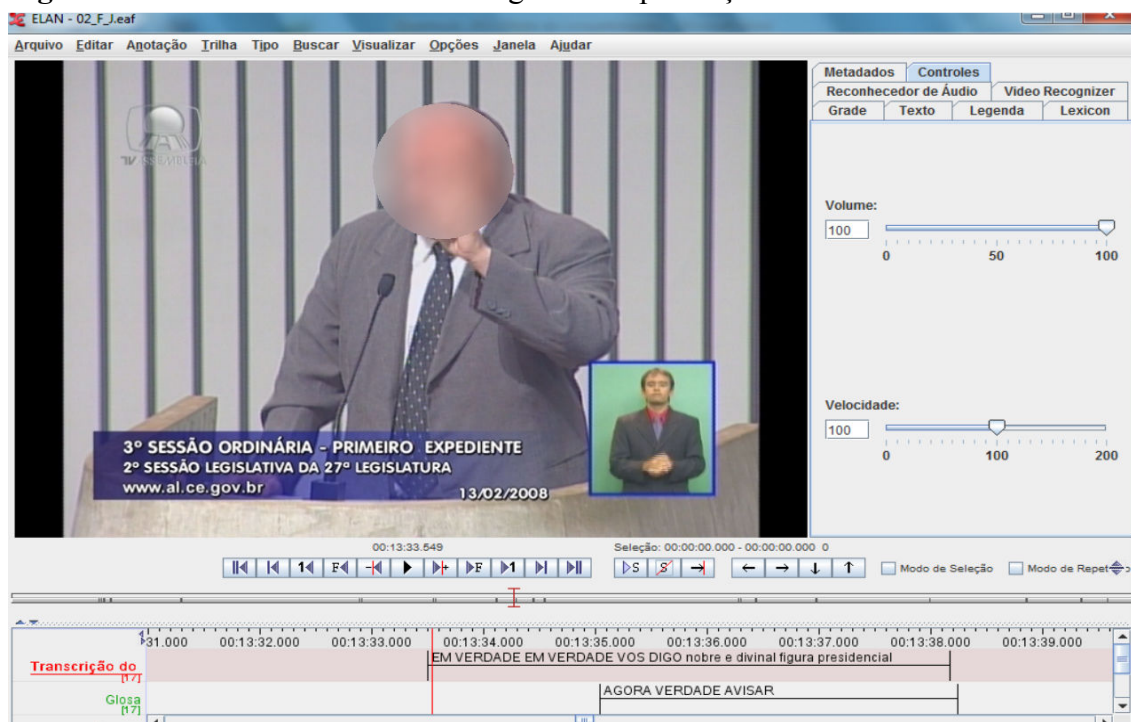
No próximo subtópico trazemos a análise das estratégias de interpretação identificadas no processo de interpretação das unidades fraseológicas no discurso de políticos da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

6.4 Estratégias de interpretação de UFs no discurso de políticos

6.4.1 Estratégia da simplificação

A estratégia da simplificação não foi recorrente; ela apareceu apenas em três situações interpretativas. Os TILSP, por sua vez, lançaram mão dessa estratégia sem associá-la a nenhuma outra. É bom deixar claro que muitas estratégias apareceram associadas a outras, e isso ficou mais evidente em alguns tipos de estratégias. Temos na figura a seguir, o programa ELAN com um exemplo da utilização da estratégia da simplificação:

Figura 13 – TILSP utilizando a estratégia de simplificação



Fonte: Captura do vídeo selecionado para pesquisa.

Nessa figura, temos a realização de uma UF que, de acordo com Tagnin (2005), é classificada no rol das citações, vejamos:

Deputado: EM VERDADE, EM VERDADE VOS DIGO nobre e divinal figura [...]

TILSP: AGORA VERDADE AVISAR⁶⁰

Vale lembrar que na estratégia de simplificação o tradutor/intérprete reduz ou simplifica uma informação dada; geralmente há uma quebra, uma perda na intertextualidade da expressão.

Na glosa de interpretação acima, percebemos que o TILSP não somente reduziu a informação como também “quebrou” o grau de rebuscamento e formalidade que é exigido dessa unidade fraseológica. Nesse caso, o TILSP adaptou a UF, que enquanto citação nos remete imediatamente à fala de Jesus Cristo, para um enunciado que parece ser claro e direto. Diante dessa tomada de decisão do TILSP, hipotetizamos duas possibilidades:

- 1) o TILSP acredita que é difícil interpretar essa citação remetendo a sua origem, e com isso usa a estratégia da simplificação sem maiores rodeios (consciente ou inconscientemente);

⁶⁰ As glosas de interpretação que vierem ilustrando os exemplos mostrados pela figura do ELAN não terão os TILSP identificados pelas siglas TILSP S1, TILSP S2, e outras. Essa medida, também, foi tomada para resguardar a identidade do sujeito de pesquisa.

- 2) o TILSP não recupera em seu conhecimento linguístico, cultural, social e religioso a origem da expressão utilizada pelo deputado – acreditamos que essa seja uma possibilidade mais remota.

Levando em consideração o pouco tempo disponível que o tradutor/intérprete tem no momento de uma interpretação simultânea, defendemos que o TILSP já teria que ter à mão outras estratégias para que fosse possível “recuperar” a UF da língua-fonte na língua-alvo, recuperando a sua característica de citação. Vejamos o que acontece com a sentença seguinte:

Deputado: UMA VOZ QUE CLAMOU NO DESERTO

TILSP S3: JÁ+ GRITAR+

Na sentença acima temos a ocorrência de mais uma citação, “UMA VOZ QUE CLAMOU NO DESERTO”, que faz também referência a citações bíblicas, mas que é mais utilizada corriqueiramente pelos falantes da língua. O TILSP que fez a interpretação dessa UF parece, assim como fez o TILSP anterior, ignorar a origem da citação e transmiti-la em uma linguagem mais clara, objetiva e cotidiana. Talvez essa seja uma expressão que já ganhou o imaginário popular e é mais difícil a sua recuperação enquanto unidade fraseológica, melhor dizendo, enquanto citação.

É importante registrar que nesses dois casos que envolveram unidades fraseológicas (mais especificamente citações) as quais remetem a situações religiosas, houve a perda da intertextualidade do discurso.

Outro ponto que levantamos é se os deputados que proferiram essas citações não tinham a intenção de chamar para si o “tom de autoridade Divina” para respaldar os seus discursos. Essa é a percepção que temos ao assistir aos vídeos, mas que na interpretação dos TILSP esse tom passa despercebido. Anteriormente, levantamos a discussão se os tradutores-intérpretes de Libras assumiriam, ao interpretar, o *ethos* do político e se levariam em consideração a relação de poder existente entre o político que enuncia o discurso e aquele que o escuta.

Parece-nos que nessas situações específicas, acima, os TILSP não levaram em conta a “relação de poder” ali estabelecida, e não assumindo o *ethos* do político, eles retextualizaram a informação sem considerar o interdiscurso posto.

Na UF abaixo, podemos perceber facilmente a redução e simplificação feita pelo TILSP, vejamos abaixo:

Deputado: GANHAR O OLHO DA RUA

TILSP S6: IR+ RUA

Apesar de parecer que a estratégia da simplificação poderia ser muito utilizada – como mencionado pelos TILSP nas entrevistas –, percebemos pelo número de ocorrências que ela foi uma estratégia pouco utilizada, mesmo mostrando ter certo grau de eficiência, uma vez que o sentido da mensagem é passado, embora se perca a noção de unidade.

A seguir, apresentamos o quadro com as unidades fraseológicas interpretadas pela estratégia da simplificação:

Quadro 7 – Resumo das UFs estratégia da simplificação

Colocação	GANHAR O OLHO DA RUA
Citação	UMA VOZ QUE CLAMOU NO DESERTO
	EM VERDADE EM VERDADE VOS DIGO

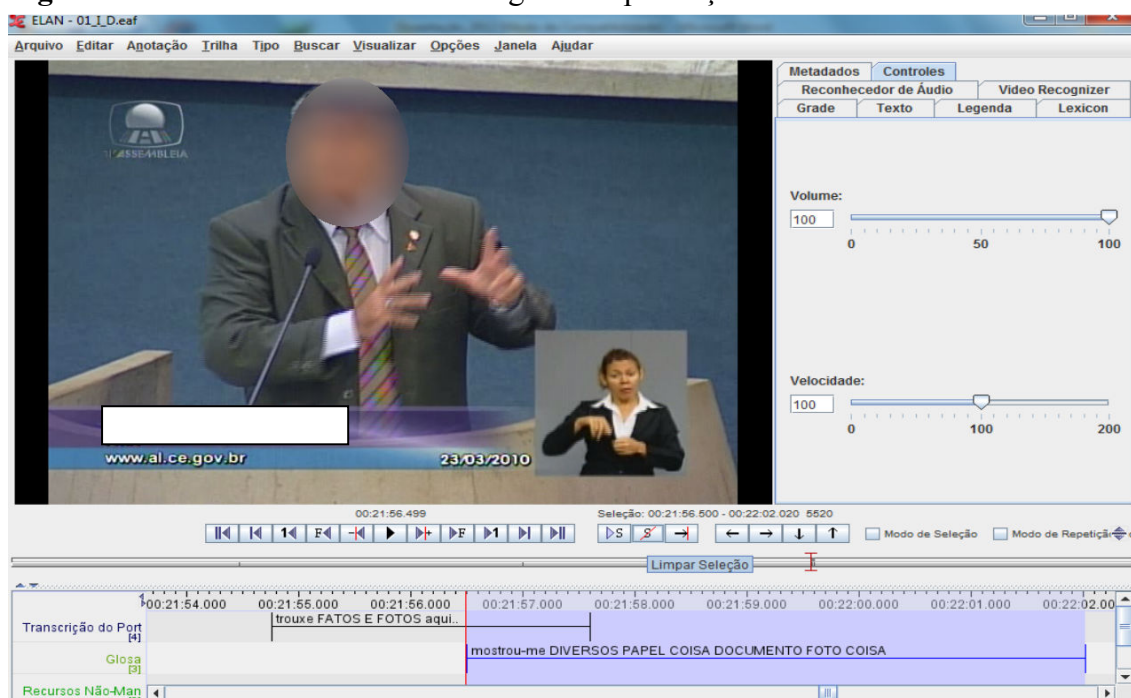
Fonte: Elaboração própria.

6.4.2 Estratégia de explicitação

Assim como a estratégia anterior, a estratégia de explicitação também não foi muito recorrente, tivemos a utilização dessa estratégia em duas situações como estratégia única e principal; e em uma situação, tivemos a estratégia de explicitação associada à estratégia do uso de datilologia e a paráfrase explicativa.

O uso da estratégia de explicitação é identificado pela “adição” de informações, feita pelo tradutor/intérprete, aos discursos proferidos pelos falantes. Vejamos o exemplo a seguir:

Figura 14 – TILSP utilizando a estratégia de explicitação



Fonte: Captura do vídeo selecionado para pesquisa.

Deputado: trouxe FATOS E FOTOS aqui

TILSP: MOSTROU-ME DIVERSOS PAPEL ETC DOCUMENTO FOTO ETC

Na glosa de interpretação acima, podemos ver que a TILSP introduziu informações adicionais à UF “FATOS E FOTOS” e ao interpretá-la expandiu o seu significado; a UF por si não trazia informações suficientes para que a TILSP estabelecesse o que seriam esses fatos; mas, por outro lado, o discurso do deputado traz elementos textuais que permitem que a TILSP faça inferências ao dizer que os “fatos”, a que se refere o deputado, seriam papéis e documentos trazidos por alguém para apresentar a ele.

Se pensarmos na interpretação “fechada” da unidade fraseológica “FATOS E FOTOS”, verificaremos que esta ficará “diluída” nas informações dadas pela TILSP. Podemos inferir que a tradutora-intérprete fez uso da “autonomia” que lhe é conferida no exercício da profissão de tradutora-intérprete como mediadora cultural, posição teórica por nós assumida.

Falar de autonomia nos remete ao conceito de visibilidade, e para falar de visibilidade na tradução, fazemos um parêntese em nossa análise e recorreremos a Venuti (2002), que assumindo o “modelo” de tradução proposto por Schleiermacher (2007, p. 242) – no qual a propositura é “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá ao seu encontro, ou bem deixa mais tranquilo possível o leitor e faz com

que o escritor vá a seu encontro” – adotou as estratégias de visibilidade para a tradução, que são: a estrangeirização e a domesticação.

Assim como Schleiermacher (2007), Venuti (2002) defende que o tradutor/*intérprete* deve trazer o leitor *ou aquele que recebe a interpretação* para próximo do texto original, ou seja, os dois defendem a estrangeirização da tradução/*interpretação*. Venuti (2002) acredita que a estrangeirização é uma estratégia que permite que a diferença entre as línguas seja transmitida. Ele a defende porque acredita que essa é uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o imperialismo e o narcisismo cultural em favor das relações democráticas; ao contrário da estratégia da domesticação que estabelece uma relação de poder e dominação entre culturas e povos. Nas duas estratégias de visibilidade da tradução, o tradutor/*intérprete* é a figura que está em “cheque” e é quem adotará uma ou outra postura diante da tradução/*interpretação*.

Mas, para Venuti (2002) as duas estratégias supracitadas têm suas desvantagens: enquanto uma pode apagar demais as marcas do texto estrangeiro, a outra pode deixar marcas demais desse texto. Em virtude disso, o autor propõe um modelo de projeto minorizante, no qual a tradução se apoiaria na heterogeneidade discursiva.

De acordo com Castro (2007, p. 96), o projeto minorizante “abrange escolhas de termos, expressões e palavras específicas, estratégias de seleção de discursos, assim como de textos a serem traduzidos.” Nas palavras de Venuti (2002, p. 33-34), “na tradução minorizante, a escolha de estratégias depende do período, gênero e estilo do texto estrangeiro em relação à literatura doméstica e aos públicos-leitores para os quais a tradução é escrita.” Ele defende que, ainda de alguma maneira, o tradutor deve deixar marcas da cultura de origem no texto traduzido. Apoiado na ética da tradução do “respeito” de Antoine Berman, ele diz: “essa ética da tradução não impede a assimilação do texto estrangeiro, mas objetiva ressaltar a existência autônoma daquele texto por trás (no entanto, por meio) do processo assimilativo da tradução.” (VENUTI, 2002, p. 28).

Então a heterogeneidade discursiva do projeto minorizante de Venuti (2002) resiste à ética assimilativa da tradução, ao salientar as diferenças linguísticas e culturais do texto. Fizemos esse preâmbulo sobre as estratégias para a tradução defendidas por Venuti (2002), para “notificar”, mais uma vez, a visibilidade do tradutor/*intérprete* em uma atividade de tradução/*interpretação* – visibilidade essa que é característica do perfil do profissional da tradução enquanto mediador cultural.

Voltemos agora à análise das ocorrências, e vejamos a UF abaixo que, assim como o primeiro exemplo, é ilustrativa do uso da estratégia da explicitação. Embora, tenhamos nesse

exemplo um apagamento, na interpretação, da segunda parte do binômio “AMOR E AFETO”, vejamos:

Deputado: que evangelizava com AMOR E AFETO

TILSP S6: pastor evangélico AMOR ELE GRUPO CRISTO

Apesar do TILSP ter apagado a segunda parte do binômio, trazendo somente o sinal “AMOR” na sua interpretação; ele acrescentou novos elementos à informação dada, assumindo, nesse momento, a responsabilidade sobre a informação, e mais uma vez ficando explícita a participação ativa do tradutor-intérprete nesse processo. O TILSP tentou complementar a informação fazendo uma explicação e para isso ele utilizou os sinais “ELE GRUPO CRISTO”.

No exemplo abaixo, temos uma situação de interpretação na qual o tradutor-intérprete utiliza três estratégias de interpretação: a explicitação, a datilologia e a paráfrase explicativa.

Deputado: hoje certamente é DIA DE LUTO para [...]

TILSP S6: HOJE É NÓS-todos TRISTE(md)(me) L-U-T-O IGUAL PRETO NÓS LEMBRAR

Para a interpretação de “DIA DE LUTO”, percebemos na sinalização do TILSP S6 três momentos distintos, cada um deles marcado por uma estratégia de interpretação: 1º) ele diz que todos estão tristes – informação não dada pelo deputado que realiza o discurso, ou seja, o TILSP S6 acrescentou essa informação ao texto, utilizando-se da explicitação; 2º) o tradutor-intérprete utiliza o alfabeto manual para escrever a palavra L-U-T-O – estratégia considerada por nós e classificada como uso de datilologia; 3º) o TILSP S6 faz uso da paráfrase explicativa para dar uma “explicação” do que seria um dia de luto – para isso ele faz o sinal IGUAL e logo em seguida explica a expressão, fazendo referência à roupa preta que usamos em sinal de respeito ao momento de tristeza.

Essa decisão tradutória do TILSP em utilizar, além da estratégia da explicitação e da datilologia, a estratégia da paráfrase explicativa, nos parece ser consciente, pois de acordo com esse mesmo tradutor-intérprete se há “uma informação que eu acho que a datilologia não dá conta [...]. Então, se eu utilizar da datilologia, eu tenho que fazer uma paráfrase.” (TILSP S6). Mas, constatamos em nosso trabalho que nem todas as vezes que tivermos o uso da datilologia pelos TILSP, enquanto estratégia, esta veio acompanhada de uma paráfrase explicativa.

Na interpretação do TILSP S6 acima, na qual identificamos três estratégias, podemos também evidenciar, além do papel de mediador cultural do tradutor-intérprete e de toda a sua visibilidade na tradução, a sua condição de “agente do discurso”, pois enquanto mediador cultural o tradutor-intérprete será sempre produtor e responsável pelo enunciado produzido. Dessa maneira, o interlocutor do discurso só terá verdadeiramente acesso à “voz” do tradutor/intérprete, pois o autor do discurso seria apenas uma “imagem” construída através da fala desse tradutor/intérprete.

Vimos acima que Venuti (2002) defende a visibilidade do tradutor/intérprete em um processo tradutório. Além disso, o autor também reivindica o papel autoral do tradutor/intérprete em uma tradução, uma vez que o texto/discurso do autor nunca terá uma “originalidade” em sua autoria, pois todo enunciado sempre será uma “reescritura de materiais culturais preexistentes” (p. 99). Dessa forma, a tradução/interpretação também pode ser considerada autoria, partindo do princípio de que o tradutor/intérprete fará escolhas para a reelaboração do texto/discurso traduzido, embora essas escolhas não sejam completamente livres, pois serão determinadas por uma ideologia e limitadas pelas línguas.

A seguir, o quadro com as unidades fraseológicas interpretadas pela estratégia da explicitação:

Quadro 8 – Resumo das UFs estratégia de explicitação

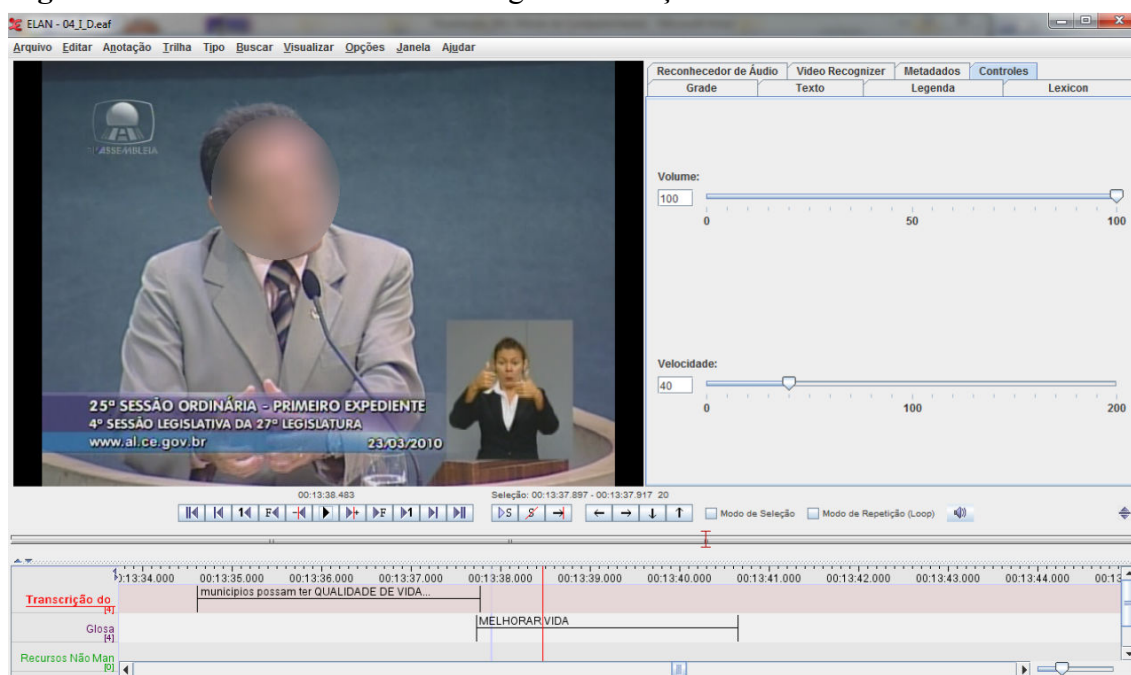
Colocação	DIA DE LUTO
Binômio	FATOS E FOTOS
	AMOR E AFETO

Fonte: Elaboração própria.

6.4.3 Estratégia da tradução literal

Na estratégia da tradução literal, consideramos as interpretações que mantiveram uma “fidelidade” semântica à língua-fonte, mas se adequaram à forma (estrutura) na língua de chegada. O uso dessa estratégia foi identificado em quantidade similar às estratégias anteriores. Tivemos um total de cinco ocorrências principais dessa estratégia, algumas delas associadas a outras.

Figura 15 – TILSP utilizando a estratégia da tradução literal



Fonte: Captura do vídeo selecionado para pesquisa.

Deputado: possam ter QUALIDADE DE VIDA

TILSP: MELHORAR VIDA

A figura acima nos mostra a unidade fraseológica “QUALIDADE DE VIDA” e a TILSP “adaptou” uma informação da língua portuguesa à estrutura da Libras. O sentido e a “fidelidade” semântica da expressão são mantidos, mas a organização estrutural é diferenciada nas duas línguas.

Nas sentenças a seguir temos outros exemplos do uso da estratégia da tradução literal:

Deputado: criou expectativas DE FATO

TILSP S4: VERDADE

Deputado: prometeu DOBRAR OS SALÁRIOS dos professores

TILSP S1: PROMETER^CERTO SALÁRIO DOBRAR PROFESSOR

A UF “DE IMEDIATO”, logo abaixo, é a única, entre as UFs que aparecem nesse tópico, na qual o TILSP utilizou como suporte a estratégia do “uso de pergunta retórica”, não para interpretar a sentença, mas para introduzir a explicação subsequente ao complemento da sentença DE IMEDIATO. O TILSP recorre à estratégia do “uso de pergunta retórica”,

utilizando-se do questionamento <O-QUE>; antes disso, havia utilizado a estratégia da tradução literal – como estratégia principal –, quando traduz a expressão a um termo (RÁPIDO).

Deputado: DE IMEDIATO combateu

TILSP S3: RÁPIDO O-QUE <...?...>

Nas duas sentenças a seguir, temos realizações (variações) de uma mesma unidade fraseológica “PROBLEMA GRAVE”.

Deputado: PROBLEMA GRAVÍSSIMO

TILSP S3: PROBLEMA+ SÉRIO

Deputado: GRAVE PROBLEMA que estamos vivenciando

TILSP S3: PROBLEMA+ <exp. f ...int..> TER AGORA

Nas duas variações tivemos a interpretação do TILSP S3 e pudemos constatar, na observância das ocorrências, que ele se utilizou de estratégias diferenciadas na hora de interpretar cada uma das variações. Na primeira ocorrência, “PROBLEMA GRAVÍSSIMO” ele utilizou apenas a estratégia da tradução literal, utilizando os sinais de “PROBLEMA” e “SÉRIO”; já na segunda ocorrência, utilizou – além da tradução literal – a estratégia do apagamento, ele fez o apagamento do sinal “SÉRIO”; mas, em substituição ao sinal apagado, o TILSP fez o uso de uma expressão facial de intensidade para denotar e deixar claro o grau de gravidade do problema, e que não se tratava apenas de um simples problema. Ao utilizar essa expressão o tradutor-intérprete recorreu a um recurso próprio da língua de sinais, não chegando a ser essa utilização um uso específico de uma estratégia, pois o próprio termo “GRAVE” já demandaria, em uma interpretação em língua de sinais, o uso de uma expressão facial que traduzisse a intensidade de sentido do termo.

Na sentença seguinte, temos mais uma vez a utilização da estratégia de interpretação da tradução literal, mas a primeira parte da sentença interpretada pelo TILSP S1 contém um equívoco na tradução. Vejamos abaixo:

Deputado: desadministração de Linda Lins da FORTALEZA HORROROSA

TILSP S1: ADMINISTRAÇÃO PREFEIT@ <exp.f.ironia> FORTALEZA HORRÍVEL

A unidade fraseológica acima, “FORTALEZA HORROROSA” – que consideramos como desfraseologismo, pois a intenção do deputado é desconstruir o sentido da UF

“FORTALEZA BELA”, *slogan* de campanha e de administração da gestão municipal da cidade de Fortaleza –, é uma construção sintática realizada por um deputado de oposição à prefeitura, que tem a intenção de desqualificar a administração da atual gestão. Para isso ele constrói uma unidade fraseológica com significado contrário ao da UF “original”.

Nesse caso, a estratégia do TILSP S1 foi interpretar “Fortaleza horrorosa” para uma expressão na língua de sinais que tem o mesmo valor semântico, podemos inferir que o TILSP S1 buscou na língua-alvo uma aproximação da língua-fonte. Mas, a sentença interpretada, e a própria UF, só terão significado se interpretadas dentro do contexto indicado pela fala do político.

Vejamos que a ironia presente no discurso do político está presente desde o início de sua fala, quando começa chamando a “administração” de “desadministração” – e é nesse momento que o tradutor-intérprete comete um equívoco na tradução. Ele faz o sinal de “ADMINISTRAR”, quando na verdade a intenção do parlamentar era dizer justamente o contrário. Em seguida, com ares de ironia, o parlamentar continua seu discurso dando a alcunha de “Linda Lins” para a prefeita. É importante frisar que este parlamentar sempre se refere à prefeita por essa alcunha e nas diversas vezes em que observamos essa ocorrência, mas não envolviam unidades fraseológicas – por isso não entraram na análise –, os TILSP, geralmente, faziam o sinal de “PREFEIT@”, como acontece nessa situação, ou realizavam o sinal dado à prefeita na língua de sinais.

O TILSP S1 também utilizou recursos visuais da língua, novamente a expressão facial, recurso muito utilizado nas línguas de sinais – que pode ser gramatical ou emocional. Nesse contexto, apesar do TILSP fazer uso desse recurso para denotar a ironia da fala do político, ele não conseguiu trazer para a sua interpretação a ironia posta na fala do parlamentar.

A seguir, o quadro com as unidades fraseológicas interpretadas pela estratégia da tradução literal:

Quadro 9 – Resumo das UFs estratégia da tradução literal

Colocação	QUALIDADE DE VIDA
	DE IMEDIATO
	DE FATO
	DOBRAR OS SALÁRIOS
	GRAVE PROBLEMA
Desfraseologismo	FORTALEZA HORROROSA

Fonte: Elaboração própria.

6.4.4 Estratégia da paráfrase

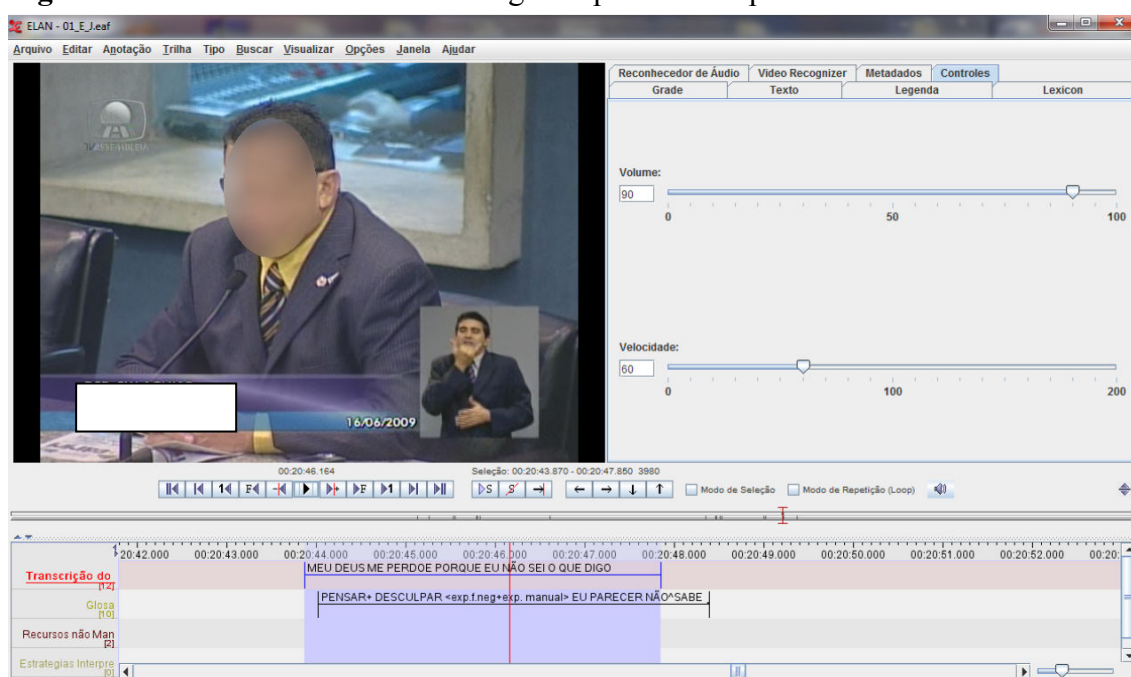
Como exposto anteriormente, a estratégia da paráfrase foi classificada em dois grupos: a paráfrase explicativa e a paráfrase descritiva. Entendemos que na paráfrase explicativa as unidades fraseológicas têm o seu conteúdo explicado através da interpretação, a partir da “intervenção” feita pelo tradutor-intérprete; já na paráfrase descritiva temos o enunciado em língua-fonte (português) descrito pelo TILSP por meio, principalmente, do uso de classificadores, mas também com o uso de expressões faciais e do espaço; a interpretação é descrita de tal maneira por esses recursos que conseguimos visualizar na interpretação para a língua-alvo (língua de sinais) uma descrição do que foi dito em língua portuguesa.

6.4.4.1 Estratégia da paráfrase explicativa

A estratégia da paráfrase apresentou um grande número de ocorrências, principalmente dentro do grupo da estratégia da paráfrase explicativa. Essa parece mesmo ser a estratégia preferida pelos TILSP, quase todos os sujeitos pesquisados admitiram fazer uso dessa estratégia, embora utilizando outros nomes para classificá-la, tais como: explicar, exemplificar e desmetaforizar.

Vejamos abaixo um exemplo de paráfrase explicativa:

Figura 16 – TILSP utilizando a estratégia da paráfrase explicativa



Fonte: Captura do vídeo selecionado para pesquisa.

Deputado: MEU DEUS, ME PERDOE PORQUE EU NÃO SEI O QUE DIGO

TILSP: PENSAR+ DESCULPAR <exp.f.neg +exp.manual> EU PARECER NÃO-SABER FALAR NÃO-COMBINAR FALAR NÃO-COMBINAR

No exemplo acima, nós temos a citação (não canônica⁶¹) “MEU DEUS, ME PERDOE PORQUE EU NÃO SEI O QUE DIGO”, proferida pelo parlamentar que nos remete, como nas citações anteriores, a uma fala de Jesus Cristo. Na interpretação do TILSP, nós temos uma desconstrução dessa citação realizada através de uma “explicação” parafraseada existente na sua interpretação. Assim como nos exemplos anteriores de interpretações de citações, nesse caso nós também não recuperamos a unidade fraseológica enquanto tal. Dessa forma, nós entendemos e arriscamos afirmar que na maioria dos casos de UFs em que tenhamos citações, estas não terão a sua intertextualidade recuperada na fala dos tradutores-intérpretes.

Agrupamos em um quadro todas as ocorrências que consideramos apenas o uso da estratégia da paráfrase explicativa:

⁶¹ Chamamos essa citação de “não canônica” por existir uma variação na sua realização. A citação canônica seria “Meu Deus, meu Deus perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem”. A partir dessa frase de Jesus, que passou a ter o seu uso muito repetido durante os tempos, temos hoje muitas variações dessa citação.

Quadro 10 – Ocorrências interpretadas pela estratégia da paráfrase explicativa

<p>Deputado: sem tomar uma BANDA DE CIBAZOL TILSP S2: NADA REMÉDIO <exp.f.neg.> NENHUM <exp.f.int.></p>
<p>Deputado: uma BOA VONTADE que o próprio TILSP S1: BOM INTERESSE TRABALHAR+</p>
<p>Deputado: pra FAZER A PONTE com o governador TILSP S5: RESPONSÁVEL PORQUE <...?...> _{2s}AJUDAR_{1s} _{1s}REPASSAR INFORMAÇÃO_{2s}</p>
<p>Deputado: Ceará que tem BACIAS MADURAS assim como tem TILSP S2: TERMINAR AQUI PETRÓLEO TER_{locj} IGUAL_{lock}</p>
<p>Deputado: conseguiram sair dessa SITUAÇÃO DE ENGESSAMENTO dos seus orçamentos TILSP S1: PARECE AVALIAÇÃO ELES-MESMO DÁ+ NEGOCIAÇÃO</p>
<p>Deputado: tem município que não está FAZENDO O DEVER DE CASA TILSP S1: ALGUNS INTERIOR FAZER NADA IGUAL(me)ACOMODAR(me) IGUAL (md)ACOMODAR(md)</p>
<p>Deputado: SITUAÇÃO que nós consideramos GRAVE, GRAVÍSSIMA TILSP S3: ACONTECER TER DENTRO SÉRIO FORTE <exp. f.int.> SÉRIO</p>
<p>Deputado: DEU-NOS UM COICE tirando daqui a refinaria TILSP S2: AQUI ESTADO CEARÁ AFASTAR <exp.f.int.></p>
<p>Deputado: ele ABRIU MÃO seria a quarta vez TILSP S4: RESOLVER SER-NEUTRO NÃO-QUERER</p>
<p>Deputado: parceria [...] que o governador precisa, o PT não DÁ AS MÃOS TILSP S4: PRECISAR UNIÃO ELE ESTAR-NEM-AÍ</p>
<p>Deputado: aparece aí UMA LUZ NO FUNDO DO TÚNEL TILSP S5: MAS JÁ PERCEBER TER RESOLVER</p>
<p>Deputado: como eu falei que EXISTE UMA LUZ ::: deputado Edson Silva... lá no FIM DO TÚNEL TILSP S5: MAS EU JÁ FALAR+ TER POSSÍVEL RESOLVER</p>
<p>Deputado: essa LUZ deputado Nelson Martins no fi::: FIM DO TÚNEL TILSP S5: POR ISSO EU ACHO [...] POSSÍVEL RESOLVER</p>
<p>Deputado: porque existe UMA ÁREA DE RISCO muito TILSP S5: PORQUE POLÍCIA TRABALHAR PERIGO <exp. f.int.></p>
<p>Deputado: METER A MÃO no dinheiro do povo TILSP S5: PEGAR DINHEIRO ROUBAR LUCRAR</p>
<p>Deputado: modernizou a MÁQUINA ADMINISTRATIVA TILSP S3: MUDAR DENTRO ADMINISTRAÇÃO</p>
<p>Deputado: aumento da EXPECTATIVA DE VIDA TILSP S3: MELHOR EU VIDA AUMENTAR CONSEGUIR</p>
<p>Deputado: DE MODO QUE TILSP S6: VER COMO+ TILSP S6: PORQUE</p>
<p>Deputado: mostra a total FALÊNCIA DO SISTEMA TILSP S6: QUEBRAR ACREDITAR <exp.f.neg> POLÍCIA SEGURANÇA NÃO-TER</p>
<p>Deputado: USO DA MÁQUINA TILSP S4: DINHEIRO PRÓPRIO GOVERNO RETIRAR GASTAR +</p>
<p>Deputado: trazendo SANGUE NOVO TILSP S3: É BOM NOVO MUDAR POLÍTICA</p>
<p>Deputado: PASSOU A BOLA pra SEMACE TILSP S4: DEIXAR-LÁ GRUPO+ S-E-M-A-C-E</p>
<p>Deputado: acho que é interessante PEGANDO aí O GANCHO TILSP S4: ACHO BOM IMPORTANTE PARECE APROVEITAR</p>
<p>Deputado: a droga está CORRENDO SOLTA TILSP S3: DROGA ESPALHAR LIVRE TER VERDADE</p>
<p>Deputado: os BRAÇOS CRUZADOS do governo TILSP S3: VER PROBLEMA IGUAL(me)ACOMODAR(me) IGUAL (md)ACOMODAR(md)</p>

Quadro 10 – Ocorrências interpretadas pela estratégia da paráfrase explicativa
(continuação)

Deputado: FORÇA DE VONTADE TILSP S3: EU-MESMO EU CORAGEM
Deputado: SALTO DE QUALIDADE infraestrutural que o Ceará TILSP S2: AQUI ESTADO FAZER ELEVAR MELHORAR
Deputado: o resultado foi o SALTO DE QUALIDADE que a cidade TILSP S4: LÁ MELHORAR CONSEGUIR
Deputado: precisamos denunciar o FATUS CONCRETUS TILSP S3: PRECISA<exp. f ...int.> EL@-MESMO PROPOSTA MOSTRAR TILSP S3: OBRIGATÓRIO PROPOSTA MOSTRAR CERTO
Deputado: o PSDB pode TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA deputado que num vai não TILSP S2: CONSEGUIR VOTO <neg> DESCULPAR < exp.f .neg.> NÃO

Fonte: Elaboração própria.

Podemos verificar nas ocorrências postas no quadro acima que em todas as interpretações das UFs nós teremos, a partir de uma paráfrase explicativa, a “explicação” das unidades fraseológicas pronunciadas, podendo essas “explicações” estarem ligadas ao cotexto ou ao contexto da fala do parlamentar.

Na unidade fraseológica abaixo temos um exemplo de uso da estratégia da paráfrase explicativa, associada à estratégia da explicitação. O TILSP para “explicar” a UF em sua interpretação fez adições de informações ao discurso do deputado.

Deputado: mas de PARTE A PARTE há esse desejo

TILSP S1: ÀS VEZES COMBINAR+ BOM_{locj}TROCAR_{lock}

Nas glosas abaixo, temos dois grupos de unidades fraseológicas (realização da mesma UF, em dois momentos distintos, com utilização de estratégias diferentes). Constatamos que nas ocorrências 1 e 3 – nas quais temos as interpretações dos TILSP S4 e S3, das UF “ROLO COMPRESSOR” e “*MODUS FACIENDI*” – temos a utilização da estratégia da paráfrase explicativa, na qual os tradutores-intérpretes parafraseiam as UFs, dando uma explicação desta, baseados no contexto do discurso do político; já nas ocorrências 2 e 4, nós teremos o apagamento total das UFs nas interpretações realizadas pelos TILSP S4 e S1. No caso da UF “ROLO COMPRESSOR”, nós temos o mesmo sujeito (S4), fazendo uso de estratégias diferenciadas para uma mesma unidade fraseológica.

1) Deputado: foi um verdadeiro ROLO COMPRESSOR

TILSP S4: VERDADE PARECE CAIR-ARRASTAR

2) Deputado: foi um ROLO COMPRESSOR

TILSP S4: φ <omissão>

3) Deputado: trazendo um *MODUS FACIENDI* novo na política

TILSP S3: BOM DEL@ NOVO TER MOSTRAR POLÍTICA

4) Deputado: *MODUS FACIENDI*

TILSP S1: Φ <omissão>

Na interpretação da unidade fraseológica seguinte, o TILSP S3 fez uso de duas estratégias para dar conta da interpretação da UF “UMA VISÃO LIMITADA”. Ele primeiramente recorreu à paráfrase explicativa e desconstruiu a metáfora existente na unidade fraseológica quando disse: “PENSAMENTO PARECER DURO+”. Mas depois, parece que para ratificar a informação, ele recorreu à estratégia da tradução literal do termo e repetiu a informação, fazendo uso da glosa “VISÃO-LIMITAR”.

Deputado: UMA VISÃO LIMITADA das coisas

TILSP S3: PENSAMENTO PARECER DURO+ VISÃO-LIMITAR

A seguir, trazemos outros casos de interpretações realizados através da estratégia da paráfrase explicativa. Eles se diferenciam dos exemplos acima, pois foram realizações nas quais os TILSP utilizaram essa estratégia de maneira parcial, quando omitiram parte da informação da UF; ou de maneira frustrada, quando a interpretação pela estratégia da paráfrase explicativa não deu conta da tradução da UF; ou quando essa estratégia veio associada a outra estratégia, nessa situação específica a estratégia classificada na literatura como estratégia do uso de pergunta retórica. Esses casos foram divididos em três grupos, como veremos a seguir.

a) Paráfrase explicativa parcial

No grupo das interpretações realizadas pelo que chamamos de paráfrase explicativa parcial temos as tentativas de interpretação feita pelos TILSP através da estratégia da paráfrase, mas parece-nos que essas interpretações não foram eficientes sob a óptica do significado da unidade fraseológica. Em muitos casos, não há prejuízo da interpretação do discurso como um todo, mas se analisarmos, como é o objetivo desse trabalho, sob a perspectiva da unidade fraseológica constatamos que o sentido da UF não é interpretado, ela

deixa não apenas de existir enquanto UF, mas também o seu significado não é construído a partir da interpretação em língua de sinais. Vejamos:

Deputado: o PSDB nessa casa, parceiro UNHA E CARNE com o governador

TILSP S4: PSDB UNIÃO SIM

Deputado: tirou o Estado do Ceará da IDADE DA PEDRA

TILSP S3: CEARÁ VELHO+ PARECER <..?..>COMO CONSEGUIR SURGIR

Deputado: enfrentam a VIDA DURA que é

TILSP S6: TER DIFÍCIL TRABALHAR+

No grupo seguinte, temos mais cinco interpretações realizadas pela estratégia da paráfrase explicativa parcial. Nesse grupo a parcialidade se deu por causa do apagamento, de parte da UF, feito pelos TILSP na interpretação. Ao realizarem o apagamento, a paráfrase constituída para interpretação não foi suficientemente eficaz para recuperar o sentido e a intertextualidade trazida pela unidade fraseológica, deixando a mensagem da interpretação muitas vezes truncada, como mostram as glosas abaixo:

Deputado: COLOCOU RECURSO da própria prefeitura

TILSP S1: PRECISA <hesitação> PREFEITURA+ COLOCAR Φ <omissão>

Deputado: sem obviamente PERDER DE VISTA

TILSP S4: C- L- A- R- O NÃO-QUERER ϕ <omissão>

Deputado: questão do cartão é UMA GOTA D'ÁGUA NO OCEANO nós temos que olhar

TILSP S2: ϕ VER POUCO ϕ

Deputado: experiências de 30 anos foi uma EXPERIÊNCIA EXITOSA a meu ver e acompanhada por todos os professores

TILSP S1: TAMBÉM BOM ANOS-PASSADOS 30 ANTES Φ <omissão> BOM CONSEGUIR+ PROFESSOR

Deputado: *MODUS OPERANDI*

TILSP S1: Φ <omissão> <2 MÃOS>SEQUÊNCIA PROJETO

Abaixo na colocação “HONRA AO MÉRITO”, o tradutor-intérprete lança mão da estratégia da paráfrase explicativa parcial. Ele também comete – como nos exemplos acima – um apagamento da segunda parte da UF (MÉRITO); porém, ele utiliza também na

interpretação dessa UF, elementos da estratégia da paráfrase descritiva, os classificadores, e da estratégia da datilologia, o alfabeto manual. Na glosa de interpretação podemos ver que o TILSP S6 explicou o processo de recebimento da medalha, mas apagou o termo “MÉRITO”, interpretando somente a primeira parte da colocação através de um recurso da língua, o alfabeto manual.

Deputado: medalha de HONRA AO MÉRITO

TILSP S6: CORDAO-MEDALHA CL: F_{1s}DAR_{2s} H-O-N-R-A φ <omissão>

b) Paráfrase explicativa com uso de pergunta retórica

A estratégia da paráfrase explicativa associada à estratégia da pergunta retórica constitui-se, basicamente, em o tradutor-intérprete utilizar-se de uma pergunta para *introduzir a interpretação de parte do discurso de um orador, seja para que o TILSP tenha tempo de pensar a melhor forma de interpretar uma informação, seja para destacar ideias importantes, e prender a atenção de quem acompanha o discurso; e/ou para estimular o raciocínio* (HORTÊNCIO, 2005 – grifo nosso). No caso de nossa investigação, essa estratégia apareceu para introduzir a interpretação de uma unidade fraseológica, entendemos que para estimular o raciocínio de quem acompanha o discurso e para o ganho de tempo do TILSP enquanto pensava a melhor forma de interpretação. A estratégia do uso de pergunta retórica não foi utilizada como estratégia de interpretação da unidade fraseológica. O uso dessa estratégia foi marcado, principalmente, pelo acompanhamento da estratégia da paráfrase explicativa. Vejamos o exemplo abaixo:

Deputado: FAZER ESSA LIGAÇÃO

TILSP S3: FAZER O-QUE<...?...> VER COMBINAR UNIR

Na interpretação da colocação acima, “FAZER ESSA LIGAÇÃO”, percebemos que o TILSP acrescenta no meio da colocação a pergunta <O-QUE?>, em seguida explica, com suas palavras, o que seria “fazer essa ligação”; nas palavras do TILSP: “VER COMBINAR UNIR”. Vejamos no grupo a seguir mais quatro ocorrências da estratégia paráfrase explicativa associada à estratégia satélite, uso de pergunta retórica:

Deputado: isso é consequência do AQUECIMENTO GLOBAL

TILSP S4: PORQUE <..?...> O-QUE+ É POR-CAUSA MUNDO DENTRO PARECE CLIMA QUENTE AUMENTAR

Deputado: nosso secretário OLHE COM BONS OLHOS

TILSP S1: PRECISAR O-QUE <..?..> SECRETÁRI@ SAÚDE CONTEMPLAR VER

Deputado: nossa preocupação é que VÍTIMAS FATAIS

TILSP S3: <..?..> O-QUE PREOCUPAD@ FUTURO PODE MORRER ALGUMAS PESSOAS

Deputado: possa PASSAR PELA CABEÇA de alguém

TILSP S1: O-QUE <...?...> VOCÊS CABEÇA <mente> PENSAR_{2p} COMO <...?...>

Nessas ocorrências vemos que todas as sentenças interpretadas são precedidas por uma pergunta O-QUE ou PORQUE e, logo em seguida, temos a “explicação” da unidade fraseológica dada pelo TILSP através de uma paráfrase, que denominamos de explicativa, justamente porque nos parece que os TILSP buscam – não somente na UF, mas no conjunto de informações que o discurso do parlamentar traz e em seu conhecimento de mundo – elementos textuais e extratextuais para interpretar essas UFs.

Vemos, por exemplo, na UF “OLHE COM BONS OLHOS”, que o TILSP achou por bem recuperar a informação de que o secretário em questão era o da saúde e não o de outra pasta do governo – informação dada no início da fala do deputado –, para destacar em sua interpretação da unidade fraseológica que o secretário precisava cuidar melhor da saúde; a UF é desfeita e dá lugar a uma explicação dela, mas para isso o TILSP “convida” o telespectador surdo, através da indagação feita, a refletir sobre o que é dito.

Podemos perceber que há certo número de ocorrências da utilização da estratégia da paráfrase explicativa associada à pergunta retórica nas realizações de interpretações, apesar de termos sujeitos diferentes interpretando as sentenças apresentadas.

Logo abaixo, temos três modos de realização da UF “CHEGAR A BOM TERMO”. A única diferença entre as sentenças é o tempo verbal em que elas são realizadas, infinitivo, presente e passado. Vejamos as glosas:

Deputado: desejo de CHEGAR A BOM TERMO

TILSP S1: <O QUE ...?...> QUERER_{s1} COMBINAR_{s2} <aperto de mão> BOM

Deputado: que se CHEGUE A BOM TERMO esse pleito

TILSP S1: RÁPIDO FAZER ACABAR GREVE

Deputado: mas não CHEGOU A BOM TERMO

TILSP S1: Φ <omissão>

Verificamos nas interpretações que, apesar de termos a interpretação do mesmo TILSP, temos diferenças nas realizações das sentenças e na escolha das estratégias de interpretação. Nas duas primeiras sentenças temos o uso da estratégia da paráfrase explicativa e na terceira temos o uso da estratégia do apagamento.

Na primeira ocorrência acima, o TILSP S1 iniciou a interpretação com a pergunta retórica <O-QUE> e, em seguida, assim como nos exemplos anteriores, utilizou-se da paráfrase explicativa para interpretar a UF. Na glosa de interpretação <O QUE ...?...> QUERER_{s1}COMBINAR_{s2} <aperto de mão> BOM, constatamos que o tradutor-intérprete buscou elementos para a interpretação da UF “CHEGAR A BOM TERMO”, parafraseando a própria expressão. Para isso, ele “simulou” uma situação em que duas partes negociantes, cujo interesse poderia ser diferente, selam um acordo; já na segunda glosa de interpretação – “RÁPIDO FAZER ACABAR GREVE” –, continuação da fala do mesmo político, o TILSP se apoiou no discurso do parlamentar para buscar subsídios para a interpretação. Ele apoiou-se no contexto da fala do deputado, que era sobre a negociação da greve dos professores – situação ainda não apresentada na primeira ocorrência da unidade fraseológica – e, utilizando-se da estratégia da paráfrase explicativa, fez a interpretação da UF “CHEGUE A BOM TERMO”; na terceira ocorrência o TILSP S1 fez uso da estratégia da omissão e apagou a unidade fraseológica.

c) Paráfrase explicativa frustrada

Em nosso *corpus* encontramos algumas realizações de interpretações nas quais os TILSP buscaram na estratégia da paráfrase explicativa uma interpretação para o enunciado em português, mas em nosso entendimento, essas interpretações não obtiveram sucesso em relação ao dito em língua portuguesa e ao interpretado em língua de sinais. Essas ocorrências nós chamamos de paráfrase explicativa frustrada.

Consideramos relacionadas a essa subcategoria as tentativas de interpretação por meio de uma “explicação”, mas que nessa busca pela interpretação a intertextualidade da unidade fraseológica não é totalmente recuperada pelo tradutor-intérprete.

Dissemos anteriormente, e defendemos isso, que o tradutor/intérprete não é um sujeito neutro em um processo tradutório; sabemos também que em consequência disso a tradução-interpretação de textos/discursos será influenciada pelo conhecimento de mundo que o profissional tem e que certamente esse profissional não tem a obrigação de conhecer tudo. Dessa forma, conscientes desse processo, apresentamos os exemplos a seguir:

Deputado: MORTALIDADE INFANTIL

TILSP S3: <...?...> O-QUE BEBÊ NASCER MORTO+

Deputado: fazer uma política NUM BOM SENTIDO

TILSP S3: POLÍTICA BOM+ DESENVOLVER

Deputado: faça com que DENTRO DO POSSÍVEL

TILSP S1: QUERER FAZER <pausa> POSSÍVEL+ FAZER

Vemos nas ocorrências acima que houve, por parte dos TILSP, uma tentativa de realizar uma paráfrase explicativa das unidades fraseológicas, mas em nenhuma delas foi totalmente recuperado, nem reconstruído o sentido da unidade fraseológica.

Vejamos que na UF abaixo temos dez ocorrências de interpretação da unidade fraseológica, todas realizadas pelo mesmo sujeito de pesquisa:

Deputado: TOQUE DE RECOLHER⁶²

1) **TILSP S6:** HORA 12 PEGAR+

2) **TILSP S6:** CL: 5(me) CL: Ä(md) TOCAR-CAMPAINHA PEGAR+

3) **TILSP S6:** PEGAR+ JUNTAR-GRUPO

4) **TILSP S6:** PEGAR+ JUNTAR-GRUPO LEVAR

5) **TILSP S6:** POLÍCIA FAVELA MANDAR

IGUAL (me) muitas-pessoas IR PRESO CASA

IGUAL (md) muitas-pessoas IR

6) **TILSP S6:** CARRO CL: B CARONA-LEVAR CL: "5

7) **TILSP S6:** HORA CARRO CL: B JOGAR-DENTRO CARONA-LEVAR CL: "5

8) **TILSP S6:** φ <omissão>

9) **TILSP S6:** HORA POLÍCIA CARRO CL: B JOGAR-DENTRO CARONA-LEVAR CL: "5

10) **TILSP S6:** HORA POLÍCIA VIGIAR CARRO CL: B JOGAR-DENTRO CARONA-LEVAR CL: "5

Vimos que em todas as interpretações realizadas pelo TILSP S6, a intertextualidade da UF "TOQUE DE RECOLHER" não é recuperada. Em todas as glosas de interpretações observamos que o TILSP buscou elementos para a interpretação não na unidade fraseológica, mas em informações adicionais que foram fornecidas pelos políticos em suas falas.

⁶² Essa UF foi pronunciada várias vezes durante o mesmo discurso de um deputado, sendo esse deputado aparteado por vários outros deputados. Ou seja, a unidade fraseológica TOQUE DE RECOLHER foi utilizada por mais de um orador, mas interpretada pelo mesmo TILSP.

Nas glosas 1, 3 e 4 temos as tentativas de interpretação pela estratégia simples da paráfrase explicativa; já nas glosas 2, 5, 6, 7, 9 e 10 temos as tentativas de interpretação pela estratégia da paráfrase explicativa associada à estratégia da paráfrase descritiva, a qual nós destacaremos mais adiante. Sabemos que a estratégia da paráfrase descritiva é marcada, principalmente, pelo uso dos classificadores. E é exatamente a esse recurso que o TILSP S6 recorre para tentar interpretar “TOQUE DE RECOLHER”.

Observamos também que o TILSP tentou padronizar a interpretação da UF, como podemos perceber nas glosas de interpretação de números 7, 9 e 10; mesmo que o sentido interpretado não esteja totalmente relacionado ao significado da unidade fraseológica em questão.

A seguir, o quadro geral com as unidades fraseológicas interpretadas pela estratégia da paráfrase explicativa:

Quadro 11 – Resumo das UFs estratégia da paráfrase explicativa

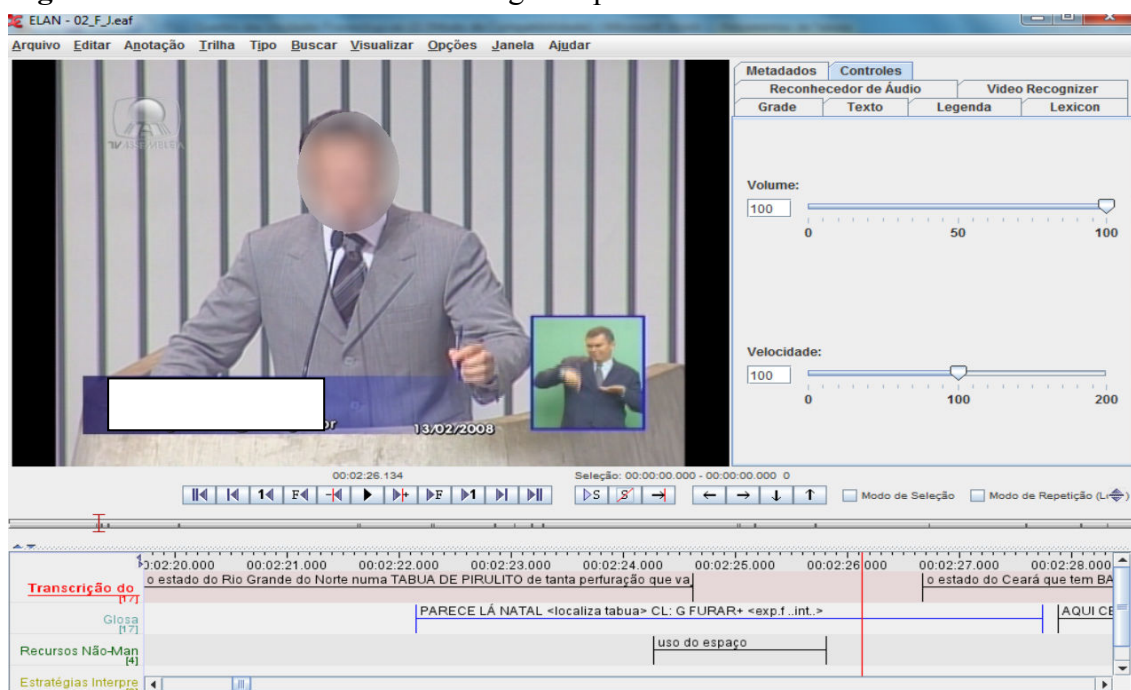
Colocação	SALTO DE QUALIDADE	CORRENDO SOLTA
	EXPERIÊNCIA EXITOSA	BRAÇOS CRUZADOS
	DENTRO DO POSSÍVEL	FORÇA DE VONTADE
	<i>MODUS OPERANDI</i>	NUM BOM SENTIDO
	<i>MODUS FACIENDI</i>	USO DA MÁQUINA
	PARTE A PARTE	SANGUE NOVO
	CHEGAR A BOM TERMO	PASSOU A BOLA
	PASSAR PELA CABEÇA	PEGANDO O GANCHO
	MORTALIDADE INFANTIL	ABRIU MÃO
	HONRA AO MÉRITO	DAR AS MÃOS
	VIDA DURA	UMA LUZ NO FUNDO DO TÚNEL
	COLOCAR RECURSO	UMA ÁREA DE RISCO
	OLHAR COM BONS OLHOS	METER A MÃO
	SITUAÇÃO GRAVE, GRAVÍSSIMA	MÁQUINA ADMINISTRATIVA
	VÍTIMAS FATAIS	EXPECTATIVA DE VIDA
	FAZER ESSA LIGAÇÃO	VISÃO LIMITADA
	ROLO COMPRESSOR	IDADE DA PEDRA
	AQUECIMENTO GLOBAL	DE MODO QUE
	PERDER DE VISTA	FALÊNCIA DO SISTEMA
	FATUS CONCRETUS	TOQUE DE RECOLHER
BOA VONTADE	BACIAS MADURAS	
	SITUAÇÃO DE ENGESSAMENTO	
Expressão idiomática	BANDA DE CIBAZOL	
	DEU-NOS UM COICE	
	UMA GOTA D'ÁGUA NO OCEANO	
	FAZER A PONTE	
	TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA	
	FAZENDO O DEVER DE CASA	
Citação	MEU DEUS ME PERDOE PORQUE EU NÃO SEI O QUE DIGO	
Binômio	UNHA E CARNE	

Fonte: Elaboração própria.

6.4.4.2 Estratégia da paráfrase descritiva

No exemplo abaixo temos o uso da expressão idiomática “TÁBUA DE PIRULITO”, fazendo referência a perfurações de petróleo em determinado Estado. Observamos, ao assistir aos vídeos, que o tradutor-intérprete ao fazer a interpretação dessa expressão se utilizou da estratégia que chamamos de paráfrase descritiva. Nessa estratégia, os TILSP devem buscar, na própria língua de sinais, os recursos disponíveis para ajudar na interpretação entre as duas línguas. Vejamos:

Figura 17 – TILSP utilizando a estratégia da paráfrase descritiva



Fonte: Captura do vídeo selecionado para pesquisa.

Deputado: transformar [...] Rio Grande do Norte numa TÁBUA DE PIRULITO de tanta perfuração

TILSP: PARECE LÁ NATAL <localiza tabua> CL: G FURAR+ <exp.f ..int.>

O intérprete fez uso do espaço de sinalização e de classificadores, localizou a “TÁBUA” no espaço à frente de seu corpo e, mantendo esse ponto de referência, utilizou um classificador de objeto perfurador para simular furos na tábua que estava localizada à frente do seu corpo. Simultaneamente a isso, ele utilizou-se de um movimento e de uma expressão facial de intensidade para ratificar que são muitos furos, caracterizando assim, a “tábua de pirulito”.

Utilizando essa estratégia, o TILSP buscou na língua de sinais, através de recursos visuais e espaciais da língua, aproximar o significado entre as expressões nas duas línguas. Como defende Bassnett (2005), no processo de tradução de expressões idiomáticas devemos “substituir” a expressão idiomática (EI) da língua fonte por outra EI na língua meta. Embora nós saibamos que esse não é um processo simples, e nem linear – toda tradução/interpretação é uma ressignificação de conteúdos, tendo em vista que o tradutor/intérprete não é uma “peça” neutra nesse processo, não é apenas um repassador –, podemos concluir que os tradutores/intérpretes, ao fazerem uma tradução, tentam “aproximar” a língua-alvo da língua-fonte.

Observamos na sinalização, pelos TILSP, das cinco ocorrências abaixo que há uma espécie de “descrição” da unidade fraseológica em si e do sentido que a envolve. Para fazer essa descrição os profissionais utilizaram informações que são próprias da língua de sinais, ou seja, eles “adaptaram” uma informação da língua portuguesa à estrutura da língua brasileira de sinais. Vemos a seguir os exemplos de UFs nas quais os TILSP fizeram uso da estratégia da paráfrase descritiva:

Deputado: enche os bolsos de bala FICA NA TOCAIA na casa

TILSP S4: ESPERAR OLHAR-ENTRE-BRECHAS ESPERAR+

Deputado: TRANSITAMOS E ANDAMOS

TILSP S3: PESSOA CL: G1 IR-VIR <pausa> PESSOA CL: V_{kd}ANDAR_{ke}

Deputado: QUERER TAPAR O SOL COM UMA PENEIRA

TILSP S3: PARECE+ SOL(md) CL: 5 PARAR(me) <exp. f. neg> CL: 5 ULTRAPASSAR(md)

Deputado: apenas FALAM POR FALAR

TILSP S3: CL: Ô DESPEJAR-PALAVRAS+ <exp. f. neg> FALAR+

Deputado: na mesma FAIXA LITORÂNEA que nós temos

TILSP S2: TER_{locj}LINHA_{lock} TERRA PRAIA

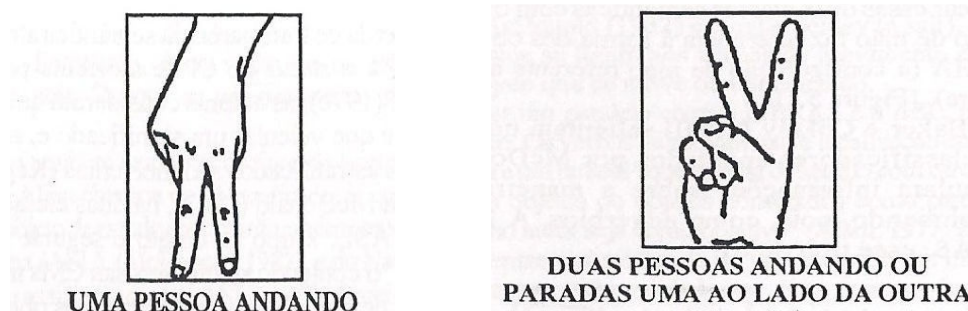
Para a realização da estratégia da paráfrase descritiva, os TILSP exploraram o espaço de sinalização e fizeram uso, principalmente, de classificadores. Os classificadores em língua de sinais são formados, basicamente, por configurações de mãos. A Figura 7 desta dissertação apresenta um quadro, extraído de Ferreira-Brito (1995), que contém as CMs da Libras e algumas são utilizadas como classificadores. Os classificadores são morfemas afixados a um

item lexical; nas línguas de sinais, geralmente, esses morfemas se ligam “aos verbos de movimento ou de localização indicando o objeto que se move ou é localizado” (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 103), ou seja, para a sua realização os classificadores se incorporam ao movimento e/ou localização de um verbo.

No exemplo acima, “TRANSITAMOS E ANDAMOS”, o TILSP S3 trabalha com os classificadores (CL) “G1” e “V” para ilustrar a situação em que pessoas caminham de um lado a outro. Vemos o CL “G1” incorporado aos verbos “IR-VIR”; e o CL “V” incorporado ao verbo “ANDAR”; ambos os classificadores designativos do sinal de “PESSOA”.

De acordo com Ferreira-Brito (1995), além das CMs, os classificadores também podem ser constituídos por outro elemento, a orientação da mão⁶³, que pode ser um componente diferenciador em certos classificadores, como por exemplo, o CL “V”. Vejamos as figuras abaixo:

Figura 18 – Configuração de mão “V”



Fonte: Ferreira-Brito (1995).

Dessa forma, temos classificadores constituídos por CMs e outros constituídos por CMs e por orientação da mão.

Na ocorrência abaixo, o TILSP recorreu às estratégias da paráfrase descritiva e da paráfrase explicativa para interpretar a sentença proferida pelo deputado. Observemos a glosa abaixo:

Deputado: misturar OLEO COM ÁGUA... não

TILSP S6: MISTURAR <exp. f. neg> NÃO-PODER EMPRESTAR ÁGUA ÓLEO CL: B (md) IGUAL (me) (md) sobre (me) <mov.sinuoso> NÃO-PODER

⁶³ Lembrando que a orientação da(s) mão(s) é a direção da palma da mão durante a realização do sinal, que pode ser voltada para baixo, para cima, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita.

Nessa sentença, o TILSP S6 utilizou as duas estratégias supracitadas, apesar de fazer uma “explicação” do binômio “ÓLEO COM ÁGUA”, ele utilizou, preferencialmente, os recursos da língua, tais como: os classificadores e o espaço.

Lembrando que a língua de sinais tem uma realização viso-espacial e pode realizar-se simultaneamente devido a uma organização multidimensional de língua, sabemos que certas CMs – utilizadas como classificadores – podem ser usadas para representar forma e tamanho de referentes, descrever movimentos, ter a função de descrever adjetivos, substituir pronomes e localizar referentes. Há, ainda, os classificadores que denotam a maneira em que a ação acontece, estes funcionando como advérbios⁶⁴.

No exemplo “misturar ÓLEO COM ÁGUA”, o TILSP S6 explora essa condição multidimensional da língua de sinais e descreve, através de classificadores descritivos de forma e movimentos, o que seria a impossibilidade da mistura de água e óleo.

Nós tivemos duas ocorrências da unidade fraseológica “ABRIR OS OLHOS”, as duas com o sentido de observar a realidade, saber o que acontece, todas interpretadas pelo mesmo sujeito, o TILSP S6. Na primeira interpretação, como observamos abaixo:

Deputado: ABRIR OS OLHOS

TILSP S6: CL: bO ACORDAR VER PERCEBER

O tradutor-intérprete utiliza o classificador “bO” que realizado junto aos olhos do sinalizante remete ao sinal de “ACORDAR”, que isoladamente já significaria, em seu sentido denotativo ou conotativo, a colocação “ABRIR OS OLHOS”. Mas, nesse caso, o TILSP S6 não se limita a produzir somente o sinal “ACORDAR”, mas expande a sinalização, fazendo uso da estratégia da explicitação e dá ênfase ao discurso do parlamentar, acrescentando as informações “VER PERCEBER”, ou seja, a intenção discursiva do tradutor-intérprete parece ser chamar a atenção do telespectador surdo ao fato de que é necessário ficar atento à situação informada pelo deputado.

Nós vimos, anteriormente, que para Stumpf (2003), a tendência das línguas de sinais é “condensar” vários sinais que poderiam ser utilizados para explicar um determinado conceito em apenas um sinal. E é exatamente isso que acontece na segunda realização da colocação “ABRIR OS OLHOS”, como vemos abaixo:

Deputado: ABRIR OS OLHOS

TILSP S6: CL: bO ACORDAR

⁶⁴ Para saber mais sobre classificadores ver Ferreira-Brito (1995).

O TILSP S6 parece intuitivamente saber dessa peculiaridade das línguas de sinais e nessa segunda interpretação, ele limita-se a interpretar a UF fazendo o sinal de “ACORDAR”. Faria (2003, p. 82) corrobora com o que diz Stumpf (2003), e acrescenta que a modalidade gesto-visual da língua de sinais pode favorecer a “cristalização de ideias em unidades lexicais com um único significante, porém com significado amplo e complexo.” Essa ocorrência pode ser um indício de que as línguas de sinais podem ter de fato essa tendência, mas como dissemos antes, precisamos de mais pesquisas no sentido de verificar e aprofundar essa tese.

A seguir, o quadro com as unidades fraseológicas interpretadas pela estratégia da paráfrase descritiva:

Quadro 12 – Resumo das UFs estratégia da paráfrase descritiva

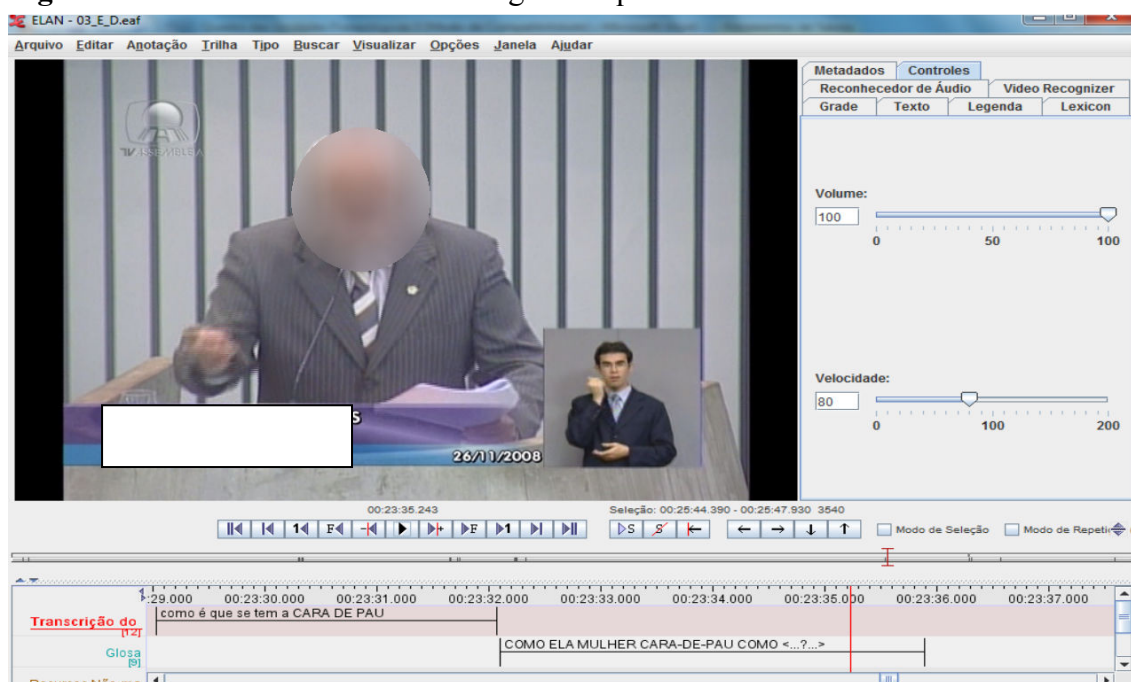
Colocação	FAIXA LITORANEA
	FALAM POR FALAR
	ABRIR OS OLHOS
	FICA NA TOCAIA
Binômio	ÓLEO COM ÁGUA
	TRANSITAMOS E ANDAMOS
Expressão idiomática	TÁBUA DE PIRULITO
	QUERER TAPAR O SOL COM UMA PENEIRA

Fonte: Elaboração própria.

6.4.5 Estratégia de equivalência

Entendemos que na estratégia da equivalência a “substituição” do enunciado em língua-fonte por outro enunciado em uma língua-alvo é uma “substituição” de enunciados funcionalmente equivalentes. Abaixo, no primeiro exemplo da equivalência, temos a realização da expressão idiomática CARA DE PAU, vejamos:

Figura 19 – TILSP utilizando a estratégia da equivalência



Fonte: Captura do vídeo selecionado para pesquisa.

Deputado: CARA DE PAU

TILSP: COMO ELA MULHER CARA-DE-PAU COMO <...?...>

Na descrição da glosa de interpretação, observamos que mais uma vez, como defendem Stumpf (2003) e Faria (2003), a língua de sinais parece “condensar” a expressão idiomática “CARA DE PAU” em um único sinal que é detentor de amplo significado, transformando assim, a expressão idiomática “CARA DE PAU” do português em um item lexical na língua de sinais. O sinal CARA-DE-PAU, que é uma equivalência, é realizado com a mão fechada em configuração da mão “A” no ponto de articulação “bochecha”, o sinalizante dá dois toques na bochecha como se estivesse batendo em uma madeira, a imagem do ELAN apresenta o exato momento de realização desse sinal.

É bom sempre lembrar que, apesar das línguas não serem isomórficas, do conceito de equivalência ser complicado de se estabelecer, e da tradução sempre designar ressignificações de uma língua em outra, de alguma forma o tradutor/intérprete sempre buscará, em suas traduções/interpretações, fazer aproximações em busca de uma “fidelidade” ao texto (escrito ou oral). Para isso, ele também buscará na língua-alvo elementos que possam ressignificar o dito/escrito na língua fonte.

Nos exemplos abaixo, temos mais exemplificações da estratégia da equivalência ocorrendo isoladamente, em todos eles vemos claramente a realização dessa estratégia:

Deputado: RISCO MORTAL

TILSP S1: PERIGOSO MORRER

Deputado: adolescentes que FICAM ÀS MARGENS ali da avenida

TILSP S3: TER FORA RUA

Deputado: até PELO FATO de que dizem eles

TILSP S4: PORQUE EL@ FALAR

Deputado: MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTES?

TILSP S2: ORAR DEUS PORQUE ME-ABANDONAR<..?..>

Deputado: BUSCAR A VERDADE

TILSP S2: PROCURAR VERDADE

Na sentença “BUSCAR A VERDADE” apareceu em dois discursos de deputados diferentes, sendo interpretada, nas duas vezes, pelo TILSP S2. Nas duas glosas de interpretação o tradutor-intérprete fez uso da sinalização “PROCURAR VERDADE”. Infelizmente não tivemos essa mesma sentença interpretada por outros TILSP para que pudéssemos – de certa forma – verificar se a mesma glosa de interpretação se repetiria. Poderíamos pensar se essa “expressão” em Libras poderia ser uma UF, mas não temos elementos suficientes para fazer essa afirmação.

Na glosa de interpretação da UF a seguir, temos outra realização da estratégia da equivalência, mas temos, também, a utilização por parte do intérprete do recurso da repetição de informação, talvez para ratificar a informação dada. Vejamos:

Deputado: CARA ENSEBADA a óleo de peroba

TILSP S2: CARA-LISA CARA-DE-PAU

O tradutor-intérprete acrescentou à interpretação de “CARA ENSEBADA”, além de seu “equivalente” “CARA-LISA”, o sinal de “CARA-DE-PAU”. Poderíamos considerar que o sinal acrescentado seria uma informação redundante, mas, ao contrário, entendemos que tenha sido uma feliz e satisfatória decisão de tradução, pois na sinalização do TILSP S2 ficou bem marcada e bem evidenciada a ênfase que o deputado deu, em sua fala, à expressão. O acréscimo de informação, utilizado como uma repetição da informação, acabou dando mais vivacidade a interpretação.

Nas glosas abaixo, temos três ocorrências da unidade fraseológica “PISO SALARIAL”:

Deputado: PISO SALARIAL

TILSP S1: SALÁRIO

TILSP S1: Φ <omissão>

Deputado: PISO SALARIAL

TILSP S5: P-I-S-O SALÁRIO

Nas interpretações de “PISO SALARIAL” pelos TILSP S1 e S5, temos as ocorrências de três estratégias, a estratégia da equivalência, da omissão e do uso de datilologia. Vejamos que nas duas glosas de interpretação realizadas pelo TILSP S1, ele se utilizou de estratégias diferentes. Na primeira realização ele utilizou-se da estratégia da equivalência parcial ao sinalizar somente parte da UF, o termo “SALÁRIO”. Ao fazer a sinalização apenas de um termo da expressão, o TILSP não nos dá a possibilidade de podermos recuperar o sentido da expressão, pois o termo “SALÁRIO” colocado isoladamente não faz menção à ideia de base, de salário inicial para uma categoria. Por isso, consideramos que temos nessa realização uma equivalência parcial; já na segunda interpretação o TILSP apagou a informação e transcorreu normalmente na sua tradução.

O TILSP S5 também utilizou o sinal “SALÁRIO”, e com isso faz uso de uma estratégia da equivalência, mas recorreu a outra estratégia como forma de “sanar” o problema de compreensão da expressão por causa de uma informação incompleta. Para sanar esse “problema” o tradutor-intérprete faz uso da datilologia para “sinalizar” o termo “piso”.

Na sentença a seguir também temos uma situação semelhante à ocorrência anterior de uso da datilologia, estratégia que resulta em uma interpretação que parece ocorrer uma equivalência parcial.

Deputado: PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

TILSP S1: PLANEJAMENTO P-L-A-N-E-J-A-M-E-N-T-O P-A-R-T-I-C-I-P-A-T-I-V-O

No exemplo acima, o TILSP S1 recorre ao alfabeto manual, ou seja, a soletração da unidade fraseológica, embora ele tenha inicialmente “ensaiado” fazer o sinal de “PLANEJAMENTO”, ele recua e utiliza a datilologia para interpretar a colocação. Vale lembrar o que a datilologia faz uso de algumas das CMs para representar o alfabeto manual

(em português), sendo esse alfabeto considerado, portanto, um empréstimo linguístico da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais.

A seguir, temos duas ocorrências da UF “FAZER VALER” realizadas por TILSP diferentes. As estratégias de interpretação que os profissionais usaram também são diferentes, e, embora as estratégias utilizadas pelo TILSP S5 pudessem estar elencadas em outro grupo de estratégias, resolvemos deixá-las registradas aqui em oposição à realização da interpretação do TILSP S3.

Deputado: FAZENDO VALER

TILSP S3: CONSEGUIR+

Deputado: luta pra FAZER VALER o piso em todos os estados

TILSP S5: LULA ACEITAR O-QUE <...?...> Φ <omissão> P-I-S-O TODO ESTADO

No primeiro caso, o TILSP S3 interpretou a UF por meio da equivalência, realizando o sinal “CONSEGUIR” repetidas vezes; já na segunda interpretação, o TILSP S5 apagou a realização da UF, mas antes de cometer o apagamento o profissional fez uso da estratégia do uso de pergunta retórica, entendemos que ele tenha feito o uso dessa estratégia com o objetivo de pensar o que fazer para melhor interpretar a informação dada e, ao mesmo tempo, como forma de conexão entre os enunciados para dar continuidade à sua interpretação após o apagamento de parte do discurso.

A seguir, o quadro com as unidades fraseológicas interpretadas pela estratégia da equivalência:

Quadro 13 – Resumo das UFs estratégia de equivalência

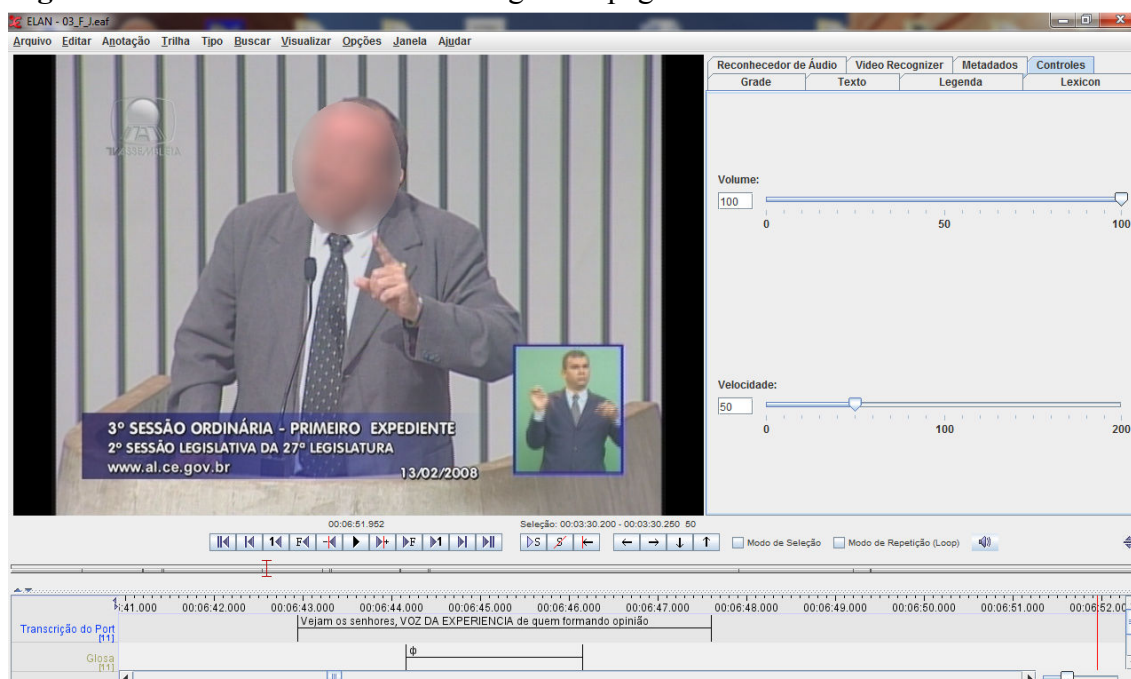
Colocação	PISO SALARIAL
	BUSCAR A VERDADE
	RISCO MORTAL
	PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO
	FICAM AS MARGENS
	PELO FATO
	FAZER VALER
Expressão idiomática	CARA DE PAU
	CARA ENSEBADA
Citação	MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTES?

Fonte: Elaboração própria.

6.4.6 Estratégia de apagamento ou omissão

Classificamos por apagamento ou omissão todas as vezes que identificamos na interpretação dos TILSP a utilização da estratégia de apagar total ou parcialmente as unidades fraseológicas identificadas nos pronunciamentos dos políticos. Vejamos a UF abaixo:

Figura 20 – TILSP utilizando a estratégia de apagamento



Fonte: Captura do vídeo selecionado para pesquisa.

Deputado: VOZ DA EXPERIÊNCIA
TILSP: Φ <omissão>

Vemos na glosa acima que o TILSP apagou completamente a colocação “VOZ DA EXPERIÊNCIA”. Hipotetizamos que ao realizar o apagamento ou a omissão de alguma sentença ou alguma parte do discurso, o profissional tradutor-intérprete acredite que está tirando do texto informações que não são relevantes ou que são repetitivas.

Em nossa entrevista aos TILSP percebemos essa assertiva nos discursos de alguns deles. Alguns defendem que utilizar a estratégia da omissão em alguns momentos é importante para uma melhor organização do discurso, um dos sujeitos de pesquisa afirma: “eu também uso uma estratégia de subtração, quando eu acho que é necessária.” (TILSP S5). Isso porque para esse sujeito, em nossas falas “nós, ouvintes, temos o hábito de enxertar,

enxertamos palavras ou expressões que não têm significado nenhum.” (TILSP S5). Pela fala desse tradutor-intérprete, a utilização da estratégia da omissão parece ser uma decisão consciente, parece ser uma necessidade a partir de algum ponto motivador, seja por achar que a informação não é relevante, seja por uma questão de economia de tempo, seja por não saber como fazer a interpretação.

Por outro lado, há profissionais que acreditam que a estratégia da omissão deva ser pouco utilizada e faz um esforço para não utilizá-la, como podemos verificar na fala do TILSP S6: “eu muito preocupado [...] em não omitir nada, porque um recurso que eu utilizo pouco é a omissão” (TILSP S6). Ao contrário de outros TILSP, este profissional parece não acreditar na estratégia da omissão, ele não a concebe como uma estratégia eficaz; ao contrário, para esse profissional a estratégia que se apresenta com mais eficiência seria a estratégia da explicitação (que ele denomina de extensão) ou a estratégia da paráfrase que ele concebe como sendo a mesma estratégia de explicitação. Vejamos o que diz esse sujeito: “eu uso mais a extensão [...] que é isso? É pegar um termo, talvez um termo que tá sendo dito naquele local, e aí, inferindo que, talvez, não tivesse uma informação sobre aquilo, eu faço uma paráfrase em língua de sinais.” (TILSP S6).

Sabemos que as estratégias da explicitação e da paráfrase são estratégias diferentes, embora tenham semelhanças de realização. Enquanto a primeira se propõe, como vimos acima, a adicionar informações à fala de quem enuncia o discurso, sem necessariamente realizar uma paráfrase, sem dar explicações, a segunda estratégia se propõe a ser um enunciado explicativo em uma língua-alvo de um enunciado pronunciado em uma língua-fonte, isso quando estamos nos referindo a traduções, pois como bem sabemos, a paráfrase pode acontecer também dentro de uma mesma língua.

Apesar da polêmica de eficácia ou não eficácia do uso da estratégia da omissão, nós identificamos vários momentos de uso exclusivo dessa estratégia. Temos abaixo um quadro com alguns dos casos:

Quadro 14 – Quadro das ocorrências interpretadas pela estratégia do apagamento

Deputado: que é um governo transparente e eu vou PEGAR NA PALAVRA agora TILSP S2: Φ <omissão>
Deputado: água no PÉ DO PESCOÇO TILSP S5: Φ <omissão>
Deputado: água no PÉ DA CANELA TILSP S5: Φ <omissão>
Deputado: VENTO EM POPA TILSP S5: Φ <omissão>
Deputado: DANÇOU E BAILOU no palco TILSP S1: φ <omissão>
Deputado: BRECHAS DA LEGISLAÇÃO TILSP S1: Φ <omissão>
Deputado: ÉPOCA DOS CORONÉIS TILSP S1: Φ <omissão>
Deputado: PRESTO HOMENAGEM TILSP S3: Φ <omissão>
Deputado: MERCADO DE TRABALHO TILSP S5: φ <omissão>
Deputado: MUNDO DE ILUSÃO TILSP S5: φ <omissão>
Deputado: ESPÍRITO PÚBLICO TILSP S4: φ <omissão>
Deputado: governo com discurso mentiroso enganado a GREGOS E TROIANOS TILSP S3: Φ <omissão> COMPRAR+ VENDER COISA PEGAR+ ROUBAR
Deputado: governador DE PRONTO concordou TILSP S1: GOVERNADOR I-(incompreensível) Φ <omissão> ACEITAR OK
Deputado: venda desse petróleo no MERCADO INTERNACIONAL TILSP S2: Φ <omissão> VENDER+

Fonte: Elaboração própria.

Da mesma maneira que as sentenças acima, na unidade fraseológica “VIERAM À TONA” temos, na interpretação do TILSP, a omissão completa da expressão, mas antes de omitir a sentença o TILSP S2 introduziu uma pergunta retórica, o que nos deu a entender que ele iria interpretar a UF respondendo a pergunta lançada – como aconteceu com as paráfrases explicativas que tiveram a introdução de uma pergunta retórica –, mas, ao contrário, ele finalizou o discurso e não deu sequência ao pensamento do parlamentar; houve, nesse caso, uma quebra de raciocínio, ou seja, a pergunta retórica nesse caso, ao invés de estimular o telespectador a pensar sobre o que foi dito ou de introduzir uma explicação sobre a UF “VIR À TONA”, serviu como um “ponto final” à fala do orador. Vejamos:

Deputado: porque que esses escândalos VIERAM À TONA
TILSP S2: POR CAUSA ACONTECER<...?...>

Nas duas realizações abaixo de COMANDO DE GREVE, realizadas pelo mesmo TILSP, teremos o uso de estratégias diferenciadas. Na primeira sentença, temos o apagamento completo da unidade fraseológica, já na segunda sentença, o TILSP S1 realiza parte da UF,

apagando o termo “comando”, o que classifica a segunda estratégia utilizada pelo TILSP como estratégia da equivalência, mas utilizada de forma parcial.

Deputado: COMANDO DE GREVE fez algumas apresentações

TILSP S1: Φ <omissão> FAZER APRESENTAÇÃO

Deputado: permanente entre o COMANDO DE GREVE e o professor

TILSP S1: Φ <omissão> GREVE_{locj}PROFESSOR_{lock}

Abaixo temos as UFs “IDEIAS WEBERIANAS” e “PROGRAMA CEARÁ ZERO” – a primeira fazendo alusão às ideias acerca de sociedade trazidas pelo pensador Max Weber; e a segunda fazendo uma crítica às políticas do governo federal frente à implementação de uma refinaria de petróleo no Estado do Ceará. Para isso o parlamentar faz alusão ao programa social do governo federal “Fome Zero”, mas de maneira irônica e com sentido contrário ao que seria a proposta do programa social nacional.

Deputado: IDEIAS WEBERIANAS

TILSP S3: φ <omissão> W-E-B-E-R

Deputado: Ceará foi mais uma vez contemplado com o PROGRAMA CEARÁ ZERO

TILSP S1: φ<omissão> BOM F-O-M-E Z-E-R-O

Na primeira glosa de interpretação temos o apagamento parcial da primeira parte da unidade fraseológica e, logo em seguida, o uso da datilologia para soletrar parte do nome do sociólogo, não trazendo nenhuma explicação adicional; na segunda glosa, o TILSP S1 além de utilizar da estratégia da omissão (somente parte da UF é interpretada pelo TILSP), no nosso entendimento, ele comete um “erro” de tradução – da mesma forma que aconteceu com o desfraseologismo “DESADMINISTRAÇÃO DE LINDA LINS DA FORTALEZA HORROROSA”, interpretada pelo mesmo TILSP –, pois ele interpretou justamente o contrário do que o parlamentar desejou expressar. Ele interpretou parte da UF “CEARÁ ZERO” por “BOM F-O-M-E Z-E-R-O”, desvirtuando o sentido e a “intencionalidade” do parlamentar.

Entendemos que nos dois casos de desfraseologismo, o TILSP possa não ter percebido o verdadeiro discurso por trás do discurso, não sendo possível, dessa forma, interpretar ou recriar na língua alvo e texto produzido na língua fonte.

A seguir o quadro com as unidades fraseológicas interpretadas pela estratégia do apagamento ou omissão:

Quadro 15 – Resumo das UFs estratégia do apagamento

Colocação	VIERAM À TONA
	COMANDO DE GREVE
	MERCADO INTERNACIONAL
	VOZ DA EXPERIÊNCIA
	DE PRONTO
	BRECHAS DA LEGISLAÇÃO
	ÉPOCA DOS CORONÉIS
	PRESTO HOMENAGEM
	IDEIAS WEBERIANAS
	ESPÍRITO PÚBLICO
	MERCADO DE TRABALHO
MUNDO DE ILUSÃO	
Binômio	DANÇOU E BAILOU
	GREGOS E TROIANOS
Expressão idiomática	PÉ DO PESCOSO
	PEGAR NA PALAVRA
	PÉ DA CANELA
	VENTO EM POLPA
Desfraseologismo	PROGRAMA CEARÁ ZERO

Fonte: Elaboração própria.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de nosso trabalho e apresentamos nessas considerações finais os principais resultados por nós encontrados na pesquisa. Não queremos dizer com isso que consideramos que esta pesquisa e discussão estejam encerradas. Muito pelo contrário, consideramos que ela é apenas o início de investigações futuras que envolvam áreas de pesquisa tão extensas, ricas em informações e ainda pouco investigadas, como são os Estudos da Tradução e da Fraseologia em língua de sinais. Nenhuma pesquisa se encerra em si, mas é o ponto de partida para outras investigações. Em nossos estudos trazemos apenas a ponta de um *iceberg* que ainda tem muito a ser explorado.

Nesta dissertação abordamos as áreas da Fraseologia e dos Estudos da Tradução, fazendo uma interface entre esses dois campos. Buscamos identificar e descrever as estratégias de interpretação do ato tradutório que envolve a língua portuguesa e a língua brasileira de sinais em uma situação específica de interpretação, nas interpretações realizadas nas sessões plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Este é um estudo descritivo que aborda a tradução interlingual, focalizada no tipo interpretativo *interpretação de mídia*, na modalidade *simultânea*.

Diante desse universo, fizeram parte de nossa investigação seis tradutores-intérpretes de Libras. As questões que nortearam a pesquisa foram: como o tradutor-intérprete de Libras faz para interpretar UFs da língua portuguesa para a Libras? Quais estratégias de interpretação são utilizadas pelos tradutores-intérpretes de língua de sinais na interpretação de UFs da língua portuguesa para a Libras? Analisamos os vídeos com as interpretações, a partir das gravações das sessões plenárias, e realizamos entrevistas com os TILSP com objetivo de entendermos melhor o nosso objeto de estudo.

Inicialmente, tínhamos a hipótese de que as situações interpretativas entre essas duas línguas (português e Libras), nas quais tivéssemos interpretações de unidades fraseológicas, demandaria sempre do profissional tradutor-intérprete uma busca pelo sentido/significado das UFs realizadas em língua portuguesa, ou seja, sempre teríamos a realização de paráfrases fazendo com que assim não recuperássemos a noção de unidade fraseológica em língua de sinais, o que em parte se confirmou. Mas percebemos em nossa análise que em muitas situações de interpretação dessas UFs os TILSP buscaram alternativas de interpretação que não somente a paráfrase.

A essas “alternativas” de interpretação nós denominamos de estratégias. A análise do *corpus* da pesquisa aponta o uso principal de seis estratégias, são elas: *simplificação*,

explicitação, tradução literal, paráfrase, equivalência e apagamento ou omissão. No entanto apareceram outras duas estratégias que foram utilizadas de maneira mais secundária, aparecendo sempre associadas a outras estratégias. Nós chamamos essas estratégias secundárias de estratégia *satélite*. Uma delas foi a estratégia da *datilologia*; a outra foi a estratégia da *pergunta retórica*, que não surgiu como estratégia de interpretação da UF, mas como apoio a essa interpretação. Na maioria das vezes, a estratégia da pergunta retórica veio em acompanhamento a estratégia da *paráfrase explicativa*. Entre as seis estratégias, por nós classificadas, percebemos que duas foram mais utilizadas: a *paráfrase* e a *omissão*. A paráfrase foi a estratégia que teve maior número de ocorrências e aconteceu em duas manifestações: o da *paráfrase explicativa* e o da *paráfrase descritiva*. A estratégia da *equivalência* também foi bem utilizada, principalmente quando o intérprete de Libras buscou na língua-alvo aproximar o sentido à expressão proferida na língua-fonte. Para isso ele buscou fazer aproximações entre estruturas. As estratégias da *simplificação*, da *explicitação* e da *tradução literal* tiveram um número menor de ocorrências.

Vale fazer uma observação sobre a grande ocorrência em nosso *corpus* das unidades fraseológicas que se enquadram no quadro das colocações. Desde o início de nossa pesquisa tivemos a intenção de analisar unidades fraseológicas que tivessem um grau de idiomaticidade, pois entendemos que estas expressões oferecem maior dificuldade à tradução, então, inicialmente, nós pensávamos que iríamos encontrar mais UFs (desse perfil) que fossem expressões idiomáticas e citações, mas para a nossa surpresa o nosso *corpus* é composto primordialmente por colocações.

Na análise de nossos dados percebemos que em algumas interpretações das unidades fraseológicas, nós conseguimos recuperar na língua de sinais a UF do português; mas, na grande maioria dos casos, após a interpretação da UF, temos a realização de uma paráfrase, ou seja, o TILSP desconstrói o sentido da unidade fraseológica em português e reconstrói esse sentido em língua de sinais, dando origem a outro enunciado que, na maioria das vezes, não será uma unidade fraseológica em língua de sinais.

Não era nossa pretensão de pesquisa enveredar e aprofundar as discussões acerca da Análise do Discurso, mas não pudemos deixar de fazer menção a esse campo de estudo e adentrar um pouco em seu escopo, embora em um nível ainda incipiente. Nós não pudemos deixar de atentar ao papel e ao lugar do tradutor-intérprete de língua de sinais em uma situação de interpretação, cujo lugar deva ser marcado por sua atuação enquanto mediador cultural que tem certa autonomia na realização do discurso. Observamos que em algumas

situações interpretativas, a “interferência” dos TILSP no ato discursivo foi inevitável e, em alguns momentos, imprescindível para o “sucesso” da interpretação.

Por fim, trazemos as nossas considerações acerca das entrevistas. Os seis sujeitos pesquisados demonstraram grande preocupação com os resultados finais de um processo tradutório, trouxeram à discussão questões polêmicas sobre a neutralidade e a fidelidade em interpretações; por outro lado, destacaram a autonomia que o tradutor/intérprete deve ter em um processo de tradução, tornando-se também “autor” do discurso. Confirmamos em nossas entrevistas que a classe profissional de tradutores-intérpretes de língua de sinais é um grupo profissional que está em formação e que tenta buscar na teoria elementos que fundamentem a sua atuação profissional. Os conhecimentos teóricos ainda não estão consolidados e ainda não “andam de mãos dadas” com a prática profissional, mas percebemos uma enorme ânsia e busca por essa prática pautada no conhecimento teórico.

Os dados apresentados nesse estudo nos apontam a necessidade de mais pesquisas acerca da prática tradutória do profissional tradutor-intérprete de língua de sinais, estudos que possam auxiliá-lo na sua prática profissional. Percebemos isso, principalmente, no que concerne ao nosso foco de pesquisa que são as estratégias utilizadas pelos TILSP para a interpretação de unidades fraseológicas. Entendemos que novos estudos possam, por exemplo, direcionar a criação de dicionários, manuais, apêndices que tragam ao conhecimento do profissional da tradução unidades fraseológicas nas duas línguas, a língua portuguesa e a língua brasileira de sinais, se constituindo em ferramentas que certamente os auxiliariam no processo tradutório.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. D. F. de. *A Tradução e interpretação de provérbios e expressões idiomáticas em língua de sinais: equivalentes linguísticos e culturais*. 2010. Disponível em: <http://www.congressotils.cce.ufsc.br/2010/pdf/maria_jose_duarte_freire_de_almeida.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2011.
- ALVES, F; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- _____; _____. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARROJO, R. A ética da tradução em abordagens contemporâneas ao ensino de tradução. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 39-51.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAPTISTA, L. M. T. R. Tratándose de expresiones idiomáticas, ¡no te rompas la cabeza ni busques cinco pies al gato! *RedELE: Revista Electrónica de Didáctica – Español Lengua Extranjera*, n. 6, 2006.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BASSNETT, S. *Estudos da tradução*. Tradução: Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcelos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- BORGES, A. I.; NERCOLINI, M. J. A (im)possibilidade da tradução cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002003000006&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 1º mai. 2012.
- BOURDIEU, P. *Ce que parle veut dire*. Paris: Fayard, 1982.
- CARVALHO, G. L. *Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*. 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- CASARES, J. Introducción a la lexicografía moderna. *Revista de Filología Española*. Madrid, 1950.

CASTRO, M. de S. *Tradução ética e subversão: desafios práticos e teóricos*. 2007. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COKELY, D. *Interpretation: a sociolinguistic model*. Burtonsville: Linstok Press, 1992.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseologia española*. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, E. *Lecciones de lingüística General*. Madrid: Gredos, 1981.

COSTA, W. C. O texto traduzido como re-textualização. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: UFSC, v. 2, n. 16, p. 25-54, 2005.

DERRIDA, J. O que é uma tradução “relevante”? Tradução: Olívia Niemeyer Santos. *ALFA-Revista de Linguística*, Editora UNESP, v. 44, número especial, p. 13-44, 2000.

DRAE. *Diccionario de la lengua española*. 21. ed. Madrid: Espasa-Calpe. 1992.

ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução: MF. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Os limites da interpretação*. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FARIA, S. P. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. 2003. 316f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FARIAS, A. *Interpretação simultânea de conferências: a verdade sobre essa arte e seus aspectos práticos*. Anotações de palestra promovida por Infoland curso de idiomas, assistida em Recife, 2006. Disponível em:
<[FELIPE, T. A. Introdução à gramática de Libras. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 1997. v. 7. \(Série Deficiência Auditiva, 3\).](https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:HrzkZRtXFjIJ:www.ayrtonfarias.com/oficina/Palestra%2520Interpretacao_Curso_2006.ppt+Interpreta%C3%A7%C3%A3o+simult%C3%A2nea+de+confer%C3%Aancias&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESi9mKre9UT5BChzkoOhDRFK9INnHTLOHOnl_ByY4U6aXSTrn7BlvK40E1k5xMYNA7RZQM9rhmliwfz7QPbHg6wWG2yowQqpAEo16a4cFW8pZLAoz7IWqa86xKN6cOgzBKZnNOqe&sig=AHIEtbRo-1xroyu5bnnyAJPeoIpyJYXriQ>. Acesso em: 15 nov. 2011.</p>
</div>
<div data-bbox=)

FERREIRA-BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. *Espaço Informativo Técnico Científico do INES*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-43, 1990.

_____. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIRTH, J.R. Modes of meaning. In: FIRTH, J.R., *Papers in linguistics 1934-1951*. London: Oxford University Press, p. 190-215, 1957.

FREITAS, L. F. de. Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 21, p. 95-107, 2008.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILE, D. Methodological aspects of interpretation (and translation) research. *Target*, Philadelphia: Benjamins, v. 3, n. 2, p. 153-174, 1991.

GONZÁLEZ REY, I. *La didactique du français idiomatique*. Fernelmont: InterCommunications, 2007a. (Collection Discours et Méthodes).

_____. Les identités de genre dans les expressions idiomatique du français. In: DURÁN, J. de D. L.; BERTRÁN, A. P. (Eds.). *Interculturalidad y lenguaje I: el significado como corolario cultural*. Granada: Linguistica, 2007b. p. 253-263. (Serie Collectae).

GRBIC, N. Where do we come from? What are we? Where are we going?: a bibliometrical analysis of writings and research on sign language interpreting. *The Sign Language Translator and Interpreter*, Manchester: St. Jerome Publishing, v. 1, Issue 1, p. 15-51, 2007.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In DASCAL, M. (Org). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Tradução: João Wanderley Geraldi. v. 4. Campinas: Unicamp, 1975/1982. p.81-104.

GUERINI, A. *Introdução aos estudos da tradução*. 2008. Disponível em: <<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2010.

HORTÊNCIO, G. F. H. *Um estudo descritivo sobre o papel dos intérpretes de libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. 2005. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: _____. *Linguística e comunicação*. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 63-72.

JORGE, G. La création et les jeux de langage du proverb à l'expression idiomatique: identité et altérité. *Polifonia*, Lisboa: Edições Colibri, n. 2, p. 23-37, 1999.

_____. Da palavra às palavras: alguns elementos para a tradução das expressões idiomáticas. *Polifonia*, Lisboa: Edições Colibri, n. 5, p. 119-133, 2002.

KASAR, S. O. La traduction des stereotypes idiomatiques du turc em français. In: DURÁN, J. de D. L.; BERTRÁN, A. P. (Eds.). *Interculturalidad y lenguaje I: el significado como corolario cultural*. Granada Linguistica, 2007. p. 121-128. (Serie Collectae).

LACERDA, C. B. *Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LE PETIT Robert. *Version électronique du Nouveau Petit Robert: dictionnaire analogique et alphabétique de la langue française*. Paris, 2001. 1 CD-ROM.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language: the phonological base. In: VALLI, C.; LUCAS, C. (Orgs.). *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. Washington-DC: Clerc Books/Gallaudet University press, 2000.

MAGALHÃES JÚNIOR, E. *Sua Majestade, o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

MEJRI, S. Construction a verbs supports, collocations et locutions verbales. In: HUERTA, M. P.; MEJRI, S. (Dirs.). *Las construcciones verbo-nominales libres y fijas. Aproximación contrastiva y traductológica*. Université d'Alicante: Quinta Impresión, S.L., 2008. p. 191-202.

_____. Figement, defigement et traduction: problematique theorique. In: HUERTA, M. P.; MEJRI, S. (Dirs.). *Figement, défigement, traduction*. Université d'Alicante: Quinta Impresión, S.L., 2009. p. 153-163.

MEL'CUK, I. A. Paraphrase et lexique: la théorie sens-texte et le dictionnaire explicatif et combinatoire In: _____ et al. *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: recherches lexico-sémantiques III*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1992. p. 9-59.

_____; CLAS, A.; POLGUÈRE, A. *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*. Belgium: Universités Francophones/Editions Duculot, 1995.

MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

MUÑOZ, J. S. El grado de conocimiento de las unidades fraseológicas en estudiantes de traducción e interpretación. *Paremia*, Madrid: Asociación Cultural Independiente, n. 17, p. 189-199, 2008.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOVAIS, L. *O intérprete de tribunal, um mero intérprete?:* um estudo descritivo sobre o papel do intérprete nos Fóruns de Boa Vista-RR e Fortaleza-CE. 2002. 397p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.

ORTÍZ-ALVAREZ, M. L. As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo: Plêiade, v. 9, n. 1, 1997.

_____. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. 344p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PAGANO, A.; VASCONCELOS, M. L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. *DELTA [online]*, v. 19, número especial, p. 1-25, 2003.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA [online]*, v.19, número especial, p. 209-236. 2003.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PEIXOTO, R. C. *A interface entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua portuguesa na psicogênese da escrita na criança surda*. 2004. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PEREIRA, M. C. P. Produções acadêmicas sobre interpretação de língua de sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Cadernos de tradução: tradução e interpretação de línguas de sinais*, Florianópolis: UFSC, v. 2, n. 26, p. 63-97, 2010.

QUADROS, R. M. de. Alfabetização e o ensino da língua de sinais. *Textura*, Canoas, n. 3, p. 53-62, 2000.

_____. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. 2. ed. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

_____; KARNOPP, L. B. *Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; PIZZIO, A. L. *Língua brasileira de sinais IV*. Curso de Letras Libras. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA*, v. 7, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2005.

RODRIGUÉZ, M. A. S. *Unidades fraseológicas francesas: estudio en un corpus – la Pentalogía de Belleville de Daniel Pennac*. Planteamiento didáctico. 2004. 511f. Tese (Doutorado em Filosofia y Letras) – Universidad de Murcia, Murcia, 2004.

RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1987.

RUIZ GURILLO, L. R. Aspectos de fraseología teórica española. *Cuadernos de Filología*, València: Universitat de València, Anejo XXIV, 1997.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHLEIERMACHER, F. E. D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Tradução: Celso Braida. *Revista Princípios*, v. 14, n. 21, p. 233-265, jan./jun. 2007.

SEARLE, J. R. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. London: Cambridge, 1985.

SFAR, I. Traduction des collocations spécialisée: le cas de la langue du sport. In: HUERTA, M. P.; MEJRI, S. (Dirs.). *Figement, défigement, traduction*. Université d'Alicante: Quinta Impresión, S.L, 2009. p. 229-242.

SHERIDAN, S. Translating idiomatic expressions from English to Irish Sign Language (ISL): theory and practice. *The Sign Language Translator and Interpreter*, Manchester, St. Jerome Publishing, v. 3, Issue 1, p. 69-83, 2009.

SILVEIRA, B. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos/Ed. Unesp, 2004.

SOUZA, S. X. de. *Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras*. 2010. 149f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STOKOE, W. C. *Sign Language Structure*. Reedição. Silver Spring-Maryland: Linstok Press, 1960.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STUMPF, M. R. Transcrições de língua de sinais brasileira em *signwriting*. In: LODI, A. C. B. et al (Orgs.). *Letramento e minoria*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

TOURY, G. The nature and role of norms in translations. In: _____. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 53-69.

VASCONCELLOS, M. L. Tradução e interpretação de língua de sinais (TILS) na pós-graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Cadernos de Tradução: tradução e interpretação de línguas de sinais*, Florianópolis: UFSC, v. 2, n. 26, p. 119-143, 2010.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Revisão técnica Stella Tagnin. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. rev e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004.

WILLIAMS J.; CHESTERMAN, A. *The map: a beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester-UK: St Jerome Publishing, 2002.

XATARA, C.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: UFSC, v. 2, n. 8, p. 183-194, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5892/5572>>. Acesso em: 7 abr. 2010.

ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt a. M., Bern, Cirencester/UK: Lang, 1980.

ANEXOS

ANEXO A

Tabela de transcrição da Libras

1. Itens lexicais da Libras: registra-se o vocábulo equivalente, em língua portuguesa (LP), com letras maiúsculas.
Verbos: sempre são transcritos na forma infinitiva.
Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, CORRER
2. Sinal único: liga-se por hífen duas ou mais palavras em LP, necessárias para traduzir o conceito que é representado por um único sinal em Libras.
Exemplos: NÃO-QUERER, AINDA-NÃO, CORTAR-COM-FACA
3. Sinal composto: formado por dois ou mais sinais, representados por duas ou mais palavras separadas pelo símbolo ^, mas com ideia de um único referente.
Exemplos: CAVALO^LISTA = “zebra”, FRIO^ABRIR-PORTA = “geladeira”
4. Datilologia: representado por palavra separada, letra por letra, por hífen.
Exemplos: A-N-E-S-T-E-S-I-A , J-O-Ã-O
5. Sinal soletrado / rítmico: palavra da LP que, por empréstimo linguístico, passou a pertencer à Libras por ser expressa pelo alfabeto manual, com uma incorporação de movimento próprio desta língua, sendo representada, em itálico, pela soletração ou parte da soletração do sinal.
Exemplos: *R-S* “reais”, *A-C-H-O* “acho”, *QUM* “quem”, *N-U-N-C-A*
6. Ausência de marcação de gêneros (masculino e feminino) e número (plural): utiliza-se o símbolo @.
Exemplos: AMIG@ = “amiga (s) e amigo (s)”, FRI@ = “frio (s) e fria (s)”, etc.
7. Marcação de plural pela repetição do sinal: utiliza-se o símbolo + ao lado direito do sinal.
Exemplos: CASA+, ÁRVORE+
8. Expressões facial e corporal: são utilizados símbolos pontilhados ou nomes sobrescritos acima do enunciado onde aparecem.
Exemplos:
 - 8.1- tipo de frase: !, ?, ?! ou ^{interrogativa} ou ...I... ^{negativa} ou ...neg...
 - (...?...) interrogativa
 - (...!...) exclamativa
 - (...t...) topicalização
 - (...ñ...) negação
 - (...int...) intensidade
 - (...Efp...) força ilocucionária
 - (...Efo...) pedido

8.2- advérbio de modo ou intensificador: muito rapidamente exp.f"espantado";

Exemplos: $\begin{matrix} \text{muito} & \text{rapidamente} & \text{exp.f"espantado"}; \\ \text{LONGE,} & \text{ANDAR,} & \text{CASAD@} \end{matrix}$

9. Verbos- concordância de gênero (pessoa, coisa, animal): representados por classificadores. Tipo de classificador em subscrita.

Exemplos: $\begin{matrix} \text{pessoa} & \text{ANDAR,} & \text{veículo} & \text{MOVER,} & \text{coisa-arredondada} & \text{COLOCAR} \end{matrix}$

10. Verbos- concordância de lugar ou número pessoal:

Exemplos:

a) variável para lugar:

- i = ponto próximo à 1a pessoa,
- j = ponto próximo à 2a pessoa,
- k e k' = pontos próximos a 3a pessoas,
- e = esquerda,
- d = direita;

b) pessoas gramaticais:

- $1s, 2s, 3s$ = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular;
- $1d, 2d, 3d$ = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do dual;
- $1p, 2p, 3p$ = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural;

Exemplos:

- $1s$ DAR $_{2s}$ "eu dou para você",
- $2s$ PERGUNTAR $_{3p}$ "você pergunta para eles/elas",
- k_d ANDAR $_{k'e}$ "andar da direita (d) para à esquerda (e).

11. Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar:

- Loc = locativo
- Loc i = este / aqui
- Loc j = esse / aí
- Loc k = aquele lá ou ali

12. Os pronomes são representados pela abreviatura "pro" seguida do número de pessoa, no singular ou no plural acrescidos pela letra "p" quando forem pronomes possessivos.

Exemplo: PRO3 NÃO-GOSTAR PRO1 (Ele (a) não gosta de mim)

13. Item lexical realizado com duas mãos simultaneamente: serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos - direita (md) e esquerda (me).

Exemplo:

IGUAL (md) PESSO@-MUIT@ANDAR (me)
 IGUAL (me) PESSOAANDAR(md)

ANEXO B

Entrevistas

Perguntas da entrevista semiestruturada

1. Quando você começou a atuar como intérprete e o que você considera ser intérprete?
2. Qual a sua formação para atuar como intérprete de Libras?
3. Qual a sua expectativa diante do trabalho de interpretação a ser realizado na TV Assembleia?
4. O que você costuma fazer diante de interpretações de expressões, frases ou discursos que não envolvem uma literalidade?
5. Você conhece alguma estratégia de interpretação? Quais?
6. Você acredita que o ato de interpretar é uma ação discursiva?

Entrevista TILSP S1

Pesquisadora – Quanto tempo você é intérprete e o que é ser intérprete de Libras pra você?

TILSP S1 – Para mim. Tudo bem. Sou intérprete há sete anos. E... ser intérprete, pra mim... é... é meu sustento, e meu trabalho, eu levo isso de forma o mais profissional possível. Tento me atualizar no tempo que eu tenho livre. Cheguei a trabalhar três expedientes como intérprete de língua de sinais... foi uma experiência muito cansativa, mas... e, então, eu decidi largar um turno pra poder me qualificar. Hoje eu to fazendo uma pós-graduação na área de... de Libras. Seria, é... uma qualificação, que eu to vendo a necessidade hoje em dia, da gente tá se aprofundando na língua de sinais, coisa que não acontecia antes. Então, eu acho que hoje ser intérprete é você assumir a responsabilidade de interpretar de maneira o mais fiel possível, do português para a língua de sinais, da língua de sinais para o português.

Pesquisadora – Hum-hum. E a for... Você falou que tá fazendo um curso agora. Qual a formação que você tem pra trabalhar como intérprete? você acha suficiente essa formação? Além desse curso que você tá fazendo agora... e anterior a isso?

TILSP S1 – Bem, a minha formação a nível de graduação, é a pedagogia. Quando terminei, eu fiz um curso de pós-graduação em educação especial, e... não finalizei ainda esse curso, tranquei. E... fiz os cursos de formação de intérprete. Fiz o básico 1, 2 e 3... quando terminou tudo, engatei na formação de intérprete. E, eu acho que não é suficiente. Os cursos que são oferecidos aqui, pelo menos pra gente, pra comunidade aqui, pro Ceará, são poucas oportunidades, a gente não vê uma... uma possibilidade de continuar os estudos. Teve o Letras Libras, mas foi muito... muito pouco, a... como é que eu posso dizer? as vagas que foram oferecidas... a quantidade de pessoas que entraram... pra fazer... você tem ali um número enorme de pessoas querendo fazer e não é possível pra eles fazer, porque não tem uma... uma continuidade do Letras Libras.

Pesquisadora – Certo. E... você trabalhou algumas vezes, na Assembleia Legislativa, enquanto intérprete?

TILSP S1 – Isso.

Pesquisadora – E ao realizar esse trabalho lá, qual era a tua expectativa? Qual a tua expectativa diante do trabalho a ser realizado na Assembleia?

TILSP S1 – Quanto a que, exatamente?

Pesquisadora – Quanto a interpretação, a interpretação em si.

TILSP S1 – Só a interpretação em si?

Pesquisadora – Hum-hum.

TILSP S1 – Eu acho que ia ser uma coisa normal, do jeito que eu já fazia. O único diferencial, que eu percebi ao chegar lá, mas isso eu ja imaginava... é que não há o *feedback* do surdo. Você não tem o surdo na tua frente e você não tá sabendo se ele tá entendendo ou não, do outro lado da câmera, por exemplo. O surdo, quando tá na nossa frente, ele... ele faz toda a expressão facial, que dar a entender a gente, se aquela interpretação que a gente tá fazendo é satisfatória ou não. Para a interpretação na Assembleia, de frente pra uma câmera, sem respaldo de ninguém, a gente fica um pouco perdido no começo, mas depois a gente se acostuma. A gente, e... na falta do surdo, na nossa frente, a gente imagina, na cabeça da gente, a gente mesmo se assistindo, como é que taria aquilo dali. Se tá condizente, se é coerente, se é inteligível ou não. Eu acho que... foi uma experiência bem interessante. Gostei.

Pesquisadora – E... diante de interpretações, que envolvam frases... ou expressões... ou... algo que não tenha uma transparência literal?

TILSP S1 – Tá falando de expressões idiomáticas?

Pesquisadora – É, expressões no geral... que não tenham uma transparência literal, né, o que é que você costuma fazer diante desse tipo de situação?

TILSP S1 – Quando existe uma situação assim, e quando eu tenho tempo, e tenho... é... mais afinidade com o surdo, mais liberdade, eu digo pra ele que eu vou fazer um exemplo, digo pra ele, que eu vou dar um exemplo pra ele, e faço uma pausa naquilo que o professor tá dizendo. E vou explicar, mais ou menos, o que seria aquele termo, se for uma coisa muito rápida, tudo bem, caso não seja, eu digo_ “- olha... depois eu te explico, quando terminar”. Isso, dentro do contexto de sala de aula. Talvez, na... na interpretação de um seminário, de um congresso, isso não seria possível, mas..

Pesquisadora – E na situação... pensando na situação da Tv Assembleia?

TILSP S1 – Isso. Nao, ai...

Pesquisadora – O que voce acha que... voce faria?

TILSP S1 – Bem, o que eu faria... se houvesse o sinal... usaria o sinal equivalente. Caberia ao surdo, procurar saber... entender o que é aquele sinal, junto com a comunidade surda. Caso não... a datilologia e infelizmente... não, não, eu teria... tentaria adequar da melhor maneira possível, mas... devido ao tempo e a... ao contexto, pra não quebrar o *link* da interpretação, eu acho que, é... não teria muita coisa a fazer, infelizmente.

Pesquisadora – Hum-hum.

TILSP S1 – Isso no caso da Tv Assembleia.

Pesquisadora – Hum-hum, tá. E... você conhece alguma estratégia de interpretação?

TILSP S1 – Pra interpretar.

Pesquisadora – Sim.

TILSP S1 – Quando a gente pensa em interpretar, a gente pensa em... se fazer entender. Traduzir um... de um ponto a outro, e às vezes, ao menos pra mim, fica mais fácil, entender, aquilo que é o mais próximo possível, da... da forma que o professor tá dando a aula, ou o orador está explicando... da forma mais parecida possível, eu acho que, quanto mais natural, mais próximo da realidade, mais próximo do que... o jeito... que o orador tá dando a aula, tá ministrando o conteúdo.. eu acho que é a melhor forma. Quando possível, é... eu acho que quanto você puder simplificar... não é nem simplificar, é... tornar mais... não sei... como uma palavra mais adequada, mas... fazer com que o surdo entenda... de forma mais clara possível... então, se você usar mão de exemplos, usar de estórias que venham na sua cabeça, que possam elucidar, tornar mais claro o entendimento... porque, às vezes, quando é uma coisa muito densa, a gente percebe que o surdo perde a atenção. Quando falo isso, falo mais voltado pra área de educação. Dentro da... TV Assembleia, talvez não fosse o caso, não há tempo da gente fazer isso. Então, são vários oradores... que se... é... que ficam trocando todo tempo, então a gente acaba não tendo como fazer isso... e também não tem o *feedback* do surdo. Então, a gente interpreta o mais ‘limpo’ possível.

Pesquisadora – Como seria isso?

TILSP S1 – Sem intermédio... limpo. Sem exemplos praticamente, porque, às vezes, não dar pra fazer isso, é... de maneira bem direta. O mais, realmente, próximo possível do que o orador está falando. Muitas vezes, a gente até se pega, tipo assim, de interpretar *ypsi literes*, e às vezes, a gente... saber que, poxa, quem tá do outro lado não vai entender isso aqui... infelizmente. Mas, pelo tempo... pelo contexto, né... que tá ali, em frente a uma câmera... não tem como fazer muita coisa... mas, é... eu acho muito interessante, eu dou os parabéns pra quem trabalha desse jeito, porque é uma situação diferente, peculiar e que... com certeza ... ainda não tá no ponto, ainda tem muito a evoluir. Não tem, não tá ainda num patamar, ainda, é... como é que eu posso dizer? aceitável, assim, pela parte do surdo. Muitos dos surdos, chegam pra gente, conversando, dizem assim: “poxa, eu queria que a TV Assembleia, o pessoal interpretasse de maneira mais simples, mais direta, tudo... às vezes, usam uns sinais que a gente não entende...” mas até onde vai a responsabilidade do intérprete... tá tornando realmente mais simples a interpretação, de maneira mais direta... não sei, talvez fosse até interessante o próprio surdo procurar, é... se reciclar, saber novos sinais... e acompanhar mais. Eu acho que uma pessoa que acompanha apenas uma vez a TV Assembleia, talvez não pegue o contexto do que vem acontecendo antes.

Pesquisadora – Você falou em tarefa do intérprete... até que ponto então... eu vou aproveitar e..

TILSP S1 – Ah, aproveite.

Pesquisadora – ...fazer a próxima pergunta. É... você acredita que o ato de interpretar seja uma ação discursiva?

TILSP S1 – Até que ponto, você tá... em que ponto você tá querendo chegar?

Pesquisadora – se você acha que o intérprete, ele... tem autonomia de interferir ou não no discurso do político? Até que ponto ele tem essa autonomia?

TILSP S1 – Não, não... nesse sentido...

Pesquisadora – E se a interpretação seria um ato discursivo, nesse sentido?

TILSP S1 – Eu acho que vai depender do orador. Isso depende muito do orador. Do tipo de é... de pronunciamento que ele tá fazendo, se tá ministrando aula, se é uma palestra... o intérprete tem que traduzir de maneira mais neutra possível. Ele tem que passar exatamente, o sentimento, pelo menos tentar, passar o sentimento que o orador tá passando naquele momento. Se é de raiva, se é de euforia, se é de alegria... ele vai ter que passar. Daquele jeito. E... por mais que ele use... palavras que... mais difíceis, você pode também transmitir

isso, dentro do contexto... usando sinais mais... polidos, por exemplo. Ou, do contrário, pessoas que usam no seu discurso, palavras de baixo calão. Então, você pode utilizar também. Nesse momento, até o intérprete se perde um pouco, não sabe interpretar isso, não devo... ah... eu sou evangélico, sou, sou, faço parte da primeira Igreja Batista, mas, numa situação como essa... eu me vejo obrigado a transmitir, porque é o que o orador tá transmitindo. Então, é... eu acho que você deve respeitar o que o orador tá dizendo. Ou se não, o que o surdo está dizendo. Então, você tem que comunicar o que o surdo está dizendo ou o orador está dizendo, da maneira mais fiel possível.

Pesquisadora – Ok

TILSP S1 – Só isso? Não sei se eu respondi direito...

Pesquisadora – Ok.

Entrevista TILSP S2

Pesquisadora – Quando você começou a atuar como intérprete? E a formação que você tem... são três questões, se puder responder as três... quando você começou a atuar? A formação que você tem e o que você considera ser intérprete?

TILSP S2 – As minhas primeiras atuações como intérprete, foram na igreja Betesda... ah... 1990, é... fora de lá... 94-95... em outros ambientes, fora da igreja, né. E... como eu considero, o que é que eu considero ser intérprete de Libras... ah... É a pessoa que domina a língua de sinais e... e é fluente nessa língua também, além, da sua língua materna, no nosso caso, a língua portuguesa, né... e tem conhecimentos teóricos... tem conhecimentos linguísticos, a respeito das duas línguas... pra realizar um trabalho de interpretação, correto, coerente... que possa lhe dar a possibilidade de estratégias...

E minha formação, né? Na verdade, meu contato com a Libras, foi na convivência com os surdos. Meu primeiro contato foi na convivência com surdos. Eu... nessa mesma época, eu comecei a fazer o curso de Letras, na Universidade Estadual, português e espanhol, também uma habilitação em língua estrangeira... a habilitação em português e a língua estrangeira, no caso espanhol, me ajudaram a ver, a olhar pra língua brasileira de sinais, que na época, a gente não conhecia assim, não, nem considera... as pessoas não consideravam como língua; a percebê-la como língua, como língua dos surdos, que é de uma cultura surda, até, e... a formação no curso superior, no contato, com a teoria, com os teóricos, a respeito da linguística e tal, que era uma coisa que me interessava, me fez olhar pra Libras, de uma maneira mais científica, de percebê-la como língua. Foi isso. Formação, como intérprete foi...

Pesquisadora – Ok. É... e uma formação formal...

TILSP S2 – Pra Libras?

Pesquisadora – Pra atuar como intérprete, foi o contato com surdos e a vivência...

TILSP S2 – Foi. Foi, o contato era informal... a gente teve um curso de Libras, mas... a coisa, que não era formal, era... também, o chamado curso de Libras, foi informal, durou duas, três semanas, era mais aprender um vocabulário novo, uns sinais... só muito tempo depois, um grupo de intérpretes, que era intérpretes por experiência, por prática... se juntou e nós elaboramos um curso, né, também participei da elaboração do curso e das aulas... e nesse curso a gente também recebeu aulas de outros intérpretes, de outros professores... Foi assim que foi feito.

Pesquisadora – Tá. E hoje você atua como intérprete... em instituições?

TILSP S2 – Sim. Hoje eu trabalho... na faculdade, no ensino superior, como intérprete de Libras. Cursos diversos, disciplinas diversas.

Pesquisadora – Tá. você sente falta de alguma formação... de formações pra atuar como intérprete, ou você acha que tudo que você já tem até hoje é suficiente?

TILSP S2 – Minha jornada é longa, né. Além de mais de vinte anos. Então... é... eu já não sinto falta de um curso de formação pra intérprete, até porque, tanto de tempo, de contato com os surdos, a formação no ensino superior, na área... da letras, que a gente acaba se embrenhando na linguística, e... percebendo a Libras como língua, reconhecendo-a, estudando ela depois, hoje... não. Pra mim, um curso de formação de intérpretes, já não é mais necessário.

Pesquisadora – É... tu desempenhaste na Assembleia Legislativa, em alguns momentos, trabalhos como intérprete?

TILSP S2 – Sim.

Pesquisadora – E aí, nessa situação específica de atuação na Assembleia Legislativa, qual a tua expectativa diante do trabalho a ser desempenhado? É... lá nessa situação específica?

TILSP S2 – O desafio da Assembleia Legislativa do Ceará, é... é diferente do ambiente acadêmico, porque os assuntos são diversos, há certa formalidade na apresentação... dos temas, dos debates... a organização da Assembleia, é uma organização de... o parlamento é de debates, de apresentação de temas, de debates, de apresentação da sua opinião e tal, os discursos... são direcionados muitas vezes, a opinião pessoal, a defesa... de uma posição, de outra... e... a gente percebe isso logo de início. A gente sabe que, nesse ambiente, a... o intérprete vai expressar, em língua de sinais, vai traduzir pra, interpretar pra língua de sinais, Libras, a opinião de outra pessoa, o posicionamento dela, a defesa, a recusa, né, das ideias do outro... e, essa percepção a gente tem quando vai pra onde, já sabe que é um ambiente... cada político tem suas ideias, ele elabora teses, pra depois

defendê-las ou, ele apresenta uma tese pra debatê-la, derrubar, e a gente sabe que esses são ambientes... a minha expectativa ao chegar nesse ambiente, é que seria desse tipo. Há pouca informalidade, ela acontece, mas a linguagem é quase sempre formal.

Pesquisadora – É... e pensando nesse ambiente de interpretação, o que é que você costuma... costumava, fazer diante de interpretações que envolvessem expressões ou frases ou mesmo discursos que não usassem de uma literalidade, que não fossem tão transparentes? Como você costumava reagir?

TILSP S2 – Quando o discurso usa de metáforas... usa de ... figuras de linguagem... eles sempre são mais difíceis de interpretar, às vezes até o próprio intérprete compreender, o que a pessoa pretende com aquilo, porque, o intérprete da Libras vai verter na língua de sinais, as pretensões, os anseios, o que espera conseguir com aquele discurso, o político... então, isso é bem difícil. Algumas vezes, essas informações ficam perdidas. Por incompreensão do próprio intérprete... tento traduzir, tento interpretar, tento fazer, invariavelmente vou errar, né, vou supor que ele quer, que o interlocutor quer dizer alguma coisa, e acabo, posso apostar errado, supor de maneira incorreta, isso vai acontecer, invariavelmente, mas... as estratégias são ouvir, tentar entender e buscar naquilo que a gente conhece, da cultura surda e da língua de sinais... tentar aproximar pra que, o entendimento seja... esclarecido, seja franco, tanto pra surdos como pros ouvintes que ouvem o político. A estratégia é ouvir, tentar entender, compreender o que isso quer dizer... às vezes, usar ou não, uma mesma metáfora... assunto de semelhança, ou uma outra que exista, ou... transformar aquilo que está sendo dito em algo literal na outra língua. A estratégia é fazer assim. O objetivo final... tentar fazer que esse interlocutor falante seja entendido pela comunidade surda.

Pesquisadora – hum-hum. Você falou em estratégia. Falando em estratégia, tu conheces alguma estratégia? Quais estratégias você conhece e utiliza?

TILSP S2 – Bom, eu procuro... ouvir, esperar que uma sentença esteja terminada... ou já encaminhada prum final, pra começar a interpretar. Começar a traduzir daí. Pra evitar até... a gente começar a interpretar de um jeito e a pessoa estava querendo ser metafórico, anafórico... aí, opa! Me perdi. Aí eu tenho que voltar. Pra evitar isso, né... eu ouço, acompanho, deixo que o interlocutor comece a falar, pra em seguida, acompanhar o seu o fio de pensamento... é simultâneo, mas não é... exatamente no mesmo momento, também não chega a ser consecutiva, eu não espero ele terminar de falar várias sentenças, várias frases... pr'ái... ele termina o que ele queria dizer e eu começo. Eu vou acompanhando com um pequeno atraso, pra evitar uma tradução incorreta, uma tradução que desvia da linha que a pessoa quer dar pra sua fala.

Pesquisadora – Isso é uma estratégia que você utiliza pra...

TILSP S2 – Sim, uma estratégia que eu utilizo.

Pesquisadora – E... saindo das estratégias. Você acredita que o ato de interpretar em si, ele é uma ação discursiva?

TILSP S2 – Sim. Porque... você... a, a, dar importância o que você tá fazendo. Você entende que... as pessoas que estão lhe vendo, os surdos que estão lhe vendo, consideram essa informação... vão precisar dela... então, você toma, de certa forma... posição, né, eu assumo esse papel porque eu também acho importante. O fato de interpretar pras pessoas, eu estou dizendo: “Olha, o surdo existe, eu preciso estar aqui, eles precisam que eu esteja aqui!” Eu acabo dizendo isso quando, com o fato de ser intérprete, me tornar intérprete.

Pesquisadora – Tá. E pensando na interpretação ser um ato discursivo... até que ponto a interpretação interfere, ou não, no discurso de quem está falando? De onde está partindo o discurso?

TISLP S2 – O intérprete, tradutor de Libras, ele tem que ter um compromisso com a neutralidade, né. E... as opiniões, as teses apresentadas, falando do parlamento, falando da Assembleia, as defesas que são feitas... nem devem ser levadas em consideração, se são as mesmas que o intérprete teria ou não. Porque ele está fazendo o seu trabalho de interpretação, buscando neutralidade. Neutralidade... é algo ideal, é algo, como eu disse, que se busca, e a gente, nem sempre, vai conseguir em todo momento. Porque, você... o intérprete é um ser humano, e ele também vai sentir, ele... com certeza, alguma interferência vai ter. Mas o papel de intérprete, perpassa por esse dilema, também, de buscar neutralidade, mas saber que ele... tem suas fragilidades... tem seus... os pontos culminantes... ali, chega num momento, que o intérprete pode... acabar não conseguindo... por forças muito maoiores, sua formação cultural... sua formação religiosa... sua formação intelectual... vai interferir, com certeza, no processo de interpretação. O conhecimento de mundo que o intérprete tem... ele pode ser excelente sinalizante dentro da comunidade surda, ter muitos amigos surdos, parentes surdos, mas o ambiente formal, do espaço exclusivo da Assembleia, e a forma que os discursos se apresentam ali dentro, não são experiências que ele teve, não são experiências que ele vivencia constantemente, ele começa... a ter uma vivência e passar isso pra... pra comunidade surda em geral, não só pro grupo de amigos dele, os parentes... exige um esforço muito grande... invariavelmente, o intérprete vai... cometer sim, as suas falhas, suas omissões... as suas adições daquilo que tá

sendo dito, na sua interpretação, que acaba sendo muito pessoal, daquilo que tá sendo falado pra comunidade surda.

Pesquisadora – Ok. Obrigada...

Entrevista TILSP S3

Pesquisadora – Quando você começou a atuar como intérprete de Libras e o que você considera ser intérprete?

TILSP S3 – É... eu iniciei a minha... eu iniciei a minha profissão de intérprete de Libras, em... dois anos após eu me envolver com a comunidade surda na Associação dos surdos. Eu, inicialmente, fui levado por uma outra intérprete... por uma intérprete e um surdo... e aí eu me envolvi, né, nas questões burocráticas, políticas da comunidade surda, e aí, e é claro, no aprendizado também da língua de sinais. Mas, eu sempre considerei uma responsabilidade muito grande, a questão de ser intérprete. É tanto que eu, imediatamente, após aprender a língua de sinais, seis meses, um ano... eu aguardei, pra poder iniciar os trabalhos de interpretação. Então, isso foi... na década de 1990... que eu iniciei esse trabalho. Dois anos após. E aí, eu acho que o intérprete... é... você perguntou... é...

Pesquisadora – O que você considera ser intérprete?

TILSP S3 – É, eu acho que ser intérprete... é... primeiro de tudo, eu acho que é um profissional, e já quando eu coloco profissional, eu tô pensando já na questão dos preceitos éticos, dos preceitos morais, dos preceitos... tudo que envolve o trabalho de interpretação, que no caso, o intérprete de língua de sinais, né... assim, ter a fluência, tanto da sua língua,... claro, a língua portuguesa... e também da língua de sinais. Eu acho que isso, é um primeiro momento, você ter fluência, você conhecer as duas comunidades que envolve esse seu trabalho de interpretação, tanto a comunidade ouvinte quanto a comunidade surda... claro, o intérprete, ele é, nesse caso, da comunidade ouvinte... então, ele... conhece a questão da cultura. Mas, assim, ele precisa cada vez mais se envolver com o trabalho da comunidade surda. E é exatamente o trabalho, o enfoque, seja para, a interpretação da língua portuguesa para língua de sinais ou vice-versa. Então, eu acho que, eu considero que o intérprete, é ele quem faz essa mediação, a mediação entre essa comunidade surda, esse sujeito surdo com o sujeito ouvinte. Dependendo das estratégias, dependendo dos objetivos que está posto naquele momento. Então, o intérprete, ele vem exatamente, no sentido de aproximar essas duas culturas, essas duas línguas, né, no sentido de haver uma compreensão, um entendimento, por parte das duas comunidades, ou dos dois sujeitos, na questão do discurso, das informações que estão colocadas naquele momento.

Pesquisadora – Tá. E a tua formação? Você falou que, é... iniciou... o contato com os surdos através de amigos...

TILSP S3 – Sim.

Pesquisadora – ...e falando assim em nível de formação profissional, qual é a sua formação?

TILSP S3 – É. Na realidade, eu... hoje em dia... é porque, nós, atualmente, nós temos vários cursos já organizados... seja por universidades, nós temos o curso do bacharelado, curso de nível superior, né, feito pela Universidade Federal de Santa Catarina, quer dizer... na época que eu começava a atuar como intérprete, a gente não tinha absolutamente nada desses cursos de formação. O que a gente tinha, era muito... assim, era a questão mesmo de compreender... responsabilmente, né, as estratégias de interpretação. Fato que, eu nunca frequentei cursos de formação... fato que, é... na verdade, a gente passou foi a organizar os primeiros cursos de formação. Mas, na minha formação, realmente, foi nesse dia-a-dia, né... foi o contato que eu tive com os surdos... e compreendendo, mesmo, compreendendo, que... havia... um código de ética, que regia a profissão, regia a profissão do intérprete, regia a atuação do intérprete, então, a gente procurava, um pouco que seguir aquele código. Nunca... a gente nunca pensou, no sentido de estudar em conjunto... esse código. Então, mesmo porque, não tinha as Associações de sur-de, de intérpretes... não tinha... cursos de formação de intérpretes... então... diferente do panorama, do cenário que a gente..., que se apresenta hoje. Então, isso, na verdade, era um pouco, também, uma conversa que a gente tinha com os outros colegas, no sentido de poder perceber, o que era possível fazer na interpretação... o que não era... quer dizer, como é que se... o que era intraduzível, enfim, quais as estratégias que se utilizava pra tal momento... quando em vez, nós tínhamos essa conversa com os outros colegas intérpretes, pra poder estabelecer uma melhor... atuar melhor como profissional na interpretação. Eu digo, assim, como profissional, porque eu acho que, é preciso ser, sempre estar casando, a questão da formação do intérprete e essa busca pela sua profissionalização. E eu acho que, a formação, independente dos cursos, mas a gente tinha uma compreensão, uma consciência que a atuação do intérprete, ele era muito mais, uma situação de necessidade, por parte da comunidade surda, e é claro que, também dependia, e depende, muito hoje do profissional intérprete de atuar como tal, nessa comunidade. Seja por uma questão ética, questão mesmo de formação, questão de fluência na língua, como outras... a conduta moral, enfim. Então, há um comprometimento, também, político, para com a comunidade, que eu também considero importante, eu acho que isso me ajudou muito, a poder, é, é... conseguir de repente, ser um profissional intérprete, hoje ser considerado assim.

Pesquisadora – Hum-hum. É... e falando do trabalho na Assembleia... o trabalho que você desempenhou lá, de interpretação. Quais as tuas expectativas iniciais quando ia interpretar na Assembleia? Quais expectativas você...

TILSP S3 – É... antes de mais nada, assim... o que... cada vez mais, o Brasil estava, assim... eu digo hoje, o Brasil, mas eu vou falar em particular, o estado do Ceará, é... sobre essa condição da colocação do intérprete na janelinha de Libras, porque isso já era uma discussão em nível nacional, que já estava ocorrendo em outros programas, e... eu achei, inicialmente, assim, que a gente podia abrir essa possibilidade dessa janela de Libras na Assembleia Legislativa. Mas, assim, pensando em que objetivo? Pensando apenas porque o surdo iria ter acesso aos discursos políticos, né? Também... mas, sobretudo, a divulgação da língua de sinais, através da janela de Libras, que seria dada pelo intérprete. Quer dizer, inicialmente, houve uma incompreensão por parte do próprio órgão, da Assembleia Legislativa, sobre, como fazer, como colocar esse intérprete nessa janela. E assim... que tipo de limitações... a própria Assembleia tinha, quer dizer, as limitações também que o intérprete também tinha, porque aquilo ali era novo, e pra mim, aquilo ali era novo, e tinha exatamente essa expectativa, de poder compreender que aquela janela serviria, não apenas para... fazer com que os surdos pudessem ter uma atenção maior, a partir, não apenas dos discursos políticos, mas de compreender o que estava ocorrendo em nível de Ceará, de Brasil, de mundo... a partir das informações que os deputados traziam. Além disso, do próprio surdo, enquanto ser cidadão. Então, eu achava que... assim, era uma resposta... achava não, acho que é uma responsabilidade muito grande do intérprete que tá assumindo aquela posição, de poder... na questão da informação, né. Então, acho que... acho que a expectativa era essa, fazer com que, cada vez mais, a Assembleia, a Tv Assembleia, chegasse nos municípios e daí, a partir disso, as janelas de Libras iria servir como um instrumento de divulgação da língua de sinais, do profissional intérprete, da necessidade que o profissional intérprete... Então, gerava todas essas expectativas, no sentido de, poder melhorar, inclusive, né... o interesse, aumentar o interesse, pela língua de sinais, por parte dos municípios, enfim. Então, isso pra mim, isso aí era uma forma também de poder perceber isso.

Pesquisadora – É... e falando da interpretação em si. O que é que você costuma fazer, quando você se depara com situações em que aparecem expressões... ou frases... que não têm um sentido literal, que não têm um sentido claro. O que você costuma fazer diante dessas situações de interpretação?

TILSP S3 – É... o trabalho de interpretação, é aquele trabalho que necessitava e necessita, de um pensamento rápido do intérprete, né, de poder encontrar, a partir das, das, é... a partir do que o intérprete ouve e a partir do que ele tenta... buscar na língua de sinais, buscando os seus equivalentes, dessas expressões, enfim. Do que você tá colocando, a questão das metáforas, das colocações, enfim. E às vezes, a gente se depara, com certas situações, em que, às vezes, a gente não encontra, ou, talvez exista, mas que a gente não conheça, esses equivalentes, e aí a gente lança mão de estratégias. Assim. Quando isso acontecia... eu procurava ou explicar, para a língua de sinais, o que se tinha, que é, talvez não seja essa, a grande função, né, ser um explicador... mas a gente... então, eu procurava aproximar... tentar levar... ao público surdo, é... a questão, não no sentido literal, mas, no sentido de dizer, do que estava realmente querendo dizer, aquela expressão, da língua portuguesa para a língua de sinais. Então, isso era uma forma de... a gente poder tentar... apresentar ao surdo. Quer dizer, apresentar o sentido da expressão. Porque, geralmente, o que significa... então isso trazia... isso era uma questão. A outra... porque, às vezes, o fato de não dar tempo, porque... como é conhecido certas expressões pelos ouvintes, então eles conseguiriam, conseguiam, interpretavam... é... a partir do que eles compreendiam, porque é usual na comunidade ouvinte, na cultura ouvinte, isso acontecer... e às vezes, realmente, a gente não conseguia passar para a língua de sinais, é... questões bem pontuais, assim... a gente não tinha condição de dar toda uma vasta explicação... exemplos, exemplificar. Porque, eu acho que a gente partia também muito pra parte dos exemplos. A gente usava muito... exemplos que poderiam se utilizar na língua de sinais pra poder interpretar, pra poder dar o sentido àquelas expressões que estavam sendo dada em língua portuguesa.

Pesquisadora – Tá. você falou em estratégia, né? É...tu conheces alguma estratégia de interpretação? Poderia citar quais estratégias de tradução, interpretação você conhece?

TILSP S3 – É, eu não, ... assim. O fato dessa ausência, dessas questões dos cursos de formação... é... eu acho que a gente poderia... assim. Eu acho que a estratégia... a gente poderia pensar, no sentido, é... O intérprete poderia não utilizar a, aliás, o intérprete poderia, não utilizar a estratégia e apenas considerar... o sentido literal. Interpretar literalmente aquela frase. Isso aí era uma situação. Porque... eu acho que a gente precisa ver... que nós temos duas línguas envolvidas: uma é oral-auditiva e a outra é visual-espacial. Então, nesse trânsito... o intérprete... que ele é o ouvinte, que conhece a sua língua materna, que tem fluência na sua língua materna, né... e como passar... essa situação para... a... língua de sinais... quer dizer, isso tudo poderia exatamente depender... sei lá, do espaço... das expressões... e, utilizar certos vocábulos na língua de sinais para poder passar, né... esse tipo de, de situação... ou então, simplesmente não interpretar, sei lá. Essa também pode ser uma estratégia de não interpretar, e assim... e de repente, passar despercebido... porque o discurso, ele exige isso... e... a... situação de você trazer isso para o sentido literal porque também não dava tempo de você, talvez simplificar... você podia

trazer isso para o sentido literal também. Ou então fazer a explicação. Seria mais ou menos essa situação. Acho que, eu não sei se, essa situação da estratégia, seria relacionado a isso.

Pesquisadora — Hum-hum. E... você acredita que o ato de interpretar é uma ação discursiva?

TILSP S3 – Eu acho, eu acho que sim. Eu acho que sim, porque o intérprete, ele reelabora. Ele reelabora o discurso. Eu acho que ele não só interpreta. Por isso, que a gente, quando fala de neutralidade, né, não existe essa estória da neutralidade. Eu acho que é, sim, uma prática discursiva... porque o intérprete, ele consegue, assim... consegue trazer dessa língua fonte e passar para a língua alvo, então, ele têm, a... vamos dizer, não a obrigação, vamos dizer, de passar literalmente tudo. Mas, é, exatamente, a partir dessa reelaboração, que ele faz, ele conseguir, fazer com que haja uma compreensão maior, na língua alvo. Então, eu acredito que sim. O intérprete, sim, faz essa estória, faz essa questão, sim. Porque, ele não se isenta completamente. Ali está uma pessoa, ali está a estória de mundo dele, ali está, né, todas as questões envolvidas... políticas, filosóficas, religiosas, enfim. Então, ele faz escolhas, então, nessas escolhas, que ele faz, a partir da elaboração do que ele coloca, agora... só acho que, nessas escolhas, ele não pode comprometer, de fato, o discurso que está na língua fonte... pra língua alvo, né, acho que isso aí, ele não pode comprometer. Também ele não pode viver de uma completa isenção, completa neutralidade. Por isso que eu acho que, ele reelabora, sim, o discurso.

Pesquisadora – Ok.

Entrevista TILSP S4

Pesquisadora – Quando você começou a atuar como intérprete de Libras e o que você considera ser um intérprete?

TILSP S4 – Eu comecei a trabalhar como intérprete de Libras há pouco, uns quatro anos, e... considero ser intérprete de Libras uma responsabilidade, acima de tudo, com o conteúdo a ser traduzido e... considero também ser intérprete de Libras, como um mediador, da comunidade surda com a comunidade ouvinte.

Pesquisadora – E, qual a formação, que você tem para trabalhar como intérprete, você acha suficiente essa formação?

TILSP S4 – A formação que eu tenho atualmente é um curso de formação de tradutores intérpretes, oferecido pela associação dos intérpretes e... estou me graduando no curso Letras Libras da UFSC, com pólo na UFC. Mas, não acredito ser ainda a formação necessária, acredito que, seja ainda necessário especializações na área, em diversas áreas do conhecimento, acredito que seria o ideal pra formação do intérprete.

Pesquisadora – E a tua expectativa no trabalho que você realiza na TV Assembleia... qual a expectativa que você tem, ou que você tinha, quando você começou, e até hoje desempenha essa função de interpretar os discursos de políticos?

TILSP S4 – Bom, a expectativa que eu tenho na situação, naquela área, foi e é, ainda, uma expectativa grande, no sentido de saber a responsabilidade daquilo que estou traduzindo, por ser um trabalho pioneiro no estado, onde até então, a comunidade surda do nosso estado, praticamente não tinha acesso as informações e aos debates políticos da nossa região, do nosso país e até, por que não, do nosso mundo globalizado e a partir desse trabalho, os surdos têm a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o processo político, sobre ter um pouco mais de noção, sobre o seu acesso à cidadania, suas responsabilidades e seus direitos, então, a minha expectativa em relação a esse trabalho, é de que eu desempenho uma função muito importante dentro da comunidade surda, vendo que eu estou ali, sendo transmitido para o Estado do Ceará.

Pesquisadora – sei, e em relação a interpretação, dos discursos frente a essas interpretações a serem realizadas, daquilo que os políticos estão dizendo... qual a tua expectativa em relação à interpretação em si, ao ato de interpretar esses discursos?

TILSP S4 – A minha expectativa em relação à interpretar esses discursos, né? É, a minha expectativa, no momento de interpretar esses discursos, é que eu sei que pode vir a qualquer momento, os mais variados assuntos, já que não se limita especificamente a... ao debate político, os assuntos são os mais variados possíveis, então, eu tenho sempre que me preparar, estar antenado com as atualidades e as novidades que surgem, os grandes temas que são debatidos, então, há a necessidade de estar sempre bem informado, dos mais diversos assuntos porque eles podem vir à tona, a qualquer momento, nas discussões do plenário.

Pesquisadora – Tá. E pra ti, assim, interpretar o discurso político, interpretar lá na Assembleia, interpretar em outro local, tem alguma diferença na preparação ou ...

TILSP S4 – Bom, existe, existe sim, uma diferença. Se eu for comparar o trabalho de tradução que eu faço na Tv Assembleia e o trabalho que eu faria, por exemplo, em uma conferência, a diferença é que, em uma conferência, eu, provavelmente teria, previamente o discurso, o tema, o assunto que seria discutido e que eu deveria estar interpretando, eu poderia ter acesso a esse material. Já na Assembleia, não. Traduções na Tv Assembleia, eu preciso estar preparado e prevê os assuntos que podem vir à tona. Não há como eu ter o assunto completo em mãos, o texto fiel ao que será dito, mas eu posso prevê o que será discutido e pra isso, eu preciso estar sempre e procuro estar sempre bem informado, em relação aos grandes temas que estão sendo debatidos. Então, há uma grande diferença em relação a minha preparação no trabalho, nessas duas áreas, por exemplo.

Pesquisadora – Sei. E diante de frases ou expressões que são ditas ou proferidas, que não tem um sentido literal, que não tem uma transparência clara, o que é que você costuma fazer, diante dessas situações?

TILSP S4 – Nessas situações, normalmente, eu... elas são bem complexas, porque, essas frases de efeito, que muitas vezes são faladas, elas tem uma carga de significado muito grande na língua portuguesa, se elas forem traduzidas, da maneira como elas estão, para a língua de sinais, eu acredito que elas perderiam o sentido e o significado que elas querem atingir. Então, muitas vezes, eu procuro fazer uma pequena pausa durante a minha tradução, observar aquilo que foi dito, toda a expressão, e eu faço uma, uma... espécie de passar o significado e o objetivo final com aquilo que o orador quis dizer, pra que possa ser compreendido pelo surdo, que utiliza uma outra língua, o real sentido daquilo que foi dito, porque muitas vezes, a tradução literal daquela frase, daquela expressão, não traria nenhum significado na realidade da cultura surda.

Pesquisadora – Hum-hum, compreendo. E você utiliza ou conhece alguma estratégia de interpretação? E se conhece, quais você saberia denominar?

TILSP S4 – Bom, estratégias no ato de interpretação, que eu acho que eu possa citar, que eu conheça, seria a... a de recorrer a tradução dos conceitos e não do significado literal das palavras, observar que cada palavra que é dita, ela traz dentro dela um conceito, e que muitas vezes, quando não há um signo equivalente, na língua de sinais, eu posso recorrer a tradução daquele conceito que está por traz daquela palavra que foi dita.

Pesquisadora – E você acha que... é... o ato de interpretar é uma ação discursiva?

TILSP S4 – É, essa pergunta é meio complexa, nunca havia pensado na, na... nessa forma de ver, o ato de interpretar como um ato discursivo, né. Até então, não. Eu não via, não vejo dessa forma o... o ato de interpretar como um ato discursivo. Mas... eu acredito que se avaliar bem a função do intérprete, como muitas vezes, ele faz colocações à parte do que foi dito, isso de certa forma, é um ato discursivo, eu acho que é uma questão que eu ainda não parei pra pensar com mais detalhe sobre isso. Mas, eu, a princípio, não vejo como um ato discursivo, não. Mas, acho que posso, posso estar enganado, acredito que é possível, sim, pensar dessa forma.

Pesquisadora – não acreditando ou acreditando que seja um ato discursivo, é... até que ponto poderia haver interferência, do, do... você acha que há interferência do profissional? se a resposta fosse positiva, ou se a resposta for negativa, enfim... até que ponto há uma interferência desse intérprete?

TILSP S4 – Eu acredito, eu acredito, que sempre existem interferências, tá, no ato de tradução. Eu acho que o que vai mudar é a carga dessa interferência, é o impacto que ela vai ter, o impacto final, que essa interferência vai trazer. Se o impacto que essa interferência vai fazer, vai ser prejudicial ao conteúdo original, vai mudar o sentido, dessa... daquilo que foi dito, eu acredito que foi uma interferência infeliz, mas eu acredito que se a interferência que ocorreu, ajudou na compreensão do significado, do discurso que foi dito, eu acho que foi uma interferência benéfica. Eu acredito que há sim interferência, mas, é preciso que o intérprete saiba os seus limites, onde ele pode interferir, para que ele pense bem, se a interferência que ele vai fazer, vai ser prejudicial ao discurso original ou se vai ser algo benéfico ao, ao... objetivo final, que é a comunicação, que é a boa compreensão daquilo que esta sendo dito.

Pesquisadora – Você falou que é... que tá se formando em Letras Libras? os vídeos que eu tô analisando, eles são de dois anos atrás. Então, de dois anos atrás até agora, você tem dois anos de curso, não é?

TILSP S4 – Isso.

Pesquisadora – ...no Letras Libras. Você acha que o seu ponto de vista em relação ao que é interpretar e a interpretação mudou nesses dois anos? ou, ou... assim, o que mudou? o que você acreditava antes, o que você acredita agora?

TILSP S4 – É, mudou, mudou, sim, o meu ponto de vista, o que eu posso citar, assim, como principal mudança no ponto de vista, que isso acarreta uma série de outras pequenas mudanças no ato mesmo de traduzir, é o conceito de fidelidade. Acho que isso foi o principal conceito que mudou a minha visão, a partir do momento em que eu entrei no curso de Letras Libras, que durante todo o curso, eu acho que esse assunto ele é bastante abordado, e... que é a questão do... que eu poderia até dizer que seria um mito, até anteriormente pra mim, era como um mito, um mito em que eu acreditava, a questão da fi... ou como eu acreditava na questão da fidelidade, né. Na maneira como eu vejo fidelidade hoje, ela mudou bastante a minha maneira de traduzir. Eu acho que essa foi a principal mudança e que acarretou, sim, numa diferença na minha maneira de fazer as minhas traduções.

Pesquisadora – Ok!

TILSP S4 – Ok?

Pesquisadora – Obrigada.

Entrevista TILSP S5

Pesquisadora – Quando você começou a atuar como intérprete de Libras e o que você considera ser intérprete?

TILSP S5 – Eu comecei a atuar como intérprete de libras, eu tinha aproximadamente, 17 anos de idade. Nessa época, eu ainda não sabia que o que eu fazia era uma interpretação. E me profissionalizei no final da década de 80. No início da década de 90, mais ou menos. Aí eu vim compreender, de fato, o que era ser intérprete de Libras. Foi quando nós começamos a... a participar de curso de formação, de fato, e eu comecei a me ver como profissional que trabalha duas línguas, que faz a transição de uma língua pra outra, levando em consideração os aspectos culturais, dos envolvidos no processo de tradução.

Pesquisadora – Ok. E o que você considera ser intérprete?

TILSP S5 – O que eu considero ser intérprete? Primeiro, o profissional que tem domínio, das línguas que ele está se propondo a interpretar. Mas no caso do intérprete de língua de sinais, ele não é só isso. É alguém também que é envolvido com a comunidade surda... que tem laços com essa comunidade, né, e que tem... inclusive, um pouco da cultura do povo surdo. Ele é bi-cultural. Ele tem a cultura dos ouvintes, mas ele também adquiriu a cultura desse povo, com quem ele convive, com quem ele tem laços.

Pesquisadora – Hum-hum. E a tua formação para trabalhar como intérprete, como foi?

TILSP S5 – No início, como eu falei, eu comecei muito jovem. E... comecei sem formação. Era mais uma questão... foi um aprendizado empírico. Eu fui aprendendo pelo contato com os surdos, na Associação... aprendi alguns sinais em oficina, mas isso não era suficiente, não era uma formação. E como eu falei anteriormente, no final da década de 80, começaram a surgir os cursos de formação de intérprete. E eu comecei a participar. No início, por ser... eu acho que eu participei da primeira turma de formação de intérpretes, então, esse curso, ele ainda não tinha um formato pronto, acabado... e a nossa turma, ela foi meio que... é... como é que se diz? foi uma turma experimental. Ela é que talvez tenha fornecido o modelo pras outras turmas, pelo que a gente pode ver de acertos e erros, que a gente cometeu no desenrolar do curso... e em 2008, eu ingressei no Letras Libras, que foi... aí veio uma formação acadêmica, que eu ainda não concluí, mas, eu acredito, que nenhum profissional pode se considerar pronto, ou considerar que está... que a sua formação é suficiente pra exercer a sua função, em qualquer área, a gente não está pronto e eu acho que a gente não deve se conceber assim.

Pesquisadora – É, e nesse trabalho que você desempenhou na Tv Assembleia, interpretando discursos de políticos, enfim... qual a tua expectativa ao realizar um trabalho como esse, levando em consideração, essa especificidade da Assembleia?

TILSP S5 – O trabalho na Assembleia... é um trabalho relativamente difícil. Porque você tem que lidar com câmeras... e isso não é fácil. Pra algumas pessoas pode ser, mas, para mim, pessoalmente, não é. E você tem que lidar também, com discursos que a gente não está habituado. São discursos que não... discursos que não são decorrentes no nosso dia-a-dia. E tem outro agravante também, é em tempo real. Então, todos esses fatores, a câmera, o conteúdo dos discursos... e fazer uma tradução em tempo real, que tá indo pra todo Estado do Ceará, né, que você não tem como consertar o que você traduziu equivocadamente, era um ponto de tensão pra mim. Então, quando eu participei da Assembleia, todas as vezes que eu participei, eu ficava muito tensa. Eu não podia imaginar qual era o discurso que viria em seguida, eu não tinha como conversar com o parlamentar, pra poder me apropriar do discurso dele previamente, tinha que ser meio que, como cantor de repente, né, fazer tudo na hora. E tinha que lidar com a câmera... e com todas essas outras questões que eu citei. Sabendo também, que do outro lado do vídeo, eu tinha colegas profissionais, que estavam me avaliando. Então, eu posso dizer, que foi, é, uma das experiências que eu tive mais tensas, e que exigia muito de mim. Pela questão do discurso, cada parlamentar que se apresentava abordava um assunto diferente e tinha, uma forma específica de abordar esse assunto, que era muito deles. Trazendo, também, um vocabulário que não é de acesso a todas as pessoas, que a gente não usa no nosso dia-a-dia... eles falam de leis, de economia... coisas que não eram da minha área de conhecimento, não eram da minha formação. Então, era algo que exigia muito, muito mesmo de mim.

Pesquisadora – E a expectativa em relação a interpretação, ao ato de interpretar?

TILSP S5 – Assim, a minha expectativa... É, como eu ficava muito tensa, e eu já observei, que quando eu traduzo, quando eu faço uma tradução ou uma interpretação, que eu estou tensa, parece que eu não consigo perceber, algumas questões do discurso oral. E eu também não consigo me perceber finalizando. Geralmente, eu tenho *feedback* dos que estão me vendo. E a minha expectativa, sempre que eu me colocava diante da câmera, eu tinha uma expectativa de poder fazer o melhor que eu podia, é... fazer uma tradução o melhor que eu podia. Mas a sensação que eu tinha, era que não estava fazendo. A minha expectativa era de que estivesse sendo claro para o surdo que estivesse assistindo, mas intimamente, a impressão que eu tinha, era de que eu não estava...

Pesquisadora – Sendo claro em que sentido?

TILSP S5 – Ser claro, no sentido de que a mensagem que estava sendo transmitida, é... que estava sendo dita pelo deputado, com todo aquele vocabulário rebuscado, eu conseguia transmitir a mensagem, fazer a tradução dessa mensagem, não usando o mesmo vocabulário, mas, sendo muito clara, compreendendo aquilo que eles estavam dizendo e transmitindo aquilo na língua de sinais, de forma que o telespectador surdo estivesse compreendendo. E eu não estivesse omitindo nada. Que era uma preocupação muito grande minha, era a omissão e o desvirtuar da mensagem.

Pesquisadora Certo. E diante dessa preocupação e dessa tensão, como é que você costumava reagir ou o que você costuma fazer, diante de expressões ou de frases que não tinham sentido literal?

TILSP S5 – Você quer dizer frases metafóricas?

Pesquisadora – também... frases, não só metafóricas, mas, frases... expressões que não tenham sentido literal, sejam metafóricas ou não, mas que a junção, o funcionamento da frase...

TILSP S5 – Expressões idiomáticas?

Pesquisadora – ... não tenham um sentido... literal, do que quer dizer ali, cada palavra...

TILSP S5 – Bom, geralmente... as expressões... aí eu vou começar pela minha pergunta que eu fiz, se eram metafóricas... a estratégia que eu uso pra traduzir metáforas... como eu não conheço muitos equivalentes na língua de sinais... as metáforas ditas em português... então, a estratégia que eu uso é a desmetaforização, né. Eu compreendo, o que eu ouvi e aí eu processo isso e desmetaforizo. De uma forma clara, então, a metáfora não chega até o surdo, o que chega... é um outro tipo de argumento, que têm o mesmo significado mas não é a metáfora. Seria o significado da metáfora, isso é o que vai chegar nele. E a mesma coisa, eu faço com expressões. Agora... eu também uso uma estratégia... de subtração, quando eu acho que é necessária. E... fazendo traduções em Libras, eu observei... que, nós, ouvintes, temos o hábito de enxertar, enxertarmos palavras ou expressões, que não tem significado nenhum. É só pra preenchimento de tempo. Então, muitas dessas expressões que não têm sentido literário, ou literal, desculpe... não têm sentido literal, elas não tem significado nenhum. Elas surgem, elas surgem nas frases, nos discursos, somente pra preenchimento de tempo, né.

Pesquisadora – Poderia dar um exemplo?

TILSP S5 – Então, elas não vão implicar... no conteúdo em si, elas não vão trazer nenhum dano pra compreensão do surdo se elas forem retiradas... e eu ganho tempo quando eu faço isso, né. Eu não consigo lembrar de nenhuma dessas expressões, mas os políticos usam muito. Palavras e expressões que não têm nenhum significado importante. Não têm conteúdo. São frases de introdução, né, que eles usam pra introduzir um determinado assunto... e... são frases que nós, ouvintes, costumamos usar, pra preparar o outro pra receber o que, de fato, nós queremos dizer. Então, essas frases, elas não são muito importantes. Pelo menos, eu considero, que elas não são, porque elas não vão implicar no conteúdo, naquele conteúdo que é necessário que o outro se aproprie, entendeu?

Pesquisadora – Hum... já que você falou em estratégias, quais estratégias de interpretação você conhece?

TILSP S5 – Bom, as estratégias que eu conheço, são muitas, agora pra mim dizê-las, é meio complicado porque eu não vou lembrar de todas... mas uma delas, eu já citei, eu disse que eu faço subtrações... quando eu acredito que não vai haver interferência no conteúdo que é importante que ele se aproprie... eu faço também acréscimos. Quando o que tá sendo dito em português, que, quando ele vai ser traduzido para língua de sinais, né... quando o discurso é traduzido... nem sempre... se eu fizer aquela tradução... de uma forma muito aproximada do português, não vai ficar claro... e pra que fique... pra que fique... pra que chegue no telespectador surdo, a mensagem clara, eu preciso, às vezes, enxertar informações, que vão fazer o elo entre o que o parlamentar está dizendo... e o conhecimento do telespectador surdo. Então, eu preciso fazer esse enxerto. E aí, passa pelo meu conhecimento de mundo também. Faço subtrações, como eu já falei, quando é necessário, e desmetaforizo...

Quando eu não tenho equivalentes na língua de sinais, ou eu não conheço equivalentes da metáfora que está sendo dita, eu desmetaforizo. São algumas das estratégias que eu uso.

Pesquisadora – Mais alguma outra... que te chama atenção?

TILSP S5 – Têm outras que me chamam atenção, porque me ajuda a ganhar tempo. Quando o discurso... existem, na TV Assembleia... você traduz discursos de muitos parlamentares e cada um tem o seu jeito específico de se pronunciar. Alguns falam muito rápido, outros falam bem devagar... alguns fazem muitas voltas pra chegar onde querem e outros são mais diretos. Então, cada um tem o seu jeito. E, muitas vezes, eu preciso ganhar tempo pra... vamos dizer, assim, pra alcançar a velocidade do discurso e não perder informações. A minha memória não tem, não é nenhuma memória de computador, pra reter tudo. Então, o que é que eu faço? Eu

uso o recurso das anáforas, né, eu uso o recurso dos classificadores... quando eles estão falando de várias instituições, né... que de alguma forma está ligada, estão ligadas ao governo... até que eu faça estas instituições, faça datilografia no nome delas, e tal, fica muito complicado e leva muito tempo. Então, eu uso classificadores pra mostrar ao telespectador surdo a instituição... localizo esta instituição em algum lugar... se no discurso surgir uma outra, eu faço a mesma coisa... se estas instituições, elas têm relação, aí a partir dessa, do estabelecimento das relações das instituições, aí eu passo a utilizar anáforas... lembrando do lugar que eu situei, né, apontações e tudo... então, isso, classificador, uso de anáforas e distribuição dos elementos no espaço... São estratégias que eu uso também que me ajudam a ganhar tempo, na tradução.

Pesquisadora – Certo. E você acredita que o ato de interpretar é uma ação discursiva?

TILSP S5 – Eu tive até dificuldade pra compreender essa pergunta. Porque, assim, eu compreendo que... o ato discursivo é meu, né? Quando eu tô interpretando, não é o meu discurso, né. Eu tô pegando o discurso de alguém e estou fazendo a tradução. Mas, também, você me leva a refletir com essa pergunta, porque... quando eu digo que eu enxerto informações... que eu subtraio e tudo... então, isso mostra que eu tenho um certo poder sobre este discurso que tá chegando até mim. E que ele chega diferente no surdo, no telespectador surdo. Então, eu, agora, eu fico, né, isso tá mexendo comigo porque eu tô começando a pensar. Esse discurso que eu estou pegando pra traduzir é do outro ou é meu, né? Se é do outro, tem uma grande participação minha, quando ele chega na terceira pessoa, que é o receptor do discurso. Ele talvez chegue com a minha marca. Então, talvez, seja um ato discursivo compartilhado.

Pesquisadora – Era o que eu ia perguntar. Até que ponto, há ou não, interferência do intérprete, pode haver ou não, interferência do intérprete... em um ato discursivo? Isso se a interpretação é considerada um ato discursivo.

TILSP S5 – Bom, se é , eu já disse. Se for, é um ato que é compartilhado, né... o discurso é metade... ou talvez não a metade, mas, vamos dizer assim, trinta por cento do intérprete e setenta por cento do locutor mesmo. Eu digo trinta porque ele vai fazer aí as suas... os seus enxertos, as suas subtrações.. de acordo com aquilo, com o que for necessário pra que o entendimento do receptor não seja prejudicado. Qual foi mesmo a pergunta?

Pesquisadora – Se você acha... até que ponto há ou não interferência? se deve haver ou não interferência?

TILSP S5 – Deve. Eu acho que, mas agora eu quero dizer porque eu acho que deve, né. Deve haver, não só do intérprete de Libras, mas eu acho que qualquer intérprete, seja ele... língua de sinais de um outro país ou língua oral... deve haver, porque quando você faz uma tradução, você não tá lidando só com a língua. Você tá lidando com aspectos culturais. Eu não posso esperar que o parlamentar, trazendo para o contexto da Assembleia, conheça a cultura do povo surdo. E conheça como o povo surdo consegue se apropriar das informações e de que forma essa informação deve ser passada pra que ele possa entender. Quem sabe disso é o intérprete. Porque é ele que faz a ponte entre uma cultura e outra. Então, ele deve, sim, alterar, porque ele tá fazendo uma tradução, levando em conta também, questões culturais. Se eu não fizer alterações, considerando a forma, a cultura das pessoas surdas, se eu levar em consideração, apenas a cultura e a língua portuguesa, que é a língua fonte... com certeza, a informação não chega com clareza. Então, as alterações são necessárias, pra que... você alcance o objetivo, que é fazer a transição de uma língua pra outra, de uma forma que... o discurso não se perca... que chegue do outro lado, de forma clara e o mais próximo do discurso fonte.

Pesquisadora – Ok, deixa eu te fazer uma última pergunta, então. Essas filmagens que eu tô analisando, elas são de dois anos atrás.

TILSP S5 – Certo.

Pesquisadora – Então, você me disse que a partir de 2008, você entrou no Letras Libras, e iniciou uma formação acadêmica acerca da interpretação.

TILSP S5 – Certo.

Pesquisadora – É... tu achas que hoje... você tem uma visão diferente do que você tinha sobre interpretação, por exemplo, dois anos atrás? Ou à época em que você fez essas traduções, essas interpretações você já pensava assim? ou não mudou muita coisa... só confirmou... ou o que mudou?

TILSP S5 – Não, eu acho... que mudou. Não podia ter confirmado, porque, algumas questões foram confirmadas, né, mas, assim, não podia ter confirmado cem por cento, porque nós tivemos, nós fazemos traduções, interpretações, mas fundamentadas no empirismo. Muitas das coisas que nós vemos no Letras Libras, é... confirmou o que nós aprendemos na experiência, mas... que precisava ser respaldado por questões teóricas, mas trouxe muita coisa nova. Trouxe conhecimento que nós não tínhamos, inclusive sobre a própria língua. Nós não tínhamos conhecimentos, é... gramatical a respeito da língua. Nós tínhamos conhecimento a respeito do uso da língua. Mas da estrutura da língua, é... nós não tínhamos. E por conta disso, nós deixávamos passar despercebido... como a gente não conhecia a estrutura da língua com que a gente trabalhava, né, de uma forma

mais acadêmica, nós deixávamos passar despercebido alguns problemas na própria tradução. Alguns problemas de estrutura linguística na própria tradução. E o Letras Libras trouxe uma consciência maior do que é ser um profissional envolvido num processo de tradução. Eu posso dizer, que... eu sempre tive muito temor... em fazer uma tradução, uma interpretação, porque eu acho que é uma coisa de grande responsabilidade. Mas, o Letras Libras, ele acentuou esse temor, porque ele deixou claro pra mim, que a responsabilidade é maior do que o que eu pensava. Então, eu acho que ele acentuou. E eu não acho... pode ser que alguém, ouvindo isso que eu estou dizendo, ache que eu estou falando de forma negativa e não é. Eu acho que quando você vai exercer uma profissão, que envolve discursos alheios, você deve ir sim, com temor. Porque se você for com destemor, você pode causar uma série de danos às pessoas envolvidas, né. E você precisa ter respeito, pelas línguas mas não só por isso, pelas pessoas que estão envolvidas no processo de tradução e interpretação. Pronto.

Pesquisadora – Obrigada.

TILSP S5 – Não há de que.

Entrevista TILSP S6

Pesquisadora – Quando você começou a atuar como intérprete de Libras e o que você considera ser intérprete?

TILSP S6 – Comecei a atuar em... 2000, 2002. O que é que eu considero ser intérprete de Libras, o que é que eu acho de ser intérprete de Libras?

Pesquisadora – É, o que você considera que é ser um intérprete de Libras?

TILSP S6 - Hoje, hoje, o meu entendimento é, muito mais... daquele que faz uma versão, ou uma... versão da, do sentido, não da forma, entre uma língua para outra, mas do sentido, que informação tem uma língua para outra língua. Eu acho que é isso a função. E na comunidade surda especificamente, tem a característica da, tem uma particularidade que é da questão da função social e de outras características, mas, tecnicamente falando assim, do que seria a interpretação, de ser intérprete, seria isso, aquele que faz uma versão, do sentido, de uma língua para outra língua.

Pesquisadora – Tá. E assim, a formação que você tem pra atuar como intérprete, qual é? E se você acha suficiente essa formação?

TILSP S6 – Tenho... é, tenho curso de formação de intérpretes, tenho oficina de tradução, que foi feito antes da oficina, tenho o curso de formação, normal, né, e agora a graduação, isso aí são os cursos que eu tenho.

Pesquisadora – Graduação em...

TILSP S6 – Graduação em Letras Libras, dada agora, pela Universidade Federal.

Pesquisadora – Tá. Aí, tu achas que essa formação, ela é suficiente?

TILSP S6 – Não. Não, mesmo. Diante do que a gente vem aprendendo, na verdade... A gente, eu como intérprete, já, já, participei de todos os ambientes educacionais, de todas as etapas. Por exemplo, na educação infantil, já fui intérprete também, na sala de educação infantil, lá no começo da interpretação. Na sala com criança surda, com criança, enfim, numa sala mista, que era chamada de sala mista. Depois, fui ser professor de inglês, no ensino básico, né, no ensino fundamental. E aí depois, entrei como intérprete, no ensino, na 7ª série, 8ª série, aí continuei, depois fui intérprete do ensino médio, depois fui intérprete do ensino médio na rede particular, que é o intérprete de formação de professores, né, normal, pedagogia normal, que chamam. Fui intérprete lá, durante 4 anos, e aí também, e agora tô mais atuando no ensino superior. E é, em cada uma dessas experiências é identificada uma carência, independente da formação. Quando eu não tinha, né, nenhuma formação, eu precisava de formações. Eu não tenho nenhuma formação básica, básico 1, básico 2... é verdade que eu não tenho. E aí, fiz uma oficina, não sei qual era o nome da oficina, mas acho que era, reciclagem, reciclagem de interpretação, lá na, na associação, pela FENEIS.

Pesquisadora – hum-hum

TILSP S6 - Reciclagem de intérprete. Aí fiz a reciclagem. Depois da reciclagem, enquanto estava fazendo o curso de formação de intérprete, fui chamado pra, já pra interpretar durante a formação da oficina. Começou a formação, já fui trabalhar como intérprete na escola. Antes, eu só tinha tido uma experiência como professor, como eu lhe disse, professor de inglês, vestibular, também, lá no Instituto de Educação do Ceará, de Surdos. E aí, fui identificado. Ah, lá, não tem, não tem, conhecimento suficiente, por mais que o meu conhecimento básico, né, do ensino médio desse conta do meu entendimento, mas não tinha ainda a competência de ensinar. Eu tinha a competência de ensinar, mas a competência linguística, eu ainda não tinha. Aí, pronto, fui fazer o curso de formação. Terminei o curso de formação, não dei conta também de acompanhar o processo. Aí, no ensino superior, a mesma situação. Chego no ensino superior, nova área, novas áreas, que você não tem conhecimento, e aí você tem que dar conta de um conteúdo. A competência referencial, você consegue buscar, você não perde muito, né, porque você pode ler, você pode estudar, você pode pesquisar e tal, mas a competência referencial, dá algo, que é mais complicado. Mas eu acho que, não é suficiente, de maneira nenhuma.

Pesquisadora – Hum-hum. É... você atuou como, em alguns momentos, na Assembleia Legislativa enquanto intérprete. É... e qual a tua expectativa diante desse tipo de interpretação, né... qual a tua expectativa ao desempenhar esta função de intérprete na Assembleia?

TILSP S6 – Lá, assim, o que eu percebia das atuações, e o que me preocupava, durante as interpretações, lá da TV Assembleia, era de que maneira aquele assunto, que não faz parte do conhecimento, e aí eu boto um aparte, né, não faz parte do interesse das pessoas. Tem gente que consegue ir pela, pela audiência, e tal, do que acontece. E também, se reflete no próprio interesse dos surdos, né. Não é, não é, o fato de ter um intérprete lá que vai garantir uma audiência do expectador surdo. Mas a característica principal do que eu esperava daquelas interpretações era o entendimento de informações básicas. Alguns sinais de pessoas, de deputados, eu não me preocupava muito, mas, mas alguns sinais, de alguns assuntos que eram do dia. Então, como, por dia, existia uma pauta, eu me preocupava em deixar claro o que estava sendo discutido, naquela..., o que era o assunto.

Pesquisadora – Hum-hum.

TILSP S6 – Mas, assim, em outras situações, de... do discurso e das pessoas... era muito complicado identificar o discurso. Ah, ele aqui tem um discurso mais... ah, ele tem, ele é mais... maleável... nas suas palavras... ah, ele aqui, ele é mais estratégico, ele tem um discurso mais... ferrenho, ah, um discurso mais político. Ele tá fazendo aqui uma acusação. Eu não sei se eu conseguia identificar na interpretação, que tipo de discurso era feito... Olha, eu tô interpretando a mulher. Ah, pela sinalização dele, eu identifico que essa mulher, ela é muito fraquinha, na sua argumentação, ou ela não consegue articular as ideias, ou ela não consegue concatenar as ideias. Oh, na interpretação dele, eu consigo ver que esse cara é sarcástico. Oh, como ele é, dar umas piadinhas. Olha como ele é insistente nisso aqui. Eu não sei se isso ficava claro, no discurso. Então, não tinha essa expectativa. A expectativa era de garantir mesmo a mensagem, o sentido. O discurso, ele fica muito atrelado a forma. A forma de como aquilo é passado. E eu não, não tinha muito preocupação na forma. Mas em algumas situações dava pra você fazer, sim. Quando era... quando era assunto que fugia da pauta, ou quando era algo mais... individual, de uma pessoa pra outra, você conseguia, você incorporava, algum sinal... não gírias, não – mas, assim, você conseguia incorporar algumas... como é que eu diria, alguns gestos, eu não sei como é que eu falo, mas algumas coisas que são particulares de alguns, de alguns deputados.

Pesquisadora – Tá. E nessas situações específicas, assim, quando aparece, por exemplo, é... alguma frase ou mesmo palavras ou expressões que não tem o sentido literal, não tem o sentido claro. O que é que você costuma fazer?

TILSP S6 – Quando eu interpretei na Assembleia, eu não tinha ainda tido a experiência de uma disciplina na faculdade, que foi uma disciplina que trabalhou especialmente com a semiótica, na verdade, trabalhou muito mais com a semântica. E aí, um dos trabalhos dessa disciplina na faculdade era de identificar, ou de procurar, como é que eu diria... é, metáforas semelhantes, ou metáforas que tenham a proximidade maior entre as duas línguas ou não. Ou que tipo de estratégia poderia ocorrer, né. Especificamente um dos deputados da Assembleia utiliza de uma linguagem mais popular, e aí, ele mistura, aquela linguagem com ditados, com provocações de duplo sentido... e aí com, e com alguns ditados populares mesmo, né. Tipo assim, ah! vou dar... não é algo muito simples, assim, porque depende muito do conhecimento do intérprete daquela característica cultural. E aí, nessas horas, eu comecei interpretando literalmente, pá-pá água-mole-em-pedra-dura. Aí, pedra, água, vai, vai, vai, até... se desfazer. Por exemplo, significa o quê, que eu fui tentar, eu fazia uma... transliteração, não sei nem se é isso, eu traduzia sinal por sinal, ou traduzia só a forma, porque eu traduzia a forma, porque isso aqui é traduzir forma. Aqui é a pedra e tal. Mas eu não deixava muito o surdo inferir. Eu dava o significado ao surdo. Aí, depois eu comecei a perceber que eu não tinha tempo praquilo. Porque, eu muito preocupado com, em não perder nada, né, em não omitir nada, porque um recurso que eu utilizo pouco, é a omissão. Uma técnica que eu utilizo pouco. E aí, nessa preocupação, eu atropelava, e a informação fica muito cheia. E aí, eu não fazia mais isso. Interpretava direto do sentido. Aí fala, ah!... mata a cobra e mostra o pau. Ah, tem que fazer e mostrar como é que fez. Mas, aí, que é que eu pensei. Eu não dou oportunidade do surdo ter a forma, lá, do que é que ele falou. Ou, e eu não tinha como também, pensar ou procurar que expressão, na língua de sinais, tinha uma equivalência com aquela expressão que estava sendo dita em português. Não tinha tempo. Então, primeira parte, dizia a forma, o sentido e depois dizia só o sentido. Mas, nas últimas, eu não uso muito, como eu tava fazendo.

Pesquisadora – Tá. Você falou que... evita usar a estratégia da omissão, né. Falando de estratégia, agora... Então, tu conhece alguma estratégia? quais, além a da omissão?

TILSP S6 – Eu uso mais a extensão. Extensão, né. Que é isso? É pegar um termo, talvez um termo, que tá sendo dito, naquele local, e, aí, inferindo que, talvez, não tivesse uma informação sobre aquilo, eu faço uma paráfrase – em língua de sinais. O discurso, está correndo, mas uma informação, que eu acho que a datilografia não dá conta, porque não dá conta mesmo, porque se não faz parte do meu conhecimento, é como eu falei na outra oportunidade. A “ontologia”, não vai fazer sentido nenhum eu utilizar a

datilologia. Então, se eu utilizar da datilologia, eu tenho que fazer uma paráfrase. datilologia, e é escrito... É muito mais metodológico.

Pesquisadora – Então, é... no caso, a estratégia do uso da datilologia...

TILSP S6 – ... é como empréstimo linguístico, eu acho, eu acho...

Pesquisadora – ...como recurso visual..., ou como empréstimo linguístico, você associaria outra estratégia, que seria a da paráfrase?

TILSP S6 – É, porque eu acho meio sem sentido, você coloca, um amontoado de letras, que não tem significado.

Pesquisadora – Hum-hum.

TILSP S6 – é como se, eu ouvi uma palavra... que não faz parte do meu conhecimento, mas eu ouvi, sim. Ah, eu fui apresentado a palavra. É isso que tem que ser? Apresentada? -É. Então, eu apresento a palavra em língua portuguesa, mas, aí, faço uma paráfrase, né, do que seria aquele conceito, de forma mais generalista, assim, bem gerais.

Pesquisadora – Sei. E... quando você falou em discurso, dos... políticos, enfim, você acredita que a sua interpretação é um ato discursivo? O ato de interpretar... é um ato discursivo?

TILSP S6 – Eu acho que sim.

Pesquisadora – É uma ação discursiva?

TILSP S6 – Eu acho que sim. Por mais que as estratégias de tradução, suponho, na minha parte, quando não, não faz parte do meu conhecimento, do meu conhecimento específico... por exemplo, eu tava falando lá, sobre rede... há... um... um entendimento sobre uma rede... como era o assunto?... mas acho que era... médico na casa, saúde doméstica. Passava uma ruma de médico lá pra casa da pessoa, e faz alguns exames. E aí, foi dito o nome de alguns exames, de alguns... alguns atendimentos de rotina. E eu não sabia - ensinar os princípios daquilo. Então, eu usava uma característica de explanação. Ah, eu não sei o hipônio, mas, eu vou pro hiperônio. Então, é como aquela questão. Ah!, o surdo utiliza... o sinal de ‘TI@’, pelo contrário. O TI@... mas eu não sei se é tia ou tio, então... eu não sei o hipo mas eu vou pro hiper. Ah, o parente. Nessa cadeia maior, eu consigo abranger o significado. E nesse discurso também. E quanto a interpretação... ah... em língua de sinais... eu acho que é um discurso, porque... você está montando... você de certa forma, você está remontando, ou reformulando aquelas informações.

Pesquisadora – Até que ponto, o intérprete teria uma interferência nesse ato discursivo?

TILSP S6 – Influencia, porque tem uma questão de afetividade... no que você acredita. No que você está acreditando. Por mais que aquilo, né, não seja... a sua expressão vai demonstrar... por que se você está dizendo... você está interpretando uma informação... de que, olha, “todos os postos de atendimento... em nenhum posto de atendimento...” uma informação, que é inverídica: “em nenhum posto de atendimento... de Fortaleza, a saúde, sei lá, da mulher negra... é negligenciada”. Então, você já sinaliza aquilo com... com... com um travamento, né. E aí, influencia, porque você está influenciando na informação. Por mais que seja mentira ou que seja verdade. Ou quando você está interpretando um elogio ou quando você está interpretando algo que você tá... enchendo o saco, de estar ali, esticando a baladeira... isso fica, porque você começa a sinalizar com ah, deduções, porque você fica: - ah! não precisava disso. – Ah! Não precisava... Quando você gosta da personalidade, você vai e usa mais ênfase. Isso é, isso é visível na interpretação. E aí, a questão da afetividade. Se enquanto, um deputado sendo homenageado, você gosta daquele deputado, você já conhece o trabalho, você vai sinalizar com mais ênfase. Uma questão que eu vi isso muito bem, foi quando estava sendo discutida a língua de sinais. A implantação da língua de sinais, a implantação, a oficialização, a comemoração e tal, a interpretação era mais enfática, era mais... específica...né, em relação aos sinais, não ir pro campo... hiperônio, ir pro hipo, porque era mais específico. E eu vi que o discurso era mais... mais forte. E aí, você consegue perceber... ah, o discurso de um deputado fazendo uma defesa, do governo ou um deputado, ou a direita fazendo uma defesa, se o intérprete for de direita, a sua sinalização vai ser mais fluente, eu vejo assim. Ou intérpretes que não tem um envolvimento político, mas ele se envolve com o discurso de que ele tá falando. E aí, você consegue perceber. Eu falei mais da oficialização da língua de sinais, porque foi onde eu percebi mais. Olha o prazer de interpretar. Olha, como tá sendo influenciado o discurso. Mesmo que esteja incutido alguns sinais, mas alguns sinais que tenham adjetivação. Que belo ou bonito ou... é um sinal que... adjetiva aquela frase.

Pesquisadora – Hum-hum.

TILSP S6 – “Uma língua de sinais, uma língua amplamente difundida no Brasil”, você vai, “os sinais estão no Brasil em vários campos”, e aí, aquilo é uma inferência num discurso do que está sendo dito, não tem como o intérprete não, não ser, não ficar... não tem como. É um processo meio... complicado.

Pesquisadora – Ok. É isso. Obrigada.

TILSP S6 – Pois não.

ANEXO C

Ofício de solicitação dos vídeos e Autorizações dos TILS

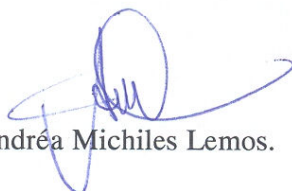
SOLICITAÇÃO DE IMAGENS

Ao Diretor da TV Assembleia do Ceará
Sr. Leonardo Borba,

Solicitamos de V. S^a. autorização para a liberação e gravação, para fins de pesquisa, dos vídeos das Sessões Plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, transmitidas pela TV Assembleia do Ceará, no período de fevereiro de 2008 a dezembro de 2010.

Certa do pronto atendimento reitero a V.S^a. votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

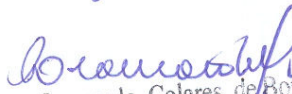


Andréa Michiles Lemos.

Fortaleza, 31 de janeiro de 2011.

mas há óbices para o
deferimento do pedido.
Autorizo.

Fortaleza, 15/02/2011


Leonardo Colares de Borba
Diretor de Núcleo da TV

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Sou Mestranda da UFC e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da Professora Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin, do Programa de Pós-Graduação em Linguística - área de Processamento e Desenvolvimento da Linguagem. A referida pesquisa é intitulada **INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS EM DISCURSO DE POLÍTICO**. Em função da necessidade de discutir e aprofundar os estudos da interpretação, mais especificamente, da interpretação em língua de sinais, é que me proponho a investigar as estratégias de interpretação adotadas pelos intérpretes de línguas de sinais (ILS) nas interpretações de Unidades Fraseológicas (UF's) do Português para LIBRAS nas janelinhas de LIBRAS das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará.


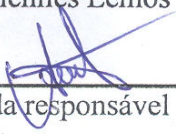
Você está sendo convidado a participar dessa pesquisa participando de uma entrevista explicitativa. Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Destaco, ainda, que não há qualquer remuneração para a pesquisadora, nem para os participantes da pesquisa e que, a qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa. Além disso, o participante também poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garanto que as informações conseguidas por meio de sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Muito obrigada por sua participação!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza,

	Nome: Andréa Michiles Lemos
(Assinatura) d(o,a) voluntári(o,a)	 Assinatura da responsável pelo estudo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Sou Mestranda da UFC e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da Professora Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin, do Programa de Pós-Graduação em Linguística - área de Processamento e Desenvolvimento da Linguagem. A referida pesquisa é intitulada **INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS EM DISCURSO DE POLÍTICO**. Em função da necessidade de discutir e aprofundar os estudos da interpretação, mais especificamente, da interpretação em língua de sinais, é que me proponho a investigar as estratégias de interpretação adotadas pelos intérpretes de línguas de sinais (ILS) nas interpretações de Unidades Fraseológicas (UF's) do Português para LIBRAS nas janelinhas de LIBRAS das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará.

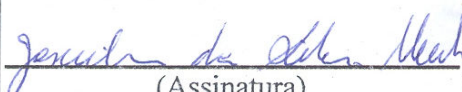
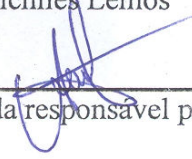
Você está sendo convidado a participar dessa pesquisa participando de uma entrevista explicativa. Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Destaco, ainda, que não há qualquer remuneração para a pesquisadora, nem para os participantes da pesquisa e que, a qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa. Além disso, o participante também poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garanto que as informações conseguidas por meio de sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Muito obrigada por sua participação!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza,

 (Assinatura) d(o,a) voluntári(o,a)	Nome: Andréa Michiles Lemos  Assinatura da responsável pelo estudo
--	--

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Sou Mestranda da UFC e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da Professora Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin, do Programa de Pós-Graduação em Linguística - área de Processamento e Desenvolvimento da Linguagem. A referida pesquisa é intitulada **INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS EM DISCURSO DE POLÍTICO**. Em função da necessidade de discutir e aprofundar os estudos da interpretação, mais especificamente, da interpretação em língua de sinais, é que me proponho a investigar as estratégias de interpretação adotadas pelos intérpretes de línguas de sinais (ILS) nas interpretações de Unidades Fraseológicas (UF's) do Português para LIBRAS nas janelinhas de LIBRAS das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará.

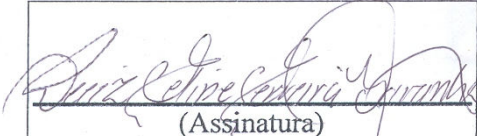
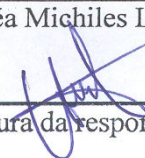
Você está sendo convidado a participar dessa pesquisa participando de uma entrevista explicativa. Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Destaco, ainda, que não há qualquer remuneração para a pesquisadora, nem para os participantes da pesquisa e que, a qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa. Além disso, o participante também poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garanto que as informações conseguidas por meio de sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Muito obrigada por sua participação!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza,

 (Assinatura) d(o,a) voluntári(o,a)	Nome: Andréa Michiles Lemos  Assinatura da responsável pelo estudo
--	--

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Sou Mestranda da UFC e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da Professora Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin, do Programa de Pós-Graduação em Linguística - área de Processamento e Desenvolvimento da Linguagem. A referida pesquisa é intitulada **INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS EM DISCURSO DE POLÍTICO**. Em função da necessidade de discutir e aprofundar os estudos da interpretação, mais especificamente, da interpretação em língua de sinais, é que me proponho a investigar as estratégias de interpretação adotadas pelos intérpretes de línguas de sinais (ILS) nas interpretações de Unidades Fraseológicas (UF's) de Português para LIBRAS nas janelinhas de LIBRAS das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará.

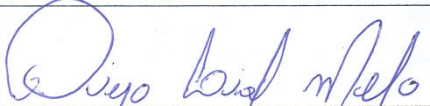
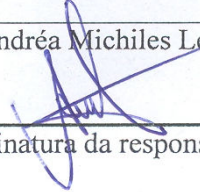
Você está sendo convidado a participar dessa pesquisa participando de uma entrevista explícita. Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Destaco, ainda, que não há qualquer remuneração para a pesquisadora, nem para os participantes da pesquisa e que, a qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa. Além disso, o participante também poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garanto que as informações conseguidas por meio de sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Muito obrigada por sua participação!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza,

	Nome: Andréa Michiles Lemos
(Assinatura) d(o,a) voluntári(o,a)	 Assinatura da responsável pelo estudo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Sou Mestranda da UFC e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da Professora Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin, do Programa de Pós-Graduação em Linguística - área de Processamento e Desenvolvimento da Linguagem. A referida pesquisa é intitulada **INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS EM DISCURSO DE POLÍTICO**. Em função da necessidade de discutir e aprofundar os estudos da interpretação, mais especificamente, da interpretação em língua de sinais, é que me proponho a investigar as estratégias de interpretação adotadas pelos intérpretes de línguas de sinais (ILS) nas interpretações de Unidades Fraseológicas (UF's) do Português para LIBRAS nas janelinhas de LIBRAS das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará.


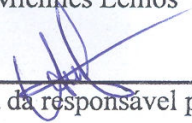
Você está sendo convidado a participar dessa pesquisa participando de uma entrevista explicativa. Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Destaco, ainda, que não há qualquer remuneração para a pesquisadora, nem para os participantes da pesquisa e que, a qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa. Além disso, o participante também poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garanto que as informações conseguidas por meio de sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Muito obrigada por sua participação!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza,

	Nome: Andréa Michiles Lemos
(Assinatura) d(o,a) voluntári(o,a)	 Assinatura da responsável pelo estudo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Sou Mestranda da UFC e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da Professora Dra. Rosemeire Selma Monteiro Plantin, do Programa de Pós-Graduação em Linguística - área de Processamento e Desenvolvimento da Linguagem. A referida pesquisa é intitulada **INTERPRETAÇÃO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS EM DISCURSO DE POLÍTICO**. Em função da necessidade de discutir e aprofundar os estudos da interpretação, mais especificamente, da interpretação em língua de sinais, é que me proponho a investigar as estratégias de interpretação adotadas pelos intérpretes de línguas de sinais (ILS) nas interpretações de Unidades Fraseológicas (UF's) do Português para LIBRAS nas janelinhas de LIBRAS das Sessões Plenárias da TV Assembleia do Ceará.

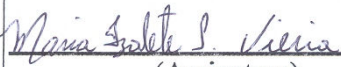
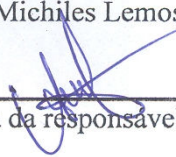
Você está sendo convidado a participar dessa pesquisa participando de uma entrevista explicativa. Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Destaco, ainda, que não há qualquer remuneração para a pesquisadora, nem para os participantes da pesquisa e que, a qualquer momento, o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa. Além disso, o participante também poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garanto que as informações conseguidas por meio de sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Muito obrigada por sua participação!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza,

 (Assinatura) d(o,a) voluntári(o,a)	Nome: Andréa Michiles Lemos  Assinatura da responsável pelo estudo
--	--

ANEXO D

Quadro completo das Unidades Fraseológicas

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
Expressões idiomáticas			
eleição de prefeito para o PSDB pode TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA deputado que num vai não	CONSEGUIR VOTO <...neg...> DESCULPE <exp.f.neg..> NÃO	Paráfrase explicativa	TILSP S2
pra FAZER A PONTE com o governador	RESPONSÁVEL PORQUE <...?...> 2sAJUDAR _{1s} 1sREPASSAR INFORMAÇÃO _{2s}	Paráfrase explicativa	TILSP S5
tem dito que é um governo transparente e eu vou PEGAR NA PALAVRA agora	Φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S2
sem tomar uma BANDA DE CIBAZOL	NADA REMÉDIO <exp.f.neg..> NENHUM <exp.f..int..>	Paráfrase explicativa	TILSP S2
CARA ENSEBADA a óleo de peroba	CARA-LISA CARA-DE-PAU	Equivalência	TILSP S2
tem município que não está FAZENDO O DEVER DE CASA	ALGUNS INTERIOR FAZER NADA IGUAL(me)ACOMODAR(me) IGUAL (md)ACOMODAR(md)	Paráfrase explicativa	TILSP S1
transformar (...) Rio Grande do Norte numa TÁBUA DE PIRULITO de tanta perfuração	PARECE LÁ NATAL <localiza tabua> CL: G FURAR+ <exp.f..int..>	Paráfrase descritiva	Imagem do ELAN
DEU-NOS UM COICE tirando daqui a refinaria	AQUI ESTADO CEARÁ AFASTAR <exp.f..int..>	Paráfrase explicativa	TILSP S2
essa questão do cartão é UMA GOTTA D'ÁGUA NO OCEANO nós temos que olhar...	φ VER POUCO φ	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S2
CARA DE PAU	COMO ELA MULHER CARA-DE-PAU COMO <...?...>	Equivalência	Imagem do ELAN
QUERER TAPAR O SOL COM UMA PENEIRA	PARECE+ SOL(md) CL: 5 PARAR(me) <exp. f. neg> CL: 5 ULTRAPASSAR(md)	Paráfrase descritiva	TILSP S3
água no PÉ DO PESCOÇO	φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S5

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
água no PÉ DA CANELA	ϕ <omissão>	Omissão completa	TILSP S5
VENTO EM POLPA	ϕ <omissão>	Omissão completa	TILSP S5
Colocações			
essas experiências de 30 anos foi uma EXPERIÊNCIA EXITOSA a meu ver e acompanhada por todos os professores	TAMBÉM BOM ANOS-PASSADOS 30 ANTES Φ <omissão> BOM CONSEGUIR+ PROFESSOR	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S1
prometeu DOBRAR OS SALÁRIOS dos professores	PROMETER^CERTO SALÁRIO DOBRAR PROFESSOR	Tradução literal	TILSP S1
adolescentes que FICAM AS MARGENS ali da avenida	TER FORA RUA	Equivalência	TILSP S3
PISO SALARIAL	Φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S1
	SALÁRIO	Equivalência parcial	TILSP S1
	P-I-S-O SALÁRIO	Datilologia + equivalência	TILSP S5
sem obviamente PERDER DE VISTA	C- L- A- R- O NÃO-QUERER ϕ <omissão>	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S4
<i>MODUS FACIENDI</i>	Φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S1
trazendo um <i>MODUS FACIENDI</i> novo na política	BOM DEL@ NOVO TER MOSTRAR POLÍTICA	Paráfrase explicativa	TILSP S3
COMANDO DE GREVE fez algumas apresentações	Φ <omissão> FAZER APRESENTAÇÃO	Omissão completa	TILSP S1
permanente entre o COMANDO DE GREVE e o professor	Φ <omissão> GREVE _{locj} PROFESSOR _{lock}	Equivalência parcial	TILSP S1
apenas FALAM POR FALAR	CL: Ô DESPEJAR-PALAVRAS+ <exp. f. neg> FALAR	Paráfrase descritiva	TILSP S3
SALTO DE QUALIDADE infraestrutural que o Ceará	AQUI ESTADO FAZER ELEVAR MELHORAR	Paráfrase explicativa	TILSP S2
o resultado foi o SALTO DE QUALIDADE que a cidade	LÁ MELHORAR CONSEGUIR	Paráfrase explicativa	TILSP S4

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
Colocações			
venda desse petróleo no MERCADO INTERNACIONAL	Φ <omissão> VENDER+	Omissão completa	TILSP S2
FAIXA LITORÂNEA	TER _{locj} LINHA _{lock} TERRA PRAIA	Paráfrase descritiva	TILSP S2
Ceará que tem BACIAS MADURAS assim como tem	TERMINAR AQUI PETRÓLEO TER _{locj} IGUAL _{lock}	Paráfrase explicativa	TILSP S2
criou expectativas DE FATO	VERDADE	Tradução literal	TILSP S4
BUSCAR A VERDADE	PROCURAR VERDADE	Equivalência	TILSP S2
	PROCURAR VERDADE	Equivalência	TILSP S2
fazer uma política NUM BOM SENTIDO	POLÍTICA BOM+ DESENVOLVER	Paráfrase explicativa frustrada	TILSP S3
PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO	PLANEJAMENTO P-L-A-N-E-J-A-M-E-N-T-O P-A-R-T-I-C-I-P-A-T-I-V-O	Equivalência parcial + datilologia	TILSP S1
uma BOA VONTADE que o próprio governador	BOM INTERESSE TRABALHAR+	Paráfrase explicativa	TILSP S1
desejo de CHEGAR A BOM TERMO	<O QUE ...?..> QUERER _{s1} COMBINAR _{s2} <aperto de mão> BOM	Pergunta retórica + paráfrase explicativa	TILSP S1
que se CHEGUE A BOM TERMO esse pleito	RÁPIDO FAZER ACABAR GREVE	Paráfrase explicativa	TILSP S1
mas não CHEGOU A BOM TERMO	Φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S1
porque que esses escândalos VIERAM A TONA	POR CAUSA ACONTECEU<...?..>	Pergunta retórica + omissão completa	TILSP S2
conseguiram sair dessa SITUAÇÃO DE ENGESSAMENTO dos seus orçamentos	PARECE AVALIAÇÃO ELES-MESMO DÁ+ NEGOCIAÇÃO	Paráfrase explicativa	TILSP S1
governador DE PRONTO concordou	GOVERNADOR I-(incompreensível) Φ <omissão> ACEITAR OK	Omissão completa	TILSP S1
COLOCOU RECURSO da própria da própria prefeitura	PRECISA <hesitação> PREFEITURA+ COLOCAR Φ <omissão>	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S1
ÉPOCA DOS CORONÉIS	φ<omissão>	Omissão completa	TILSP S1
nosso secretário OLHE COM BONS OLHOS	PRECISAR <o-que..?..> SECRETÁRI@ SAÚDE CONTEMPLAR VER	Pergunta retórica + paráfrase explicativa	TILSP S1

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
Colocações			
GRAVE PROBLEMA que estamos vivenciando	PROBLEMA+ <exp. f ...int.> TER AGORA	Tradução literal	TILSP S3
PROBLEMA GRAVÍSSIMO	PROBLEMA+ SÉRIO	Tradução literal	TILSP S3
mas de PARTE A PARTE há esse desejo	ÀS VEZES COMBINAR+ BOM <locj>TROCAR<lock>	Paráfrase explicativa+ Explicitação	TILSP S1
SITUAÇÃO que nós consideramos GRAVE, GRAVÍSSIMA	ACONTECER TER DENTRO SÉRIO FORTE < exp. f ...int.> SÉRIO	Paráfrase explicativa	TILSP S3
faça com que DENTRO DO POSSÍVEL	QUERER FAZER <pausa> POSSÍVEL+ FAZER	Paráfrase explicativa frustrada	TILSP S1
a droga está CORRENDO SOLTA	DROGA ESPALHAR LIVRE TER VERDADE	Paráfrase explicativa	TILSP S3
os BRAÇOS CRUZADOS do governo	VER PROBLEMA IGUAL(me)ACOMODAR(me) IGUAL (md)ACOMODAR(md)	Paráfrase explicativa	TILSP S3
nossa preocupação é que VÍTIMAS FATAIS	<..?..> O-QUE PREOCUPAD@ FUTURO PODE MORRER ALGUMAS PESSOAS	Pergunta retórica + paráfrase explicativa	TILSP S3
até PELO FATO de que dizem eles	<u>PORQUE</u> EL@ FALAR...	Equivalência	TILSP S4
VOZ DA EXPERIÊNCIA	Φ <omissão>	Omissão completa	Imagem do ELAN
precisamos denunciar o FATUS CONCRETUS	PRECISA<exp. f ...int.> EL@-MESMO PROPOSTA MOSTRAR	Paráfrase explicativa	TILSP S3
	OBRIGATORIO PROPOSTA MOSTRAR CERTO	Paráfrase explicativa	TILSP S3
BRECHAS DA LEGISLAÇÃO	Φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S1
<i>MODUS OPERANDI</i>	Φ <omissão> <2 MÃOS>SEQUÊNCIA PROJETO	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S1
MERCADO DE TRABALHO	φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S5
PRESTO HOMENAGEM	φ<omissão>	Omissão completa	TILSP S3
FAZER ESSA LIGAÇÃO	FAZER O-QUE<...?..> VER COMBINAR UNIR	Pergunta retórica + paráfrase explicativa	TILSP S3
USO DA MÁQUINA	DINHEIRO PRÓPRIO GOVERNO RETIRAR GASTAR +	Paráfrase explicativa	TILSP S4
trazendo SANGUE NOVO	É BOM NOVO MUDAR POLÍTICA	Paráfrase explicativa	TILSP S3

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
Colocações			
enche os bolsos de bala FICA NA TOCAIA na casa	ESPERAR OLHAR-ENTRE-BRECHAS ESPERAR+	Paráfrase descritiva	TILSP S4
PASSOU A BOLA pra semace	DEIXAR-LÁ GRUPO+ S-E-M-A-C-E	Paráfrase explicativa	TILSP S4
RISCO MORTAL	PERIGOSO MORRER	Equivalência	TILSP S1
foi um ROLO COMPRESSOR	φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S4
foi um verdadeiro ROLO COMPRESSOR	VERDADE PARECER CAIR-ARRASTAR	Paráfrase explicativa	TILSP S4
mostra a total FALÊNCIA DO SISTEMA	QUEBRAR ACREDITAR <exp.f.neg> POLÍCIA SEGURANÇA NÃO-TER	Paráfrase explicativa	TILSP S6
acho que é interessante PEGANDO aí O GANCHO	ACHO BOM IMPORTANTE PARECE APROVEITAR	Paráfrase explicativa	TILSP S4
UMA VISÃO LIMITADA das coisas	PENSAMENTO PARECER DURO+ VISÃO-LIMITAR	Paráfrase explicativa + tradução literal	TILSP S3
ele ABRIU MÃO seria a quarta vez	RESOLVER SER-NEUTRO NÃO-QUERER	Paráfrase explicativa	TILSP S4
parceria(...)que o governador precisa, o PT não DÁ AS MÃOS	PRECISAR UNIÃO ELE ESTAR-NEM-AÍ	Paráfrase explicativa	TILSP S4
aparece aí UMA LUZ NO FUNDO DO TÚNEL	MAS JÁ PERCEBER TER RESOLVER	Paráfrase explicativa	TILSP S5
como eu falei que EXISTE UMA LUZ ::: deputado Edson Silva... lá no FIM DO TÚNEL	MAS EU JÁ FALAR+ TER POSSÍVEL RESOLVER	Paráfrase explicativa	TILSP S5
essa LUZ deputado Nelson Martins no fi::: FIM DO TÚNEL	POR ISSO EU ACHO (...) POSSÍVEL RESOLVER	Paráfrase explicativa	TILSP S5
DE IMEDIATO combateu	<u>RÁPIDO</u> O-QUE <...?...>	Tradução literal	TILSP S3
possa PASSAR PELA CABEÇA de alguém	O-QUE <...?...> VOCÊS CABEÇA <mente> PENSAR _{2p} COMO <...?...>	Pergunta retórica + paráfrase explicativa	TILSP S1
METER A MÃO no dinheiro do povo	PEGAR DINHEIRO ROUBAR LUCRAR	Paráfrase explicativa	TILSP S5
enfrentam a VIDA DURA que é	TER DIFÍCIL TRABALHAR+	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S6
possam ter QUALIDADE DE VIDA	MELHORAR VIDA	Tradução literal	Imagem do ELAN

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
Colocações			
modernizou a MÁQUINA ADMINISTRATIVA	MUDAR DENTRO ADMINISTRAÇÃO	Paráfrase explicativa	TILSP S3
IDEIAS WEBERIANAS	φ <omissão> W-E-B-E-R	Omissão parcial + datilologia	TILSP S3
GANHAR O OLHO DA RUA	IR+ RUA	Simplificação	TILSP S6
MORTALIDADE INFANTIL	<...?...> O-QUE BEBÊ NASCER MORTO+	Pergunta retórica + Paráfrase explicativa frustrada	TILSP S3
aumento da EXPECTATIVA DE VIDA	MELHOR EU VIDA AUMENTAR CONSEGUIR	Paráfrase explicativa	TILSP S3
ESPÍRITO PÚBLICO	φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S4
porque existe UMA ÁREA DE RISCO muito	PORQUE POLÍCIA TRABALHAR PERIGO <exp. f...int.>	Paráfrase explicativa	TILSP S5
tirou o estado do Ceará da IDADE DA PEDRA	CEARA VELHO+ PARECER <..?...>COMO CONSEGUIR SURGIR	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S3
medalha de HONRA AO MÉRITO	CORDÃO-MEDALHA CL: F _{1s} DAR _{2s} H-O-N-R-A φ <omissão>	Paráfrase explicativa parcial + datilologia	TILSP S6
hoje certamente é DIA DE LUTO para	HOJE É NÓS-todos TRISTE(md)(me) L-U-T-O IGUAL PRETO NÓS LEMBRAR	Explicação + datilologia + paráfrase explicativa	TILSP S6
MUNDO DE ILUSÃO	φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S5
FORÇA DE VONTADE	EU-MESMO EU CORAGEM	Paráfrase explicativa	TILSP S3
isso é consequência do AQUECIMENTO GLOBAL	PORQUE <..?...> O-QUE+ É POR-CAUSA MUNDO DENTRO PARECER CLIMA QUENTE AUMENTAR	Pergunta retórica + Paráfrase explicativa	TILSP S4
DE MODO QUE	VER COMO+	Paráfrase explicativa	TILSP S6
	PORQUE	Paráfrase explicativa	TILSP S6
FAZENDO VALER	CONSEGUIR+	Equivalência	TILSP S3
luta pra FAZER VALER o piso em todos os estados	LULA ACEITAR O-QUE <...?...> Φ <omissão> P-I-S-O TODO ESTADO	Pergunta retórica + omissão	TILSP S5
ABRIR OS OLHOS	CL: bO ACORDAR	Paráfrase descritiva	TILSP S6
	CL: bO ACORDAR VER PERCEBER	Paráfrase descritiva + Explicação	TILSP S6

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
Colocações			
TOQUE DE RECOLHER	HORA 12 PEGAR+	Paráfrase explicativa frustrada	TILSP S6
	CL: 5(me) CL: 5(md) TOCAR-CAMPAINHA PEGAR+	Paráfrase explicativa + paráfrase descritiva (frustrada)	TILSP S6
	PEGAR+ JUNTAR-GRUPO	Paráfrase explicativa frustrada	TILSP S6
	PEGAR+ JUNTAR-GRUPO LEVAR	Paráfrase explicativa frustrada	TILSP S6
	POLÍCIA FAVELA MANDAR IGUAL (me) muitas-pessoas IR PRESO CASA IGUAL (md) muitas-pessoas IR	Paráfrase explicativa + paráfrase descritiva (frustrada)	TILSP S6
	CARRO CL: B CARONA-LEVAR CL: 5	Paráfrase explicativa + paráfrase descritiva (frustrada)	TILSP S6
	HORA CARRO CL: B JOGAR-DENTRO CARONA-LEVAR CL: 5	Paráfrase explicativa + paráfrase descritiva (frustrada)	TILSP S6
	φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S6
	HORA POLÍCIA CARRO CL: B JOGAR-DENTRO CARONA-LEVAR CL: 5	Paráfrase explicativa + paráfrase descritiva (frustrada)	TILSP S6
	HORA POLÍCIA VIGIAR CARRO CL: B JOGAR-DENTRO CARONA-LEVAR CL: 5	Paráfrase explicativa + paráfrase descritiva (frustrada)	TILSP S6
Citações			
EM VERDADE EM VERDADE VOS DIGO	AGORA VERDADE AVISAR	Simplificação	Imagem do ELAN
MEU DEUS MEU DEUS PORQUE ME ABANDONASTES?	ORAR DEUS PORQUE ME-ABANDONAR<..?..>	Equivalência	TILSP S2
UMA VOZ QUE CLAMOU NO DESERTO	JÁ+ GRITAR+	Simplificação	TILSP S3
MEU DEUS ME PERDOE PORQUE EU NÃO SEI O QUE DIGO	PENSAR+ DESCULPAR <exp.f.neg +exp.manual> EU PARECER NÃO-SABER FALAR NÃO-COMBINAR FALAR NÃO-COMBINAR	Paráfrase explicativa	Imagem do ELAN

TRANSCRIÇÃO DA LP (DISCURSO DO POLÍTICO)	GLOSA EM LIBRAS DA INTERPRETAÇÃO	ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO	SUJEITO DE PESQUISA
Desfraseologismo			
DESADMINISTRAÇÃO DE LINDA LINS DA FORTALEZA HORROROSA	ADMINISTRAÇÃO PREFEIT@ <exp.f. ironia> FORTALEZA HORRÍVEL	Erro da 1ª parte + tradução literal	TILSP S1
Ceará foi mais uma vez contemplado com o PROGRAMA CEARA ZERO	ϕ<omissão> BOM F-O-M-E Z-E-R-O	Omissão completa e erro de tradução	TILSP S1
Binômio			
TRANSITAMOS E ANDAMOS	PESSOA CL: G1 IR-VIR <pausa> PESSOA CL: V _{kd} ANDAR _{ke}	Paráfrase descritiva	TILSP S3
DANÇOU E BAILOU no palco	Φ <omissão>	Omissão completa	TILSP S1
governo com discurso mentiroso enganado a GREGOS E TROIANOS	Φ <omissão> COMPRAR+ VENDER COISA PEGAR+ ROUBAR	Omissão completa	TILSP S3
trouxe FATOS E FOTOS aqui	MOSTROU-ME DIVERSOS PAPEL ETC DOCUMENTO FOTO ETC	Explicitação	Imagem do ELAN
o PSDB nessa casa, parceiro UNHA E CARNE com o governador	PSDB UNIÃO SIM	Paráfrase explicativa parcial	TILSP S4
que evangelizava com AMOR E AFETO	PASTOR EVANGÉLICO AMOR ELE GRUPO CRISTO	Explicitação	TILSP S6
misturar ÓLEO COM ÁGUA... não	MISTURAR <exp. f. neg> NÃO-PODER EMPRESTAR ÁGUA ÓLEO CL: B (md) IGUAL (me) (md) sobre (me) <mov. sinuoso>NÃO-PODER IMPOSSÍVEL	Paráfrase descritiva + paráfrase explicativa	TILSP S6